3 1761 07041360 4

JULIO DANTAS

# PÁTRIA PORTUGUESA

ILUSTRAÇÕES DE ALBERTO SOUZA

PARCERIA A. M. PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
LISBOA

LUZ
ADÉMICA
A SILVA
lberdade, 12
ELEF. 25988

150.

JULIO DANTAS

# PÁTRIA PORTUGUESA

ILUSTRAÇÕES DE ALBERTO SOUZA

3.ª EDIÇÃO

PARCERIA A. M. PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
LISBOA

PÁTRIA
PORTUGUESA

# Obras de Júlio Dantas

---

*Nada* (1896) — 2.ª edição.
*Doentes* (1897).
*O que morreu de amor* (1899) — 3.ª edição.
*Viriato Trágico* (1900).
*Poetas e Pintores de Rilhafoles* (1900).
*A Severa* (1901) — 2.ª edição.
*Crucificados* (1902) — 2.ª edição.
*A Ceia dos Cardeais* (1902) — 20.ª edição.
*D. Beltrão de Figueirôa* (1902) — 2.ª edição.
*Paço de Veiros* (1903) — 2.ª edição.
*Um serão nas Laranjeiras* (1904) — 2.ª edição.
*Rei Lear* (1905).
*Rosas de todo o ano* (1907) — 5.ª edição.
*Mater dolorosa* (1908) — 2.ª edição.
*Estática e Dinâmica da Fisionomia* (1908) — 2.ª edição.
*Outros tempos* (1908) — 2.ª edição.
*Santa Inquisição* (1910).
*O Primeiro Beijo* (1911) — 2.ª edição.
*Don Ramon de Capichuela* (1912).
*O Reposteiro Verde* (1912).
*1023* (1914).
*Figuras de ontem e de hoje* (1914).
*Pátria Portuguesa* (1914) — 3.ª edição.
*Ao ouvido de M.me X* (1915).
*Sóror Mariana* (1915) — 2.ª edição.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/ptriaportugue00dant

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa

# PÁTRIA PORTUGUESA

Ilustrações de ALBERTO SOUSA

TERCEIRA EDIÇÃO

REVISTA E ACOMPANHADA DE UM ELUCIDÁRIO DAS PALAVRAS OBSOLETAS

1916

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
*Rua Augusta — 44 a 54*
LISBOA

PQ
9261
D3P3
1916

Typografia da Parceria
António Maria Pereira
— Rua Augusta, 44, 46 e 48 —
Lisboa

AO ILUSTRE JORNALISTA

SENHOR

MANOEL GUIMARÃES

Obra publicada em folhetins no jornal de Lisboa «A Capital»; louvada em portaria do govêrno da República Portuguesa, de 20 de dezembro de 1913 («Diário do Govêrno», n.º 301 de 26 do mesmo mês e ano), e aprovada para prémios escolares por despacho ministerial de 23 de julho de 1914.

DOM CARDEAL

# Dom Cardeal

(SÉCULO XII)

Numa casa quadrada da alcáçova de Coimbra, junto de um lar montado sôbre cachorros de pedra onde estalavam toros de castanho a arder, três figuras bárbaras de homem, debruçadas sôbre uma arca enorme coberta de guadamecins vermelhos, jogavam em silêncio, comendo pedaços de nata com as mãos e marcando os trebelhos doirados sôbre uma velha távola de xadrez. Um dêles, moço, ruivo, gigantesco, os cotovelos na arca, os dedos metidos pela barba revôlta, a expressão dura e selvagem, embrulhava-se num perponte de pano verde de Ruão e tinha os pés calçados em fortes balegões

de ferro: era o conde Afonso Enriques, que os seus homens de armas já tratavam de rei. Os outros dois, raça de hércules escuros, as cabeças chamorras pintando de branco, as mãos felpudas e enormes, os olhos ingénuos e bons, a malha barbarisca a romper debaixo das roupas largas de estanforte de Bruges, eram os dois grandes amigos do rei, Lourenço Viegas, o *Espadeiro*, que enfiara uma barreta vermelha na cabeça, Gonçalo Roiz, o bravo *Bragançao*, que meditava sôbre a távola do xadrez, a face entre os punhos cerrados, as barbas lambusadas de nata branca. Num braço de ferro embebido na forte sanca de um dos arcos da abóbada, uma tocha ardia, sacudida do vento, tisnando de fumo as pesadas aduelas de pedra e alongando no lajedo a oscilação de três sombras. O largo janelão românico abria-se sôbre a noite imensa. Um silêncio espêsso, apenas cortado pelo bater dos trebelhos, pesava no ar.

Súbitamente, na calada da noite, o sino do mosteiro de Santa Cruz tangeu a capítulo. Um vozeiro de povo e um tropear de bêstas alarmou o velho burgo. O rei levantou-se, de repelão, bateu no tijolo as balugas de fêrro, debruçou-se no janelão enorme que um mainel de pedra bipartia, e olhou. Lá baixo, na congosta, galgando em direitura ao mosteiro, palpitava um clarão de cerofalas acesas, ferrolhavam no lajedo canêlos de azêmolas, um bezoar confuso de vozes subia até à alcáçova.

— É o dom cardeal? — rugiu Afonso Enriques para o clérigo Sueiro, que assomou à porta levantando a alfola moirisca de pano de Granada. — É o dom cardeal que chega?

— Entrou agora em Santa Cruz, e ainda lá baixo, no marmoural dos moiros, veem azêmolas carregadas de riquezas.

Os olhos do rei scintilaram numa expressão brutal.

Depois, estalando uma risada sêca, a bocarra enorme coberta de pêlos ruivos:

— Por Deus de cruz, dom Sueiro, deixai entrar a graça!

Ganhou o escano onde pousava um cangirão de prata cheio de água, meteu-o à boca, emborcou-o gorgolejando, limpou os beiços às costas da mão gadelhuda, e atirando-se outra vez de bruços sôbre a arca, continuou a jogar tranqùilamente.

— O dom prior de Santa Cruz manda recado a vossa mercê, — esguelhou do lado o clérigo Sueiro, a tremer.

— Recado, a mim?

— Para vossa mercê ir beijar a mão ao dom cardeal. Diz que lh'a beijaram no caminho todos os reis da Espanha.

O Bragançao atirou um murro à arca. Lourenço Viegas destampou a rir, a barreta vermelha enterrada na cabeça. O rei olhou o tonsurado, apontou-lhe a porta e uivou:

— Ide à crasta de Santa Cruz e dizei ao dom prior que não ha tão honrado cardeal em Roma, que me estenda a mão para lh'a beijar, que eu lh'a não corte pelo côvado!

Já o velho pano de Granada caía pesadamente nas costas do clérigo, ainda o Bragançao trovejava para o rei, batendo punhadas no guadamecim da arca:

— Se vossa mercê não sacode Roma, sacode-o Roma a vossa mercê.

Pouco tempo andado, entravam na câmara do rei o cancelário da cúria, *magister Albertus*, e o mordomo Nónio Mendes, dizendo-lhe que o cardeal vinha a caminho da alcáçova, e que a êle, Afonso, como senhor daquelas terras, cumpria recebê-lo com honra. O povo do burgo, acordado pelos sinos, pelo rumor da tropeada e pelo clarão das cerofalas, galgara como um rebanho

de cabras, as congostas do castelo, rosmeando, enxameando, pendurando-se pelos fraguedos, os olhos inquietos, as cabeças negras encapuzadas nos capeiretes, o burel dos zorames e das aljubas trescalando a ovelha, as avarcas bezerrunas a estalar, a tairocar nas lajes. Que quereria um cardeal de Roma ao senhor rei de Portugal? E os homens, rudes, broncos, escuros, vindos das corujeiras moiriscas do burgo, a gaguejar, a grunhir, olhavam-se, levantavam os braços para as altas lumieiras da alcáçova, emquanto as mulheres, pobres lobas de fereza e de volúpia, de instinto e de desgraça, aos molhos, descalças, sangrentas, açapadas na terra, os filhos atados às costas, se espulgavam, cantando, uivando, chorando. Talvez o dom cardeal viesse, por mandado do Papa, castigá-los a todos por suas culpas; talvez obrigar o senhor rei a dar a liberdade à mãe, tolhida e presa no castelo de Guimarães; talvez fulminá-lo, por ter sagrado bispo, pelas suas mãos rebeldes, o moçárabe Çoleima, quando o prelado de Coimbra, fugido pela noite, excomungara Portugal. Um vago terror, o terror supersticioso do castigo de Deus, filho ainda dêsse pavor secular do milenário, que cobrira a terra dum manto branco de igrejas, crescia agora naquela multidão negra, inquieta, convulsa, ululante, que já via outra vez diante de si, como um fogo de lepra, o flagelo sagrado das excomunhões, assolando terras, secando vinhas, queimando searas, envenenando fontes, ferindo de esterilidade mulheres, sementes e gado, escurecendo e esfriando o sol como uma revoada imensa de corvos. E quando a sombra vermelha do cardeal assomou lá baixo, seguida de clérigos e de tochas, sôbre uma mula gualdrapada de vermelho, debaixo dum enorme chapéu vermelho que um cordão de oiro soqueixava, os pés calçados em borzeguins pontudos de ferro, um evangeliário bisantino nas mãos, — todo aquele formigueiro

humano, contrito, agachado, humilde, sacudido de superstições bárbaras e de terrores do inferno, caiu por terra de joelhos, bradando, suplicando misericórdia.

Foi por entre o pavor, por entre os braços crispados do povo obscuro, que o legado do Papa entrou na alcáçova de Coimbra, seguido do prior de Santa Cruz e duma leva de cónegos sofraldados, cobertos do velo branco dos birros, as barretas pintadas de penas veiras, erguendo relíquias de santos e cruzes procissionais de prata. Lá dentro, a sua acolhida havia de ser outra, menos conforme à dignidade de um cardeal de Honório II. O rei Afonso, a barba ruiva cada vez mais revôlta, sentado no escano ao lado do cangirão de prata meio de água, embrulhado ainda no mesmo perponte verde de Ruão, uma conca de nata nas mãos, esperava-o, despreocupadamente, comendo e rindo. Em volta, apenas mestre Alberto, miúdo, curvado, atento, quási anão na sua roupa negra talar; o mordomo da cúria, a barba branca enorme como uma onda de prata pintando o pelição eriçado de marterénia; oito ou dez homens de armas, os briais de lã sôbre os pesados lorigões de ferro, — e ao pé do janelão, enormes, risonhos, hirsutos, o Espadeiro, com a sua barreta vermelha enterrada até às orelhas, o Bragançao, olhos tranqüilos de boi, braços nus e negros cruzados sôbre o peito.

Quando o pano de Granada, que guardava a porta, se arredou para dar passagem à figura vermelha do cardeal, os pescoços tronchudos e nus dos portugueses avançaram, num movimento brusco de curiosidade. Era o primeiro cardeal, o primeiro legado de Roma que pisava terras portuguesas. O clarão alto da tocha batia-lhe em cheio, alongava-lhe a sombra esguia sôbre o chão de tijolo, quebrava-se nas abas colossais do sombreiro vermelho, embebia-se no samito vermelho da murça, denunciava-lhe a brancura fina das mãos, escorria pelas pastas de prata do evangeliário onde gesticulavam apóstolos, e ia fuzilar, percorrendo-o como uma labareda, nos borzeguins de ferro polido, pontudos como calçaduras polacas. Devia ser um homem de quarenta anos, sêco, face glabra de italiano, de um trigueiro doirado, olhos argutos, lábios finos de raça. O rei Afonso encarou-o com estranheza, pousou a conca sôbre o escano comprido, limpou as barbas à mão e trovejou:

— Dom cardeal, que viestes aqui fazer de Roma, — que de Roma nunca me veio senão mal? Que riquezas me trazeis da Itália para estas idas que faço dia e noite contra moiros? Dom cardeal amigo, se por ventura me trazeis algo que me deis, dai-mo, — e se me não trazeis nada, tornai-vos vossa via!

O purpurado desenrolou as letras do Papa, que trazia num pergaminho selado de chumbo, e deu-as ao cancelário. Depois, numa voz firme e persuasiva, declarou as razões da sua vinda a Portugal: disse a má impressão produzida em Roma pelo cativeiro da mãe do rei e pela forma por que Afonso Enriques recebera a admoestação do Papa, injuriando e perseguindo o bispo de Coimbra; afirmou que ao sagrar bispo por suas mãos um clérigo e ao atirar-lhe sôbre os hombros un pontifical de ciclatão pesado de oiro para oficiar a missa, o rei procedera como herege e scismático; e com a mão direita erguida, o

evangeliário de prata abraçado ao peito, o cardeal concluiu, perante o assombro de todos:

— E assim sou vindo a vós, dom conde, da parte do Santo Padre, para vos mostrar a fé de Jesus Cristo.

O rei arrancou num uivo de fera:

— Herege sou eu, dom cardeal?

A barba branca de Nónio Moniz ergueu-se, implorando, diante da sua ira. O cangirão de prata rebolou nos ladrilhos do chão. O prior de Santa Cruz, mitrado, o crânio de Santa Cecília nas mãos, correu a acalmar o rei. Os gritos do povo, que se pendurava lá baixo, pelos fraguedos, chegavam agora à alcáçova em lamentos de morte. Então, Afonso Enriques, nos braços do cancelário e do prior, os olhos faúlhando, a barba eriçada e fulva a tremer-lhe no queixo, deitou as mãos ao seu perponte verde de Ruão, rasgou-o nas dianteiras, de alto a baixo, desabrochou, em repelões, a aljuba de coiro, despedaçou a camisa de bragal que trazia a carão da carne, e nu até à cintura, hercúleo, medonho, formidável, o torso felpudo de sátiro empastado de guedelhas ruivas, apontou, às punhadas no peito, perante o pasmo tórvo do cardeal, as vinte cicatrizes de vinte combates contra os inimigos de Deus, os sinais de vinte golpes, fulgurando, abrindo como traços roxos por entre os pêlos hirsutos, os estigmas da morte vinte vezes afrontada pela cruz do Redentor, — e uivando como um possesso, pulando como um animal sôbre o tijolo, batendo com os punhos cerrados na arca do próprio peito, gritava para a sombra vermelha do legado do Papa, que se apagava, que se sumia já entre os cónegos convulsos:

— Herege sou eu? Herege sou eu, dom cardeal, assim miserado de feridas para dar terras a Deus?

O rei arquejava, o torso çarrudo de Hércules entre os braços do prior de Santa Cruz. Os homens de armas, entreolhando-se, avançavam já para o cardeal os pesa-

dos gocetes de ferro. O povo, em baixo, clamava, suplicava, gemia. O italiano compreendeu a raça de fera que tinha diante de si; cuidou, na sua alma, que daqueles broncos portugueses nada faria Roma pela astúcia ou pela ameaça, e rodeado, protegido, oculto entre as cruzes, as cerofalas, as relíquias, os birros brancos dos cónegos regrantes, saíu da alcáçova, galgou as estribeiras doiradas da mula, e abalou, com todo o povo, a caminho da Sé. Já as ferraduras da alimária escorregavam no lajedo romano do burgo, ainda o rei trovejava na alcáçova, nu, enfiando o áspero bragal da camisa e batendo ferozmente no ladrilho as balugas de ferro:

— Herege sou eu, dom cardeal?

Duas horas depois, ante matinas, o moço Afonso dormia sôbre os dois almadraques do leito, o focinho enterrado no plumaço enorme, uma cócedra de peles velhas da Normândia a recobri-lo todo, quando o clérigo Sueiro, em roupas, a tremer, entrou de roldão na trescâmara, o sacudiu pelos hombros e lhe gritou, espavorido, que o cardeal chamara toda a cleresiá à crasta da Sé, se revestira dum pluvial roxo, e, pela autoridade dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo, dissera três vezes *fiat, fiat, fiat,* calcara a pés a luz das tochas, excomungara o rei e a terra de Portugal, e abalara, estradas fora, caminho da Beira, com todas as suas azêmolas carregadas de riquezas. Os sinos dobravam já na catedral. O povo de Coimbra, em manadas, messando as barbas, cobrindo-se, por penitência, de estêrco dos corveiros e dos bostais, os zorames negros pelas cabeças, as avarcas zebrunas arrastando, cruzes procissionais e relíquias erguidas nas mãos, cantava ladaínhas, implorava misericórdia, corria as alfurjas, espojava-se pelos adros, pendurava-se nos cruzeiros, arrepelava-se, ensangüentava-se, metia-se pelos campos, soluçando, gri-

tando, chafurdando nas brenhas, nos enxudreiros, nos morraçais do rio:

— *Miserere! Miserere!*

O rei, mal estrovinhado, saltou do leito como um leão bravo, embrulhou-se numa roupa sôlta de escarlata, calçou as balugas, enfiou uma barreta negra, meteu no braço o loro de uma adaga, e antes que Fernão Peres, vedor da casa, e o Bragança, e o frade confessor pudessem detê-lo, saltou para um cavalo em osso, cravou-lhe as puas de ferro no ventre, desceu de escantilhão a congosta, e sòsinho, através da escuridão da noite, numa arrancada violenta, num repelão vertiginoso, devorando terra, as ferraduras fuzilando nas pedras, o fraldão da roupa chicoteando o ar, atirou-se, campos fora, estradas fora, no encalço do cardeal. O povo, como um rebanho espantado de carneiros negros, tresmalhou-se diante das patas do cavalo, rezando kíries, erguendo cruzes, crispando as mãos: corriam, à beira da estrada, numa revoada de névoa, casais, almúinhas, árvores convulsas e bracejantes, asas negras de corvos espantados, toda a alma nocturna e silenciosa dos campos, palpitando, voejando, passando, desaparecendo, — e o rei, mordendo pó, ganhando terra, numa corrida desordenada, numa fúria devastadora, a vertigem a zumbir-lhe aos ouvidos, o vento a azorragar-lhe a cara, sombra formidável sôbre um cavalo formidável, resfolegava, tropeava, ferrolhava, galopava, emquanto ao longe os sinos de Coimbra dobravam a mortos e o clamor do povo, seguindo o cavalo, se erguia num rugido, numa súplica, numa imprecação, num desespêro:

— *Miserere! Miserere!*

Ia já, léguas andadas, no caminho da Beira, quando viu, lá ao fim, na volta de uma estrada, pelas alturas de Poiares, um clarão de candelas e de lucernas, avançando, pulsando, marchando na escuridão. Era o car-

deal que fugia, com a sua récua de azêmolas. O cavalo já não galopava; voava, cortava, rasgava o ar. Ia vêr, o legado do Papa, o dom cardeal de Honório II, o vigário de S. Pedro e de S. Paulo, com que moeda pagava Portugal cada raio de excomunhão. Um repelão mais, uma arrancada mais, e o rei Afonso, negro, gigantesco, desconforme, seguido já de perto pela tropeada do Espadeiro, do Bragançao, do vedor da casa, do prior Teotónio, caía como uma tempestade sôbre a comitiva vermelha do enviado de Roma, tresmalhando, dispersando, apavorando clérigos, bájulos, azemeis, ceroferários, derrubando fardos, espantando animais, apagando luzes. Um instante ainda, e o rei Afonso tinha o cardeal nas garras, travado pelo capelo, atirado sôbre a mula, os olhos redondos de pavor, os cabelos empastados de suor frio, e trovejava, e urrava, possesso de alegria, o ferro da adaga sôbre a garganta do italiano:

—Cá está a garça! Cá está a garça!

Mas as mãos potentes de Lourenço Viegas agarraram o rei; um sobrinho moço que o purpurado trouxera consigo pendurava-se-lhe dos braços: o Bragançao, enfiado

numa samarra pardusca, desviava-lhe o ferro, prestes a embeber-se no cachaço do cardeal, e o prior de Santa Cruz, já sem mitra, metia-lhe aos olhos um Cristo ensangüentado, e todos lhe gritavam, lhe vozeavam em volta:

— Morte, não! Morte, não!

Afonso Enriques destravou do legado, abriu-lhe mão do capelo, deixou pender a adaga do loro, e com os olhos tôrvos de ira, os pêlos ruivos da barba espetados como puas, intimou-o ali mesmo, sob a ameaça de destroncar-lhe a cabeça, a revestir-se de panos sagrados e a lançar a absolvição ritual sôbre a terra e sôbre o rei que excomungara. Lívido, tranzido de pavor, cambaleando sôbre a mula gualdrapada, o cardeal apeou-se, amparado aos bájulos; mandou desentroixar a mitra de Santo Estêvão, um pluvial silínio alcachofrado de oiro, a alva, o amicto, o cíngulo, a estola; e debaixo do grande céu estrelado, em pleno silêncio, sôbre as leiras revôltas de terra, entre árvores negras que ramalhavam, á luz das lucernas e das candelas de prata, esguelhando os olhos para o rei, resmoneou a absolvição, em gestos espavoridos de bênção:

— *In nomine Patris, et filii, et spiritus sancti . . .*

O povo que ia chegando, povo da Vimieira e de Poiares, estremunhado, atado nos çafões de peles, os bragueiros ásperos pelo joelho, olhava, grunhia, benzia-se, batia nos peitos. Esvoaçavam as sobrepelizes ao vento, como asas brancas; feridos da luz, icones bisantinos gesticulavam, faúlhavam oiro nas dianteiras do pluvial romano; ao longe, pelos casais, pelos cortinhais distantes, cantavam já os galos adivinhando a manhã; e o latim do cardeal caía, na escuridão da noite, roufenho, gaguejado, convulso, sacudido de pavor:

— *Dominus noster Jesus Christus te absolvat; et ego auctoritate ipsius, et sanctissimi Domini nostri Papæ mihi com*

*missa, absolvo te, et regnum tuum, a vinculo excommunicationis . . .*

Agora, eram já os sinos de Poiares que tangiam a rebate; o povo de Coimbra, de cruzes alçadas, chegava, as bocarras abertas de pasmo; e levantada a excomunhão, absolvida a terra, quando o cardeal, mitrado e revestido, ia a galgar à mula, a meter-se ao caminho, a ferrar o pé na estribeira, logo a mão brutal do rei Afonso, como uma pata felpuda, se lhe espalmou no hombro e o fez, quási, afocinhar na terra. Não. Não era tudo ainda. Em primeiro lugar, o legado do Papa havia de comprometer-se a mandar-lhe de Roma uma bula declarando que Portugal nunca mais seria excomungado. Havia de prometer-lhe que ninguem mais da cúria romana, papa ou cardeal, o estorvaria de fazer, na sua terra, os bispos que quizesse. Ficaria por penhor o seu sangue. Deixaria em refêns o sobrinho. Em quatro meses contados, ou vinha a bula, ou lhe ia a cabeça fóra. E o rei, agarrando o moço pelo cachaço como um podengo, atirou-o, ganindo, para as mãos do Bragançao. Contra aquela fera, era escusada a luta. O cardeal, os dentes cerrados de despeito, curvou a cabeça, aceitou tudo, prometeu as letras do Papa, era capaz de renegar o próprio Deus, — contanto que o deixassem seguir jornada, com a sua récua imensa de azêmolas, entre os bájulos que vacilavam e as lucernas que tremiam.

Mas não. Êsse rebento fulvo dos duques de Borgonha, bárbaro como o arqui-avô Roberto de França, incendiário como o avô Hugo, ladrão como o avô Dalmácio, violento como os tios cartuxos, mas grande no destino sagrado de talhar um reino e de descobrir um povo, — não acabara ainda de ditar as suas condições. O legado do Papa não levaria consigo para Roma nem a poeira das riquezas que trouxera para Portugal. Nem oiro, nem prata, nem alfaias, nem bêstas. Quizera ins-

talar-se neste ninho de águias, cortado de fraguedos e de barbaridade? Pois bem: havia de pagar ao senhor da terra o preço da sua audácia. Três mulas lhe bastavam para a jornada. O resto, todas as riquezas que trouxera enfardadas nas azémolas, cruzes, frontais, cendais de Ádria, greciscos de aluz, alaras brancas de alvecim, maromaques esplendendo tecidos de oiro, sacos de morabitinos, casulas, dalmáticas, pluviais, de Chipre, — êle, rei de Portugal, lhas tomava e roubava em nome de Deus todo poderoso, porque o Papa era avarento e rico e Portugal mísero e pobre; porque todos os dias a sua espada semeava igrejas em terras de moiros, que não tinham uma copa de prata para o ofício da missa; porque não era com bulas de Roma que se faziam reinos, mas com os braços, com o sangue, com a alma do povo, — e o seu povo tinha fome!

O cardeal, num assômo de fúria, esbravejando, vasquejando nos braços dos homens de armas, quis ainda protestar, praguejar, fulminar, defender a sua riqueza, os seus paramentos, o seu oiro, as suas relíquias, — mas de novo a mão formidável do rei Afonso aferrou da pescoceira vermelha do legado, desta vez para o sacudir no ar, para o sentar na mula como um boneco, e para lhe ordenar, fustigando a bésta com o azorrague de um azemel:

— E agora, dom cardeal de Roma, ide dizer ao Papa como eu sou hereje!

---

# O SENHOR DO PAUL DE BOQUILOBO

# O senhor do Paúl de Boquilobo

(SÉCULO XVII)

Em 1670, homiziado em Sevilha por morte de homem, o nobre D. João de Castro Teles, senhor do Paúl de Boquilobo, cunhado do marquês de Távora, blasonando de seis arruelas de azul sôbre campo de prata como os Castros do morgado de Vila-Verde, devia ter, quando muito, quarenta anos de idade.

Alto, aquilino, elegante, com uma pera negra cornicabra torcida no queixo, a balona branca derrubada sôbre o gibão de riço preto, meias de Toledo, sem uma ruga, surgindo dum largo sapato de bôca de vaca, o feltro holandês abalroado sôbre os olhos, espada de ferro de mais da marca, luva de manopla, capa negra repuxada descobrindo o braço direito, êste homem singular, que se diria arrancado a uma tela de Franz Halls, era o mais valente dos aventureiros e o mais fidalgo dos canalhas que tem deitado Portugal.

Duma bravura truculenta e retórica, duma serenidade admirável, dum impudor supremo: jogando as armas com a mesma destreza no jôgo florido de Espanha, no jôgo de salto de Flandres, ou no jôgo português, forte e seguro; com a moral simplista do espadachim do século XVII, cujos escrúpulos se resolviam entre uma insolência e uma estocada «em raio de sol»; pondo a sua espada a sôldo de todas as vinganças e de todos os

ódios; capaz, por uma pataca de prata, de assassinar o próprio pai, — D. João de Castro Teles, figura feita de sombras e de contradições, de ignomínia e de grandeza, guardava entretanto, no fundo do seu coração, uma fibra impoluta, uma fibra generosa, uma fibra virginal que vinte anos de torpezas não tinham podido contaminar ainda: o orgulho da sua raça e da honra do seu país. Se fôsse preciso armar o braço para cometer uma infâmia, — batia-se como um tratante; se fôsse necessário arrancar a espada para defender o nome de Portugal, — atirava-se como um leão. E êle, que tratava como um farrapo a honra de todas as mulheres, — era capaz de se deixar matar pela honra do seu rei. Podia D. Pedro II mandar-lhe o corregedor da côrte e prendê-lo quatro, cinco, seis vezes a seguir, por desafios e mortes de homem: fugia da prisão, homiziava-se em Espanha — Badajoz, Sevilha, Madrid — e embrulhado na sua capa negra e na sua impertinência, a cabeça erguida sôbre uma volta gomada de três dedos, uma cruz branca de Malta no peito do gibão, a luva de coiro sôbre a taça de ferro da espada, entretinha-se a mandar rezar Ave-Marias a todos os espanhois que diante dêle boquejavam

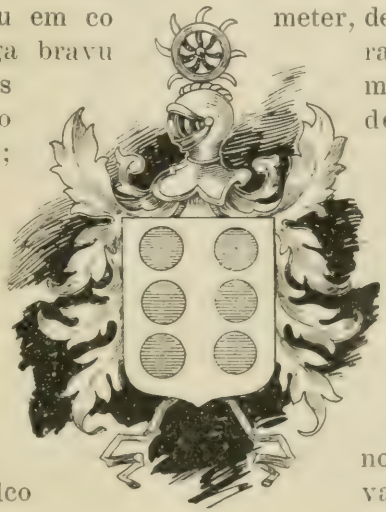
de Portugal,—e a despachá-los cristãmente, ao terceiro golpe, com uma estocada de punho aos peitos. O senhor de Boquilobo, que se homiziava em Espanha pelas mortes que fazia em Portugal,—vinha depois homiziar-se em Portugal pelas mortes que fazia em Espanha. E o rei, fanhoso, doente, com o céu da boca coberto de prata e a Duverger em baixo à espera num côche, perdoava-lhe cada morte que êle fazia em Lisboa por cada espanhol que enterrava em Madrid, abrindo à espada de Toledo de D. João de Castro Teles—«*despues de Dios, nos!*»—uma verdadeira conta corrente de cadáveres.

A triste notoriedade do senhor de Boquilobo na Lisboa seiscentista, que já era grande pela série interminável dos seus desafios, pelo exagêro holandês das suas balonas, pela audácia insolente das suas voltas gomadas à castelhana,—tornou-se enorme depois da morte violenta do marquês de Sande, certa noite, no cruzeiro do adro de S. Domingos. O velho marquês, figura pintada e mosqueada de sinais ao uso das córtes estrangeiras, alma das negociações para a entrega de Tânger e de Bombaim aos ingleses, sessenta anos viçosos que se picavam de tratar casamento com a condessa viúva de Mesquitela, aceitara, no regresso da Capela Real, onde se tinham cantado matinas da Senhora da Conceição, um lugar na liteira de D. Francisco de Lima. Quando, no trote certeiro dos machos, já noite fechada, seguidos do mochila da tocha, vinham a passar ao cruzeiro de S. Domingos, quatro homens embuçados de cavalo e quatro de pé rodearam a liteira, viram-lhe nas portadas o escudo partido dos Limas, com as três faxas enxequetadas de oiro e de goles, perguntaram quem ia dentro, meteram a cara, reconheceram a face pintada do marquês e atravessaram-no com nove estocadas. D. Francisco saíu da liteira, espada fora, gritando: mas os de cavalo fugiram numa tropeada pelo lajedo das vielas; três dos de pé esgueira-

ram-se na sombra, — e o fidalgo só poude atirar um dêles, roxo, ganindo, agarrado pelo cachaço, para as mãos dos quadrilheiros: era um criado de D. João de Castro Teles. Emquanto o cadáver do marquês era levado a casa, golfando sangue sôbre o persevão da liteira, o homem, carregado de ferros no Tronco, confessava que entre os de cavalo vinha o senhor de Boquilobo, e que os homens de pé, eguariços e criados de D. João, tinham sido mandados e pagos pelo conde de Mesquitela, resolvido a opor-se, por todos os meios, ao casamento da mãe. As casas dos dois fidalgos foram cercadas pela cavalaria; os meirinhos e beleguins, de saltimbarca e chuça, tiveram de entrar aperrando as pistolas: o Mesquitela fugira embarcado para a Itália; o senhor do Paúl de Boquilobo, escondido debaixo dos guarda-infantes da mulher, conseguiu escapar ao faro e à chuça dos quadrilheiros, e três dias depois, num burel de capucho, ganhou a fronteira e abalou para Espanha.

Passado tempo, de novo em Lisboa, D. João lia, como Juan de Maraña, a lista das mulheres que perdera e dos homens que matara em Madrid; e o rei, depois de ter degredado para a Índia o sombrio conde de Mesquitela, cometia a fraqueza de perdoar ao senhor do Boquilobo a parte que, Deus sabe pelo preço de quantas dobras de oiro, tivera na morte do marquês de Sande. Daí por diante, rindo-se do alvará dos desafios, que mandava degredar para Angola quem arrancasse meio palmo de ferro; tornado o grande corruptor da mocidade fidalga do tempo — do filho do conde do Prado e do filho do marquês de Fontes, do moço Marialva e do violento Vale de Reis, do loiro senhor de Pancas e do filho do conde de Avintes; copiado já por êles na bravura e nos sombreiros, nos gibões e na insolência, nas balonas e no impudor; metido sempre na casa esteirada dos mestres de espada preta, — com o velho Abreu e Lima, alto e grave como

uma cegonha, com Pantaleão de Rua, que trouxera do Pôrto novos golpes, com Tomás Luís, rei de armas, que juntava a arte de iluminar brazões à nobre sciência de matar: odiado, temido, espiado por Lisboa inteira, que o conhecia como cão ruivo e onde êle insultava, desafiava, batia em toda a gente, — D. João de Castro Teles, cuja nobreza se esquartelava no teto de oiro da Sala dos Veados, timbrada da roda de navalhas de Santa Catarina, deu em cometer, de envolta com actos de cega bravura, as maiores cobardias e as maiores infâmias que podem desonrar um fidalgo; assassinou a estocadas, na Chamusca, um velho capitão de cavalos, doente de cama; feriu-lhe a mulher e as filhas, quando se abraçavam ao cadáver, gritando: seriu de intermediário nos mais sujos negócios de alcova; e acabou, certa noite, por cobrir de sôcos um mercador judeu que se recusara, nobremente, a aceitar o dinheiro com que lhe pagavam a desonra da própria mulher. Outra vez cercado de cavalaria, outra vez prêso à ordem do rei, infiltra-se no ânimo do capitão da Tôrre; pede-lhe que o deixe ir ver a procissão de santa Madalena de Pazzi; compromete-se, sôbre sua honra, a voltar para a prisão: apanha-se em liberdade, — e com seis patacas do Peru na algibeira e uma pluma velha no chapéu, foge de novo para Espanha. Mas, desta vez, não fica em Badajoz; não sobe a Madrid; — desce a Sevilha.



É em Sevilha que nós vamos encontrá-lo, no ano da graça de 1670, magro, aquilino, grandioso, a cabeça cada vez mais alta, a espada cada vez maior, um gibão de anta de mestre de armas sob uma capa negra de familiar do Santo Ofício, passeando, da *Triana* para a *Torre del Oro*, debaixo do céu azul da Andaluzia, a sua impertinência de galo velho e o seu orgulho de grande de Espanha. A princípio, riam-se dêle. Nos altos eirados de tijolo, floridos de cravos, as moças gralhavam, espeitoradas, ao vê-lo passar:

— *Es el Quijote, mira!*

Na rua, capigorrões moços, crestados do sol, roçavam-no hombro a hombro e chasqueavam, risonhos, olhando-o de esguelha:

— *Cuerpo de Dios, es el Quijote!*

Mas desde que à entrada da cidade, uma bela noite, junto da *Cruz del Campo*, êle sacudiu sòsinho, espada fora, em dois talhos, quatro revezes e três altabaixos, vinte ou trinta criados de Don Juan Pacheco, marquês da Tôrre de las Sirgadas, — ninguem mais se riu ao vê-lo, a notícia correu de bôca em bôca, derrubavam todos o sombreiro quando êle passava e diziam baixinho, cautelosos:

— *Mira, es el portugues . . .*

A sua figura hirta, aguda, sombria, como uma grande pincelada preta num muro caiado, ficava mal, evidentemente, na Sevilha clara, na Sevilha florida, na Sevilha doirada do século XVII. O senhor do Paúl de Boquilobo, taciturno e negro, aparecia como um intruso ali, naquela cidade de manhãs claras, espelhante de casaria branca, coroada de assotéas moiriscas, brincada de reixas verdes de adufas; onde tudo era vivo, colorido, buliçoso, — os risos das mulheres, o sapatear dos socos esbeltos, o saracoteio do próprio bioco negro das donas, pendente de cruzes e de rosários; onde os laranjais perfumavam o

ar, o rio azul faiscava ao sol como coalhado de moedas de prata, e sôbre a velha Sé, pombal enorme revoante de pombas, a tôrre doirada da Giralda era uma bênção de dez séculos onde cantavam sinos... Mas quando a noite caía sôbre a cidade, como um capuz negro sôbre um sêlo de pedra: quando as sombras vinham descendo ao longo das muralhas do *Alcazar*, dos gigantes da catedral e dos botaréus de S. Francisco; quando as candelejas dos nichos e dos oratórios, numa vaga palpitação de luz, começavam a encher de pavor as betesgas estreitas, a tremer nas aduelas dos velhos arcos, a povoar de vultos os portais silenciosos e o vão dos resaltos abrochados de ferro; quando a Sevilha do século XIV, a Sevilha de Pedro o *Cruel* e de Maria de Padilha surgia, empastada de escuridão, sangrenta de crimes, possessa de amor, —então, a figura tôrva de D. João de Castro Teles recobrava a sua cidade, encontrava o seu fundo português de alfurjas e de ruelas, escoava-se dobrando os cunhais batidos de pedras de armas, respirava silêncio e treva a plenos pulmões, limpava ao manto negro a espada ensangüentada, e passando das rascoas descalças para as freiras recheadas de costelas reais, preguntava a si mesmo, na sua bravura truculenta, porque razão aquela Sevilha de sombras não seria tambem Portugal... E o terror seguia-o na Andaluzia como o seguira em Lisboa: os homens temiam-no; as mulheres adoravam-no, e os sombreiros espanhois derrubavam-se-lhe à passagem, arrastando plumas, no culto supersticioso da sua valentia:

— *Mira, el portugues...*

Certa tarde, em que uma névoa luminosa doirava o mugre da *Casa de los Taveras*, dando uma graça alada às velhas gárgulas debruçadas, o senhor do Paúl de Boquilobo repuxou gloriosamente a capa, carregou sôbre os olhos a aba do feltro castorenho, deu esmola a uns men-

digos que lhe chamaram «señor duque», costeou a *Lonja* que o sombrio arquiteto do Escurial erguera, tornejou a Sé, cortejou um côche junto ao palácio do Arcebispo, e foi, caminho de S. Salvador, direito ao pátio das comédias.

Era quinta feira. Havia comédia naquela tarde. Fidalgos, frades, capigórros, lacaios, mochilas, apinhados sôbre o lajedo da rua, esperavam as liteiras, as calejas, as cadeirinhas, donde se apeavam para ouvir Tirso ou Cervantes, Calderon ou «fray Lope», todos os olhos pretos que Murilo pintou e todas as anquinhas de seda côr de rosa que bojam e dançam nos quadros de Velásquez. Para encher o «corro de las Sierpes», vinha chegando a melhor nobreza de Sevilha. Lá estavam, no hombro dum liteireiro bronco, que zurzia os machos, «*las tres serpientes de oro y los dos calderos de plata*» dos condes da Puebla del Maestre; lá estavam também, nas portadas dum côche, sob um amplo tejadilho de coiro pintado de verde, «*las tres piezas de gueles y de oro*» dos muito nobres senhores de Teles-Giron. E em volta, apinhando-se, acotovelando-se, espreitando à porta, o povo miúdo, a mafra baixa; cachaços rubros de capuchos e de mendicantes surgindo dos imensos capuzes de burel como peixes de Santo António; beatas, de rengos brancos soqueixados, erguendo registos da Virgem; soldados, com os seus calções vermelhos de grã de Inglaterra; ciganas de faces ardidas de sol e soalhas de oiro nas orelhas, praguejando: «lagarto! lagarto! lagarto!»; eguariços, mariolas, rufiões, moiros de babuxas e de balandraus brancos; rascoas de manto, com saias verdes como chicórias e verónicas da Senhora do Pilar ao pescoço; cegos de rabeca tocando a chacôina e o sarambeque; mulatos, truões, mendigos coçando as chagas, fanfarrões amarelos de fome, «*el soldado, el moro y el fraile*», todas as figuras vivas dos «passos» do velho teatro, toda a multidão colorida da Sevilha

do século XVII, sôbre a qual planava, surgia, palpitava ainda a alma de Lope de Rueda e de Juan de Timoneda.

D. João de Castro Teles furou, arredou, olhou o cartaz: «*Comedia famosa del Duque de Bragança.*» A pera cornicabra tremeu-lhe no queixo. Um duque de Bragança no pátio das comédias? Um duque de Bragança ali, nas barbas do senhor de Boquilobo, a divertir Sevilha? Procurou no cartaz o nome do poeta: não o viu. Quem seria êle? Tirso, Moreto, Guevara, o velho Calderon,—múmia de 70 anos, que melhor fôra que rezasse nas contas como o senhor de Corneille? Bateu duas pratas à porta, e com o nariz alto, a pluma erguida como uma crista de galo,—entrou. A luz do sol jorrava sôbre o velho corro descoberto. Uma multidão bezoante, gralhante, animada, movendo-se, gesticulando, flutuando, rindo, enchia o *Pateo de las Sierpes*, alastrava da porta até às tablas, marinhava pelo palanque das frisuras, pendurava-se, debruçada das galerias altas. Niña Boba, com os seus olhos de amêndoa, os seus cabelos quási roxos, os seus rosicleres de diamantes, as suas charpas de sêda, os seus cravos sangrando no peito,—chilreava, namorava, arfava o abanico; narizes enormes, narizes tuberosos, narizes rubicundos, espreitavam por detrás da rótula dos frades; «*el señor alcalde*», com o seu mantéu enrocado e a sua vara de prata, sorria. No momento em que D. João de Castro Teles tomava o seu lugar, entre uma fregona de chapins pintados de verde, que gritava e comia laranjas, e um mulato enorme, hercúleo, em cuja coira estofada de mestre de espada preta sangrava um coração de trapo vermelho,—o pesado pano de Arrás com as armas dos nobres duques de Frias, emprestado naquela tarde para servir de cortina, correu para a representação.

Fez-se no pátio um silêncio da Cartuxa. Os fidalgos de Sevilha, que um antigo privilégio do tempo de Juan

de Timoneda aproximava do sorriso das cómicas, surgiram, dum lado e outro do tablado, luzindo os seus gibões de capichuela, as espadas pendentes de largos talabartes de brocado de pêlo, os punhos curtos de cambraia azulada descobrindo um palmo do braço. Logo à entrada das primeiras figuras: — D. João IV, picado das bexigas, chambão e grutesco, agarrando-se, com medo, a uma vara de pálio, e em volta os *sebosos*, como os espanhois chamavam aos portugueses, tratando-o de duque como se êle nunca tivesse sido rei —, o senhor do Paúl de Boquilobo compreendeu o que era e o que significava a «*Comedia famosa del Duque de Bragança*». Ergueu-se, de repelão. No fundo do seu coração trinta vezes torpe, a fibra generosa, a fibra virginal, a fibra impoluta, vibrou. Um momento, a alma poluída do mais fidalgo dos canalhas que teve Portugal, estuou de nobreza e de raça, de orgulho e de fôrça, de bravura e de dignidade. A honra do seu país chamava-o; a honra do seu país encontrou-o. No meio do corro assombrado, de pé sôbre o banco, esguio, negro, gigantesco, grandioso, os olhos fuzilando, a capa sôlta, a espada enorme, a cruz de Malta a descoberto sôbre o largo gibão de pele de anta, D. João de Castro Teles, crescendo a cada instante de estatura, gritou para o tablado, num ritmo de matraca, numa voz de estentor:

— Fora! Fora! Fora!

Todas as cabeças se voltaram. A representação interrompeu-se. O alcaide debruçou o nariz agudo sôbre a gorjeira branca e desapareceu. Os fidalgos levantaram-se. Um murmúrio de terror percorreu o pátio. Era «*el portugues*». O mulato mestre de armas, que lhe estava à ilharga, atirou-lhe a manzorra escura para o derrubar: «*mala sangre!*», — mas voou com dois sôcos do senhor de Boquilobo e foi caír de bruços, rugindo, no lajedo do pátio. Donas velhas, numa frisura, embiocadas em man-

téus de tafetá preto, gritavam como possessas. No camarote dos frades, levantada a rótula, debruçavam-se já dois franciscanos rotundos, piscando os olhos. O actor que mimava de D. João IV, a tremer, o olhar enyesgado para o corro, quis ainda continuar a representação; mas D. João de Castro Teles galgou ao tablado, e perante os fidalgos, que cruzaram as pernas e tomaram o partido de sorrir, agarrou o cómico pelo cachaço como um podengo, atirou-o para o corro, correu êle próprio a cortina armoriada de Arrás, gritou que estava acabada a comédia, e do alto das tablas, declarando-se fidalgo português e cavaleiro da muito nobre Ordem de S. João de Jerusalêm, desafiou Sevilha em pêso, fidalgos e escolares, lacaios e leigarraços de capa e espada, sem distinção, três a três, quatro a quatro, todos juntos, em tablado ou terreiro, a jôgo de Flandres ou a jôgo de Itália, — como procurador que era do orgulho da sua raça e da honra do seu rei. Estava ali a nobreza de Espanha; pela sua própria respondia a cruz de oito pontas que trazia no peito. Pois bem: que se nomeassem, que surgissem, que arrancassem da sombra, que aparecesse ao menos um só, — e êle lhe prometia, por S. Jorge, espetá-lo no ferro da espada como um capão assado numa cana de esfolinhar!

Nem uma lâmina se arejou da baínha. Nem uma voz se ergueu. O senhor de Boquilobo, de braços cruzados, esperava. Os fidalgos, por detrás da tapeçaria, tinham desaparecido. Começavam a ouvir-se rodar as estufas, estalar os chicotes sôbre os machos das liteiras. O corro estava já quási vasio. Saíam todos à formiga, sem boquejar. Só lá fora, descalços, de lenço sevilhano atado na cabeça, ao sol, os garotos repetiam o estribilho do tempo: «*Estoy en quecos! E aqui dá fin la comédia del grande rey de Marruecos!*». D. João de Castro Teles desceu então do tablado, impassível, grandioso, calçando tran-

qùilamente as suas luvas pardas de manopla. Á saída, ao passar junto de três *niñas holgonas,* que meneavam as anquinhas de sêda ao pé de um velho mendigo, como três Murilos ao pé dum Zurbaran, reparando que uma delas, entretida a olhá-lo, deixara cair no chão o abanico pintado, cortejou, dobrou o joelho e curvou-se para o levantar.

— *Virgen santa!* — chilreou a espanhola, encarando-o com assombro. — *Queria usted matar à todos los hombres de Sevilla?*

Logo o senhor de Boquilobo, gentilmente, beijando o leque e estendendo-lho na ponta dos dedos:

— *Nombre de Dios! Para poder quedar-me solo com todas las mujeres!*

---

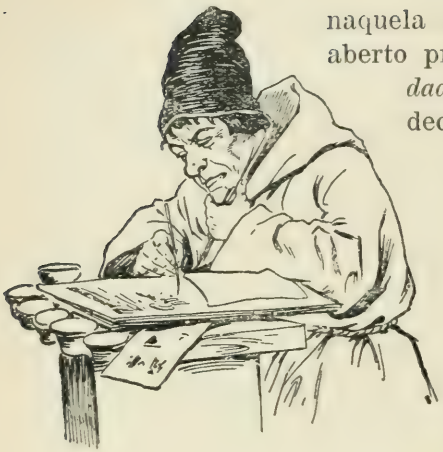
# REI-SAUDADE

# Rei-Saudade

——— (SÉCULO XV)

O rei D. Duarte não dormira naquela noite. Cheio de insónias e de pavores, embrulhado numa samarra de dó preto, fugira da recâmara da rainha, ganhara a casa do despacho, e afundado pesadamente numa cadeira de castanho, à luz dum bárbaro tocheiro de ferro da altura dum homem, a face enrugada e envelhecida, as mãos pendentes, os olhos sem expressão fixos num ponto imaginário do espaço, — esperava que na janela aberta clareasse a manhã.

Em baixo, vista da alcáçova, a vila de Leiria, pequena como um cachorro de pedra aos pés duma arca tumular, com os seus quatro mosteiros negros e o seu rio coalhado de névoa, caladamente, pasmadamente, — dormia. Junto do rei, tudo era silêncio e sombra. Sentado num estrado baixo, o dominicano frei Fernão da Arrotéa, prègador de D. Duarte, velava, a face magra entre os punhos cerrados, a testeira negra do capuz sôbre os olhos. A um canto, à luz da tocha, curvado sôbre uma estante de arquibanco, rodeado de tijelas de tinta presas em argolões de chumbo, o escriba Vicente Donis, mestre iluminador, as mãos eriçadas de estiletes, abria a oiro brunido as letras cabidulas num grande fólio de pergaminho. Era o *Leal Conselheiro*, obra carinhosa do rei, que os copistas e os pintores trabalhavam dia e noite, e que,



naquela hora de escuridão e de silêncio, aberto precisamente no capítulo da *Saudade*, esplendia, scintilava, resplandecia de oiro e de mínio sôbre o gótico hirsuto e negro da escritura.

Quando apontou ao nascente a primeira claridade da madrugada, Vicente Donis, vencido do sono e da fadiga, deixou-se abater sôbre o pranchão do banco como uma massa inerte. A matinada dos galos cortou o ar, num timbre de cobre. Vinha de longe, arrastando, um latido de cães. Adivinhava-se já, no mainel do janelão, doirando o mugre da pedra, o estremecimento luminoso do sol distante. Frei Fernão da Arrotéa ergueu-se, desdobrou a sua envergadura enorme, derrubou o capuz sôbre os hombros, apagou a luz do tocheiro de ferro, assomou à janela a beber a largos sorvos o ar fresco da madrugada, e voltando a acercar-se do rei, que se afundara mais ainda na cadeira de castanho, os olhos extáticos, as mãos pendentes, a samarra negra aberta no colo, murmurou, como se temesse acordá-lo da sua meditação profunda:

— É já manhã, meu senhor.

Para D. Duarte, pobre príncipe bárbaro que o primeiro clarão da Renascença surpreendera, sombra vacilante crucificada de dúvidas e de incertezas, espírito enfêrmo que fizera bordar nas suas roupas um camelo de oiro como símbolo doloroso do poder rial, — ia nascer um dia de intraduzível angústia e de agonia espantosa. Dali a poucas horas, nas salas da alcáçova, perante as côrtes gerais convocadas, debatendo-se confrangedora-

mente entre o seu dever de rei e o seu amor de irmão, D. Duarte iria preguntar aos títulos e senhores, aos bispos e arcebispos, aos procuradores das vilas e cidades, à alma rude, convulsa e forte da nação, se havia de entregar Ceuta para salvar a vida do infante D. Fernando, ou se devia deixar morrer o infante para conservar Ceuta na coroa de Portugal. Entre dois horrores — o suplício lento do cativeiro do irmão, sangue do seu sangue, e a perda vergonhosa do senhorio de Ceuta, glória da sua glória, escrita em pedra sôbre os ossos do próprio pai, — a alma transida de D. Duarte oscilava, flutuava, debatia-se sacudida de dor e de remorso, como uma asa negra entre dois rochedos formidáveis.

Via-o bem, sentia-o bem: o culpado fôra êle, êle só, príncipe fraco, farrapo de rialeza que o vento impetuoso da vontade alheia levava, sombra de poder, crucigiada de oiro, movendo-se na vida aos encontrões de tôdas as paixões estranhas. Por que permitira êle a jornada de Tânger, sem acôrdo nem aprovação do conselho, contra a vontade do povo, contra o voto expresso do próprio Papa, — só porque lho pedira um infante carregado de dívidas, outro infante possesso do delírio de Africa, e uma rainha mancomunada com ambos pela promessa interesseira da adopção dum filho? Porque não fôra êle rei, uma vez ao menos na sua vida? De que lhe servira essa virtude da justiça, de que êle pretendia revestir a dignidade curul da sua rialeza? Para quê, afinal, os seus filósofos, os seus doutores, os seus escrúpulos, os seus livros, — o *Regimento de Príncipes*, de Gil de Roma, a cujas páginas abraçara a sua mocidade inteira, e que nem ao menos o tinha ensinado a ser rei de si mesmo? E na alma atormentada de D. Duarte agitavam-se sombras, tumultuavam recordações, ressurgiam lembranças dolorosas, — os pedidos lançados à miséria do povo, os gritos das mulheres que levantavam os filhos nos braços, o tesoiro das

albarrãs esgotado até à última dobra barbarisca, a presa dos dinheiros dos órfãos para pagar à gente biscainha e flamenga da armada, as côrtes de Évora, o conselho de Almeirim, o infante D. João bradando, apoplético:— «Nem siso nem cavalaria!», e a voz fanhosa do infante D. Pedro martelando-lhe ainda aos ouvidos: — «Senhor, que para ganhar a África deitais a perder Portugal!» E pela sua memória turva de lágrimas passavam as levas famintas, as manadas grunhidoras dos fugitivos de Tânger, cobertos de chagas e de farrapos, atirando-lhe à cara a sua miséria; parecia-lhe ouvir, a cada momento, como vozes de maldição, todos os sinos de Portugal dobrando pelos mortos; e nas longas noites de silêncio e de insónia, de flagelo e de remorso, de bruços sôbre o leito, a cabeça escondida debaixo do cabeçal, julgava sentir, trazidos pelo vento ardente da África, os gemidos do irmão cativo, os seus gritos de desespêro e de tortura, a sua voz amiga, a sua voz familiar chamando-o, bradando-lhe de longe:

— Irmão, irmão, porque me desamparaste?

Os seus doutores, os seus frades, o seu chancelér, rodeavam-no, mantinham ainda de pé, por milagre, aquêle espectro de rialeza. O velho Mateus de Pizano, que viera com a rainha Filipa de Inglaterra; o doutor Rui Fernandes, alma do conselho, murça vermelha de Bolonha; o doutor João d'Ossem; o confessor frei Gil Lobo; o dominicano frei Fernão da Arrotéa; o abade de Florença Dom Gomes, que trouxera a bula da Cruzada; o provincial de S. Domingos, — todos os padres e todos os doutores, seus companheiros de cada hora, aconselharam D. Duarte, perplexo entre a razão de família e a razão de Estado, a convocar para Leiria as côrtes gerais, a fiar delas a resolução do negócio e a pôr na mão de Deus, senhor de misericórdia, o seu coração atribulado de irmão e de rei. O pobre monarca, escrupuloso e formalista

até na sua dor, mandou encher de cinza uma escudela de oiro e pô-la, como imagem da morte, na mesa onde comia; as côrtes foram convocadas; prelados, títulos, cavaleiros, doutores, procuradores do povo, iam pesar, na rude balança da sua consciência e da sua razão, um homem e uma cidade, uma vida e uma glória, uma poeira e um mundo.

O dia aprazado para as côrtes gerais chegara, emfim. Trazia-o aquele sol, que se erguia já para as bandas de Tomar, ainda meio cravado na terra negra, como a tampa dum cibório precioso donde escorresse sangue. Que responderia o povo à dor pungente do seu rei? Que resolveriam as côrtes? Mandar-lhe-iam que assassinasse o próprio irmão, que derramasse o próprio sangue? Teriam coragem para lhe aconselhar a desonra de entregar Ceuta? Qual dêstes horrores lhe traria aquela manhã clara, aquela manhã doirada de outono, em que a natureza inteira despertava numa aleluia de sinos? E D. Duarte, entre Vicente Donis que dormia sôbre o banco e o dominicano enorme que velava de braços cruzados sôbre o escapulário negro, sentiu arripiar-lhe a face o ar fresco da madrugada, ergueu-se da cadeira de castanho onde passara tôda a sua noite de vigília, assomou ao largo janelão de pedra, olhou, lá baixo, os quatro conventos escuros e silenciosos, o burgo de casaria chã e moirisca, o fumo dos casais a anunciar a fornada bemdita do pão, as almuínhas verdes e viçosas de orvalho, os cortinhais, as alquerias, o gado loiro saindo dos telheiros tranqüilos, o pinhal que ramalhava ao longe, negro, rumoroso, nevoento,— e estendendo os olhos extáticos para o sol que subia, murmurou, amparado ao dominicano vigilante:

— Êste é, frei Fernão, o dia grande da minha morte.

Emquanto o rei, recolhendo da janela, caía, sacudido de soluços, sôbre a estante do escriba, o sol, batendo em cheio no fólio onde esplendiam as letras cabiduais de oiro

brunido, inundava de luz as palavras que antes de mais ninguêm em Portugal D. Duarte escrevera sôbre a saudade, sem cuidar, pobre poeta perdido no ofício de rei, que tão cedo ela hávia de o pungir:

> «*E porem me parece este nome de suydade tão proprio, que o latim, nem outra linguagem que eu saiba, nom he para tal sentido semelhante. Se alguma pessoa por meu serviço e mandado de mym se aparta, della sinto suydade; ca prasme de ser e pesarmya se nom fosse; e por se partir algumas vezes vem tal suydade que faz chorar e suspirar...*»

Passadas horas, quando o doutor João d'Ossem, embrulhado na sua loba negra, com os apontamentos que o infante mandara de Arzila apertados na mão, entrou na casa do despacho, viu ainda o rei debruçado na estante, as mãos pálidas a tremer sôbre o pergaminho. Acercou-se dêle mansamente, trocou um olhar com o dominicano e disse àquela sombra de rialeza que a desgraça e a doença devastavam:

— É tempo, meu senhor.

D. Duarte compreendeu-o. Levantou para João d'Ossem a face enrugada por uma velhice temporã, orou um momento diante dum retábulo pequeno de Flandres onde um Cristo esquelético descia da cruz, e como um condenado que depois duma noite de oratório marcha para o suplício, desceu lentamente as escadas da capela, comungou nas mãos do seu confessor frei Gil Lobo, recebeu a opa de brocado de oiro que lhe deitaram sôbre os hombros, e recobrando uma relíquia da sua grandeza rial, mandou um arauto lançar o pregão de silêncio. Ia decidir-se da vida ou da morte do infante. Iam começar as côrtes gerais.

Na larga sala da álcáçova que servia de casa capitular à colegiada de Santa Maria da Pena, quadra revestida de pesada silharia, com uma abóbada quadrada de três arcos ogivos e quatro lumieiras bipartidas de pilaretes de pedra que o tempo doirara, os procuradores das cidades e das vilas do reino, povo ardente e escuro, chambão e forte, a alma rude e antiga de Portugal, jugadeiros e vilões, mesteirais e mercadores, as mãos felpudas e violentas, as cabeças trigueiras e ardidas do sol, os pescoços curtidos e nus surgindo das aljubas, dos zorames e dos pelotes negros, enxameavam, bezoavam, furavam, acotovelavam-se, ganhavam os seus lugares marcados segundo a precedência das vilas e das cidades, em doze longos bancos de seis estalas cada um, alinhados pesadamente ao longo da silharia macissa das paredes. Lá estava, assentado no primeiro banco, orgulhoso do mais nobre lugar, o procurador do Pôrto, o sapateiro de polaina João Bartolomeu, olhos vivos, raça ardente, barba negra, metido num enorme ca-

puz côr de terra; depois, o de Évora, que mandara o judeu esmaltador Izac Zarel, a estrela vermelha de seis pontas aberta sôbre o ventre; os de Lisboa, de Coimbra, de Elvas, de Santarêm; no segundo banco, Tavira, Guarda, Vizeu, que trouxera um oleiro moço, o zorame de Chardes lambusado de barro; adiante, o de Braga, letrado arguto de hábito leigal; o de Lamego; o de Silves, máscara escura de berbere soqueixada duma barbuna branca; e os outros, e todos, — Faro, Leiria, Beja, Guimarães; um calafate velho que parecia arrancado às tábuas de Nuno Gonçalves; um tintureiro de Bragança, embrulhado num tabardo ruço, as manzorras enormes vermelhas de tinta; um ferreiro negro de Portalegre, chamuscado da forja; um gibeteiro de Beja, face mole de cortiça, torto e esperto como Esopo; e por último, tremendo maleitas, a cara amarela cerrada nos punhos, uma barreta cinzenta na cabeça, um brazeiro de cobre a arder-lhe aos pés, — um mercador velho, o procurador de Borba.

Pelos vidros das lumieiras, encaixilhados de chumbo, o sol jorrava agora sôbre os pluviais dos bispos e dos arcebispos, que vinham entrando e que se sentavam a meio da quadra em escanos de espaldar, debaixo dos cornos de oiro das mitras de Santo Estêvão, os racionais broslados de imagens, as quirotecas roxas erguidas em bênção, — D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga, neto bastardo do infante D. João; o velho bispo de Coimbra, D. Crescónio, sêco como uma múmia; o carmelita frei João, bispo da Guarda, a cruz peitoral sôbre o escapulário da Ordem; D. Álvaro de Abreu, bispo de Évora, que se ba-

tera em Tânger como um leão; o soberbo e hercúleo arcebispo de Lisboa, D. Pedro de Noronha, resplandecendo sob uma capa barbarisca de aurisamito, as cinco cruzes negras abertas sôbre o velo branco do pálio. O ar sufocava; as vozes baças ressoavam zumbindo nas abóbadas profundas; o fumo azul do brazeiro de cobre subia como um incenso litúrgico. Dum lado e doutro da pesada sédia rial armada sôbre uma almofala vermelha moirisca, os porteiros, vestidos de largos estarcões de armas, as maças de prata erguidas nas mãos, esperavam. Veio então a nobreza; os infantes; a fleuma saxónia de D. Pedro, o sibarita elegante das *Sete Partidas do Mundo,* embrulhado num saio francês de veludo pardo, um ouriço cacheiro de oiro ao pescoço; o infante D. João, sangüineo, entroncado, violento, negação do estadista, um barrete vermelho de grã d'Inglaterra, um livro na mão; o velho conde de Barcelos, tolhido de reumatismo, coxeando; o conde d'Arraiolos, moço, queimado da África, com os seus balegões de ferro e a sua jórnea larga de veludo; títulos, cavaleiros, senhores de terras, rudes, escuros, torvos, portugueses nas máscaras, biscainhos e flamengos nos trajos como se descessem dos quadros de Van Eyck ou de Van der Weyden, — e por fim, rodeado de doutores, de cónegos, de frades, de murças de Bolonha, de cogulas de burel, de capelos de pena gris, fantasma de rialeza, pálido, vacilante, gelatinoso, sucumbido sob a pesada opa de brocado de oiro que um firmal de esmeraldas apertava, D. Duarte surgiu ante o assombro consternado dos procuradores do povo, que preguntavam uns para os outros, de pescoços estendidos, de olhos redondos de espanto, se aquela sombra dolorosa e devastada seria o rei de Portugal. Para que estivesse ali, inteira, formidável, a alma da nação, faltava apenas uma grande figura, o infante D. Enrique, ave negra do desastre, que uns diziam, à bôca pequena, que viera escon-

dido a Lisboa, e outros afirmavam, mais calmos, que ficara lá baixo, nas taracenas e nos varadoiros de Sagres, refugiado no seu sonho, erguendo, à luz de archotes, carcassas de caravela, devorando as fôlhas da *Imago Mundi*, interrogando, estendido de bruços sôbre a terra, as cartas que os mestres maiorquinos iluminavam. Deus o guardasse lá, entre as ondas e os corvos, as tempestades e os naufrágios, — príncipe grande de mais para uma terra tão pequena, e em cujo mongil roxo palpitava um agoiro de perdição!

No meio dum silêncio profundo, o doutor João d'Ossem disse, em nome do rei, os motivos da convocação das côrtes gerais; narrou os sucessos da jornada e do cêrco de Tânger; atribuíu o desastre, em palavras mal dissimuladas, à obstinação taciturna do infante D. Enrique; e desviando-se do sol, que lhe batia em cheio na murça vermelha, pôs claramente aos três Estados a questão suprema da entrega de Ceuta. Era sabido que, para salvação de muitas vidas de portugueses, tinham os infantes tratado, em auto de guerra, a entrega da cidade aos moiros. Era sabido também que, por segurança e refêns do ajuste, o infante D. Fernando fôra deixado em Tânger, levado para Arzila e mudado para Fez. Podia o rei, pela fôrça do seu próprio poder, mandar entregar Ceuta; mas Ceuta não era apenas seu senhorio e propriedade; fôra conquistada com muito oiro, muito sangue e muitas lágrimas do povo; era senhorio de todo o corpo da república de Portugal, de que êle, como soberano, não passava da cabeça coroada. Que resolvessem as côrtes o que tivessem por melhor na sua razão e consciência, e que a piedade e o amor tocassem da sua graça todos os corações. Em seguida, o doutor João d'Ossem, encavalando no nasal adunco a armação duns óculos de coiro, leu os dolorosos papeis que o infante D. Fernando mandara de Arzila suplicando ao rei que entregasse Ceuta e dizendo

que, se não tivessem misericórdia dêle, já via a cadeia de ferro que havia de o pendurar pelos pés nas muralhas da cidade. O arcebispo de Braga teve um gesto brusco de enfado. Nas bancadas do povo havia olhos turvos de lágrimas. O procurador de Borba, verde de doença, tremia cada vez mais na sua estala, os pés estendidos para o brazeiro. Na alma angustiada de D. Duarte, uma esperança nascia agora. Talvez aqueles duros arcaboiços se apiedassem; talvez o povo sentisse fundo no seu coração que a vida dum infante de Portugal valia o montão de pedras duma cidade.

Quando João d'Ossem se assentou, a primeira voz a erguer-se foi a do infante D. João. Falou sêcamente, duramente, metendo a gorra pela cabeça abaixo em movimentos selvagens, lembrando o seu voto contrário à empreza de Tânger no conselho de Almeirim, doendo-se dos reis que pedem conselhos para não os seguir, e votando agora a entrega de Ceuta por entender que atentava a Deus se condenasse à morte o seu próprio irmão. O infante D. Pedro, hipócrita, afável, espírito enciclopédico formado pela direcção dos sábios do século XV, com a fleuma dum anglo-saxão e a dissimulação elegante dum italiano da Renascença, declarou que votava também a entrega de Ceuta, mas pediu às côrtes que considerassem suspeito o seu voto, porque se uma razão de sangue o não coagira, talvez que outro êle fôsse, mais conforme à razão de Estado. D. Duarte olhava, transido, os dois infantes. Pois quê? Eram tudo acusações para êle, — e nem uma palavra de defeza para o irmão cativo, nem uma súplica ao povo, nem ao menos uma lágrima de piedade? Onde estava a eloqüência do Infante D. Pedro, que se calava e emmudecia quando a vida do irmão precisava dela? Ao pé do rei, Fernão Lopes, que fôra escrivão do infante D. Fernando, o velho Gaspar Vasques, seu capelão e seu amigo, choravam em silêncio. Uma asa

negra de morte pesava sôbre todos os corações. Ouvia-se uma môsca que passasse, quando Fernando da Guerra, arcebispo de Braga, apertando num movimento nervoso o cíngulo gemado de oiro, se levantou do escano dos prelados e ergueu a voz. Falava em nome da fé; falava em nome de Deus. Não; o rei não podia entregar Ceuta. Ceuta era um bispado; Ceuta estava coalhada de igrejas; Ceuta tinha ainda mais cruzes do Redentor do que pedras de armas de Portugal. Nem o rei, nem as côrtes podiam, num voto que seria um sacrilégio, arrazar essas cruzes, profanar êsses templos, vender Cristo pela segunda vez. Só o Papa, vigário de Deus. Ninguêm mais. E emquanto o arcebispo se sentava, num arremêsso, embrulhado no seu pluvial de obra ciprense em cujos sevastros de oiro faùlhava o sol, erguia-se já o moço conde de Arraiolos, duro, trigueiro, terminante, os olhos fuzilando, as balugas de ferro batendo no lajedo, a bradar, de braços levantados:

— Vergonha de perdição! Vergonha de perdição!

Quem falava em comprar vida com honra? Onde estava aí vida de homem, que valesse uma pedra de Ceuta? Quem dera já uma cidade por êsse fumo de estopa que é uma vida? Queriam salvar o infante? Pois bem: que fôssem todos — e êle iria com êles! — arrazando Tanger, conquistando Arzila, mordendo sangue e pó, arrancá-lo ao coração de Fez! Era assim que se salvava o filho dum rei; era assim que se remia um infante cativo de Portugal, — e não cobrindo-o de lama, de desonra e de tristeza!

— Vergonha de perdição! Vergonha de perdição!

Agora, falava já o povo; era o procurador do Pôrto, mestre de polaina João Bartolomeu, que trovejava, o capuz negro derrubado sôbre os hombros, a manzorra escura no ar, um soluço a apertar-lhe a garganta:

— Senhor rei! Mandai-me a mim, mandai-nos a todos

nós a morrer no lugar do senhor infante, mas guardai Ceuta!

E um murmúrio respeitoso, um murmúrio arquejante, um murmúrio aflitivo subia das bancadas do povo, da primeira à última, do Pôrto a Portel, rouco, estrangulado, devorado de lágrimas:

— Guardai Ceuta! Guardai Ceuta, senhor rei, senhor rei!

Muitos dêles, ferreiros, oleiros, calafates, crânios negros e curtos, testas baixas e rudes, não saberiam dizer talvez, se lhes preguntassem, porque razão devia conservar-se Ceuta na coroa portuguesa; mas viam, sentiam claramente, pela fôrça do seu instinto, pela violência persuasiva do seu bárbaro amor pátrio, que era preciso conservá-la, sofresse quem sofresse, pelo preço de tôdas as torturas, com sacrifício de tôdas as vidas, porque assim o reclamava o nome de Portugal, a honra de Portugal, o destino de Portugal. Um enxerqueiro bronco, coberto dum chiote de burel, gritava que se passasse a África outra vez; Isac Zarel, o judeu de Évora, batendo na estrêla vermelha que lhe cobria o peito, uivava que ainda havia no reino muito bons maravedis de oiro, muito boas dobras valedias, muito bons tornezes de prata de D. Pedro para fretar navios em Biscáia e em Flandres; os arcebispos e os bispos agitavam-se impacientes, — e já

levado em braços, verde, sêco de febre, batendo os dentes, quási morto, mas erguendo ainda as mãos convulsas para o rei, o mercador de Borba gritava no delírio, os olhos espavoridos, a bôca escancarada:

— Guardai Ceuta! Guardai Ceuta!

D. Duarte levantou-se, como um espectro, a fronte banhada dum suor de agonia. Ampararam-no frades e doutores. Como sucedera no conselho de Almeirim, o sangue borbotou-lhe do nariz, espumou vivo sôbre o brocado da opa e veio cair em postas no lajedo do chão. Era a sentença de morte do irmão cativo, que o seu próprio sangue de agoiro confirmava. Um estremeção de horror agitou o corpo vacilante do rei. Deixou-se arrastar, galgando escaleiras, até à casa do despacho; caíu pesadamente no largo cadeirão de castanho; recebeu os socorros do físico judeu mossém Johão Morsala, que acudira com uma toalha de ranzal e um cântaro de prata cheio de água. Lá baixo, as côrtes dispersavam-se num sussurro.

Súbitamente, a face ensangüentada iluminou-se-lhe: uma idea brusca de libertação fuzilou no seu espírito cruciado e hesitante. Não. O infante D. Fernando não estava perdido ainda; o infante D. Fernando não podia morrer assim às mãos das côrtes gerais. Havia um meio de o salvar, de o restituir à vida e à liberdade, — e êsse meio dependia só dêle, da sua deliberação exclusiva, da sua vontade soberana. Iria substituir o irmão no cativeiro. Porque não, — se fôra êle o único responsável, se fôra a sua fraqueza de rei a causadora do desastre, se mil dores, mil torturas que viessem, não valiam o inferno da sua angústia e do seu remorso? Despiria para sempre aquelas vestiduras reais que lhe pesavam como chumbo; notaria ali mesmo, pelo seu próprio punho, a sua abdicação total, e respiraria emfim, livremente, alegremente, no júbilo supremo de vêr que a

sua vida inútil de rei servia, afinal, para alguma coisa! E D. Duarte, num assômo inesperado de energia, mandou que saíssem todos, que o deixassem só. Vicente Donis, cabisbaixo, sombrio, poisou os estiletes de ferro sôbre a estante onde o fólio do *Leal Conselheiro* abria as suas cabídulas de oiro,— e saíu da casa do despacho. Os doutores e os frades entreolharam-se, sumiram-se pela escaleira esconsa de pedra. As pesadas portas, armadas de ferragens brutais, uivaram nos gonzos. No retábulo de Flandres, Cristo descia da cruz. D. Duarte ficou sòsinho. Acercou-se da estante do escriba, assentou-se no arquibanco, e ia escrever as primeiras palavras da sua abdicação, a sentença inexorável do seu próprio cativeiro e da sua própria morte, — quando uma matinada de risos chilreou à porta e uma revoada loira de crianças assomou. Eram os infantes seus filhos, que Mem de Seabra trazia. O estilete de ferro caíu-lhe das mãos; os olhos cravaram-se-lhe na porta,— e o pobre rei, que não soubera ser irmão e que não se lembrara de que era paï, crucificado entre dois amores, martirisado entre duas saudades, farrapo de dor humana que o escárnio dum circulo de oiro coroava, caíu a arquejar de soluços sôbre a estante e a repetir, como uma oração, as palavras do fólio iluminado:

— «*D'elle sento suydade; ca prasme de ser e pesarmya se nom fosse; e por se partir algumas vezes vem tal suydade que faz chorar e suspirar...*»

# OS TRÊS ALFERES

# Os três alferes

(SÉCULO XIX)

Os três alferes Marçais jantaram juntos naquêle dia, debaixo do claro céu da Rússia, numa pobre casa dos arrabaldes de Wilna, onde chegara o Imperador e onde acantonara a divisão Razout.

Eram três alferes irmãos no sangue, beirões de origem, valentes como as armas, portugueses em tudo, desde os olhos negros e tristes, vagamente roxos de fadiga, abrindo em faces sêcas e firmes, até ao nobre e sereno orgulho de raça, a êsse incomparável orgulho português, feito ao mesmo tempo de arrogância e de bondade, de bravura e de sacrifício, de bonomia e de grandeza. Os dois mais novos, António Marçal e João Marçal, pertenciam ao 2.º regimento de infanteria da legião, incorporado na divisão Razout, a segunda do corpo de exército de Ney; o mais velho, Vicente, alferes de cavalaria, coberto de glória em Wagram, niza parda onde sangrava a fita vermelha da Legião de Honra, conseguira, pela protecção de Pamplona, pelo valimento do duque de Berg, ser nomeado para o estado maior do próprio general Razout, — sargentão violento e enorme, gigantesco e coberto de oiro, que atravessara a rir os campos de batalha da Áustria, debaixo de uma chuva de balas, sôbre o seu

chabraque de pele de tigre. Essa nomeação, que Vicente Marçal desejara vivamente, porque o aproximava dos irmãos, tinha-o afastado da cavalaria da legião, que depois de passar o Niémen em pontes de barcas, sob o comando de Mortier e incorporada na guarda-nova, abalara para Munk, atravessara a vau o Berezina e, cortando o nevoeiro, seguira a caminho de Dubrowna.

A pobre legião portuguesa dispersara-se pelos corpos do grande exército, — Ney, Oudinot, Murat. Só um acaso feliz pudera reunir à mesma mesa os três alferes irmãos, na saudade da sua pátria distante, na ilusão duma família refeita, recordando, diante de três pichéis de estanho onde o vinho espumava, a luz doce das montanhas da sua Beira, as aldeias negras penduradas nos fraguedos ásperos, os vinhedos doirados e tranqùilos, as congostas floridas e tortuosas, a matinada dos seus sinos, os chocalhos dos seus rebanhos, a vasquinha vermelha das suas moças, o céu de Portugal, a gente de Portugal, — e, acima de tudo e de todos, amor dos seus amores, sorriso dos seus sorrisos, saudade das suas saudades, três vezes sagrada para a sua ternura de homens, a imagem serena, a imagem carinhosa da mãi, cabeça branca que uma névoa de prata iluminava e que êles viam longe, a caminho da igreja, curvada, embrulhada no seu capote encarnado, um livro de orações na mão, pedindo misericórdia a Deus para a loucura gloriosa dos filhos. Que seria dêles amanhã? Que canto de terra lhes estaria reservado nessa Rússia imensa, — nessa Rússia de gêlo e de corvos, devastada de incêndios e de cossacos, para onde os atirava, como um rebanho, a ambição formidável de Napoleão? Dêsses duzentos mil homens que tinham passado o Niémen a um gesto soberano do *petit Corse*, do *petit Tondu*, — quantos ficariam ali, naquela sepultura de neves brancas e de florestas eternas, pobre *chair à canon* que a artilharia russa varreria, estropiaria,

metralharia, para que sôbre os seus restos, sôbre os seus destroços, as espadas lampejando, os kaulbachs chapeados de cobre luzindo ao sol, passasse, numa vertigem heróica, essa serpente de ferro e de orgulho que se chamava — a *Guarda!*

E os três alferes, diante do velho mujik que os servia e os olhava, a barbuna branca pungindo, um barrete de peles na cabeça, ficaram longo tempo silenciosos, curvados sôbre a mesa em atitudes reflexivas, as faces crispadas numa expressão dolorosa. Pesava sôbre êles a asa negra do mesmo pensamento de morte E emquanto o céu se avermelhava no poente, emquanto os soldados passavam em bandos na rua, cantando e rindo, os três Marçais, sem trocar uma palavra, absorvidos na sua idea fixa, pendiam, como sombras fatigadas, sôbre a toalha branca. António, o mais novo, que acabara de recordar as tardes de Bayona, em que a imperatriz Josefina, ouvindo-o cantar lunduns à viola, murmurara: — *«Que j'aime ces gavottes portugaises!»*, emudecia agora, perante o silêncio dos irmãos, olhando as flores azuis dum grande cangirão de loiça alemã. Escuro e hercúleo, o João, alinhando nervosamente as migalhas de pão sôbre a mesa, encarou o irmão mais velho, ferrolhou, impaciente, as esporas no sobrado, fez dançar, num murro, os pichéis sôbre a toalha, e resmungou:

— Parece dia de finados, que diabo!

Depois, afectuoso, passando o braço ao pescoço do irmão Vicente:

— Que tens tu?

— Tenho o pressentimento de que não torno a Portugal.

— Aqui também se vive, — atirou João, escondendo numa fanfarronada o seu abatimento profundo.

— Aqui, sôbre tudo, morre-se, — interveio o irmão mais novo, estendendo os pés sôbre um banco de coiro de Archangel. E concluiu, num encolher de hombros: — Morre-se como em tôda a parte, mas — que diabo! — eu antes queria uma bala na Áustria do que uma lançada de cossaco na Rússia!

Houve um silêncio. João levantou-se, numa saúde. Os três púcaros de estanho uniram-se:

— Viva o Imperador!

Os últimos raios de sol, entrando pela casa, faùlharam nas charlateiras de Vicente Marçal. Um momento, chispou bravura nos olhos dos três alferes. Diante da sua alma rude de soldados, passava, resplandecendo da glória de Iena, de Eylau e de Austerlitz, o redingote cinzento de Napoleão.

— Viva Portugal!

E depois, num murmúrio, num sorriso, os olhos marejados de lágrimas, as mãos trémulas erguendo os púcaros de vinho:

— Á saúde da nossa mãi...

Num timbre longínquo de cobre, os sinos da basílica bisantina de S. Estanislau, das igrejas de S. João e de S. Pedro, iluminadas de mosaicos doirados, bateram as sete horas. Os três alferes poisaram os copos de estanho na toalha clara, caíram nos escabelos de coiro, sufocados de comoção; e emquanto o mujik se afastava, as mãos metidas no cinto, as orelheiras de peles a cobrir-lhe as têmporas, Vicente Marçal desacolchetou a gola

vermelha da farda, desenrolou as voltas da gravata alta de sêda negra, desapertou a pescoceira da camisa, tomou um fio de oiro donde pendia uma madalha de esmalte com um retrato de mulher, e estendeu-a aos irmãos mais novos, num gesto afectuoso e simples:

— Guardem vocês o retrato da nossa mãi.

— Tu não o queres? — preguntou António, com estranheza.

— Fica mais seguro na vossa mão.

— Porquê?

— Porque eu tenho a certeza de que uma das primeiras balas russas é para mim.

— E porque não ha-de ser para nós? — interrogaram, ao mesmo tempo, António e João Marçal. — Andamos tão expostos com tu!

— Os pressentimentos não falham, — tornou o alferes Vicente. Sou supersticioso como um bom soldado. Tive o pressentimento de que era eu um dos primeiros a cair na Rússia; e sou, com certeza. Vocês verão. Lembram-se do nosso general Lasalle? Na véspera de Wagram encontrou quebrados o cachimbo e a garrafa de rum. «Morro amanhã», — disse êle; e no dia seguinte um biscainho da artilharia austríaca despedaçou-lhe a cabeça. Hoje, estou no quartel general, perto de vocês; amanhã, Deus sabe onde eu estarei. Se cair para aí numa emboscada, não quero que o retrato da nossa mãi vá parar às mãos dos cossacos ou que as bicadas dos corvos lhe estalem o esmalte. Esta terra da Rússia nem merece a imagem da velhinha que nós lá temos, João! Não ha-de ser tamanha a má sorte que fiquemos todos; ha-de querer Deus que um de vocês volte a Portugal, — e eu gostava que a nossa mãi ainda visse esta medalha no pescoço rosado dum neto!

— Sabe-se lá qual de nós será o primeiro! — reflectiu o mais novo, limpando uma lágrima às costas da mão,

emquanto João Marçal, os sobrolhos carregados, a expressão dura, a cabeça enterrada na gola amarela da farda, rugia:

— Se ao menos nos batessemos em Portugal e por Portugal, morria a gente contente! Mas na Rússia! Que nos importa a nós, a Rússia!

O céu vermelho da tarde esbrazeava-se, como num incêndio; sôbre a cidade distante caíam sombras e névoas; as cúpulas de S. Estanislau recortavam-se, negras, na transparência doirada do horizonte; num pátio fronteiro, imundo como os pátios polacos, crianças e porcos fossavam sôbre enxudreiros de cascas e montes de estrume. Escurecia já. O mujik trouxe uma candeia de ferro, acesa, e poisou-a na banca. Sôbre a toalha de linho alvo, a pequena medalha scintilou. Os três alferes olharam-na longamente, beijaram-na com devoção, tactearam-na com amor; cada um dêles, num sorriso de ternura que as lágrimas molhavam, se despediu em silêncio da imagem longínqua da mãi — e, tocados os três do mesmo pressentimento de morte, resolveram entregar ao acaso, alma da guerra, a escolha daquele que havia de guardar consigo a única relíquia que restava ao seu amor filial. Tirariam à sorte entre os três. Esvasiou-se um púcaro de estanho; os dados rolaram sôbre a toalha branca. Coube a medalha ao mais velho.

— Tinha de ficar contigo! — disse António, estendendo-lhe na mão o fio de oiro donde pendia o esmalte oval, dum azul vivo de Limoges.

Vicente Marçal, num gesto resignado, tomou de novo o retrato da mãi, beijou-o mais uma vez, pendurou-o ao peito, enrolou em silêncio as três voltas da gravata negra, acolchetou a gola alta de grosso baetão vermelho, prendeu o sabre enorme, meteu na cabeça o seu kaulbach chapeado de cobre, e quando já os clarins e os tambores tocavam a retreta no acantonamento e nos bivaques

distantes, abraçou os irmãos e recomendou-lhes, cada vez mais convencido da sua próxima morte:

— Quando eu cair, façam o que puderem para salvar esta medalha.

No dia imediato, o sumptuoso Murat rechaçava uma nuvem de cossacos em Osbrowno, onde se cobriram de glória duzentos volteadores do 9 de linha; no dia 1 de agosto, as divisões Legrand e Verdier, numa carga impetuosa, atiravam quinze mil russos de roldão nas águas do Drissa. Ocupada Dunaburg, o grande exército marchou sôbre Smolensko. As tropas da legião não tinham ainda entrado em fogo: Ney guardava os dois regimentos portugueses para as horas supremas do perigo e da glória. Chegados à margem do Dniéper, era necessário que um batalhão passasse o rio a vau e a nado para proteger o lançamento de pontes de barcos: foi escolhido o batalhão de granadeiros de Bernardino António Moniz, onde iam os dois Marçais mais novos, — João e António. Nos arrabaldes de Smolensko, que erguia na claridade azulada da manhã as suas espêssas muralhas, e na floresta que ramalhava e roncava para o sul, lampejavam os clarões da fuzilaria russa; o batathão, em silêncio, deitou-se ao rio, a febre nos olhos, as clavinas nos dentes; as balas inimigas sibilavam, chapinhavam, espirravam na água; as cabeças avançavam, nadando na sombra. Ganha pelos portugueses a outra margem, com vinte, trinta baixas, sem um grito, sem um rugido, sem uma palavra, começou o lançamento da primeira ponte por onde havia de passar o corpo de exército de Ney. Já era manhã clara, quando um ajudante de ordens do general Razout, a todo o galope, seguido dum lanceiro cujo schapska faiscava ao sol, veio trazer a Bernardino Moniz ordem expressa para tomar imediatamente à baionéta o arrabalde. Era Vicente Marçal. Os três alferes irmãos tiveram tempo para trocar um apêrto de mão rápido. Vicente empinou-se nos estri-

bos, e antes de arrancar a galope pela margem do rio, a direito da floresta, a reconhecer o sítio onde haviam de lançar-se as outras pontes de barcos, recomendou ainda aos irmãos, num sorriso triste:

— Não se esqueçam do retrato da nossa mãi!

O ajudante de ordens, seguido do lanceiro, desapareceu numa nuvem de poeira. A manhã, luminosa e fresca, esplendia. Bernardino Moniz, à frente do batalhão cujas baionetas faìscavam ao sol, gritou aos soldados que cantassem as canções da sua terra e atirou-se sôbre o arrabalde, à carga, debaixo da fuzilaria que estoirava. Um chuveiro de balas caiu de todas as lumieiras, de todas as frestas, de todos os telhados. Na embocadura das ruas la tejavam clarões. Uma nuvem de fumo envolveu a casaria atarracada e negra.

— Rapazes, para a frente!

Sôbre a primeira trincheira de sacos de terra, relampaguearam trezentas baionetas; os russos, uivando, ganindo, rechaçados pelo batalhão português, caíam de bruços, aos molhos, varados pelas costas; mulheres ruivas, desgrenhadas, horríveis, assomavam às portas levantando os filhos nos braços; num ímpeto bárbaro, numa arrancada violenta, o arrabalde foi varejado, sacudido, varrido, crivado de balas, viela a viela, alfurja a alfurja; os soldados, galgando escaleiras, arrombando portões, esquadrinhando telhados, negros de pólvora, fuzilavam, devastavam, extreminavam. Em vinte minutos, a povoação caíra, com poucas baixas, nas mãos de Bernardino Moniz. O incêndio começou a lamber, a devorar a casaria escura. Rolos de fumo rompiam das janelas. Estalavam vigamentos a arder. Abatiam telhados em pêso. Manadas de porcos, fugidos dos telheiros e dos persigais, corriam as ruas, tropeçando, grunhindo, entre o fumo e a poeira. E emquanto as cornetas tocavam a unir e as últimas janelas vomitavam as últimas balas, os dois alferes Marçais, espadas fora, as caras salpicadas de sangue russo, protegiam nobremente as fêmeas do arrabalde, gritando aos soldados bêbados de violência:

— Não se toca nas mulheres, rapazes!

Fôrças de engenharia construíam já a primeira ponte de barcos. A artilharia francesa, entrando em posição, troava. Da floresta coalhada de nevoeiros, eriçada de matas de corte, surgia agora, mais intenso, o tiroteio dos russos. O batalhão de Bernardino Moniz, dentro da aldeia em chamas, recolhia gado e sacas de trigo, salvava mulheres e crianças, — quando a todo o galope, devorando terra, o schapska enfiado no braço, a cara em sangue, um lanceiro chegou. Vinha ferido e pedia que o socorressem. Era a ordenança do alferes Vicente Marçal, que fôra, sem escolta, operar um reconhecimento nas margens do rio.

— O teu alferes? Que é dêle? — interrogou João Marçal, bacorejando desgraça, a face escura, os olhos ardentes. — Onde deixaste o teu alferes?

— Ficou morto, — respondeu o lanceiro, apeando-se.

— Morto?

— Lá adiante, ao pé do bosque. Fuzilaram-no de emboscada. Cuido que foram cossacos. O nosso ajudante ficou crivado de balas, êle e o cavalo, — e a mim levaram-me uma orelha, com os diabos!

O pressentimento do oficial às ordens de Razout confirmara-se. As primeiras balas russas tinham sido para êle. Como Desaix na véspera de Marengo; como Thiébauld em Austerlitz; como Marbot em Espanha, ao ver uma cadela negra e hirsuta surgir na ponte do Bidassôa, — Vicente Marçal, no triste jantar de Wilna, pressentira o seu próximo fim. Lá lhe ficava o cadáver nas mãos dos cossacos, — e, com êle, a pobre medalha de esmalte de Limoges, relíquia piedosa do seu amor de filho, que tanto quisera salvar e que, como uma bênção, o acompanhara na morte. Então, pelo espírito abatido dos dois alferes, passaram, com a nitidez suprema dum dever, as últimas palavras do irmão: — «Não se esqueçam do retrato da nossa mãi». Os dois Marçais olharam-se, em silêncio; compreenderam-se; tomaram, num olhar, uma decisão, — e negros de sangue e de pólvora, as espadas nuas lampejando nas mãos, pediram a Bernardino Moniz licença e uma escolta para ir buscar o cadáver do irmão Vicente.

— Mas vocês vão ser fuzilados no caminho!

— Não importa, meu tenente coronel! — rugiu João Marçal, os dentes cerrados, as lágrimas a tremerem-lhe nos olhos. — É um dever!

— Quantos homens querem?

— Vinte homens bastam.

Bernardino Moniz montou a cavalo, atirou-se para a frente do batalhão já formado em linha fora do arrabalde,

e erguido nos estribos, magro como Dom Quixote, gritou aos soldados, numa voz de estentor, que aqueles que quisessem acompanhar os alferes Marçais a buscar, debaixo do fogo dos russos, o cadáver do irmão, dessem um passo à frente. Como um só homem, o batalhão inteiro avançou.

— Bravo! — explodiu orgulhoso o comandante. — Bravo, rapazes!

Os dois alferes choravam abraçados. O sol faiscava nas baionetas. Um fumo negro, picado de faúlhas, levantava-se da aldeia incendiada, como duma fornalha ardente. Bernardino Moniz escolheu vinte homens dos mais fortes, dos mais prontos, dos mais resolutos, — e, com os dois Marçais à testa, o pequeno destacamento, vibrando de comoção, pôs-se em marcha.

— Meu alferes! Peço licença para acompanhar a escolta! — gritou da sombra o lanceiro da ordenança, outra vez a cavalo, o schapska enfiado no braço, um trapo branco atado à cabeça empastada de sangue.

— Que vais tu fazer, se estás ferido?

— Vou buscar a orelha que lá me ficou, meu alferes! Seguiram a direito pela estrada; meteram a uns terrenos encharcados, na margem do Boristhene: sentiram as primeiras balas sibilar no ar e chapinhar no lodo verde: subiram, de baioneta calada, uns córregos hirsutos de mato alto, debaixo do sol ardente do verão da Rússia, tão horroroso como os gelos do seu inverno, — e já tinham uma hora de marcha, quando o lanceiro, servindo de guia e de esclarecedor, parou na volta dum atalho que galgava a um cómoro descoberto:

— Continuam a fazer fogo para aqui, meu alferes!

E depois, a João Marçal que assomou, apontando um pinhal negro, picado, aqui e além, do fumo branco da fuzilaria:

— É dalêm, daquela brenha!

— E onde está meu irmão?

— Está já aqui acima, meu alferes. Na volta dêste carreteiro.

O lanceiro apeou-se para não servir de alvo. Os dois Marçais ordenaram à escolta que se conservasse abrigada, que não fizesse um só tiro, e subiram, entre o mato, cautelosos, na lomba do pequeno outeiro. Lá estava de bruços, numa poça de sangue, as mãos crispadas, a cabeça crivada de balas, metade do corpo debaixo do cavalo que arquejava na agonia esticando as pernas, — o cadáver de Vicente Marçal.

Os dois irmãos, de rôjo, o ventre na terra, avançaram, alcançaram o corpo, soergueram-no, repuxaram-no, arrancaram-no debaixo da montada e foram-no arrastando lentamente, aos poucos, em silêncio, a cabeça a abanar numa posta de sangue, as esporas a prenderem-se nas reigotas da urze. Uma serenidade de catástrofe pesava no ar. Balas altas sibilavam como serpentes, zumbiam como môscas na atmosfera luminosa da manhã. João Marçal, os olhos cavados e roxos, a face vincada de dor, a garganta apertada num soluço, olhou a fronte do irmão em farrapos sangrentos; desapertou-lhe a gola da farda; co-

lheu nas mãos convulsas o fio de oiro de onde pendia a medalha com o retrato da mãi; silenciosamente, na mudez solene de uma lágrima, pendurou-a ao pescoço trigueiro do irmão mais novo. Os soldados levavam já o cadáver do alferes numa padiola improvisada de troncos de árvore, quando um grito rouco se levantou de vinte bôcas, num rugido de feras espantadas:

— Os cossacos! Os cossacos!

Longe, entre a poeira branca, um tropel negro avançava de encontro ao pequeno destacamento português. Os soldados, sentados por terra, ergueram-se de um salto, deitaram mão das espingardas. Nos olhos dêsses vinte bravos que acabavam de bater-se, lá baixo, como leões, passou, numa vertigem, o instinto da fuga. Mas João Marçal correu, precipitou-se, espada nua. Fugir? Quem pensava ali em fugir? Onde estavam vinte espingardas portuguesas que fugissem, tresmalhadas, diante dum bando de cossacos? Não! Para a frente! Em ordem unida, fogo de pelotão, — para os ter nas mãos. E junto do cadáver sanguinolento de Vicente Marçal, cuja face gelatinosa inchava ao sol, duas filas cerradas de dez homens, as baionetas scintilando, os olhos como brazas cravados longe, na nuvem de poeira que avançava, ferraram-se firmes na terra, como troncos, a coberto do mato. O lanceiro, abrigado pelo cavalo morto do alferes, o lenço branco atado à cabeça, uma clavina nas mãos, fitava o tropel negro e longínquo, que poalhava, que avançava, que resplandecia. Negro, sereno, terminante, soberbo, João tomara o comando. Um silêncio de morte palpitava sôbre o pequeno destacamento. A primeira fila ajoelhou, cruzando baionetas. Ouvia-se o resfolegar das respirações, o zumbido das balas varejando, o restôlho breve dos lagartos verdes em ziguezagues na erva.

— Escolta, carregar!

Bateu o coiro das patronas. Ferrolharam, aperradas,

as espingardas enormes. Uma palidez terrosa crispava as faces dos soldados.

— Fogo!

A primeira descarga soou. Oito, dez cossacos hirsutos rolaram com as montadas, mordendo o pó. Na poeira ardente, na poeira luminosa, o bando tropeava, arrancava, faiscava. Um fogo vivo de fuzilaria, atraído pela descarga cerrada do destacamento, rompia agora de tôda a floresta.

— Carregar!

O schako de António Marçal voou pelos ares, com uma bala. Um sargento, que mordia um cartucho na bôca negra de pólvora, rodopiou e ficou de bruços. Um homem, dois homens caíram, praguejando. O fumo cegava os soldados. Ouviam-se já, distintamente, os gritos dos cossacos, o tropear das bêstas, o ulular da carga. A a pagão loiro e enorme que rebolara, rugindo, com uma bala no ventre, António Marçal arrancou a espingarda, desafivelou a patrona. Era um combatente mais, um fuzil mais. Caíu outro homem, outro ainda, como farrapos, numa poça de sangue, — e a voz do comandante, num martelar de matraca, num estalar de chicote, ordenava, gritava:

— Apontar!

Bruscamente, no meio da fumarada espêssa, um corpo inerte tombou nos braços de João Marçal: era o irmão, a espingarda nas mãos crispadas, o crânio estoirado por uma bala. Estava morto. O único sobrevivente dos três alferes, amparando o cadáver, os cabelos ao vento, a cara espirrada de sangue, tirou-lhe do pescoço a medalha, beijou-a, e negro, gigantesco, tranqùilo, formidável, no meio dos oito, dos sete, dos seis homens que lhe restavam, gritou ainda, metendo o retrato da mãi no peito da farda:

— Fogo!

Sôbre o destacamento português, resfolegando, ardendo, devastando, cincoenta bêstas negras passaram, levantando terra, faiscando ferraduras, e cincoenta cossacos eriçados, enormes, em gritos bárbaros — *pachli! pachli!* — mergulharam lanças, abateram sabres, ceifaram, arrazaram, ensangüentaram. João Marçal, uma bala num hombro, outra num braço, a cabeça fendida por uma sabrada, uivou mais uma vez, cego de sangue, cambaleando:

— Fogo!

Nem uma só espingarda respondeu. Do pequeno, do heróico destacamento português, restava apenas, espectro vermelho de sangue e negro de pólvora, o seu comandante. Mas êsse mesmo abateu, como um tronco enorme que o ferro minasse. E o último alferes, prostrado já, na agonia, sôbre um monte de cadáveres, entre nuvens de fumo e de poeira, teve fôrças ainda para tirar do peito o retrato da mãi. Não pudera salval-o: ia dar-lhe, com o último beijo, o último sôpro de vida. Palpou a medalha, arrancou-a, olhou-a, voltou-a nas mãos convulsas. O retrato tinha desaparecido. Uma bala perdida, batendo-lhe em cheio, estalara, desfizera o esmalte, e a imagem querida da pobre mãi apagara-se com a vida do último filho.

---

# O PRIOR DO HOSPITAL

# O Prior do Hospital

(SÉCULO XIV)

Ia já a declinar o sol, quando, a cavalo, cobertos de ferro, os mantões brancos batidos do vento das montanhas, os reis de Castela e de Portugal, à frente dos seus exércitos, assomaram ao alto da *Peña del Cierro*. Os cavalos escarvavam na rocha, que se fendia e talhava em fraguedos ásperos, quási a pique, debruçada sôbre a planície imensa. Um nevoeiro luminoso flutuava, suspenso sôbre os campos verdes, que se estendiam, lá baixo, até à linha sinuosa do Salado, espelhante de águas como uma solda de prata derramada; e para além do rio, ao sopé dos montes padrastos azulados de névoa, alastrando, formigando, negro de carriagem, faúlhante de armas, colorido de balsões, o longo, o interminável arraial dos moiros de Marrocos, de Fez e de Granada. Ia jogar-se uma cartada decisiva para a vida dos estados cristãos da Espanha. Ou a vitória sagrava as armas de Afonso IV e de Afonso XI, ou as cabildas de alárabes da África, irrompendo por Castela e Portugal, renovariam para os descendentes de Almofacem o destino glorioso da dinastia dos Omiadas. Os dois reis, erguidos nas estribeiras, ruivos e enormes sob os pesados lorigões de malha de Milão, os gocetes de ferro em pára-sol sôbre os olhos, a vista alongada até à névoa esfumada do mar, tinham

naquele momento, entre as suas mãos potentes, a sorte da Espanha cristã.

Era tarde já para dar batalha naquele dia. Os dois Afonsos desceram os fraguedos da *Peña del Ciervo,* arrepiaram caminho e, lentamente, curvados sôbre os cavalos, com a alma negra de dúvidas, entraram no arraial dos seus exércitos. Contra tamanha multidão de moiros, só Deus podia dar-lhes a vitória. Concertou-se que os castelhanos iriam, na lide, pela riba do mar, e os portugueses entre os montes e o campo. Tôda essa noite foi gasta orando e comungando nas mãos dos frades. O velho arcebispo de Braga, prelado e cavaleiro, o pluvial e o pálio cobrindo o ferro negro dos rebraços e dos avambraços, leu a bula de Benedito XII, que concedia indulgências plenárias. Era uma cruzada. Era a guerra santa. Um preságio de morte pesava sôbre o campo cristão. Ninguêm repousou. Ninguêm dormiu.

Ante-manhã, à hora de prima, quando já o céu clareava ao nascente, as longas de prata estrugiram os ares. Cavaleiros e freires das Ordens ergueram-se da terra húmida; apertaram-se à pressa sôbre os gibões de coiro, os fortes estarcões de malha; enfiaram-se os bracelões dos escudos; tropearam cavalos soltos; os capelos de ferro, armados de nazais aduncos, luziram ao clarão das fogueiras. Ainda na escuridão, armou-se um oratório; e diante dos exércitos cristãos já de azes tendidas para a batalha, frei Francisco, confessor do rei de Portugal, franciscano esguio, imenso, extático como um frade de Giotto, ergueu o cális de oiro no sacrifício da missa. Deus amparasse, por sua divina graça, os dois povos irmãos! Cavaleiros velhos, endurecidos na guerra, as barbas brancas sôbre as camalhas negras de ferro, soluçavam. Longínquo, o algarido dos moiros vinha até ao arraial. Uma névoa baixa, uma névoa fria adensava-se, flutuava, palpitava sôbre os palanques cristãos. — «Se-

nhor, porque ressurgiste ao terceiro dia, a tirar os que jaziam em trevas e em coita?» — «Porque recebeste morte para salvação da nossa alma, Senhor de misericórdia?» E as preces erguiam-se, em gemidos que mais pareciam uivos de dor, emquanto frei Francisco, diante do altar, pálido como uma aparição, batido já da claridade da manhã, abençoava para a morte, de braços estendidos, os cavaleiros de Deus. Então, seguido do prior de S. João de Jerusalêm e de três hospitalários, um clérigo apareceu à frente dos exércitos, vestido de sobrepeliz e montado numa mula branca, levantando nas mãos juntas uma grande cruz procissional de prata onde se encastoava uma relíquia do santo lenho. Era a vera-cruz do Marmelar, conduzida a Portugal, havia um século, pela piedade duns carmelitas descalços, — relíquia que o povo venerava e que o prior Álvaro Gonçalves Pereira trouxera consigo, em segrêdo, naquela jornada de Castela, para acompanhar a batalha como um aráuto de Deus. Á vista da cruz, os homens de pé, cujos piques lampejavam, os arqueiros, que já tendiam as avancordas das béstas, atiraram-se por terra em adoração; os cavaleiros, hirsutos de armas, curvaram-se, prostrados, sôbre o pescoço dos cavalos; na claridade do sol nascente, como um paládio sobrenatural que viesse proteger os exércitos cristãos, a cruz de prata resplandecia. Percorrendo as alas, a cavalo, junto do clérigo, o prior do Hospital, moço de trinta anos, o mantão vermelho da Ordem flutuando, a cruz branca de oito pontas sôbre a espádua direita, gritava, numa certeza de iluminado, estendendo os braços cobertos de ferro:

— «Cavaleiros de Deus, ide confiados à batalha! A graça da vera-cruz vos cobrirá!»

No arraial inimigo, altáncaras, atavaques, anafis, atamôres de cufa atroaram os ares. As algarunas moiriscas começaram a mover-se em som de guerra. Ao estridor

dos cobres e dos pelames percutidos, parecia que as próprias montanhas ruíam e se despedaçavam. Responderam do nosso campo as longas de prata, tocadas a plenos pulmões pelos trombeiros portugueses. Tinha chegado o momento da arrancada, — o instante supremo e formidável das batalhas. Os alferes dos exércitos cristãos, o loiro e gigantesco francês Hugo e o bravo D. Gonçalo Corrêa de Azevedo, erguendo os estandartes reais de Castela e de Portugal, fizeram o sinal da cruz, entoaram em voz alta o salmo: «*Exergat Deus et discipentur inimici ejus!*», — e atiraram-se, seguidos de tôda a massa da cavalaria. Um tropel vertiginoso, faùlhando nas pedras, rompendo a terra ao fragor de vinte mil ferraduras, avançou de encontro ao rio, os bacinetes luzindo ao sol, as lanças ferrolhando nos coxotes e nos avambraços, a faldra dos perpontes multicores às chicotadas no ar:

— «Santiago! Santiago!»

No repelão da carga, à frente, já a par das bandeiras reais, cortando o vento, o balsão de Cristo, branco e negro, palpitava como um estandarte de morte: o pendão

dos hospitalários, vermelho, abria no ar a sua cruz branca; os mantões coloridos dos cavaleiros das Ordens, — Cristo, Santiago, Aviz, S. João, Calatrava —, desfraldados, drapejavam, batiam, arquejavam, arfavam como asas colossais. Quando os cavaleiros cristãos, devorando terreno, chegaram a tiro de arco turquesco, uma nuvem alta de frechas e de virotões, calçados de aço, toldou o sol e mergulhou no campo. As azes dobradas dos árabes, longo formigueiro interminável, eriçadas de bandeiras verdes, negras, brancas, flutuantes de marlotas, lampejantes de armas, defendidas agora pela trincheira natural do rio, esperavam, em gritos bárbaros, o choque de ferro da cavalaria cristã. Deu-se o encontro em pleno vau, em plena água do Salado, que chapinhou, espadanou, espirrou sob as patas convulsas dos cavalos, batida dos pesados caparazões de ferro. Na multidão hirsuta dos granadinos, emalhados em fortes cotas, bracejando escudos de coiro, as pernas entaladas em caneleiras altas, o embate dos primeiros portugueses abriu uma clareira de sangue. Pedro Fernandes da Guerra, João Afonso de Albuquerque, o velho arcebispo de Braga, o mestre de Calatrava D. João Nunes, o mestre de Santiago Gil Fernandes, o prior do Hospital Álvaro Gonçalves, os primeiros a ferir na lide, empinados nas estribeiras como gigantes negros, os montantes apertados nas largas manoplas de ferro, talhavam, fendiam, devastavam, a destro e a sestro, a algara ululante dos moiros. Forçado o vau, vencido o rio, cujas aguas baixas espumavam sangue, a lide travou-se nos campos vastos, tropeando, escantilhando, uivando, entrechocando metais, confundindo os mantões alvos dos freires de Cristo com os zorames brancos dos zanetos e dos gomares, que assomavam, irrompiam, surgiam, cavalgavam, se multiplicavam a cada instante, magotes sôbre magotes, cabildas sôbre cabildas, em volta da cavalaria cristã.

O sol já ia alto. Pelejava-se desde a hora de prima. Os cavaleiros portugueses, extenuados, as espadas vermelhas até aos manípulos, combatiam sempre com novas algaras de árabes, que se refrescavam, e revezavam, e renovavam na lide. Diogo de Haro, já sem armas, a cabeça a escorrer sangue, descalçara as brafoneiras de ferro e dava com elas nos moiros. Um frade bento, a cavalo, vivo ainda por milagre, um crucifixo na mão, um molho de cordas no ar, fustigava às cegas. Os cavalos mortos coalhavam já a terra. As pesadas ferraduras batiam, tropeavam, num som cavo, sôbre arcaboiços de cadáver. O sangue tingia as ervas do campo. As azes moiras da cunha e do curral, frescas ainda, ferindo lume, caíram com fragor sôbre a cavalaria portuguesa. Os cristãos estavam perdidos. Atavaques moiros, ressoantes de coiro e de cobre, batiam já a vitória dos emires de Marrocos e de Granada. Nisto, o prior do Hospital, Álvaro Gonçalves Pereira, gigante da lide, as rédias nos dentes, as lágrimas nos olhos, relanceou o olhar em busca da vera-cruz. Não a viu. — «Deus poderoso, Deus vencedor, porque desamparas tu os teus cavaleiros? Porque faleces tu à cristandade, que vestiu a terra de igrejas por amor de ti?» E a galope, mordendo sangue e poeira, o prior, a caminho do arraial cristão, foi à busca da relíquia do santo lenho. Encontrou-a ao fim do campo, nas mãos do clérigo que tremia abrigado nos troncos de umas carvalheiras; tomou-a nos braços depois de a beijar; e envolto no seu manto vermelho, a cruz de prata erguida a resplandecer ao sol, atirou-se, como um leão bravo, para o meio dos inimigos:

— «Santiago! Santiago, pela vera-cruz!»

Abriu-se no campo de batalha um rasto luminoso. Perante aquele gigante vermelho, que bradava e resplandecia, os árabes, por um momento, recuaram de assombro; nos cavaleiros cristãos, extenuados, estropiados,

prestes a deixarem-se matar para acabar mais depressa, cresceu uma alma nova; e olhando a relíquia, iluminados de fé, possessos de extermínio, como se uma legião invisível de arcanjos combatesse por êles, caíram como feras sôbre os moiros, numa arrancada brava, um para dez, um para vinte, tresmalhando, dispersando, ensangüentando, despedaçando. Um momento mais, — e diante dos cavaleiros portugueses, os magotes de Granada, scintilantes de aço, e as cabildas tumultuosas de Fez e de Marrocos, fugiam, grunhindo, como manadas de porcos espantados pela tempestade. No alto de um cêrro, o velho Almofacem, arrancando as barbas brancas e batendo punhadas na cabeça, chorava a perda dos seus exércitos. O rei de Granada fugira, trôpego, arrastando nas pedras os borzeguins de coiro doirado. A perseguição começou.

Daí a pouco, sôbre os cavalos ensangüentados, os reis de Portugal e de Castela, depois de ajoelhar e de louvar a Deus, entravam no arraial dos sarracenos, abandonado, com toda a carriagem e com récuas de azêmolas carregadas de riquezas, à pilhagem sagrada dos cristãos. Desenfardados por vinte bèsteiros robustos, começaram a surgir, aos olhos de portugueses e de castelhanos, empilhados, faùlhando ao sol, os gomis e as almaraias de oiro, as sedas preciosas de Alméria e de Murça, os in-

censários persas estrelados de jóias, os tirazes de Granada tecidos de oiro e de côres, todo o espólio da batalha chamejante de maravilhas. Afonso XI, negro de terra e de poeira, olhando as riquezas que a bula do papa Benedito XII punha legítimamente nas mãos dos vencedores, pediu ao rei de Portugal, alma da vitória, que fôsse o primeiro, com os seus fidalgos, a escolher a parte que lhe cabia na presa. O velho Afonso IV sacudiu um gesto de negação. Trouxera-o a salvação da terra e da fé; nada queria para sí, mais do que a graça de Deus. Que os seus cavaleiros levassem o que lhes aprouvesse. Vendo que ninguêm se movia de entre os portugueses, nem um cavaleiro, nem um freire das Ordens, nem um bèsteiro sequer ou homem de pé, o rei de Portugal encarou no prior D. Álvaro, que conservava ainda, abraçada ao peito, a cruz de prata ensangüentada da batalha, e disse-lhe com brandura:

— Dom prior, fostes a alma da lide, escolhei o que quizerdes e Deus vos louvará.

Álvaro Gonçalves avançou; olhou em silêncio; e vendo entre os estofos e as jóias, os barnegais de oiro e as sedas do Oriente, um cendal de linho, pequeno como a palma da mão, tirou-o, enxugou com êle o sangue que maculava e tingia a vera-cruz e disse, encarando Afonso XI e apontando o espólio dos sarracenos:

— Guarde vossa mercê o que fica, senhor rei de Castela!

Álvaro Gonçalves Pereira, prior do Hospital, era o pai de Nun'Álvares.

---

# A CARTA DE ROMA

# A carta de Roma

(SÉCULO XVIII)

Nessa tarde, D. João V dava despacho ao secretário de Estado dos negócios estrangeiros, Sua Eminência o cardeal da Mota. Mas preveniu-o de que o despacho seria curto, porque já estavam a meter os urcos ao côche que devia levá-lo a Odivelas. E elegante, solene, rosado como um inglês, um pouco flácido já, os bucres da cabeleira de França escondendo-lhe as cicatrizes das escrófulas, o beiço austríaco pendente num geito de desdêm, a cruz de Cristo sôbre o brocado chamejante da véstia, o rei, calçando as suas largas luvas holandesas, entrou na câmara contígua à sala dos embaixadores, afundou-se entre os braços dum cadeirão de Flandres, e olhando distraidamente os panos de Arrás das paredes, onde três corpos nus de deusa, mordidos de oiro, esperavam o julgamento de Páris, preguntou ao cardeal secretário, na sua voz arrastada e fanhosa:

— O que há?

D. João da Mota, a murça vermelha sôbre o roquete de rendas, coxeando da sua fístula enorme tratada agora pelo médico das freiras do Louriçal, tomou um maço de papéis de sôbre o escritório de xarão preto, cujos topetes e ilhargas faúlhavam de talha doirada, e informou:

— Cartas de Inglaterra, de Viena de Áustria, da Holanda e de Roma, meu senhor. Veio também a *Gazeta de*

*Londres*, que mandou D. Luís da Cunha, e onde se fala de Vossa Magestade.

— Que diz a *Gazeta de Londres?*

— Que a magnificência de Vossa Magestade está fazendo esquecer a de Luís XIV.

— Adiante. E que mais?

— Que Portugal é um grande país.

D. João V teve um movimento de interêsse, levou à órbita o seu óculo de oiro, e inquiriu, estendendo a mão para as fôlhas impressas:

— Diz aí que Portugal é um grande país?

— Aqui, meu senhor, — indicou o cardeal, mostrando-lhe quatro linhas marcadas a tinta de rúbrica.

— Diz a verdade a *Gazeta de Londres*. Quero que se mande a D. Luís da Cunha um presente de loiça do Japão, igual ao que se deu ao núncio. Está fazendo bem o seu lugar. Que há da Holanda?

— O conde de Tarouca beija as mãos de Vossa Magestade e diz que embarcaram já numa nau de guerra holandesa as açafatas alemãs que veem para Sua Magestade a Rainha.

— Mande avisar o desembargador Brochado. Se forem tão feias como as outras, não valia a pena mandá-las vir de tão longe. E que há de Viena de Áustria?

— De Viena... de Viena...

O cardeal da Mota, batido agora do sol que entrava pelas largas janelas do Paço da Ribeira, o solidéu vermelho a topetar a cabeça grisalha, o perfil sêco de moeda romana crispando-se sôbre uma volta de cambraia gomada, a cruz peitoral bisantina que lhe mandara Benedito XIII abrindo os duplos braços de oiro na sêda vermelha da murça, revolvia papéis, procurava cartas, tomava notas curvado sôbre o escritório de xarão.

— De Viena de Áustria. Cá está. Diz Sebastião José de Carvalho que o bispo e os diáconos gregos podem vir

a Lisboa para cantar o Evangelho em grego no pontifical, como Vossa Magestade deseja. Mas o bispo pede já dez mil cruzados de ajudas de custo.

— Que lhe parece, cardeal?

— Parece-me que pede muito, meu senhor.

— Mande-lhe dar o dôbro. E de Roma?

— Veio carta de André de Melo e Castro. Trata de vários negócios que Vossa Magestade se dignará apreciar com individuação. Em primeiro lugar, pede para o seu estribeiro francês, de Bellebat, a mercê do hábito de Cristo.

— Ouça a Mesa da Consciência e Ordens.

— Em seguida, diz que o cardeal Otoboni está desgostoso porque Vossa Magestade mandou araras e papagaios ao cardeal secretário Barberini e se esqueceu de lhos mandar a êle, que é o cardeal pretector de Portugal. Parece-me que esta respeitosa razão merece ser atendida por Vossa Magestade.

— E onde tenho eu mais papagaios para mandar ao cardeal Otoboni?

— Podem ir aqueles que Vossa Magestade deu o mez passado ás freiras de Sant'Ana.

— Deus me livre! Papagaios que estiveram um mês com freiras, que iriam êles dizer para Roma! Adiante.

— Diz ainda André de Melo e Castro que tem encontrado dificuldades no negócio das cáligas doiradas para os principais da Patriarcal, e pregunta se Vossa Magestade se contentaria com os chapéus vermelhos e as meias cardinalícias. Também lhe parece que o título de Alteza Serenissima para o cardeal Patriarca seria difícil de obter da cúria romana...

— Difícil?

D. João V mordeu o beiço, carregou os sobrolhos, vincou duas rugas na testa alta, tornada mais alta ainda pelo bordefronte da cabeleira de França, e repetiu:

— Difícil? Diga a André de Melo e Castro que eu não tenho embaixadores, nem residentes, nem enviados extraordinários, para que se permitam achar difícil aquilo que eu desejo! Se Roma se vende caro, — que a compre caro! Que atire o oiro às mãos cheias a êsses cafres dos italianos, e quando já não tiver a quem o dar, — que o deite ao Tibre! Quero que os meus ministros sejam espelhos da minha grandeza, — e não procuradores dum monarca arruinado! Diga Vossa Eminência isto a André de Melo, e não se esqueça de acrescentar, por sua conta, que o rei de Portugal perdoa tudo aos seus embaixadores, — menos a avareza e a mesquinharia! — Que há mais de Roma?

O cardeal tomou nota, imperturbável, a pluma branca de ganso a tremer-lhe na mão, e continuou:

— Há agora o caso do cónego Lázaro Leitão Aranha, que me parece sôbre modo grave e escandaloso, e para o qual peço a atenção de Vossa Magestade.

O rei abateu o óculo de oiro sôbre a seda aleonada da casaca e arreganhou o lábio, interrogativamente:

— Do cónego Lázaro Leitão Aranha?

— Aquele cónego rico da Sé de Lisboa, que andava sempre metido com cómicas e que Vossa Magestade nomeou agente de negócios em Roma.

— Ah, sim. Lazaro Leitão. E que fez êle?

O cardeal ia ler as quatro extensas páginas do ofício reservado de André de Melo, quando frei Gaspar da Encarnação, com a sua estamenha e as suas sandálias de varatojano, afastou a guarda-porta de Arrás, entrou, e quási sem mover a face fina e nobre onde se adivinhava, mal rapada, uma barba que pungia loira, preveniu familiarmente o rei de que o côche estava engatado, de que o médico esperava na sala dos embaixadores e de que já era tempo de partir para Odivelas. Um relógio, sôbre uma credência doirada, bateu os minuetes das três horas. Pelas largas janelas abertas via-se o Tejo espelhando, lampejando ao sol, como coalhado de tostões e cobras de prata, — e em frente, fundeada, macissa, enorme, pesada de artilharia, hirsuta de mastros, a última nau dos quintos, que chegara. O rei levantou-se, segurou com a ponta do dedo uma môsca sôlta de tafetá, tomou o seu bastão de punho de Limoges e preguntou ao cardeal, que se preparava ainda para ler:

— É de urgência o caso de Lázaro Leitão?

— É um negócio de saias, meu senhor.

— Um negócio de saias? — repetiu D. João V, cuja máscara flácida se iluminou.

E afundando-se outra vez na larga cadeira de Flandres, poisou o bastão, passeou vagamente os olhos pelos três corpos brancos de deusa, que palpitavam numa névoa de oiro sôbre o fundo verde das tapeçarias de Arrás, e disse, sorrindo, para o seu grande amigo do Varatojo:

— Os negócios de saias são sempre urgentes, frei Gaspar. O côche que espere e o médico que entre.

O cardeal da Mota, embrulhado já na sua grande capa vermelha, dispensou-se de fazer uma leitura que seria demasiado longa: e emquanto o magro doutor Bernardes, resmungando, mal humorado, de casaca negra e cabeleira de nós, a fita de Cristo ao pescoço, tacteava o pulso do rei a ver se Sua Magestade estava em condições de poder fatigar-se em Odivelas, o cardeal foi resumindo as informações prolixas do enviado extraordinário André de Melo e Castro acêrca do escandaloso caso do cónego Lázaro Leitão Aranha. Na opinião de João da Mota e Silva, tratava-se dum assunto grave que exigia um procedimento rigoroso e imediato. A carta de Roma não admitia dúvidas sôbre os factos.

O cardeal secretário Barberini, purpurado elegante e sumptuoso, sibarita e devasso, tinha consigo em Roma uma amante, veneziana escultural, talvez a mais bela mulher de toda a Itália, olhos negros e metálicos picados de manchas azuis, cabelos fulvos de sol onde dormia ainda todo o vício de Aretino e toda a côr de Veroneso, seios de maravilha por onde dois ourives de Florença tinham modelado um cális de oiro para a missa do Papa e sôbre cuja polpa branca, luminosa e firme, o conde de Froullay, embaixador de França, lançara um dia, doido de amor, a fita azul do «Espírito Santo». Chamava-se Zabetta Gossi. No meio das *zentildonne* de Veneza, das Sílvias e das Filis, das Ninas e das Ninetas que Rosalba pintou, que Pietro Longhi descreveu atravessando os jardins doirados da Zuécca e de S. Biaggio, a meia máscara de veludo, o tricórnio à banda, e em cuja alma passavam notas agudas do riso de Colombina, farrapos multicores do manto de Arlequim, — ela era a beleza clássica, o ritmo lento, a estátua antiga que aparecera um dia, no pátio dos Doges, disfarçada de Venus de Médicis, e

cujos braços esbeltos pojavam a airosa musculatura, fortes como os das *Graças* de Rafael. Passara de mão em mão, como uma jóia. Tivera, como todas as cortezãs venezianas, um preço inverosímil. O abade Lorenzo da Ponte dizia que era mais caro beijá-la do que construir um palácio; o opulento Estêvão Bórgia, que a possuíra antes do cardeal Barberini, chamava-lhe «a sanguessuga»; a sua beleza devastara Roma como uma tempestade; mas o poder do cardeal secretário era tão grande, tão extraordinário o seu prestígio, que ninguêm se atrevia agora, sequer, a levantar os olhos para Zabetta Gossi. Pois bem: o que ninguêm ousava, fizera-o o cónego Lázaro Leitão Aranha, agente de negócios de Portugal, perante o assombro e o escándalo de toda a cúria pontifícia, cortejando Zabetta, passeando de cabelos perfumados e espadim por debaixo das suas janelas, seguindo-a de cóche doirado pelas ruas de Roma, dirigindo-lhe propostas amorosas com manifesto menosprêzo do estado eclesiástico e das mais elementares conveniências de ordem política.

— Pelo que André de Melo e Castro propõe a Vossa Magestade — concluiu o cardeal da Mota — que o agente de negócios Lázaro Leitão seja mandado sair imediata-

mente de Roma, chamado a Portugal e repreendido com severidade.

— De modo nenhum!

— Como assim, meu senhor?

— De modo nenhum! — repetiu D. João V. — Eu não vou castigar um português, porque deu o espectáculo grandioso de se apaixonar pela mais bela e pela mais cara mulher da Itália! É assim que eu quero que os meus embaixadores me sirvam! É assim que se serve Portugal com grandeza e com honra, lá fora! São êstes ministros que fazem grandes os grandes reis! Mande dizer a Lázaro Leitão Aranha que estou contente com o seu serviço.

— Vão ser cumpridas as ordens de Vossa Magestade. Entretanto, meu senhor — ousou o cardeal da Mota, no seu sorriso tranqùilo — devo informar ainda Vossa Magestade de algumas particularidades interessantes. O cardeal Barberini soube que o cónego português convidara Zabetta Gossi a ir a sua casa, e aconselhou-a a que pedisse a Lázaro Leitão, que é rico como um mercador judeu da Haya, quarenta mil cruzados por uma noite de amor.

— Lázaro Leitão deu-os imediatamente, não é assim? — interrogou D. João V, com os olhos brilhantes.

— Não, meu senhor. Lázaro Leitão achou caro, — e recusou.

O rei levantou-se, de súbito:

— Recusou? André de Melo diz que Lázaro Leitão recusou?

— Veja Vossa Magestade: «O cónego acobardou-se com o preço, achou caro e desistiu da empreza que começara com tamanho escândalo»; — são as palavras da carta de Roma.

— Já! — rugiu o rei, brandindo o seu bastão de Limoges. — Ordem expressa a André de Melo! Que o cónego Lázaro Leitão regresse imediatamente a Portugal, sem

se despedir da cúria romana, e, logo que chegue, que o metam no Aljube! Recusou quarenta mil cruzados à mais bela mulher da Itália: não é um português!

E D. João V, solènemente, seguido da estamenha de frei Gaspar da Encarnação e da casaca negra do médico Bernardes, atravessou as salas do palácio, desceu as escadas entre as alabardas dos tudescos, e, bamboleado na sua berlinda doirada, seguiu a caminho de Odivelas.

---

# OS DOUTORES DE PORTUGAL

# Os doutores de Portugal

(SÉCULO XV)

Pouco antes de morrer, o papa Martinho V convocara para Basiléa um concílio geral. Pela renúncia de Gregório XII, feito cardeal bispo do Porto, e pela deposição dessas duas sombras pontifícias que foram Bento XIII e João XXIII, o concílio de Constança extirpara o schisma do ocidente; mas deixara o schisma grego, a heresia hussista, toda a indisciplina bárbara do clero do século XV. Era preciso extingui-los num novo concílio ecuménico, confirmando a fé e reformando a Igreja. Mas Martinho V, no seu leito de morte, rodeado de capelos vermelhos, estendendo a mão esquelética para a copa de oiro de *magister Petrus*, — só teve tempo para pronunciar o nome do purpurado que devia presidir ao futuro sínodo geral: o cardeal Juliano Cesarini. Já o concílio estava reunido em Basiléa, quando o sucessor de Martinho, Eugénio IV, obra prima da intriga romana e da astúcia consistorial, suspeitando do Cardeal Juliano e do dominicano João de Rugusa, seus delegados, e sabendo que os padres pretendiam renovar as decretais de Constança atentatórias do poder pontifício, antecipou-se no repto, cercou-se dos seus doutores, e expediu a bula que suspendia o concílio de Basiléa e convocava novo capítulo sinodal para Bo-

lonha. O concílio respondeu numa encíclica em que se declarava legítimamente constituído, como representante da Igreja universal, e intimava o papa a revogar a bula suspensória. Eugénio IV fulminou a excomunhão papal sôbre o concílio, — e debaixo de pálio, montado numa mula gualdrapada de vermelho, abraçado a um evangeliário bisantino, seguido de uma onda de bispos e de cardeais, abalou pela noite a caminho de Bolonha. Estava travada a luta entre o concílio de Basiléa e o pontífice romano, — luta de gigantes que atravessou, como uma convulsão, o pontificado de Eugénio IV, imenso baixo relêvo de batalha, eriçado de báculos, em cujo

primeiro plano vão surgir as figuras enérgicas e duras dos bispos e dos doutores de Portugal.

No mais aceso da pugna, quando o poder papal e o poder ecuménico se entre-fulminavam, e precisamente no dia em que o papa Eugénio, uivando impropérios e invocando o diabo, ouvia ler a última encíclica de Basiléa que o mandava comparecer perante o concílio para ser julgado de rebelião, — um monge camáldulo veio declarar no palácio da Potestade, perante o notário da cúria pontifícia, que Nicolau de Cusa, deão de S. Florino, mestre de cánones em Pádua, a alma danada do concílio de Basiléa, o mais formidável inimigo da inviolabilidade do poder papal, estava em Bolonha e pedia para ser recebido pelo papa em consistório de cardeais. Eugénio IV, espantado da audácia e contente da vitória, — consentiu. Ia ter ali, na sua frente, reduzida a uma sombra, a maior fôrça do concílio rebelde, o homem que conduzia multidões como rebanhos, cuja sciência, assombrando universidades, sínodos e claustros, lhe merecera o nome de *decretorum doctor*, e em cuja palavra ardente e devastadora ganhavam, dia a dia, uma vida nova as doutrinas revolucionárias e anti-romanas do cardeal Petrus de Aliaco. O lobo descera ao povoado. Iam medir-se, um pelo outro, os dois gigantes. Diante da tríplice coroa de Urbano V, expressão do dogma inflexível, surgia mais uma vez, sedento de análise e de liberdade, o pensamento humano. Que vinha fazer a Bolonha Nicolau de Cusa? Submeter-se, — êle, que tinha atrás de si as mitras rebeldes de metade do mundo e as armas traiçoeiras do duque de Milão? Atacar, — quando se entregava, sòsinho, nas mãos do inimigo? Ou apenas tentar um golpe de audácia, confiado na fôrça dominadora da sua palavra potente, que, no dizer dos bispos, era capaz de mover rochedos como as ondas bravas do mar? Junto de Eugénio IV, em Bolonha, havia ainda bispos, abades, douto-

res, príncipes temporais que se mantinham fiéis ao papa e que não viam, no concílio condenado, senão a rebelião e o schisma. Confiaria tanto Nicolau de Cusa no poder da sua eloqüência e na fôrça da sua razão, que se julgasse capaz, êle, sòsinho, de isolar o pontífice, arrastando-os consigo a Basiléa?

Fôsse como fôsse, três dias depois, o consistório dos cardeais e todos os doutores e prelados estranhos, aparentemente fiéis ao papa, reuniam-se na colossal igreja de S. Petrónio para receber o embaixador do concílio rebelde. Em construção desde 1390—havia quarenta e quatro anos—erguida no ar, em nervuras góticas de abóbada, pelo génio maravilhoso de António de Vicenzo, a imensa basílica, que a orgulhosa Bolonha quis fazer a maior do mundo, abraçada pelo esqueleto oscilante dos andaimes, minada de alvanéis que, como formigas, lhe trabalhavam as arestas doiradas da pedra, parecia conter na sua própria grandeza, na vertigem dos seus coruchéus incompletos, no gesto alado das suas gárgulas monstruosas, na audácia dos seus botaréus gigantescos atirados em atitudes humanas de encontro à muralha, a ameaça formidável de que cinco longos séculos não seriam bastantes para a terminar. Em redor da igreja, como um burgo improvisado que se aconchegasse à volta de uma catedral, crescia a colmeia vasta dos obreiros, na maior parte lombardos: empilhavam-se, alastravam materiais de construção,—as fortes madeiras da Holanda, já ardidas do sol, a mancha ruiva dos tijolos de Aragão, as placas de chumbo luzente que haviam de revestir a armadura de castanho dos telhados da ábside, o barro vermelho cozido das telhas borgonhesas, a pesada silharia branca de Itália, trazida, havia dezenas de anos, por jugos de bois silenciosos. Livres de andaimes, na imensa fábrica da igreja, só havia a porta do oriente, cuja pedra Jacopo della Quercia acabara de povoar de baldaqui-

nos e de imagens, — e, dentro, a longa nave central que as altas galerias do trifório coroavam, e onde duas intermináveis arquibancadas, lançadas do portal ao transepto e voltadas uma para a outra como as estalas de um côro enorme, aguardavam naquele dia, cobertas com os seus bancais de brocado de oiro, os purpurados do sacro-colégio e os bispos, abades e doutores estrangeiros.

Quando o papa entrou na basílica de S. Petrónio, precedido da dupla cruz que um sub-diácono erguia nas mãos juntas, todos os sinos de Bolonha repicaram. Era um velho ósseo, pálido, longo como um evagelista de Perugino, olhando de revés, a barba branca a lamber o pluvial numa onda revôlta de prata oleosa, os três dedos apostólicos levantando no ar um gesto confuso de bênção. Ouvida a missa do Espírito Santo, assentou-se a meio da arquibancada do lado do Evangelho, sôbre uma sédia abacial mais alta, os pés crucigiados de oiro, um capelo vermelho modelando-lhe o crânio até à nuca. Dum lado e doutro do pontífice tomaram assento os cardeais, longa mancha de púrpura, imóvel, uniforme, onde só as faces brancas, rugosas, devastadas, se agitavam numa inquietação crescente. Á bancada fronteira subiram, agrupando-se em cúrias conforme as nações, os bispos gregos, hirsutos, embrulhados em pluviais de oiro coloridos de icones bisantinos; Tomás de Sarzano, bispo de Bolonha, glabro e mitrado; o arcebispo Nicolau de Palermo, em cujo pálio de lan branca bracejavam cinco cruzes negras; o dominicano João Turrecremata, sangüíneo, brutal, de braços cruzados sôbre o escapulário preto; o taciturno João de Tarento; doutores vermelhos de Montpellier; abades bentos, mergulhados na sua cogula parda; deões, dignidades, camáldulos, bernardos, brunos, antonitas, cruzes peitorais mordendo o burel dos hábitos, faces pálidas pendidas sôbre dalmáticas exauradas, — e além, ao fundo, no extremo da arquibancada

da Epístola, no ínfimo lugar, isolados, esquecidos, empurrados, apagados, os pescoços nus, os cabelos negros, as faces escuras e crestadas do sol e do mar do ocidente, — os portugueses.

Uma chapada de sol, entrando pelo esqueleto de pedra dos arcos do transepto, descobertos ainda de abóbada e cortados de bailéus, batia-lhes em cheio. Eram seis: o conde de Ourêm, na sua opa de veludo roxo, o cabelo inculto, a máscara dura; D. Antão, bispo do Pôrto, mais tarde cardeal, olhos ardentes, barba negra pungindo numa face de berbere; Frei Gil de Tavira, da ordem de Santo Agostinho, a quem Martinho V, no concílio de Constança, chamou «famosíssimo doutor»; o provincial de S. Domingos, trigueiro, cachaço de toiro e olhos de pomba; o doutor Vasco Fernandes de Lucena, cujas mãos pálidas folheavam apressadamente umas decretais, — e no último lugar, ao fim do arquibanco, embrulhada na sua murça vermelha de doutor *in utroque jure*, uma múmia encolhida, flácida, pequena, rugosa, quási sem sexo, quási sem raça, quási sem idade, espécie de bicho de seda que tivesse enfiado um capelo de Bolonha: o doutor Diegafonso Mangaancha. Tal era o auditório que o pontífice romano oferecia a Nicolau de Cusa, a alma danada, o pensamento ardente do concílio rebelde, quási sagrado papa em Basiléa, e que a mais assombrosa das audácias trazia, sòsinho, frente a frente dos seus próprios inimigos.

A entrada do deão Nicolau, que dois diáconos seguiam, a mancha vermelha dos cardeais oscilou, inquieta; Eugénio IV, a mão descarnada poisando sôbre a fíbula de oiro do pluvial, olhou o intruso de revés; nos bancos fronteiros, bispos, arcebispos e abades avançaram rudemente a cabeça mitrada, num gesto de espectativa e de interrogação. Nicolau de Cusa, que já ao tempo escrevera a sua obra admirável, *De concordia catholica*, e cujo

prestígio na Igreja e nos claustros universitários ninguêm sequer ousava contestar, — devia ter então trinta e cinco anos. Tudo nêle era grandioso, — a começar na própria estatura. Nos seus hombros de colosso, o velo da murça, amarelado e bárbaro, dava a impressão duma pele de fera sôbre um torso de Hércules. Avançou, de cabeça erguida, expressão dura, passo firme. Ajoelhou um momento perante a cruz que o sub-diácono erguia em frente do papa; percorreu com o olhar o consistório; ganhou o banco de escriba que lhe era destinado, e abrindo sôbre o facistol um rôlo de pergaminho donde pendiam selos de cera vermelha, exclamou numa voz potente, que encheu a arquinave e reboou como um trovão:

— Aqui vos trago, meus padres, as actas e as decretais de Basiléa.

Os marrões de ferro dos alvanéis tinham emudecido. As respirações estavam suspensas. O próprio vento, que assobiava no esqueleto nu dos arcos da ábside, amainara. No meio do mais profundo silêncio, o deão Nicolau leu os decretos aprovados, que afirmavam o concílio legalmente constituído, *universalem ecclesiam representans*, sagrado, inviolável e indissolúvel pelo pontífice; que declaravam o papa inferior aos concílios ecuménicos, quanto ao dogma e à extinção do schisma, podendo ser julgado e deposto por êles; que atribuíam exclusivamente aos concílios e sínodos o direito de promulgar decretos gerais; que contestavam às determinações pontifícias a fôrça de leis, excepto quando universalmente admitidas e aceitas; e que, renovando todos os cánones revolucionários do concílio de Constança, reduziam a uma sombra o poder de Roma e o papa a um farrapo. Quando acabou de os ler, perante o assombro do consistório, Nicolau de Cusa explicou ao que vinha. Os decretos de Basiléa eram aqueles. Ou eram bons e conformes à necessidade de extinguir o schisma e de reformar a Igreja; ou eram

maus, funestos à fé e ditados pelo espírito da heresia e da rebelião. Se eram bons, o próprio papa e todos os cardeais, bispos e doutores presentes deviam, para bem da Igreja, aceitá-los e confirmá-los. Se eram maus, — que os impugnassem, que os atacassem, que os discutissem. Êle ali estava, sòsinho, mas forte na sua convicção, para responder a todos ou a qualquer dêles, — bispo ou doutor, abade ou cardeal. Se vivia na treva e no êrro, que o esmagassem — e o iluminassem. A fé era só uma, só uma a verdade e Deus um só. Não havia duas verdades ou duas fés contrárias. Deus, ou estava em Bolonha, ou estava em Basiléa. Havia ali um rebelde: ou Eugénio IV, papa, ou Nicolau de Cusa, deão de S. Florino. Nenhum dos bispos e doutores presentes tivera a coragem de ir a Basiléa provar-lhe, perante os textos canónicos, que o rebelde era êle; vinha êle a Bolonha, demonstrar em consistório de cardeais e perante os bispos do mundo — que o rebelde era o papa.

Eugénio IV, como um espectro, tremia na cadeira abacial. O deão Nicolau calara-se, enorme, de pé, os braços cruzados sôbre a murça de pele de ovelha. Os cardeais, esmagados, encolhiam-se, sumiam-se na arquibancada. Defronte, pálidos de morte, entreolhavam-se, interrogavam-se em silêncio os prelados e os doutores. Nenhuma voz se erguia para responder a Nicolau de Cusa. Uma imensa cobardia coletiva pesava, como uma mão de ferro, sôbre todas as gargantas. Ninguêm se movia. Só ao fundo, no extremo do arquibanco, batidos do sol, escuros, os portugueses estavam de pé, como quem espera. Houve um momento ainda de silêncio e de angústia. O bispo do Pôrto, D. Antão, a barba negra, os olhos ardentes, raça de bispo cavaleiro curtido já nos areais de Ceuta, descalçou da mão direita a pesada luva episcopal de coiro vermelho, abotoada de chumbo, atirou-a, como uma pedra, aos pés do deão Nicolau, e ia

precipitar-se, de braços erguidos, para o estrangular. Não era com palavras que a sua tôrva bravura costumava responder a ultrajes. O conde de Ourêm e Frei Gil de Tavira atravessaram-se diante da cólera do bispo; e emquanto o agarravam pelo pluvial e o continham nos braços, em silêncio, — um dos doutores portugueses desceu do arquibanco, atravessou a nave e subiu ao púlpito.

Era Diegafonso Mangaancha, que ia responder a Nicolau de Cusa. Um murmúrio percorreu as bancadas. O papa abateu pesadamente sôbre a sédia profunda, a cabeça pendida, a barba branca enterrada no superhumeral de oiro. Pois quê? Era aquilo, aquela criatura minúscula, trémula, risível, brutesco de gárgula a que tivessem posto um capelo vermelho de doutor, que o consistório opunha ao gigantesco Nicolau de Cusa, grande em tudo, desde a eloqüência trovejante até à audácia demolidora? Era o sapo que havia de espantar o toiro? Era Sileno que havia de derrubar Hércules? Como queriam que um rude doutor do ocidente, criado numa terra bárbara, perturbasse sequer no seu orgulho impassível o maior orador e o maior mestre de cánones da Itália do século XV? Quando Diegafonso principiou a falar, no mais destro e culto latim, — houve ainda cardeais que sorriram. Mas, pouco a pouco, todas as cabeças se foram

erguendo com pasmo; o papa despertou do seu torpor; Nicolau de Cusa, atento, lançou mão rápida dos cánones do concílio. Começara a falar um homem. Do alto do púlpito, numa inesperada torrente de eloqüência, a figura acanhada e mesquinha do doutor português desdobrou-se, iluminou-se, alteou, cresceu em envergadura; já não era a múmia sonolenta que pendia: era uma fôrça avassaladora e potente, a transfiguração de um titan em cuja fronte passasse, num estremecimento luminoso, a alma de Gregório de Nanziana. Não; nunca os concílios tinham quebrantado a autoridade dos papas. Corresse êle, deão, as decretais dos antigos concílios ecuménicos, as decisões sinodais, de Nicéa a Bisâncio, de Efeso a Calcedónia: — onde estava o cânon que decretasse o concílio superior ao papa? Onde havia Igreja no mundo que pudesse governar-se por mil cabeças? Quem obedecia, — se todos governavam em todos? A doutrina da superioridade e da inviolabilidade dos concílios ecuménicos nascera com o schisma do ocidente; mas morrera com êle. Trouxera-a Pétrus de Aliaco, trouxera-a o *Tratatus de Potestate,* trouxera-a o doutor Nicolau de Clemengis, — quando três papas rompiam a unidade da Igreja; quando era preciso, para extirpar o schisma, que algum poder surgisse, superior ao poder papal. Agora, que a Igreja era uma, — porque estava êle, Nicolau de Cusa, criando um schisma novo? Que doutores lhe tinham ensinado a rebelião contra o vigário de Jesus Cristo? Penetrasse a alma dos velhos concílios, o *Nomocânon* de João Escolástico, a *Translatio* do bispo de Salónica, as *Decretais* de Santo Isidoro de Sevilha: onde vira êle que a heresia não era punida com a fogueira e com a morte?

— Em que claustro sois mestre, dom deão Nicolau? E o doutor português, a cada momento, parecia crescer no púlpito; a sua figura, iluminada como se uma auréola a envolvesse, era já tão grande, maior que Ni-

colau de Cusa; a cada palavra sua, que flagelava como um azorrague, que fulminava como um raio de extermínio, dir-se-ia que uma multidão imensa, uma multidão crispada de mãos invisíveis, rasgava, despedaçava, esfrangalhava a sotaina negra do deão. O papa, de pé, na sédia abacial, os braços estendidos, a expressão transfigurada, olhava o novo Agostinho. Os cardeais, vermelhos, erguidos na arquibancada, vibrantes da eloqüência comunicativa daquele doutor bárbaro, avançavam já para Nicolau de Cusa os punhos convulsos. Bispos e doutores, recobrando fôrça, uivavam agora contra o colosso, que abatera, prostrado, sôbre o banco do escriba. A mudez do pavor mudara-se, em todo o consistório, num brado de imprecação. Tripudiava-se sôbre a fera morta. O deão Nicolau, nobre até ao fim, agarrando as decretais de Basiléa na mão felpuda, quis levantar-se ainda contra o doutor português. Mas cem vozes cobriram a sua voz trovejante; o papa desceu da sédia; o consistório ergueu-se; bispos, arcebispos, abades, doutores, príncipes temporais arrancaram do púlpito Diegafonso que arquejava, com as lágrimas nos olhos, e levaram-no, envolto nas vestes doutorais, em triunfo pela arquinave. Basiléa estava morta. A palavra do doutor de Portugal, esmagando o deão Nicolau, consolidara o poder de Roma e trou-

xera ao seio pontifício a alma do concílio rebelde: Nicolau de Cusa, mais tarde cardeal e bispo de Brixen, foi, daí por diante, o mais sincero defensor das prerogativas papais.

— É então êste o maior doutor que teem os portugueses? — preguntou um purpurado, numa visagem de espanto, ao bispo D. Antão.

E o prelado do Pôrto, coberto do seu pluvial de oiro, calçando outra vez a luva vermelha que um clérigo levantara da nave, respondeu-lhe num assômo de orgulho:

— Dom cardeal, não. Os melhores doutores portugueses ficaram em Portugal!

---

# O TAMBOR

# O tambor

(SÉCULO XIX)

Mestre Brás, homem às direitas, ribatejano duro, achamboirado, braceiro, quadrado de hombros e aberto de coração, era, por volta de 1814, o ferrador de Manique do Intendente.

Seis anos antes, não havia ainda, por todo êsse Ribatejo, maior alegria, viola mais viçosa e mais bem sapateado fandango. Mas depois que o filho — o único filho que tinha — lhe abalara certa noite da terra, pela calada, sem um trouxo de roupa nem a cruz duma bênção, para seguir, com um tambor às costas, a leva de tropas que ia a caminho de França, — mestre Brás nunca mais foi o mesmo homem, deu em entristecer como se trouxesse a morte consigo, e emquanto a forja ardia, emquanto os cornozêlos de ferro se atarracavam nas bigornas e os cascos chamuscados das bêstas fumegavam, levava êle as tardes à porta da loja, sentado num banco, sem dar palavra, alheado, esquecido, um ferragoulo de saragoça pelos hombros, a cabeça ferrada no peito, um perdigueiro velho a lamber-lhe as mãos. Passavam na poeira da estrada as pesadas liteiras, a caminho de Lisboa, com os seus machos certeiros e choutões; os almocreves, praguejando, as pistolas aperradas, atrás das

recovagens; frades de jornada, sentados em mulas, com as sandálias às costas, cobertos de alforjes e de camândulas; azeméis de todos os oito dias, velhos amigos de vinte anos, lenços encarnados atados à cabeça, récuas de azêmolas carregadas de baús.

— Eh, tio Brás! E novas do seu filho?

O velho levantava os olhos, como quem acorda, puxava o rebuço do capote para o pescoço entroncado e sangùíneo, e respondia, encolhendo os hombros:

— Sei lá, se é vivo ou morto!

Havia cinco anos contados que não chegavam ao ferrador notícias do filho. Depois da abalada do rapazote, com treze anos mal espigados ainda, loiro como o sol, vivo como a mãi que Deus tinha, — mestre Brás não recebera mais que três cartas dêle. Uma de Burgos, escrita em marcha, pedindo perdão, dizendo que estivera para desertar, ralado de saudades; outra de Baiona, doido de alegria, contando que vira o Imperador montado num cavalo branco, seguido de generais cobertos de oiro, a passar revista, a galope, às tropas portuguesas; a última, datada de 4 de julho de 1809, precisamente das vésperas de Wagram, escrita à noite, no bivaque, à luz das fogueiras, sôbre a pele do tambor, pedindo a bênção ao pai e dizendo-lhe que o seu regimento, ao amanhecer, entrava em fogo. Cada carta que chegava era um reboliço na forja, uma moeda para o recoveiro, um alarido na visinhança; vinha Manique em pêso à porta de mestre Brás; mas o ferrador não via ninguêm, não ouvia ninguêm, galgava ao sobrado, batia-lhes os ferrolhos na cara, metia-se na alcova com a sobrinha, dava-lhe a carta para as mãos, e emquanto a moça lia, de vagar, soletrando, — êle, que mal conhecia as letras, ouvia-a, seguia-a, arquejante, os olhos cravados no papel, preguntando tudo, inquirindo tudo, onde é que estava «meu senhor pai», onde é que estava «Napoleão», onde estava

a bênção que o filho lhe pedia de tão longe, e acabava, sacudido de soluços, a beijar a carta, a molhá-la de lágrimas, a repeti-la de cor, a morder as mãos para não gritar, que o ouvissem todos:

— Meu filho! Meu querido filho!

Mas depressa as cartas faltaram. O ferrador, em mangas de camisa, um gibão atacado de baetão vermelho, o avental de coiro atado às pernas, vinha para a porta de casa, ante-manhã, ainda com estrêlas no céu, esperar os almocreves de retôrno. Nunca havia carta. Volta e meia, mandava um moço à Azambuja, saber notícias. Também o Miguel, o filho do João Moirisca, lá tinha ido na legião, de correias às costas, a caminho de França. E o moço voltava, pendurado, coberto de poeira, a sacudir a cabeça, a rodar o chapeirão nas mãos chamuscadas: não havia no-

vas, há muito tempo, nem dum, nem doutro. Passaram-se semanas, meses, um ano, — e nada. Mestre Brás tirou-se dos seus cuidados, vestiu a niza de briche, atou umas moedas num lenço, saltou para o albardão de um macho — e foi até Lisboa. Lá, onde se sabia tudo, haviam de saber dar-lhe notícias do filho. Bateu a todas as portas, furou, acotovelou, indagou, galgou ao palácio da Regência, procurou Beresford no Calhariz, e enxotado de toda a parte, recebido afinal em Xabregas pelo marquês de Olhão, que teve dó dêle, só poude saber que a legião portuguesa, «malta de vendidos e de traidores», como lhe chamava o povo de Lisboa, tinha feito a campanha da Áustria e estava de guarnição em Paris. Do filho, se era morto ou vivo, ninguêm lhe dera notícias. Sabia-se lá quem era o filho de mestre Brás, ferrador na Arrifana! E o pobre velho voltou, com a morte na alma, sentado no seu albardão moirisco, um barrete de orelhas na cabeça, Ribatejo acima.

Quando lhe disseram que um novo exército francês, comandado pelo melhor general de Napoleão, talando campos, incendiando aldeias e conventos, entrara em Portugal, e que nesse exército vinham portugueses, — um assômo de esperança, feito de todo o santo egoísmo do amor de pai, crésceu no coração de mestre Brás. E se lá viesse tambem o seu filho? Massena descera de Coimbra, como um vendaval, devastando tudo na sua passagem: o clarão das searas abrazadas e dos pinhais incendiados já se via, do alto do palácio do Intendente, irrompendo por detrás das montanhas; respirava-se pelos campos, penetrava nas casas um cheiro acre de resina queimada, — e os moços da forja, à noite, em cima dos telhados, mostravam a mestre Brás as faúlhas, batidas do vento, que vinham já sôbre a povoação indefeza. Bem se importava êle, o velho ferrador, que tudo ardesse, — se o incêndio lhe trazia o filho!

E quando já todos fugiam, a caminho de Lisboa, atulhando baús, enterrando pratas, carregando azêmolas, levando os filhos e o gado, — mestre Brás entregou a sobrinha a umas visinhas, enxalmou-se num capote, deitou uma manta às costas, foi ao encontro do exército invasor, rebolou num valado às coronhadas das primeiras vedetas, deixou-se ficar, açapado, como morto, a cara numa posta de sangue, sentiu junto da sua cabeça o tropel de todos os esquadrões, o rodar de toda a artilharia, e quando o grosso do exército já tinha passado e êle ia a levantar a cabeça e a olhar a estrada, uma voz, perto, ordenou:

— Vê se êsse homem está morto.

Mestre Brás sentiu-se sacudido pela mão brutal de uma ordenança. Ergueu os olhos: eram dois oficiais portugueses que acompanhavam o exército de Massena, e que ao ver aquele farrapo de saragoça e de sangue atirado às patas dos cavalos, a preguntar por um tambor da legião portuguesa que era seu filho, sorriram, disseram-lhe que da legião só tinham vindo oficiais, e, picando de esporas, o schapska coberto de oiro faiscando ao sol, seguiram a galope, na poeira branca da estrada.

Pouco tempo depois, o exército francês de Ney e de Massena recuava perante as colossais linhas de Torres; a retirada começou; tornaram, em bandos, as populações fugitivas do Ribatejo; desaferrolharam-se as casas, principiou o trabalho, — e ao clarão da forja de mestre Brás, outra vez acesa, voltaram a retinir, batidos nas bigornas, os rompões dos canêlos de ferro, a cantar os moços dentro dos seus aventais de sola, a tilintar, sacudidas, as esquilas alegres das mudas de liteira. Mas agora, o velho ferrador já não trabalhava. Levava as tardes à porta, com o perdigueiro, dormitando, e as manhãs fechado no sobrado, em cima, atirado sôbre um baú, a arquejar de soluços, a repetir de cor, como uma oração,

as três cartas do filho. Amor de pai, — que tudo o mais é ar! Um dia, quando lhe levava o almoço, a sobrinha espreitou à porta; viu-o sentado na cama, com um corno de pólvora ao pé, carregando de quartos e fazendo a escorva a uma escopeta velha; entrou na alcova, assustada, a gritar; mestre Brás afagou-a, meteu a arma ao canto dum armário e avisou, tranqùilo:

— No dia em que me disserem que o meu filho morreu, despejo aquela clavina na cabeça!

Passou-se tempo. Finalmente, a 12 de abril de 1814, Napoleão abdicou. Os restos da legião portuguesa, aquartelados em Bruges, esperavam ordens. *O petit corse aux cheveux plats,* que fizera pesar o seu bicórnio preto sôbre os destinos da Europa, caíra perante a fadiga formidável da França e perante a intriga apostólica de Maeternich. A notícia voou pelo mundo. O conde de Redondo, a caminho de Lisboa, chamado à pressa pela Regência, parara a liteira à porta de mestre Brás; e emquanto os moços aliviavam do cornozelo os quartos passados dum macho, falara dos castigos de Deus e da queda de Napoleão. De novo um clarão de esperança assomou na alma do velho ferrador. Se Napoleão abdicara, que faziam em França os soldados portugueses? Que fazia lá o seu filho? Porque não os

mandavam para as suas terras? Para que queriam lá estrangeiros, amigos do hereje? E o pressentimento da volta do seu António já não o largava; crescia, arreigava-se mais a cada hora; ganhava-o todo; trasbordava-o de ternura; era já quási uma certeza,—a certeza luminosa de ir apertá-lo nos braços, admirar os seus vinte anos fortes e ardidos do sol, sentir-lhe o arcaboiço robusto, ver—êle, já acabado e velho!—o seu sangue, a sua raça, a sua bravura doutro tempo, a sua alegria volteira de estoira-vêrgas, a sua mocidade de brigão, renascendo, reflorindo, rebentando, palpitando no filho! E mestre Brás mandava fazer obras na loja e no sobrado, caiar paredes, ensamblar soalhos, bater-lhe a palha das enxêrgas, comprar-lhe uma barra nova a Santarêm,—como se êle já viesse a caminho, como se o tivesse ali, como se a sua mão pousasse já na aldraba de ferro da porta.

Uma bela manhã, estava o ferrador em cima, no sobrado, renovando, como de costume, a escorva da escopeta,—quando entrou na loja um rapaz alto, trigueiro, desempenado, um sombreiro espanhol derrubado sôbre os olhos, uma cicatriz na cara, um capote de estamenha cobrindo os restos duma niza parda de sargento:

—Mestre Brás?

—Lá em cima.

—Digam-lhe que está aqui o Miguel, da Azambuja, que chegou de França e que lhe traz notícias do filho.

Os moços da forja rodearam-no logo, medrosos, os olhos muito abertos, as manzorras chamuscadas postas na bôca, a impor silêncio. Que visse o que ia fazer. Se as novas eram más, se o rapaz tinha morrido, que não o dissesse ao velho. E esguelhando os olhos para cima, para a casa do mestre, os martelos nas mãos, as caras tisnadas, os moços contaram, baixinho, que êle tinha jurado e trejurado à sobrinha que na hora em que sou-

besse da morte do filho despejava uma escopeta nos miolos.

— Não tem dúvida, — sorriu o Miguel, derrubando a gola do capote. — Deixem-no comigo.

Mestre Brás sentiu parar o trabalho; assomou à porta, com a clavina na mão; conheceu o Miguel da Azambuja e atirou-se de escantilhão pela escaleira abaixo, uivando de braços abertos:

— O meu filho? Onde está o meu filho?

— Venho trazer-lhe novas dêle, mestre Brás!

— É vivo ou morto?

— Já vai para um mês que deixei a França. Numa hora se vive e se morre.

— Ficou lá?

— Ficou.

— A fazer o quê, numa terra estrangeira? Porque não veio abraçar o pai? Porque não o trouxeste tu, Miguel?

— Porque não pude, mestre Brás. Mas venho falar-lhe nêle. E assim Deus me dê a salvação, como é certo que vocemecê ha-de gostar de me ouvir!

O ferrador mandou um moço buscar dois pichéis de vinho, abraçou o rapaz, subiu com êle ao sobrado e fecharam-se ambos na alcova, — um rebaixo de telha-vã, caiado de novo, com o seu catre de castanho, o seu oratório, o seu painel da Virgem, um baú de sola, uma arca velha de roupa e um armário com drogas de alveitaria onde mestre Brás encostou a escopeta aperrada. Então, diante do pichel de estanho em que o vinho das cepas ribatejanas espumava em sangue vivo, o Miguel contou ao ferrador como lhe vira o filho em Salamanca, marchando, de tambor às costas, batido do sol quente da Espanha, à frente do 3 de infanteria; como arranjara passagem para o mesmo regimento do rapaz; as vezes que o desafiara, em Burgos e em Valhadolid, para deser-

tarem juntos; a alegria dêle, o entusiasmo dêle, quando o Imperador, embrulhado no seu capote cinzento, o sobrecenho carregado, a mão no peito da farda, seguido duma rajada de generais cobertos de oiro, — Murat, Bessières, Alorna, Pamplona,—passou a primeira revista às tropas da legião portuguesa; o baptismo de fogo de Saragoça, em que o pequeno tambor, os cabelos ao vento, a bôca negra de morder cartuchos, agarrado a uma espingarda maior do que êle, agüentara a fuzilaria, sorrindo.

— O meu filho?

— O seu filho, mestre Brás. E todos os portugueses! Vocemecê sabe lá, desde a Espanha até a êsse fim do mundo da Rússia, como a gente se cobriu de glória! Quando era preciso marchar e morrer,—lá iam, à frente, os portugueses! Negros, alegres, ardidos do sol, com as barretinas de peles chapeadas de cobre, as baionetas adiante dos olhos, faiscando nas cargas, — quantas vezes nós nos atirámos para a morte a cantar as cantigas da nossa terra! E o Imperador — juro-lhe, mestre Brás, por estas tres divisas! — já não via outra coisa senão os portugueses! — «Quem são aqueles carvoeiros que se batem como leões?» — preguntou êle em Wagram. E quando lhe disseram que era a legião, que eramos nós, o Imperador empinou-se nos estribos e gritou aos marechais: — «*Qu'on me ménage les portugais!*» Poupem-me os portugueses, que são os melhores soldados do mundo!

— Estava lá também o meu filho? — preguntou o ferrador, o pichel de estanho a tremer-lhe nas mãos, chorando e rindo.

— Estávamos todos, mestre Brás. A gente não largava o Imperador, — nem êle a nós. Quando dormia nos campos de batalha, e depois em Schœnbrunn, eram os portugueses que êle queria a guardá-lo, como se fôssem os seus veteranos de Itália. Quantas vezes, sósinho,

encostado à minha arma, no silêncio da noite, à luz das fogueiras,—eu velei o sono de Napoleão! Via-o ali, pela porta aconchegada dos casebres, entregue só à minha guarda, a dormir debaixo do seu capote cinzento, a luz a bater-lhe na cara; olhava para êle e para mim; considerava na grandeza que a minha espingarda humilde protegia,—e não era orgulho, mestre Brás, era ternura que me crescia cá dentro, e os olhos arrazavam-se-me de lágrimas, como se estivesse a velar o sono duma criança! Viessem duques, viessem marechais do Império, viesse Deus!—com um português ali, ninguêm lhe cruzava a porta; ia um passo à frente, a baioneta à cara: —«Passe de largo! Sua Magestade dorme!»

E diante do ferrador, que o olhava vibrando de comoção, os olhos rasos de água, Miguel contava agora as cargas gloriosas de Ebersdorf, faùlhantes de baionetas portuguesas; os horrores da retirada da Rússia, marcha interminável de farrapos, entre gelos eternos e aldeias devastadas; o frio, a fome, os cossacos, os olhos vermelhos de oftalmias, os festins de cavalos mortos, as revoadas negras de corvos crocitando sôbre a neve branca; mostrava-lhe, voltado para o sol que entrava de chapada pelo quarto, as cicatrizes que lhe cortavam o peito e a cara, uma sabrada em Wagram, uma baionetada em Smolensko, uma bala em Saragoça,—as divisas e o bastão de sargento em Moscow.

—Só me faltou morrer, mestre Brás, para ser feliz!

—E o meu filho?—insistia o ferrador, numa expressão ao mesmo tempo de angústia e de orgulho, a barbuna branca pungindo, os olhos brilhando na máscara curtida da forja.—Também foi ferido, o meu filho?

—O seu filho bateu-se como os outros! Cuida vocemecê que foram só os homens feitos, a arrancar como leões? Não! Também as crianças, também os clarins de onze e doze anos, que lá iam três na cavalaria do Loulé,

também os tambores, os pequenos tambores da legião, pouco maiores que as vaquetas que traziam, os tambores do tamanho do seu filho, mestre Brás, — que eram o

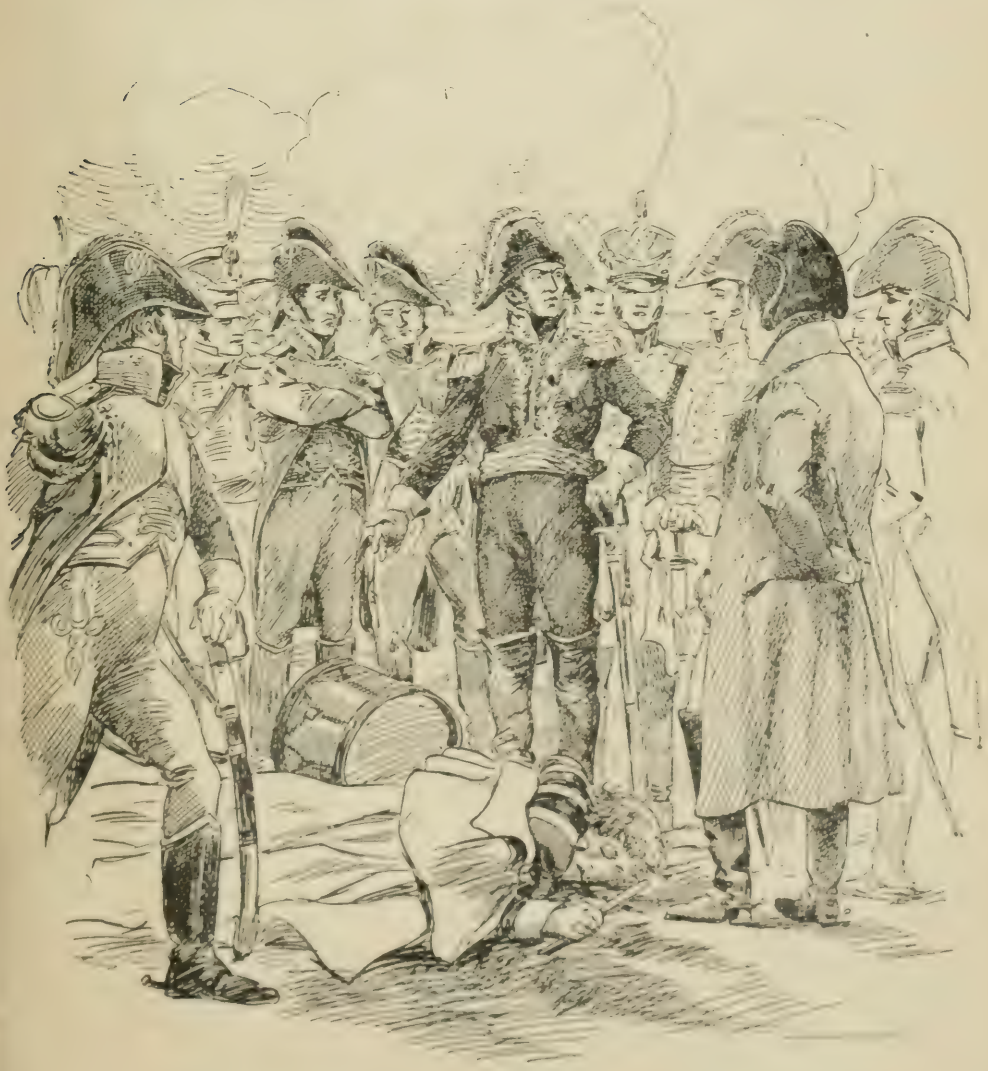
sorriso e a bravura dos regimentos, e que marchavam para a morte, batendo a carga, como quem vai para uma festa!

E emquanto, lá baixo, na loja, o fole da forja ron-

cava e os martelões de ferro retiniam nos rompões das ferraduras, o Miguel contou como um pequeno tambor da meia brigada do bravo coronel Pégo se tinha coberto de glória na véspera de Wagram. O corpo de exército do duque de Reggio, onde estava incorporada a legião portuguesa, passara o Danúbio, em pontes de barcos, debaixo dum céu negro de tempestade. A trovoada rugia; a artilharia atroava; pesadas cordas de água fustigavam, chicoteavam, assobiavam nos penachos vermelhos dos kaulbachs da Guarda, nos schakos enormes chapeados de cobre, nas baionetas que se alinhavam, lampejando, em colunas de batalhão, sôbre as massas escuras dos capotes. Um nevoeiro espêsso envolvia os granadeiros gigantescos e os galuchos imberbes de Oudinot; pesava sôbre os hussards, os dragões, os couraceiros de Davout, escalonados como serpentes de escamas de ferro; escondia a Guarda velha, brônzea, solene, eriçada de águias, batida sempre do vento impetuoso da glória.

O Imperador, rodeado do seu estado-maior, expedia ordens. Soavam clarins; tilintavam sabres nos estribos. De repente, já ante-manhã, das alturas de Rutzendorf, duas baterias austríacas, de emboscada, apoiadas nas tropas do arquiduque Carlos, romperam o fogo. Napoleão mandou a divisão de Oudinot desalojá-los e tomar a posição à baioneta. Mas o fogo de metralha, estoirando, abriu clareiras de sangue, varreu pelotões inteiros; as tropas do duque de Reggio, colunas espantadas de galuchos, fugiram, como pardais, — e os três batalhões portugueses, que ocupavam a retaguarda, pardos, compactos, serenos, encontraram-se frente a frente do inimigo. O fogo das baterias recrudesceu; clarões de inferno, coroando as cristas da posição, vomitavam metralha; quebrado o primeiro ímpeto, os batalhões, esfrangalhados, unidos ainda pela bravura do coronel Pégo e do valentíssimo Stwart, que os animavam, que lhes grita-

vam, que os sacudiam: — «Para a frente! para a frente!», — recusavam-se já a marchar, iam dispersar-se, desordenar-se, fugir. Então, o tenente-coronel Baltazar Ferreira Sarmento, erguido sôbre o cavalo, a espada no ar, apontou aos soldados estupefactos um pequeno tambor da legião, que indiferente ao perigo, os cabelos ao vento, o peito às balas, enorme na sua bravura, avan-



çava sòsinho, montanha acima, batendo a carga. Atrás daquela criança, que era um herói, os batalhões, negros de pólvora, unidos como um só homem, caíram à baioneta sôbre os austríacos, rugindo, uivando, cantando. Estava tomada a posição. Dali a pouco, no campo, perante o cadáver do pequeno tambor caído de bruços e crivado de metralha, o coronel Pégo, com as lágrimas nos olhos, contava a Napoleão e aos marechais como aquele pequeno de catorze anos conduzira à vitória os batalhões portugueses. Os soldados choravam. O sol rompia o nevoeiro da manhã. E emquanto Oudinot, comovido, cobria com a sua capa cinzenta de marechal o corpo mutilado, Napoleão, tirando do peito a sua própria cruz da Legião de Honra, deixou-a cair sôbre o cadáver do pequeno tambor.

— Foi então — continuou Miguel — que eu avancei, negro de sangue e de pólvora, e disse ao Imperador: — «Sire, conheço o pai dêste rapaz; deixe-me levar-lhe a cruz, em vez de o enterrar com ela!»

E diante do velho ferrador, que tremia e chorava em silêncio, Miguel levantou-se do banco de castanho, descobriu-se, tirou da algibeira do capote uma pequena cruz de oiro presa a uma fita vermelha, e disse, entregando-lha solenemente:

— Aqui tem, mestre Brás, a Legião de Honra que o seu filho ganhou.

Daí por diante, o velho ferrador de Manique nunca mais pensou em mudar a escorva à escopeta, e só pedia a Deus que lhe desse vida para poder contar a toda a gente a glória do filho.

---

# CRUZ DE SANGUE

# Cruz de sangue

(SÉCULO XX)

António de Oliveira era caldeireiro e razoirava pelos vinte e dois anos.

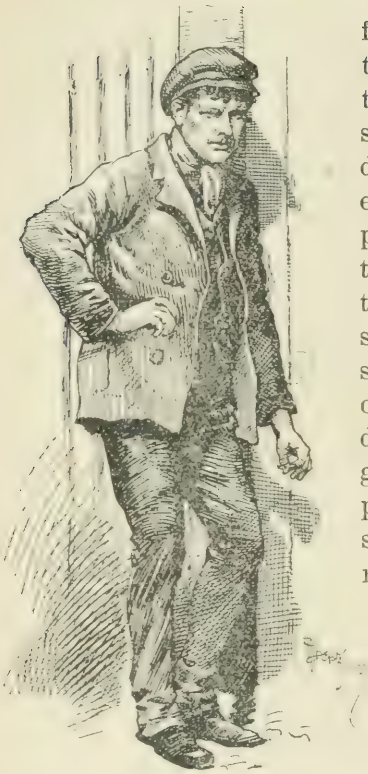
As vozes proféticas da propaganda, abrindo-lhe o espírito bronco a enxadadas de luz, tinham-lhe revelado uma república de igualdade e de virtude, de redenção e de amor. A palavra trovejante dos tribunos penetrara-o de exaltação e de fé. Todas as suas rudes energias, acordadas pela eloqüência dos comícios, pela sugestão ardente do apostolado, pela fúria impetuosa da demolição, tumultuavam na sua alma ingénua, anciavam pela hora suprema do martírio ou do triunfo. Tudo quanto nos seus vinte anos havia de candura, de fôrça, de sinceridade, de desgraça, subia em clarões, palpitava em labaredas de fé republicana. Era pobre. Não era feliz. Via sangrar em volta do seu infortúnio todo o horror da maldade e da injustiça dos homens. No seu raciocínio simplista, toda a ignomínia se chamava realeza, toda a opressão se chamava monarquia. Para êle, a nação era uma ampliação gigantesca da sua miséria, era a sua dor tornada multidão, gritando, bradando, implorando liberdade, alegria, doçura, felicidade, paz. Era o seu caso individual multiplicado por uns poucos de milhões de almas. Era o

seu sofrimento de boi de carga, o seu suor de animal de trabalho, a sua vergonha de oprimido, a sua ambição de sonhador, erguendo-se no gesto colectivo de cinco milhões de braços, que imploravam, que suplicavam, que ameaçavam. Pulsava-lhe nas veias a dor da humanidade inteira. Vibrava-lhe nos nervos a ância do combate. Não lhe preguntassem o que era a república: não o saberia dizer. O seu instinto presentia-a como uma messe doirada de abundância e de virtude. Era alguma coisa capaz de redimir, de libertar, de transfigurar, de tornar o sol mais claro e os homens mais felizes, — alguma coisa que trazia consigo a atracção e a beleza de todas as aspirações vagas. Não precisava de a definir: adivinhava-a. Não precisava de a compreender: sentia-a. Era um iluminado. Era um crente.

No dia 5 de abril de 1908, lá estava êle, às 8 da manhã, com a sua calça de belbute, a sua bóina, o seu lenço encarnado no pescoço, rondando à porta da igreja de S. Domingos. Era um dos elementos de fôrça e de confiança de que dispunham os republicanos para impedir chapeladas e violências. Ia votar, — e velar pela legalidade do acto eleitoral. A vitória era certa: assegurava-a, de ante mão, a grande massa vermelha dos eleitores de Santa Justa e de São Nicolau. Mas a presidência da assemblea fôra entregue a um padre reacionário, antigo franquista, — e o ardor fulvo, a desconfiança ingénua dos republicanos previa fraudes e violações. António de Oliveira, a assobiar, encostado às grades verdes da igreja, o sol doirando-lhe o buço loiro, uma Browning na algibeira das calças, dois carregadores entre a camisola e a carne, esperou que o portão se abrisse, que os companheiros chegassem, que viessem os chefes. Era a segunda vez que votava. Como da primeira, a comoção ganhava-o, pouco a pouco; sentia-se investido numa missão sagrada, marcado para um destino melhor; o orgulho de

ser republicano queimava-lhe as veias, afogueava-lhe a face; e na mão enorme, chamuscada da forja, e em cuja pele passava o reflexo ardente do cobre batido das caldeiras, um papel tremia, palpitava como uma asa branca. Para a sua alma exaltada e simples, capaz de todos os heroísmos e de todas as loucuras, aquêle papel representava já uma parcela de vitória, um pedaço sangrento de liberdade, um farrapo luminoso de redenção. Na sua alucinação de crente, no seu delírio de iluminado, via-o esplender, crescer, multiplicar-se, trasbordar-lhe das mãos, erguer-se em montanhas, cachoar em torrentes, inundar o País inteiro de verdade e de luz, de felicidade e de amor. E quando, daí a pouco, aberta a porta, constituída a mesa, principiada a chamada, o nome de António de Oliveira soou, mesquinho, apagado, humilde, perdendo-se na sombria arquinave de S. Domingos, e o pequeno papel, o seu voto, gota do seu sangue, pedaço da sua alma, expressão suprema duma vontade e duma fé, caíu sem rumor, em silêncio, no fundo da urna enorme, —o pobre caldeireiro, a cabeça a latejar-lhe, o coração a bater-lhe apressado, sentiu a necessidade de gritar a sua lista, de bradar numa convulsão os nomes que votara, de os atirar, um a um, à face crispada, à sotaina negra do presidente, de os uivar, como um desafio, de punhos cerrados, de encontro ao altar do próprio Deus.

Soavam as três e meia da tarde quando começaram a contar-se as listas. O trabalho dos escrutinadores principiou, apressado, nervoso, febril. Dos primeiros duzentos votos, cento e oitenta eram republicanos. A derrota monárquica ia ser formidável, exceder em vergonha todas as derrotas anteriores. Uma multidão negra, bezoante, arfava, apertava-se em volta da mesa. Junto à face pálida do padre Fernando, duas baionetas lampejavam. A atmosfera espéssa, a atmosfera irrespirável da igreja, pesava, abafada, cortada de incenso e de bafio; e lá



fora, entrevendo-se pelas portas abertas do guarda-vento, adivinhando-se na talha joanina do altar mor, cujo oiro scintilava em faúlhas, — um sol criador, um sol tranqùilo de primavera esplendia. E o escrutínio continuou, prosseguiu sempre, na penumbra do templo, já arrastado, fatigado, monótono. António de Oliveira lá estava, sem arredar pé, a mão na algibeira segurando a Browning, os olhos coruscantes cravados na urna. Um grupo de republicanos fiéis, revezando-se, vigiando, erguia-se, protestava à mais pequena violência. Quando, ao pôr do sol, terminou o escrutínio e se encerraram os trabalhos, o presidente, face glabra de medalha crispada sôbre a volta branca de padre, quis iniciar a fraude e sequestrar a urna. O povo que rodeava a mesa protestou, clamou, exigiu que ela fôsse lacrada ali, diante de todos, à vista de todos. Cem, duzentos braços ergueram-se no ar, convulsos, ameaçadores. Sôbre o presidente da assemblea choveram impropérios, saraivaram insultos. A tempestade rugia, ganhava a multidão, conquistava a onda. Estava aceso o rastilho. Ia atear-se o incêndio. Vinte baionetas da Municipal, lampejando, varrendo, entraram na igreja e cairam sôbre o povo. Ao pé duma coluna, numa poça de sangue, caíu um velho, varado. Oito, dez populares rolaram nas lages, prostrados às coronhadas. O padre Fiadeiro, ensangùentado, levado na onda, tropeçou, rebolou. António de Oliveira, do lado do Evangelho, de encontro às grades dum altar, tirou a pistola,

visou o oficial comandante da fôrça, mas os companheiros desviaram-lhe o braço, o tiro partiu, a bala amolgou-se no lajedo do chão, — e emquanto os soldados acossavam, no cruzeiro, a manada dos fugitivos medrosos e os enxotavam para a rua às coronhadas, o caldeireiro, rugindo, esbracejando, levado da igreja pelos amigos, os olhos cravados na urna, gritava, uivava:

— Fora! Fora as baionetas! Tragam votos, canalhas!

E a multidão, hirsuta, compacta, alastrando, formigando no largo, confusa no clarão vermelho do sol poente, repetia, bradava:

— Morra a Guarda! Morra a Guarda!

Entretanto, na nave vasia, ardia o lacre, selava-se a urna, lavrava-se o auto. A fôrça, sacudidos, escorraçados os últimos rebeldes, formava em linha à porta da igreja. Outra fôrça da municipal, em acelerado, entrava no templo, postava-se no altar mor, armando baionetas, batendo as coronhas na pedra. Houve uma trégua, prenúncio de maior tempestade. A multidão, no largo, aguardava; ria agora com o espanhol das ventarolas; apupava um andador das almas, de opa vermelha, que rebolou nas mãos do povo como uma bola de borracha. No Rocio, profundo como um poço, começaram a cair as primeiras névoas do crepúsculo. No céu, zebrado de oiro fulvo, passavam revoando as últimas pombas. Nisto, o padre presidente da assemblea veio colocar a urna sôbre uma mesa, à entrada do templo, junto às portadas abertas do guarda-vento. O povo, desconfiado, temendo que de dentro da igreja violassem a urna, ergueu-se, gritou, clamou:

— Fechem as portas! Fechem as portas!

Protegido pela guarda, o padre olhou a multidão com insolência, ergueu os hombros, e ferrolhando chaves perdeu-se na nave sombria. O guarda-vento ficou aberto de par em par; uns populares, na intenção de o fechar à fôrça, atiraram-se de encontro à igreja; a guarda pôs as

espingardas à cara e fez fogo. Uma descarga soou. Morderam o chão os primeiros mortos. Um rugido imenso, um rugido formidável de feras espantadas sacudiu a multidão. Ondas de braços crispados ergueram-se contra a fôrça. As primeiras pedras, estilhaçando vidros, ferindo soldados, entraram pela igreja. Silvaram assobios, estoiraram revólveres. O Rocio despovoou-se. Os eléctricos iluminados trasbordavam. Corriam-se, como ecos de descargas, os taipais das lojas. Debandou tudo, esvaíu-se tudo na sombra. Só a multidão que se aglomerara no largo, diante da igreja, afrontando a guarda, a cabeça ao vento, o peito às balas, heróicamente, — ficou.

Era a canalha? Era a rua? Que importa o que era! Era a alma ardente, a alma generosa do povo, latejando, pulsando, gritando liberdade, verdade, justiça. Era o voto contra a bala, a fôrça do direito contra o direito da fôrça, — era toda a cidade, toda a nação, a humanidade inteira vibrando naquelas cem vozes indignadas, naqueles duzentos braços convulsos. Era a ralé, se quiserem, — mas era a ralé gloriosa, a ralé virginal, estuando do mesmo sangue, da mesma fé, da mesma raça que atirara no século XII o burguês João Alvo, defensor das liberdades populares, contra a tirania do bispo do Pôrto; que erguera contra a vergonha do rei Fernando a voz heróica do alfaiate Fernão Vasques; que afrontara, na manhã luminosa da *Belemzada*, soberba de miséria e de orgulho, todas as naus e todas as balas duma esquadra inglêsa. A opressão, a violência, o despotismo estavam ali, naquelas vinte, n'aquelas trinta kropatschecks: faíscavam, inconscientes, exterminadores, naquelas baionetas pagas com o suor e com a desgraça do povo. O inimigo era aquele. Como um só homem, de encontro à igreja tornada fortaleza, a multidão avançou, apedrejando, fuzilando. Soou nova descarga, cerrada, mortífera. Uma nuvem de fumo, de poeira, de pedras, envolveu a

fôrça. Uma fúria de sangue, uma vertigem de inferno galgou, cresceu em cada soldado. De novo as espingardas subiram; de novo uma descarga soou. Balas rasteiras sibilavam; tilintavam vidros; choravam mulheres. Mais dois, mais três homens, feridos de morte, rodopiaram, cambalearam, caíram de bruços. Uma fôrça de infanteria 5, a caminho do Quartel General, fuzilada de surprêsa, deixou três homens por terra. Caía a noite. Rodavam trens conduzindo os mortos. Acendiam-se candieiros. Uma névoa fria pairava. Uma criança, com uma bala num olho, gemia. E o povo heróico, o povo desvairado, o povo miserável, bêbedo de sangue, possesso de justiça, ululava, esvaziava pistolas e revólveres, arrancava as pedras da rua, gritava ainda, como milhares de matracas que batessem, que estalassem:

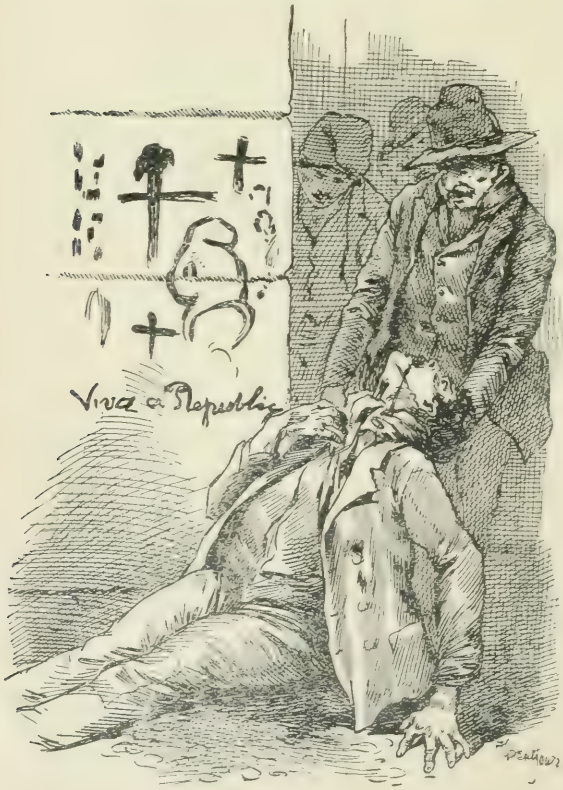
— Fora os ladrões! Morra a Guarda!

Três soldados, cegos de sangue, subiram as escadas, galgaram às varandas de pedra da igreja. Já não bastava fuzilar o povo, frente a frente, cara a cara; atiravam-lhe de alto, como se atira a cães, como se alvejam lobos. Clarões de morte rompiam, fulguravam na balaustrada. Não era um combate; era uma caçada trágica. A multidão, como uma maré negra, avançava, crescia, recuava, cortada de uivos, varada de balas. E à frente, dominando-a, incitando-a, conduzindo-a, uma Browning na mão, um lenço encarnado ao pescoço, uma posta de sangue na cara, — um bravo surgia, atirando-se para a morte como um leão: era o caldeireiro António de Oliveira. Do iluminado nascera um herói. O voto humilde tornara-se uma fôrça. O povo era êle. Rugia, impelia, ameaçava, comandava. Era a rajada da sua revolta, a convulsão da sua bravura, o incêndio da sua fé, que arremessavam de encontro às balas aquela onda humana desvairada. Esvasiara a pistola, queimara os carregadores: restavam-lhe as pedras. E emquanto as des-

cargas soavam, baixas, rasteiras, assassinas; emquanto, da varanda, seis, oito, dez espingardas varejavam o povo, — António de Oliveira, vivo ainda por milagre, subia a apagar os candieiros, arrancava a picão as pedras da calçada, apedrejava, lapidava a fôrça, fazia retinir as baionetas que luziam entre clarões. Nisto, uma bala varou-lhe a espádua. Soltou um rugido de fera. O braço tombou-lhe, inerte. Mas tinha ainda a garganta. Gritou, bradou como um doido, numa voz metálica, num estridor de cobre:

— Morram os ladrões do povo! Abaixo os assassinos do povo!

Soou, mais uma vez, uma descarga cerrada. Outra bala atravessou-lhe a garganta, calando-o, atirando-o por terra num gorgolejo roufenho. Estava reduzido ao silêncio; mas os seus olhos de braza scintilavam energia ainda. Arrastou-se até ao cunhal fronteiro à igreja. Pediu, por gestos, uma arma. Não lha deram. O sangue soltava-se-lhe em borbotões da garganta. Sentiu fugir-lhe a luz dos olhos. Sufocava. E emquanto a vida se lhe esvaía,—abraçado a uns populares, incapaz já de bater-se, impotente já para gritar, o pobre



caldeireiro, por cuja alma passava, naquele instante, a alma anciosa, profética e dolorida da Revolução, ensopou os dedos no sangue que lhe golfava do pescoço, traçou na parede uma cruz, e por debaixo da cruz três palavras vermelhas que fulgiram e esplenderam:

— Viva a República!

Antes de terminar a última letra, caíu fulminado. Ouviam-se já, ao longe, os clarins da cavalaria que chegava.

---

# FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS

# Frei António das Chagas

(SÉCULO XVII)

No dia 18 de maio de 1663, depois da hora de véspera, à volta do côro, o guardião do convento de S. Francisco de Évora chamou o mestre de noviços frei António da Madre de Deus, estendeu-lhe na mão robusta uma carta patente do padre Provincial, e disse-lhe, o capuz de burel derrubado sôbre os hombros:

— O capitão de cavalos toma hábito ámanhã.

— Vossa Reverência quer preveni-lo?

— Não. Previna-o Vossa Caridade.

Frei António da Madre de Deus sentiu tremerem-lhe nos olhos duas lágrimas de júbilo, meteu a carta entre os nós do cordão de esparto, curvou a cabeça diante do guardião, e tão depressa quanto puderam os seus setenta anos, cruzando as sombras dos corredores, galgando as escaleiras esconsas de pedra, arrastando no chão de ladrilho a sola grosseira das sandálias, arquejando, chorando, sorrindo, ganhou as celas dos noviços, parou na soleira duma porta, bateu, vacilou, entrou e foi cair nos braços fortes dum rapaz de trinta anos, que o esperava a tremer, embrulhado na estamenha áspera do noviciado:

— Meu filho! Meu filho!

— Quando me recebem em Deus, meu padre? — murmurou o noviço, em cuja face pálida, cortada de cicatrizes, devastada de penitências e de mortificações, batia em cheio, como uma nódoa de oiro, a luz morta da claustra.

E o frade, abatendo num poial de tijolo, a carta patente do Provincial desdobrada nas mãos, um sorriso de criança a brincar-lhe na bôca envelhecida, respondeu:

— Amanhã.

O capitão de cavalos António da Fonseca Soares, que ainda há vinte meses se batera como um leão, à frente dos seus esquadrões, contra a infanteria castelhana e alemã de D. João de Áustria, tinha completado naquela tarde, pela hora de terça, um ano e um dia de noviciado. Quando pela primeira vez apareceu no convento, trigueiro, ardido do sol da charneca, com a sua coira, as suas calças vermelhas de berri de França, a espada soldadesca pendente dum talabarte enorme, o chapéu de begúnia abalroado à testa, um cachimbo a fumegar na bôca, dizendo ao irmão porteiro que queria abraçar a religião de S. Francisco,—frei Manuel do Sepulcro olhou-o um instante, as mãos metidas na manga do hábito, considerou aqueles trinta anos sangüíneos de tarimba e de depravação endurecidos no vício e nos combates, e mandou-o embora com palavras de piedade e de brandura. Não; tinham-no enganado. Áquela porta só batiam os mortos. A estamenha de

S. Francisco era a pobreza, a castidade, o silêncio, a mortificação. Só se acolhiam à cinza daquela mortalha os que buscavam na vida o esquecimento eterno. Que fôsse em paz. Era capitão de cavalos; cortavam-lhe a cara as cicatrizes das batalhas; a terra do Alentejo, talada, incendiada, devastada de espanhois, precisava da sua bravura, do seu sangue moço, da sua espada forte. Nem só nos mosteiros se servia a Deus. Se tinha algum amor àquêle convento, antes se lembrasse dêle para o defender e guardar nas provações da guerra, — e a sua bênção, e a bênção de toda a comunidade haviam de seguir-lhe os passos. O capitão ouviu-o em silêncio, longamente, sentado num escano da portaria. Depois levantou-se, como se tivesse tomado uma resolução súbita, — descobriu-se, beijou o hábito do frade, meteu de novo o cachimbo à bôca, traçou a capa, e ao sair o portal do convento, os calções vermelhos de França já batidos do sol, o chapéu na mão, as esporas de ferro a tilintar no lajedo, pediu, voltando-se ainda para trás:

— Reze vossa Paternidade um padre-nosso por mim.

No espírito de frei Manuel do Sepulcro nunca mais se apagou aquela singular figura. Muitas vezes, de noite, na mudez da cela, ao recolher de matinas, preguntara a si mesmo que estranho drama de consciência teria conduzido até ali aquele homem truculento e curtido na guerra, em cuja expressão rude não se adivinhavam, nem a transfiguração súbita dos iluminados, nem as devastações irremediáveis da dor humana, — mas onde não seria difícil surpreender, nos vincos marcados da face, na imobilidade dura do olhar, a sinceridade e a nitidez duma resolução. Que destino levaria êle? Se algum mosteiro teria aberto as portas do noviciado àquela vocação nascente que se voltava para Deus? Que hostarias de aventura ou que campos de batalha atravessaria àquelas horas, sacudido de bravura e de impertinência, o fumo azul

do seu cachimbo enorme? Quem seria aquele desconhecido, que as palavras do porteiro maior tinham repudiado da casa de S. Francisco, e que parecia tão pouco feito para a humildade duma Ordem seráfica? Passaram-se meses, passaram-se dois longos anos, — e uma tarde, inesperadamente, o capitão de cavalos voltou. Trazia uma carta do Provincial frei Francisco de S. Paulo para o guardião do convento. Mas vinha tão outro, a cabeça descoberta, a expressão transmudada, a face sangrenta e chamuscada de pólvora, uma capa negra sôbre um gibão duro de ilhós, a espada de ferro sem talabarte segura na mão, — que frei Manuel do Sepulcro teve dificuldade em reconhecer nêle o capitão vermelho e rude, trescalante a tabaco e a cavalos, que entrara, vinte meses antes, tinindo esporas, na portaria do velho *Convento do Oiro*. Emquanto o não recebia o prelado, os frades, compungidos dêle, deram-lhe uma pouca de água numa escudela de estanho, para refrescar a orelha lacerada e negra de sangue; esteve três longas horas fechado na cela do guardião, frade áspero e zeloso da observância, uma cruz peitoral de palmo e meio pendente dum cachaço de toiro; saíu de lá, a cabeça baixa, os olhos marejados de lágrimas, para ser entregue ao velho mestre de noviços frei António da Madre de Deus, que recebeu no burel piedoso do seu regaço mais aquela alma cançada das dores do mundo. Nesse mesmo dia, a comunidade soube que o noviço era António da Fonseca Soares, capitão de cavalos e poeta, homem destemido e volteiro, brigão e chegado a mulheres; rosmeara-se no refeitório, depois do *De Profundis*, que ainda havia duas noites, em Setúbal, lhe tinham despejado da sombra um tiro de bacamarte quando êle escalava sacrílegamente os muros dum convento de freiras; e os discretos do mosteiro, padres entendidos em casos de resipiscência, as testeiras dos capuzes sôbre os olhos, as camândulas ramalhando

atadas no cordão de esparto, nenhum dêles dava um real branco pelo noviço e eram todos acordes em que similhante homem não nascera para frade.

Quando, passado um ano, pálido e devastado como uma sombra, sangrando-se cruelmente com disciplinas de ferro, macerado de jejuns e de penitências, irrepreensível ainda na menor venialidade, o corpo tomado de ásperos cilícios, uma cruz de cobre, picada de puas, apertada com loros de encontro à carne do peito, exemplo até de professos na mortificação e na observância, o antigo capitão de cavalos, transfigurado para Deus, terminou o seu noviciado na mortalha franciscana e pediu ao padre Provincial licença para tomar o hábito, — frei António da Madre de Deus, que chorava ao falar dêle, que já lhe quería como a um filho, dizia à comunidade tomada de compunção e de assombro, que ainda outro noviço como aquele não entrara na casa de S. Francisco, e que Deus, por sua divina misericórdia, escolhia os melhores santos entre os maiores pecadores. Haviam-lhe dado os conventuais os últimos votos para a profissão; a licença chegara, na carta patente do reverendo Provincial: tinha-a ali, desdobrada nas mãos trémulas, molhada já das suas lágrimas, o velho mestre de noviços; agradecia-a a Deus, embrulhado na estamenha da aprovação, prostrado sôbre a barra de cortiça do seu pobre leito, uma caveira húmida de terra apertada nas mãos, aquele que fôra no século o mais bravo capitão de cavalos de Portugal, e que havia de ser, na religião, frei António das Chagas.

Ia o padre mestre a levantar-se do poial de tijolo para concertar com o sacristão maior e com as jerarquias do convento a cerimónia da profissão, marcada para o dia seguinte, quando o noviço se lhe atirou aos pés, banhado em pranto, a beijar-lhe o coiro das sandálias e a pedir-lhe que naquela noite suprema em que ia deixar o mundo, desprender-se para sempre da poeira inglória da vida,

dizer o último *vale* a tudo quanto fôra para êle uma saudade, uma memória, um afecto, uma recordação, o deixasse despedir-se da sua grande companheira de vinte anos, da sua velha amiga de toda a hora, daquela que nunca falhara ao seu apêlo, que nunca o atraiçoara na hora do perigo, que êle via ainda, em sonhos, a resplandecer-lhe na mão convulsa, e que já tantas vezes, à frente de esquadrões impetuosos, o sol das batalhas sagrara: a sua espada. Pobre ferro soldadesco de Toledo, antigo e rude, com a sua larga tigela ferrolhante, as suas guardas enormes, a sua velha divisa—«*no la saques sin rason, no la embaines sin onor*»—há quantos meses de noviciado ela adormecera a um canto, lá baixo, na rouparia do mosteiro, entre rumas de bragas de saial e montes de avarcas de boi, esquecida e inútil, enferrujada e triste! Como êle, naquela hora extrema de moribundo, gostaria de a tornar a ver, de a levantar pela última vez nas mãos pálidas já afeitas à leveza do breviário, de lhe dizer o último adeus,—pobre amiga que tantas vezes ferira e matara para salvar-lhe a vida, e que êle sentia a lampejar-lhe ainda diante dos olhos, maculada de sangue e faùlhante de glória! Que poderia negar frei António da Madre de Deus ao seu noviço, espelho de professos, imagem viva do patriarca S. Francisco? Curvou-se a levantá-lo nos braços, olhou-o com ternura, aconchegou-lhe a cabeça ao peito, acariciou-o como se acaricia uma criança que sofre, e prometeu-lhe baixinho, num sorriso onde esvoaçava a mais pura bondade que florira ainda sôbre a terra:

—Depois de tangerem matinas, meu filho.

A noite caíra pesadamente sôbre a mole enorme de granito do convento de S. Francisco de Évora, quási tão velho como o próprio S. Francisco de Assis; descera, cavando sombras ao longo dos gigantes da ábside, apagando nas arestas da tôrre os cogôilos de pedra doirada, po-

voando de vultos confusos as poderosas arcadas do portal, onde a luz dum lampião de ferro oscilava açoitada pelo vento. Os sinos da oração tinham batido em todos os mosteiros da cidade, — além, nos jerónimos do Espinheiro, mais perto nos cartuxos de *Ara Cœli:* agora em timbres agudos e longínquos de sineta, logo em sons cavos de prato de cobre sacudido no ar; aqui, ali, picando Évora inteira, em todos os campanários, em todas as tôrres, nas bernardas de S. Bento, nas claristas do Calvário, nas carmelitas de Santa Teresa, nos dominicanos do Paraíso, — como se a cidade toda fôsse um convento colossal sôbre cujos telhados se debruçasse, velho gigante românico coberto da poeira de oiro dos séculos, a tôrre quadrada da Sé. Os oficiais e os soldados dos terços de infanteria e das companhias de cavalos que o conde de Vila Flor mandara a guarnecer Évora, com as suas borguinhonas de ferro atiradas para a nuca, os arcabuzes em bandola, as calças vermelhas de grã de Inglaterra largas como pavilhões, as esporas de Guimarães a ferrolhar no lajedo das ruas, abandavam, enxameavam ainda pelas betesgas, pelas vielas das mancebas e da Mouraria, batendo pragas, zangarreando violas, tinindo espadas; mas depressa os pífanos e os tambores dos terços, os timbales e os clarins dos troços tocaram a retreta; soldados e oficiais sumiram-se nos aquartelamentos, — e um silêncio profundo, um silêncio espêsso, cortado apenas, lá em baixo, pelos gritos distantes das sentinelas e pelo tropear das roldas de cavalo, envolvia agora aquele velho burgo de mosteiros, de alpendres e de brazões. D. João de Áustria rompera a campanha e andava perto. Já Schomberg o vira passar, além de Estremoz, com os seus três mil carros, a sua pesada artilharia, os ferros dos seus piqueiros lampejando ao sol da charneca; tinham vindo avisos para o governador da praça de que as vastas bagagens do exército espanhol traziam consigo

a iminência duma marcha sôbre Évora: mas a cidade, há tantos anos sob o pêso dessa ameaça, acabara por afazer-se à situação que lhe criavam as provações da guerra e adormecera, como nos outros dias, fechando as pesadas pálpebras de pedra dos seus quatorze mosteiros.

Entretanto, dormido no convento de S. Francisco o primeiro sono, a sineta tocou para matinas. Os frades, estremunhados, ataram as bragas, levantaram-se, sacudiram o chiote curto, a cogula de burel, deitaram mão da candeia e do breviário, derrubaram a testeira para os olhos, e, atravessando os largos corredores de lajes povoados de sombras, subiram ao côro. Afundados os conventuais nas suas estalas, cantados os salmos e as antífonas, lida a Capítula sôbre o facistol enorme, o guardião ergueu-se, lançou a bênção, e quando já entoava o cântico *Te decet laus,* os braços levantados, a cruz peitoral entalada no cordão do hábito, — começou a ouvir-se fora, distinctamente, na calada da noite, para as bandas da serra, um fogo vivo e distante de fuzilaria, como peles de tambor que estoirassem no ar sêco. Eram, decerto, os postos avançados que tinham descoberto vedetas de D. João de Áustria. Os frades entreolharam-se, pálidos; disseram à pressa a ladaínha; ergueram-se, desceram à casa do capítulo,—e, quando assomaram à grande janela cabidual, já a fuzilaria cessara, o silêncio do céu estrelado cobria como um pálio a cidade inteira e um vento rijo, soprado de Espanha, açoitava as cabeças anciosas dos padres debruçados.

Frei António da Madre de Deus pensou então no seu noviço. Pediu a chave da rouparia, e sòsinho, a candeia acesa na mão, descendo escaleiras de pedra, batendo as sandálias como cloques nos degraus, foi cumprir a sua promessa. A espada do capitão de cavalos lá estava a um canto, entre cordas de esparto e almadraques velhos das camas da enfermaria, o ferro da tigela

espelhando à luz, as guardas já mordidas de ferrugem, na expressão viva e quási humana que às vezes ganham as coisas mortas, como se nelas palpitasse e estremecesse uma alma. O velho mestre de noviços, olhando a porta, receoso, não visse alguêm um frade humilde de S. Francisco cometer o crime de tocar numa espada,—estendeu a mão para a toledana, sacou-a a tremer da bainha, viu com pavor lampejar o ferro da lâmina à claridade da candeia, embrulhou-a no manto de estamenha, e, vacilante ao pêso duma espada e de setenta anos, galgou ao corredor dos noviços, ganhou a cela do capitão de cavalos, encostou-se à hombreira, ofegante, bateu—e entrou.

—Meu padre! Meu padre!

O noviço abraçou-lhe os joelhos, a chorar, recebeu das mãos de frei António da Madre de Deus a sua velha espada soldadesca, e extático, iluminado, enorme, envolvido nos panos de burel da aprovação, o capuz sôbre os olhos, os braços magros apertando ao peito o ferro da espada, ficou longo tempo imóvel, de pé, as lágrimas correndo-lhe silenciosamente pela face, como um S. Francisco do *Greco* em cujas mãos sangrassem estigmas e que uma luz sobrenatural inundasse como uma auréola. Depois, a sua figura dobrou-se, encolheu-se, humanisou-se, caíu sôbre a barra de cortiça onde uma Bíblia servia de travesseiro, e colando os beiços pálidos à velha lâmina espelhante, beijando-a em silêncio, tacteando-a, apertando-a, acariciando-a, embalando-a como se embala uma criança, falou-lhe,

sorriu-lhe longamente, murmurou de encontro a ela segredos ininteligíveis,—como se a alma do ferro o sentisse e o entendesse, como se naquela fôlha de Toledo batesse um coração. Pobre espada de duelos e de batalhas, amor de toda a vida, ternura de toda a hora, companheira de todo o instante, que scintilara na sua mão, florira no seu talabarte, dormira à sua cabeceira, como ela vinha encontrá-lo mudado, devastado de jejuns e de penitências, sangrento de cilícios e de disciplinas,—e como o capitão de cavalos doutro tempo, arrogante na sua coira de búfalo, no seu cachimbo enorme, nas suas calças vermelhas de berrí de França, havia de parecer-lhe agora abatido, desonrado e pobre, naquela estamenha e naquela humildade! E os dois símbolos eternos,—o frade e a espada, a negação e a fôrça, a humildade e o orgulho, a vida e a morte, conservaram-se abraçados, na comunhão dum momento, no adeus dum instante, emquanto o vento de Espanha uivava nas frinchas das janelas e um Cristo coberto de chagas, erguido sôbre o atril de castanho onde dormia um antifonário, parecia tremer e mover os braços, batido da luz oscilante da candeia. Então, uma relíquia de vida sacudiu o noviço; um resto rebelde de vigor transfundiu-se-lhe nas veias. Quis ver se podia ainda, como noutro tempo, levantar e brandir a sua espada soldadesca; empunhou-a na mão incerta e magra onde a emaciação tinha desenhado toda a anatomia; ergueu-a no ar, estranho mestre de espada preta que o burel duma túnica amortalhava; ia a ameaçar um fendente, um altabaixo,—mas o braço afeito ao breviário caíu-lhe impotente e fatigado, resvalou-lhe morto ao longo do corpo esguio, e o pecador de hoje, o frade de amanhã, a face contraída de dor, compreendeu então que ruína miserável, que espectro pungente fizera dêle um ano de noviciado, teve por um momento horror e dó de si mesmo,

— mas os seus olhos sacrílegos foram poisar sôbre o Cristo, a espada desprendeu-se-lhe das mãos, tombou no atril a arquejar de soluços e murmurou para frei António da Madre de Deus, que o consolava e o doutrinava, no seu imenso sorriso de bondade:

— Meu padre, ouça-me de confissão...

Perante o mestre de noviços, que se assentara sôbre a cortiça do catre, António da Fonseca, prostrado, abatido, humilhado, a face de encontro à terra, a caveira pulverulenta apertada no regaço, batendo punhadas aflitivas no seu pobre corpo de múmia, gemia, murmurava, soluçava: — *Mea culpa! mea culpa!* — Era toda a convulsão da sua existência de acaso, toda a abominação da sua mocidade perdida, que surgiam agora, ardendo, tumultuando, uivando-lhe na memória; a mãi, cândida e loira nos guarda-infantes bojudos, os olhos tranqùilos como os prados verdes da sua Irlanda; as irmãs, pobres, sem dote, condenadas à reclusão e à mortalha de um claustro; as esmolas da condessa da Vidigueira, fazendo por caridade o que êle, mau irmão, mau filho, não fizera por dever; depois, todos os seus crimes, todas as suas rebeldias contra Deus, todas as mortes de homem que lhe ensangùentavam a consciência atribulada; um rascão ruivo, abatido na Vidigueira com uma estocada de punho aos peitos; um leigarraço valente, roupeta de Bruges e chapéu chamorro, caindo num charco de sangue, em Moura, com um tiro de pistola no ventre; o desafio de Alvito, em que fôra segundo e matara na escuridão, sem saber a quem; um negro, mestre de armas em Lisboa, afocinhado na esteira da loja com um ôlho vasado por uma espada; e outros, e todos, uma onda de imprecações, de pragas, de gemidos, de mãos crispadas na agonia, erguendo-se para êle, ameaçando-o, arrepelando-o, dilacerando-o... — *Mea culpa, mea maxima culpa!* — Braços brancos e mornos envolviam-no, voluptuo-

samente: todas as mulheres que êle possuíra, que êle perdera, que êle matara, debruçavam-se, chorando e tremendo, sôbre a sua alma; apareciam-lhe, diante dos olhos desvairados, os leitos impuros onde a sua juventude se gastara, se poluíra, se extenuara de prazer, antes de ter, sequer, suspeitado o amor; os pátios de comédias; seios nus de freira, florindo entre escapulários negros, cheirosos de água de Córdova; escaladas sacrílegas de mosteiros, com o nobre senhor de Chamilly, «*de gueules à la fasce d'or*», capitão de cavalos como êle; enxaravias vermelhas de alcovêta e de trota-conventos; a aventura da loira «Shomberg» nos acampamentos de Juromenha; o tiro de bacamarte em Setúbal, ensangüentando-lhe a cara e apeando-lhe o sombreiro; via tudo, recordava tudo, vivia tudo, — toda a sua mocidade impetuosa, violenta, blasfema, abominável, que surgia, que dançava, que lhe ululava em tôrno, numa fúria de vertigem, num clarão de inferno: — *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa!* — O crânio, húmido de terra, rolara no tijolo do chão; a face do pecador contrito repousava já nos joelhos de frei António da Madre de Deus; a luz da candeia monástica, suspensa do seu mancebo de pinho, latejava, oscilava, borbulhava de fumo negro, batida de esguelha pelo vento. Uma imensa doçura, uma tranqüila beatitude ganhava agora aquela alma exaltada de místico espanhol, na recordação da única coisa bela e nobre que restava na sua existência de ignomínia e de tumulto: — a sua vida de soldado; o seu primeiro combate; a alegria, molhada de lágrimas, do seu baptismo de fogo; a defeza de Mourão; as linhas de Elvas; a rajada heróica de quatrocentos cavalos, numa nuvem de poeira, de sangue e de sol, fulminando, resplandecendo, exterminando; as três cicatrizes que lhe rasgavam gloriosamente a cara, — o amor selvagem, violento e instintivo da pátria, capaz de todas as bravuras e de todos os sacrilégios, e que no fundo

da sua alma de santo era tão grande, tão alto, tão sagrado como o amor de Deus: — *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa!*

E frei António ia lançar a absolvição ao noviço, levá-lo à igreja para comungar nas suas mãos, — quando lá fora, na calada da noite, pífanos e tambores dos terços em marcha atroaram o ar em som de guerra; clangoraram, num timbre de cobre, clarins fanhosos, e a fuzilaria recomeçou, mais perto agora, em estoiros sêcos de timbale rebentado, picando o silêncio, alarmando Évora sonolenta, fazendo assomar, na escuridão da crasta, cabeças ansiosas de frades. Passado tempo, na manhã que vinha clareando, já não era um tiroteio errante e disperso; eram descargas cerradas de mosquetes, gritos do povo, o pavor na cidade inteira, sinos tocando a rebate, vozes dilacerantes de mulheres berrando pelas ruas:

— Os espanhois! Os espanhois!

O exército enorme de D. João de Áustria vinha sôbre Évora. Vila Flor, que o vira passar em Estremoz, não pudera deter-lhe a marcha. O frade e o noviço ficaram longo tempo perplexos, abraçados, escutando. O fragor das batalhas viera arrancá-los ao seio de Deus. A claridade azulada da manhã adivinhava-se já nas arquivoltas de granito dos arcos da crasta, tremia nos caixilhos de chumbo das vidraças do janêlo. O sino do convento de S. Francisco tangia a capítulo. A artilharia do conde de Almenara troava agora sôbre a cidade. Pela primeira vez, António da Fonseca assistia, inerte, ao desenrolar dum combate. Pela primeira vez, o silvo glorioso dos pífanos, o estoiro dos arcabuzes e dos mosquetes o não encontrava à frente da sua companhia de cavalos, o cachimbo a fumegar na bôca, a espada a scintilar no talabarte. Pela primeira vez, vendo alguém bater-se contra espanhois, tinha de cruzar inútilmente os braços, — êle, que em um ano da mortalha de S. Francisco conseguira

estrangular dentro da alma todos os amores, menos o amor da sua pátria! E emquanto, instintivamente, os olhos do noviço, roxos de vigílias e de penitências, procuravam, num clarão de blasfêmia, a espada caída sôbre o chão de tijolo,—frei António da Madre de Deus, prostrado diante da estante de castanho, iluminado de doçura e de fé, as mãos enclavinhadas e enramadas de camândulas, orou um momento; depois ergueu-se, abraçou António da Fonseca, beijou-o na fronte, deitou um pano

do manto pela cabeça e à voz do sino que chamava a comunidade, sentindo já o som cavo dos grossos peloiros de ferro batendo na pesada silharia do mosteiro, desceu, com a impassibilidade dum santo, à casa do capítulo.

Passada uma longa hora, em que os conventuais, reunidos sob a abóbada profunda da casa capitular, resolveram enterrar na cêrca, em arcas e baús, as riquezas do convento, e realizar imediatamente a ceremónia da profissão do capitão de cavalos, — frei António da Madre de Deus, entre o troar da artilharia e os uivos do povo que pedia refúgio e misericórdia, subiu, outra vez, à cela do noviço. Bateu. Não responderam de dentro. O tiroteio estoirava perto. Nos corredores tilintavam vidros quebrados pelas balas dos arcabuzes. Tornou a bater: não respondeu ninguêm. Deitou mão ao ferrolho, entrou: a cela estava deserta. Espavorido, o frade correu, inquiriu, buscou; preveniu-se o guardião, que rugia como uma fera, aferrolhando pratas; mandaram-se leigos bater a cêrca; galgaram frades por todo o mosteiro. Ninguêm o encontrou. Frei António da Madre de Deus, a quem o coração bacorejava desgraça, desceu então à igreja. Não teve de procurar muito. O noviço lá estava, estendido na nave, junto do portal fechado, a fronte em sangue, a estamenha da aprovação a cobri-lo, uma espada de ferro segura na mão crispada. Palparam-lhe o coração: estava vivo. Banharam-lhe com água fria a cabeça sangrenta: acordou.

Tinha desmaiado — pobre sombra extenuada de jejuns e de cilícios! — quando levantava os pesados ferrolhos da porta da igreja, para se ir bater pela última vez.

# A BARBA D'EL-REI

# A barba d'el-rei

(SÉCULO XV)

O velho rei D. João I, cardíaco, inchado, decrépito, albergado por conselho dos médicos numa pobre casa de Alcochete, completava nêsse dia, 14 de agosto de 1433, setenta e sete anos de idade.

Batera já a hora de prima. Clareava a manhã. Soerguido no catre, junto da janela aberta, rodeado de físicos que lhe traziam numa copa de prata o milagroso sumo da *morsus diaboli*, as pernas sorosas cobertas duma almucela de brocado de pêlo minhoto, o rei alongou a vista, para além do rio, à névoa azulada da cidade de Lisboa, estendeu as mãos, num gesto de êxtase, para as tôrres da Sé, da alcáçova e de S. Vicente, cujos coruchéus longínquos se doiravam de sol, e gritando que um monarca de tamanha grandeza não havia de morrer em aldeias e desertos, pediu que lhe trouxessem depressa a sua samarra de pano de Gales e que o levassem, quanto antes, para a querida cidade que o chamava, que lhe acenava, que lhe abria de longe os seus braços de pedra. Frei João Xira, o dominicano velhinho, seu confessor e prègador, amparava-o, acariciava-o como a uma criança, suplicava-lhe que aquietasse, que se aconchegasse na almucela, que não se atirasse à ventura duma jornada

de trabalhos e de fadigas; e dando-lhe a beijar, mais uma vez, a cruz peitoral aberta sôbre o escapulário negro, repetia-lhe que o ar fresco de Alcochete convinha mais à sua saúde que o de Lisboa, minada de peste, e que em toda a parte se morria bem, — quando se morria nas mãos de Deus. Os físicos, mestre Guedelha, mossem Johão Morsala, mestre Afonso, capelo amarelo de Mompellier, rodeando-o, aconselhando-o, lembravam que a lua resplandecera na véspera como a água que os remos levantam; que o mar ameaçava tormenta; que os médicos do senescal de França cuidavam de mau agoiro que os enfermos de acidentes atravessassem os rios. Mas aquela relíquia duma realeza e duma vontade, as mãos ossudas sacudidas em gestos de negação, a barba branca e inculta escondendo-lhe as cordoveias do pescoço esquelético, ergueu-se no catre amparado aos físicos e aos infantes, vestiu a samarra vermelha que lhe trouxeram, enfiou os pés inchados e nus numas gramaias velhas de coiro, e çopegando, restitando, os olhos cravados na cidade distante, que ondulava, que palpitava envôlta na sua névoa luminosa, murmurou, sorriu, num enlêvo:

— Minha Lisboa de sete oiteiros, serei contigo antes do meio do dia!

Não houve tolhê-lo. Turvaram-se-lhe os olhos de névoas de sangue, quando lhe suplicaram mais uma vez que ficasse. E daí a pouco, em fustas e em barcas de bandas, o rei, os infantes, o abade de Alcobaça, o dominicano frei João Xira, capelos amarelos e clérigos de sobrepelizes, atravessaram o rio que espelhava ao sol, numa babugem de prata ao nascente, quieto e quási roxo para as bandas da barra, coalhado de galés, de zavras, de cocas, entre as quais poisavam, como asas brancas de gaivotas enormes, os velames latinos das caravelas. Á pôpa duma barca, encostado sôbre quatro plumaços pequenos, junto duma cruz procissional de bronze er-

guida no lugar de bandeira real, o rei João sorria, voltado para a cidade, os raros cabelos brancos a ondular na aragem, os olhos ardentes turvos de lágrimas, as mãos levantadas como num gesto de bênção, fitando o burgo negro que se pendurava em fraguedos à volta da Sé, a ábside doirada do Carmo onde dormia na morte o seu Nun'Álvares, a alcáçova, meio moirisca ainda, as extensas montanhas azuladas enevoando-se, esfumando-se, coroando-se de sol. Era a Lisboa triste e pobre do século XV, que êle sonhara um dia igual a Veneza; a pequena cidade de telhados flamengos e de assotéas árabes, de vielas lajeadas e de botaréus escuros, que a sua ambição pressaga via alastrar, alargar, esplender, povoar-se de maravilhas, casar-se com o oceano poderoso, rendilhar-se em pedra como a cidade dos Doges,—e cujos corvos heráldicos, cujos corvos negros, empinados na nau secular das suas armas, haviam, sessenta anos depois, de cobrar envergaduras possantes de águia, de olhar deslumbrados o sol do Oriente e de pairar, num vôo gigantesco, sôbre as terras da Índia. E os olhos coruscantes do rei, única relíquia de vida que restava àquela face de espectro, iluminavam-se, fixavam-se na cidade distante, na casaria confusa e nevoenta, emquanto as fustas e as barcas, apontadas aos varadoiros da outra margem, bracejadas a dez remos cada uma, avançavam, cortavam o Tejo tranqüilo, chapinhando, espumando, batendo a água verde como ondulada de serpentes de prata, e fazendo caminhar sôbre o rio, erguida nas mãos robustas dum diácono, negra,

enorme, mordida de azêbre, a dupla cruz de bronze cuja sombra se estendia quási sôbre um cadáver.

— Como nós vamos devagar! — gemeu êle, a mão vacilante apertada nas mãos do frade confessor.

E depois, em segrêdo, para frei João Xira, apontando os torsos nus e felpudos dos remadores, que arquejavam, oleosos, ao sol:

— Dize-lhes que quero chegar vivo, meu padre...

Uma revoada de gaivotas brancas passou sôbre a cabeça do rei. Os galeotes arrancaram, firmes, os músculos pojando nos braços çarrudos de faunos. A água espumava, refervia, espadanava nos remos, cortada de cutelo, sacudida de chapada. Pouco a pouco, à medida que a cidade se aproximava, o monarca, levantando os braços como duas sombras, ia apontando, nomeando, uma a uma, as tôrres albarrãs da cêrca, — ali o cubelo velho de Álvaro Pais erguido sôbre uma lomba verde de oliveiras; mais alêm, a tôrre grande da Sé, donde o povo revoltado precipitara o arcebispo de Lisboa; a oeste, os telhados de S. Vicente, faùlhantes de placas de chumbo, bracejando cruzes; perto, macisso, enorme, quási debruçado sôbre o rio, amparado a botaréus cuja pedra scintilava, o paço velho onde, sob a sua mão robusta, o conde Andeiro caíra num charco de sangue... E emquanto o vento fresco do norte lhe trazia repiques alegres de sinos, tilintando, o rei João, num olhar de ternura, despedia-se da sua cidade, da cidade que antes de nenhuma outra o fizera rei, — e já chegados, quando a barca apontou ao cais, quando o esparto molhado rangeu nos argolões de ferro, ainda êle sorria amparado aos filhos, batido do sol, os beiços roxos empastados de pelos brancos, murmurando, rezando:

— Adeus! Adeus!

Numas andas, já a caminho da alcáçova, entre ondas de povo que tairocava os socos vermelhos no lajedo, ro-

deado dos infantes que galgavam tristes, a pé, de carapuças negras, ao lado dos mulos choutões, o rei pediu, ordenou que o levassem à Sé catedral. Queria beijar o chão da capela de S. Vicente; despedir-se daquelas velhas muralhas românicas que o tempo sagrara; deixar nas mãos do cónego crasteiro os sacos de marcos de oiro precisos para acabar as capelas da ábside. A sua alma piedosa e simples, primitiva e cristã, ardia na sêde espiritual de comungar em Deus. Subiu, quási de rastos, as escadas da Sé; beijou com humildade as cruzes negras do pálio do arcebispo, que surgira a recebê-lo, revestido, um sudário branco atado na cabuta de prata; e entre o povo que corria, que enxameava, que tumultuava, que chorava olhando o fantasma do seu rei, as cabeças cobertas de panos de tacanho, as avarcas de coiro matraqueando nas pedras, — D. João I, agora nos braços do velho deão João Roiz, que soluçava; do cónego Griz Álvares, enorme na sua barreta de peles de argempele; do inglês Roberto Payno, cónego idealista que traduzira a *Conversão do Amante,* de Gower; do moço chantre Afonso Anes, que o amparava, que lhe beijava as mãos, que lhe chamava pai, subiu os últimos degraus de pedra, entrou na grande nave silenciosa coroada de trifórios, e tremendo, sorrindo sempre, a face iluminada numa expressão de beatitude, o olhar fixo no grande retábulo flamengo de S. Vicente, foi desdobrando pouco a pouco a sua envergadura enorme, alteou, cresceu, ergueu-se como um gigante, e súbitamente, como um tronco que abate fulminado, caiu de joelhos. Os físicos acorreram, nas suas lobas negras, julgando-o morto. O arcebispo D. Pedro de Noronha quis soerguê-lo; mas o corpo resistiu, contraído; a vida latejava-lhe ainda nos pulsos; o olhar brilhava fulvo e inquieto; um furor de penitência agitava agora aquela sombra esvaída e decrépita. Deram-lhe o corpo de Deus sôbre uma toalha de holan-

da, numa patena de oiro; compuseram-lhe a samarra, aberta na pescoceira; cobriram-lhe com um capelo a cabeça branca, e entre brandões acesos, a dupla cruz de bronze erguida, levaram-no até às andas, seguido de todo o corpo cabidual. Os dois mulos brancos, caminhando a par, galgaram as betesgas lajeadas entre as casas velhas do burgo; as mulheres acudiam, espeitoradas das janelas, levantando as reixas, assomando as cabeças escuras: mesteirais e ruões, mendigos e moiros, embrulhados em aljarábias de zudero e de burel, curtidos do sol e negros de terra, tumultuavam, avançavam, carpiam, conduzindo à alcáçova o seu rei doente.

Quando chegaram ao patim do castelo, e o arrancaram do leito das andas, e o levaram em braços ao paço, e o sentaram diante duma janela aberta sôbre o rio, num cadeirão enorme de castanho coberto de alambéis de pano de oiro de Castela, — o rei João, arquejante, devastado, vermelho na sua samarra de pano de Gales como uma grande nódoa de sangue vivo, passou as mãos pela barba revôlta, pediu um espelho a frei João Xira, contemplou-se largo tempo na prata polida, borbulharam-lhe dos olhos duas lágrimas, o ordenou, na dor da sua ruína esquálida:

— Chamai o alfageme que venha cortar-me estas barbas! Um rei não deve de entrar tão disforme na morte!

Em volta de D. João I, cujos lábios, cada vez mais roxos, se agitavam agora num tremor fibrilar, juntavam-se, pouco a pouco, as figuras eminentes da côrte e do conselho; o arrabi-mor dos judeus, Judas Cossêm, a estrêla vermelha, grande como o sêlo real, aberta sôbre o ventre da loba; o carmelita frei João Galo e o vigário de S. Tomé, Vasco Esteves, lentes de prima da Universidade, sentados sôbre uma ucha pequena holandesa; o prior da Batalha, frei Gonçalo, derrubando a testeira negra do capuz sôbre os olhos; o magro frei João Verba,

confessor do infante D. Pedro, mordido já da lepra; o inglês Mateus de Pisano, que herdara da mãe erudita os olhos verdes e o suave idealismo bretão; o chanceler da casa do cível; o protonotário apostólico,— frades, cavaleiros, físicos, doutores, uma multidão que olhava, que se interrogava com gestos mudos, que assistia em silêncio à agonia imperceptível do rei. O infante D. Duarte, pálido, envelhecido, em pé diante dos ferrolhos largos dum armário de Flandres, mordia as mãos para não chorar. O infante D. Henrique, a face dura e negra na sombra do grande chapéu borgonhês, os braços cruzados sôbre o mongil roxo, o delírio de África a fuzilar-lhe nos olhos, erguia a sua estatura formidável de encontro ao silhar de azulejos da parede. O pavor da morte pintava-se em todas as faces. No silêncio, ouvia-se o tinido metálico duma gota de água caindo sôbre um pratel de cobre. Lá fora, debaixo dum sol de brazas, o rio esplendia, scintilava, cortado de fustas santarenas, de carracas bojudas, de latinos de caravela,—e os montes verdes dalêm rio, abertos de barredos vermelhos, alongavam-se numa névoa luminosa, galgando até Palmela, ondulando, quási roxos, Arrábida fora, e perdendo-se na linha longínqua do horizonte em arrebentações de nuvens.

—O alfageme, meu senhor!—murmurou frei João Xira, quási ao ouvido do rei.

Os físicos e os frades arredaram-se. Um homúnculo escuro, miúdo, chamorro, tôsco como uma azinheira alentejana, o zorame negro de marvil sôbre o saio de

burel branco, uma escudela de prata numa das mãos, uma tosquiadeira e uma faca de fio lampejando na outra, ajoelhou aos pés do monarca, beijou-lhe os dedos descarnados e vacilantes que poisavam sôbre o braço do cadeirão de castanho, voltou a erguer-se, e lentamente, o joelho fincado numa arca velha, começou a mondar-lhe os pêlos brancos da barba. Mechas de cãs oleosas rolaram sôbre o peito vermelho da samarra. Um ronco mal distinto ferrara-se na garganta do rei. Os olhos começavam a cobrir-se-lhe de névoas. Chamou num gesto o confessor; e emquanto o alfageme, mal principiada a sua tarefa, tosquiava aquela face e aquela cabeça de espectro, D. João I preguntou ao velho dominicano, num sorriso tranqùilo, se era a êle que tinham encomendado o sermão das suas exéquias. Frei João Xira quis gracejar; mas a comoção tolheu-o, a língua entaramelou-se-lhe, e murmurou, engolindo um soluço:

— Assim Deus, senhor rei, me quisesse levar antes de vossa mercê!

— Que horas são?

— Tangeu a terça em S. Vicente, meu senhor.

— As gaivotas vôam rasteiras,— gemeu o rei, olhando o rio azul, que faiscava.— É sinal de tempestade...

E depois, a face nas mãos do alfageme, os beiços tremendo, os dedos agitando-se sôbre o bancal de pano de oiro:

— Já não vejo chover ámanhã!

D. Duarte fugira, chorando. O infante D. Fernando, loiro como uma figura flamenga de Van Eyck, os olhos cavados de dor, trouxe no pano do jaque uma regaçada de rosas bravas e deixou-a tombar sôbre os joelhos do pai. Ouviam-se ainda as gotas de água caindo, compassadas, no pratel de cobre. O rei olhou frei João Xira e preguntou-lhe, serêno, uma réstea de sol a brincar-lhe na face, qual fôra, em seu entendimento, o dia mais belo

da sua vida de rei. Os olhos do dominicano, vermelhos de lágrimas, iluminaram-se:

— Aljubarrota, meu senhor!

Naquele dia, àquela mesma hora, completavam-se quarenta e oito anos sôbre a grande batalha. E o rei João, como se outra vez lhe passasse diante da vista nevoenta o tropel heróico da ala de Nun'Álvares, rajada tumultuosa e ululante de lanças e de balsões verdes, de braçais e de cotas lampejantes, de fachas de ferro e de cruzes vermelhas de S. Jorge, — soergueu-se entre os braços rudes do alfageme, cuja faca lhe cantava nos pêlos da barba, e pediu ao dominicano, seu prègador, que naquela hora de miséria e de agonia, naquele instante em que a vida não era mais para êle do que uma memória e uma saudade, um adeus e uma sombra, um sôpro de vento e uma mão cheia de cinza, recordasse, evocasse, ressurgisse, ainda uma vez, a mais bela jornada da sua existência.

— Aljubarrota! Aljubarrota!

E frades, judeus, físicos, doutores, tudo assistiu, num arrepio de pavor, ao espectáculo grandioso daquelas exé-

quias feitas perante um rei moribundo. A voz de frei João Xira, a mesma voz que prègara a cruzada de Ceuta, ergueu-se, comovida e trémula. Debaixo do escapulário negro, as mangas brancas da túnica voejaram. A figura simples e carinhosa do dominicano ganhou, um momento, magestade e grandeza. Verdes, húmidos de relva, os pousíos chãos de Aljubarrota surgiram, eriçados de lanças que chamejavam, faúlhantes de estarcões e de bacinetes, de capelinas e de barbudas, como serpentes de ferro ao sol. Por instantes, na palavra potente daquele velho, ressuscitou a vanguarda gloriosa do Condestabre, hirsuta de piques bárbaros: drapejaram as bandeiras verdes da ala dos namorados, como um pinhal de morte ramalhando e rugindo; ergueram-se, na ala esquerda, os archeiros inglêses, frios, ruivos, enormes, os jaques de coiro estofado, as béstas armadas e atentas; e na rectaguarda, à frente duma onda de cruzes vermelhas abertas em laudéis de fustão branco, à testa de toda a cavalaria, negro, ardente, formidável, a baveira do bacinete derrubada, a facha de armas sangrando nas mãos,—o mestre de Avis, o rei de Portugal.—*San Jorge! San Jorge!*—Os trons castelhanos estoiraram como trovões; faiscaram na terra vinte mil ferraduras; mantões de cavaleiros chamorros cortaram o vento, sacudiram o ar; o chão tremeu; e sôbre a erva vermelha de sangue, tropeando, exterminando, as manoplas erguidas, os lorigões de ferro ardendo ao sol, o punhado dos portugueses varreu, enxotou, tresmalhou como carneiros a flor da cavalaria de Castela.—*San Jorge! San Jorge! Portugal! Portugal!*—Todo o estridor da batalha passava agora, numa convulsão, na figura transfigurada de frei João Xira, nos seus olhos rugosos e pequenos, na grandeza sobrenatural dos seus gestos de aparição. Escutando-o, ouvia-se o ferrolhar, o entrechocar das sôlhas, dos rebraços, dos avambraços, das cotas, dos espaldares; sentiam-se os uivos, as pragas, os gemi-

dos, os rinchos dos cavalos, o clangor das trombetas de cobre; adivinhava-se, revivia-se o tumulto, o fragor, o tropel, o alarido da peleja; ouvia-se ulular Nun'Álvares, bradar em guinchos selvagens o arcebispo de Braga, gritar o moço Castelvide, arrancadõ em sangue de cima do cavalo, — e enorme, gigantesco, levantado nos estribos, uma estôfa azul vestida sôbre a cota negra de ferro, um bacinete negro de camal enterrado na cabeça, o gascão João de Monferrato, que rugia, como um arcanjo de treva, o montante apertado nas manoplas de coiro, ferindo, talhando, abatendo, erguendo já o estandarte rial de Castela: — *San Jorge! San Jorge! Portugal! Portugal!*

E o rei ouvia, escutava o frade, num êxtase, as mãos pálidas brincando entre as rosas, um raio de sol a bater-lhe na face, o ronco da agonia farfalhando-lhe na garganta. O alfageme, empoleirado na ucha, mordendo o beiço, lampejando a faca, rapava-lhe o soqueixo de múmia. E frei João Xira continuava, os braços erguidos como duas asas brancas, contando agora como João de Monferrato, o grande amigo do mestre de Avis, sete vezes sagrado pelas batalhas, caíra na lide, ferido dum virotão castelhano que lhe falsara a cota. Uma onda revôlta de mantões das Ordens, de caparazões de ferro, de lanças, de piques, de achas, cobriu, num momento, o corpo formidável do gascão. O rei João viu-o cair; correu, numa arrancada vertiginosa, ferindo lume; cem, duzentas cruzes de S. Jorge tombaram sôbre aquele festim de corvos carniçais, espantando, desbaratando...

— E quando vossa mercê, senhor rei — prosseguiu o dominicano, com os olhos no vulto vermelho do rei que arquejava batido do sol — buscou entre a sangüeira da batalha o corpo do mais valente gascão que ainda a França deitou, dois bèsteiros levantaram-no, uma lágrima

borbulhou na face do mestre de Avis, e o santo Condestabre disse, caindo de joelhos na terra:

— Está morto!

Os sinos de Lisboa repicaram. A cabeça vacilante do rei tombou-lhe sôbre o peito. O alfageme olhou-a, fito, recuou de pavor, deixou cair a faca e murmurou:

— Está morto.

---

# O JOANICO

# O Joanico

(SÉCULO XIX)

Nessa manhã, el-rei Junot, rodeado de cantoras e de bailarinas, regressara precipitadamente do Ramalhão. O côche da casa rial que o transportava parou à porta do palácio do Quintela, bamboleando sôbre os correões esticados. O duque de Abrantes desceu, com Solignac, rugindo, gesticulando, arrastando o sabre. Tinham chegado más notícias. Depois do Pôrto, que proclamara a sua Junta Provisional; depois da humilde Olhão; depois da nobre Bragança, rebeladas contra a dominação francesa, — Évora, sacudindo o jugo, revoltara-se e armara-se. Eram necessárias providências prontas: esmagar o Alentejo e manter a ordem em Lisboa. O 86 francês, que ia levantar o rancho, marchou imediatamente para o sul, sem comer, as caldeiras às costas, o pão espetado nas baionetas. Da sua casa das Chagas, Herman, ministro das finanças de Junot, expedira ordem para fundir em barras toda a prata das igrejas. As ruas da cidade foram coalhadas de rondas e de sôbre-rondas. A asa negra da suspeita pairava. Na névoa do Rocio escoavam-se, sumiam-se os últimos josèzinhos encarnados. Lisboa inquieta, adivinhando a represália, temendo o saque, afer-

rolhava riquezas, enterrava arcas carregadas de prata, rezava nos oratórios, dispersava-se, fugia.

Quando, no dia seguinte, uma divisão de seis mil homens, mobilisada à pressa sob o comando do sombrio Loison, formou do Rocio ao Terreiro do Paço, lampejante de armas, os oursons crespos como cortiços, os kaulbachs chispando de chaparia de cobre, — não se via viv'alma nas ruas e nas janelas. Emquanto os clarins estrugiam, e a pesada artilharia rodava, ferrolhava, tropeava, cerravam-se as portas pombalinas da rua Augusta, silenciosas nos seus argolões de bronze. Não havia uma loja aberta. Lisboa deserta rezava e tremia. Só à embocadura das ruas capotes azuis de mariolas espreitavam, curiosos. A serpente de ferro movia-se, enroscava-se numa cidade morta. À frente das tropas, Loison, o maneta sangüinário que acabava de assolar e de saquear Leiria, olhava desconfiado, inquieto. Um preto caiador, corrido à coronhada ao atravessar as fileiras, gania, a cara em sangue. Revoavam pombas. Dardejava um sol quente de junho. Junot derrubou o chapéu armado diante da única janela aberta do paço da Regência, onde uma revoada de bailarinas de S. Carlos agitava charpas de musselina côr de rosa; passou, a cavalo, revista às tropas que iam assolar e esmagar Évora, talar campos, incendiar igrejas, violar conventos; olhou, com espanto, as portas fechadas, as ruas desertas; mordeu os beiços de despeito perante a hostilidade surda de Lisboa despovoada; e passando, como uma rajada, sôbre o seu chabraque de pele de tigre, seguido de ajudantes chamarrados de oiro e tilintantes de sabres, galopou para o quartel general, esbofeteou a sentinela que não se perfilara a tempo, e entrando de repelão pelas salas, rugiu, aos murros nas paredes e nas credências:

— *Vilains pekins! Vilains toxons! Je vous écraserai de ma botte!*

Imediatamente, as represálias recomeçaram. Assinaram-se decretos sôbre decretos. Praticaram-se violências sôbre violências. O povo fugia, em liteiras e em traquitanas, para as quintas dos arredores? Ordem expressa para que ninguêm mais saísse de Lisboa sem passaporte. Já eram muitas as famílias que tinham abandonado a cidade? Ordem imediata para que todas regressassem em vinte e quatro horas. Suspeitava-se de entendimentos da côrte com os insurgentes do Minho e do Alentejo? Ordem de prisão contra todos os portugueses suspeitos. A mão nervosa do intendente Lagarde fatigava-se de assinar mandados de captura. As cadeias trasbordavam. Devassavam-se casas à procura de armas escondidas. Nos botequins do *Nicola* e das *Parras,* oficiais franceses, passeando a sua *morgue* e as suas pantalonas brancas, esta-

lavam chicotes, bebiam genebra, insultavam o povo. Lisboa sufocava, oprimida. E emquanto el-rei Junot, o queixo voluntarioso entre as palmas de oiro da gola enorme, sentava nos joelhos a frágil condessa da Ega, a Junta do Pôrto levantava o seu exército; o arcebispo Cenáculo organizava a defesa de Évora; um vento glorioso de rebelião soprava por toda a Espanha, e a esquadra inglêsa, eriçada de mastros, pesada de artilharia, cruzava, como uma ameaça, as costas de Portugal.

Entre a onda de presos que as rondas e as espias levaram, na manhã de 24 de junho de 1808, à hospedaria do general De Laborde, governador militar da cidade, havia um que Lisboa inteira conhecia: era o *Joanico*. Pobre diabo torto, doente, miúdo, corcunda como um golfinho, risonho como os anões de Velasquez, um timão holandês no alto duma cabeça enorme, uns olhos meigos de criança abrindo numa face humilde de monstro, o *Joanico* pertencia àquela singular dinastia de bobos das ruas, que desde os guinchos finos de Bento António até ao relicário patusco do poeta de Xabregas, desde as sumptuosas comendas de Dom João da Falperra até à casaca encarnada do *Pax Vobis*, ensinou a rir, pelo calcadoiro do Rocio e pelas betesgas da Alfama, todos os garotos e todos os mariolas de Lisboa. Era uma figura. Era um tipo. Servente durante anos na Fundição, — acabara, como o Penharanda e como Frei João de Nossa Senhora, a vaguear pelas praças e a fazer sermões. As «môscas» de Pina Manique já não o perturbavam: deixavam-no arengar ao Apolo do Terreiro do Paço, seguido de segeiros, de mochilas, de colarejas, de soldados, — e levantavam-no muitas vezes do lajedo das ruas, a arreigada das orelhas em sangue, bêbedo e varejado de pancadas. Casas abastadas de mercadores e de fidalgos deixavam-no, caridosamente, comer à mesa dos criados. Ás portas das igrejas, os «pisa-flores», no encalço das «gaivotas»,

davam-lhe esmola que êle aceitava, cortejando em passo de dança. Inofensivo, risonho, idiota, com umas contas de Jerusalêm ao pescoço e um livrinho de Santa Bárbara debaixo do braço, imitava animais, fazia recados, cantava os minuetes de Monroy e de Schiopeta, tiritava de frio sob o seu capote velho de saragoça. E os garotos, empoleirados nas seges, escondidos nos portais, salpicados de lama, atiravam-lhe pedras, gritavam-lhe em falsete:

— Eh, *Joanico!* Eh, *Joanico!*

Quando os franceses chegaram, o pobre idiota, encostado a um cunhal de pedra do Rocio, ficou longo tempo a olhar, deslumbrado, os penachos vermelhos dos schakos, a pele crêspa dos oursons, os grilhões de oiro dos schapskas enormes, que faiscavam ao sol. Dias depois, o *Joanico*, imitador como um degenerado que era, enchia o seu coçado chapéu holandês de plumas, de botões, de penachos, de breves da marca, de cruzes de S. Lázaro, e aparecia ao pé do *Nicola* a cantar, a assobiar, a grunhir, a imitar as vozes de comando do general Margaron. Os oficiais franceses, que arrastavam pelas portas dos botequins o seu spencer azul e a sua impertinência, riam-se dêle, chamavam-no como a um cão, atiravam-lhe moedas de cobre, mandavam-no cantar lunduns e fazer sermões. E os olhos de criança do pobre *Joanico*, húmidos, negros, quási belos, florindo numa face miúda e engelhada de fauno, enchiam-se de tristeza diante daqueles homens ruivos e enormes, daqueles *sabreurs* risonhos e brutais, que invadiam, devastavam, tumultuavam

na sua querida cidade, tão quieta ainda há pouco na mancha vermelha dos capotes, na matinada alegre dos sinos. Os franceses deslumbravam-no,— e aterravam-no. Quando os regimentos atravessavam as ruas, no rufo metálico dos tambores, luzindo baionetas, sacolando patronas,— êle olhava-os, imóvel de assombro, transido de medo, e emquanto o seu focinho de animal se iluminava diante das golas de oiro dos generais, da onda colorida dos uniformes, da floresta flamejante dos sabres, uma crispação de rancor inconsciente franzia-lhe a bôca, e pelos seus olhos negros passava, como um clarão, o vago, o confuso, o doloroso sentimento da pátria oprimida. Ouvira dizer que êles vinham libertar Portugal dos ingleses; redimir o povo—pobre povo!—; trazer-lhe, nas patas convulsas dos cavalos, a esmola gloriosa dum rei. Mas o seu instinto de bêsta humilhada, de animal perseguido, via, sentia, adivinhava, palpava a verdade, a evidência do ultraje, o horror da opressão, a vergonha da conquista sem um tiro de arcabuz, sem uma gota de sangue,— e emquanto o pobre chapéu holandês se lhe eriçava de penachos, de plumas, de cruzes, de conchas, de bentinhos, caricatura coçada do chapéu de Luiz XI, e a sua miséria ria, gritava, dançava pelas ruas, o pobre *Joanico*, sem saber porquê, sem se entender a si próprio, reflexo inconsciente da desgraça do povo seu irmão, sentia subir-lhe à garganta o travo amargo das lágrimas, crescer-lhe dentro da alma, como uma sombra imensa, a infinita tristeza da raça esmagada.

Um dia, a mafra ignóbil, a patrulha baixa dos espias portugueses, gente vendida e torpe que o *Falperra* comandava, embrulhada em ferragoulos e em capotes de saragoça, armada de bordões de carrasco e de zambujo, paga a pêso de prata pelo intendente Lagarde, lembrou-se, à falta de vítimas, de apontar ao ódio francês a figura humilde do *Joanico*. Acusaram-no de fingir-se idiota

para iludir as «môscas» da Intendência; de ter trato com os insurgentes de Espanha e com os revoltosos de Évora e do Pôrto; de entrar em casa dos mercadores e dos fidalgos a levar pistolas e escopetas; e — quanto pode a fantasia trágica das delações! — de dar sinais aos rebeldes mudando as côres dos penachos que trazia. A canalha afrancesada, que rondava e espiava, encontrou-o certa noite cosido com as sombras, na Ribeira das Naus; perseguiu-o; viu-o escoar-se para o café do *Grego;* assobiou ao Angelo Canaglioti, amigo dos franceses, — e, daí a pouco, o pobre corcunda, filado pelo pescoço como um rafeiro, esperneando, ganindo, era atirado para o meio da mafra que o levou, a rebolar pelo lajedo, aos pontapés, como uma péla, como um farrapo. Não o meteram no Tronco ou no Aljube; arremessaram-no, enxotaram-no para a «casa das palhas» do Hospital, buraco de treva onde ululavam, rugiam, arquejavam os loucos. E na manhã seguinte, uma clara e doirada manhã de junho, o *Joanico* lá foi, na leva dos presos da véspera, desancado, esfarrapado, chorando, coberto de estêrco e de sangue, de roldão com frades, negros, mercadores, almocreves, genoveses capelistas, fregonas descalças, farricocos da tumba da Misericórdia, — tudo rebelde, tudo insurgente, tudo conspirador —, até à hospedaria onde morava o general De Laborde, governador das armas de Lisboa.

Os pregões cantavam nas ruas. Estrugiam clarins ao longe. E os presos, enxovados num pátio, cosidos uns com os outros como carneiros, apertados entre baionetas francesas, entreolhavam-se na incerteza do seu destino, à espera da vez de ser interrogados e condenados sumáriamente, — emquanto lá fora o sol fresco da manhã, batendo de chapada, doirava a casaria pombalina, alastrava sombras violetas debaixo dos cachorros de pedra das sacadas, fazia cantar, florindo, saracoteando, os josèzinhos vermelhos e os lenços bicudos que passavam na rua. Ao

pé dum janelão de grades, os pulsos débeis aferrolhados em anjinhos, o pobre *Joanico*, encostado a um poial onde o não deixaram sentar-se, via os seus companheiros subir as escadas entre espingardas, trémulos, verdes como uma convalescença de sezões, — e descê-las daí a minutos, cambaleando, entre pragas dos soldados franceses, levados, enxotados para destino ignorado, o Aljube ou o cais do Tojo, o degrêdo ou a sola do carrasco. Quando chegou a sua vez, o *Joanico*, trôpego, ensangüentado, humilde, indiferente, galgou a escaleira escura, atravessou aos empurrões duas casas forradas de silhares altos de azulejo, onde dormiam soldados estendidos em bancos, e arredando uma velha guarda-porta de baetão vermelho com as armas de D. Maria I, entrou na sala do general. De Laborde, embrulhado num capote cinzento, o queixo macisso e brutal ferrado na gola alta recamada de oiro, almoçando entre uma garrafa de vinho e uma serpentina retorcida de prata, um melão da Chamusca e um cortiço de azeitonas, trinchava sôfregamente a carne loira de uma perdiz das coutadas de Salvaterra. Olhou o idiota, que se encolhia entre os soldados, mirou-o com estranheza, desde a cabeça enorme empastada de sangue até às sapatorras cosidas de tombas como uma caldeira velha, e voltou-se interrogativamente para o comandante da guarda:

— *Qu'est-ce que c'est que ça?*

O *Falperra* acudiu logo, explicando, instruindo, rodando nas mãos o chapéu de pêlo de coelho, o cajado de zambujo metido no sovaco, as botas pregueadas mordendo o tapete. A acusação foi simples, sumária, terminante. O *Joanico* andava com os insurgentes, passava-lhes armas, dava sinais aos ingleses com os seus penachos de côres. Era um vendido. Era um espião. Bruscamente, De Laborde voltou-se na sua cadeira velha de moscóvia, arremessou o guardanapo, fixou o prêso. Uma saraivada

de preguntas, em português e em espanhol, caíram sôbre o pobre idiota que olhava, deslumbrado, sôbre um tamborete, o chapéu armado, o sabre e as luvas do general. Onde estava o brigadeiro Balesta? Para onde fugira o mercador Bulkeley? Quem tripulava o penque que fuzilara os franceses na Nazaré? Quem dirigia os rebeldes de Lisboa? Onde estava o belga Dannecker? Onde estava o italiano Polleri? Qual era o santo e a senha da revolução? E o corcunda, os olhos redondos de espanto, as mãos roxas das algemas, sem entender uma palavra, sem perceber o que queriam dêle, repetia, pasmado, babado, roufenho:

— Não sei...

O general bateu uma punhada na mesa. Tilintaram os copos. A serpentina de prata rolou no chão. A mão brutal dum sargento, abatendo pesadamente nas costas do pobre monstro, fê-lo afocinhar no sobrado, levantou-o, varejou-o, sacudiu-o no ar. Havia de responder, ou cantava-lhe a sola nas costas, mais apressada que a batuta do Marcos numa fuga de Santa Cecília. E as preguntas choveram ainda mais insistentes, mais tumultuosas, mais imperiosas. Quem amotinara o povo no dia do *Corpus Christi?* Quem matara o soldado francês na Ribeira Velha? Quais eram as côres dos insurgentes de Lisboa? Quem facilitara a fuga do Núncio para a esquadra inglêsa? Onde estava o negociante John Leigh? Quem trouxera as armas e a pólvora encontradas na rua do Oiro? E o *Joanico,* voltado para a janela, encandeado da luz, pasmado, perplexo, a bôca aberta numa expressão de hebetude, repetia sempre, respondia sempre, como um eco:

— Não sei... Não sei...

O general levantou-se. As esporas tilintaram no tapete de Arraiolos. Sôbre o spencer coberto de oiro, a Legião de Honra sangrou. De Laborde, voltando para os

oficiais a sua face firme e enérgica de romano, inquiriu num gesto de mal dissimulada dúvida:

— *Ça conspire, vraiment, cette brute?*

E depois, encarando no pobre bobo cujos olhos piscavam, cujos lábios tremiam, ordenou-lhe, em espanhol, que erguesse um viva a Napoleão. O *Joanico,* apagado, passivo, curvado, humilde, desdobrou quanto poude a sua figura esmagada de anão; os seus olhos meigos e quási belos iluminaram-se; qualquer coisa de nobre, de sagrado, de impetuoso, de instintivo, cresceu, galgou, resplandeceu naquela pobre carcassa de monstro; uma fôrça desconhecida, como uma rajada convulsa de tempestade, abalou, sacudiu, fibra a fibra, aquele animal hediondo por cuja alma passava, num relâmpago, num clarão, numa auréola, a alma rebelde, a alma ardente, a alma generosa de todo o povo oprimido.

— *Vive Napoleon!* — gritou o oficial da guarda.

— Viva a pátria! — respondeu o *Joanico,* o sangue a latejar-lhe nas fontes, as lágrimas a bailarem-lhe nos olhos.

O general olhou-o, surpreendido. Pois quê? A nobreza de Lisboa pedia um rei a Napoleão; o comércio de Lis-

boa queria ser francês; o senado da Câmara recebera Junot como senhor; todos os grandes do reino, todos os casacas-de-briche se curvavam, adulando, lisonjeando, sorrindo,—e era naquele corpo torto de azinho alentejano, naquele abôrto, naquela vergonha da raça, naquele pedaço de lôdo, que ia anichar-se a rebelião corajosa, a rebelião cara a cara, a rebelião de algemas nos pulsos, a rebelião inconsciente e heróica, suprema e inútil? De Laborde agarrou o *Joanico* por um hombro, arrancou-o das mãos dos soldados, fixou-o bem, disse-lhe que o mandava em paz se erguesse um viva ao Imperador, que o fuzilava se se recusasse, e olhando nos olhos o pobre bobo grotesco, indiferente, aferrolhado, ensangüentado, bradou-lhe:

—*Vive l'Empereur!*

E a mesma voz baça, a mesma voz roufenha, a mesma voz miserável, a mesma voz gloriosa, repetiu:

— Viva a pátria!

Mãos crispadas ergueram-se sôbre o *Joanico,* — mas um olhar do general deteve-as e imobilisou-as. De Laborde preguntou se viera algum frade na leva dos presos. Responderam-lhe que vinha um frade do Carmo, que do púlpito falara contra os franceses. Mandaram-no subir. Era um velho ósseo, devastado, a barba branca como uma onda de prata sôbre o escapulário de estamenha, a capa de burel branco da ordem a envolvê-lo como uma mortalha. Quando êle entrou, entre baionetas, o general ordenou ao oficial da guarda que dentro de meia hora mandassem arcabuzar o idiota no Terreiro do Paço, e que nessa meia hora o entregassem ao frade, para o ouvir de confissão. Como o general Druot, que trazia sempre uma Bíblia na sua bagagem; como Berthier, que armava um altar na sua tenda de campanha, — o mediocre De Laborde não se esquecia, nestes momentos, das formalidades da religião. Improvisou-se um altar na

cave da hospedaria ; e emquanto o governador de Lisboa, de novo sentado à mesa, enchendo de vinho o seu copo enorme com as armas reais pintadas no vidro, talhava a polpa doirada e suculenta do melão da Chamusca, neto daqueles que o marquês de Castelo Rodrigo semeara no seu paúl, no meado do século XVII, — o pobre *Joanico*, aos pés do carmelita, tranqùilo, quási risonho, sem compreender bem que ia morrer nem por que crime o matavam, as mãos presas nas algemas, os olhos pregados num Cristo enorme, contou que era enjeitado do Hospital Rial, que o tinham prendido a noite passada no café do *Grego*, que vivia de esmolas e da graça de Deus, que nunca tinha conspirado porque não sabia o que era, e que não rezava porque ainda ninguêm o tinha ensinado a rezar. Quando a meia hora correu, as oito coronhas do pelotão de execução bateram no lajedo do pátio. O frade, debulhado em lágrimas, compreendeu todo o horror do crime que ia cometer-se, saíu do oratório, pediu à escolta que não levasse ainda o preso, e galgando as escadas, a barba revôlta, os olhos vermelhos de chorar, a cruz peitoral na mão descarnada, os braços erguidos num gesto de súplica, entrou pela sala do general, atirou-se-lhe aos pés, implorou, soluçou, clamou :

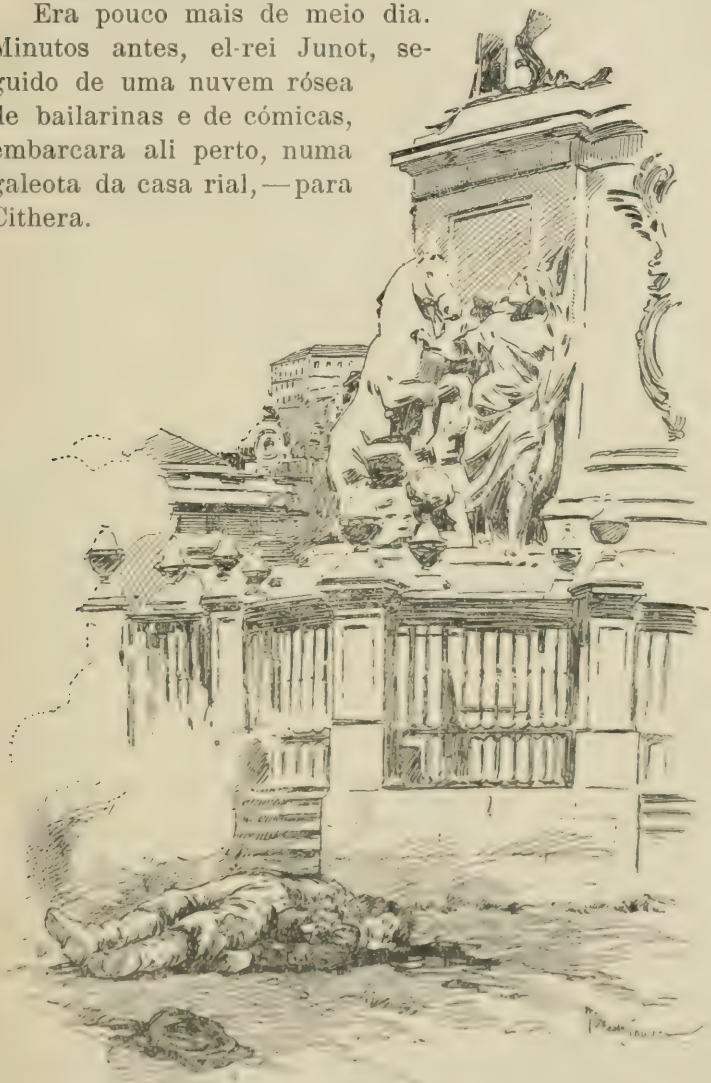
— Misericórdia ! Misericórdia !

O sol, espelhando na cal da parede fronteira, cegava. Chilreavam, cantavam pregões nas ruas. Um sino de oração, num convento distante, batia. E emquanto os ajudantes de ordens, atirando sôbre o frade as patas ruivas e enormes, repuxando-o pelos panos do hábito, o erguiam do chão e o arrastavam para a porta, — uma descarga soou, lá fora, cerrada, sêca, breve, como um rumor de tábuas que caíssem empilhadas.

No Terreiro do Paço, nas costas da estátua de D. José, o pobre *Joanico*, herói sem o saber, arcabuzado à ordem

do general De Laborde, acabava de cair, crivado de balas, numa poça de sangue.

Era pouco mais de meio dia. Minutos antes, el-rei Junot, seguido de uma nuvem rósea de bailarinas e de cómicas, embarcara ali perto, numa galeota da casa rial, — para Cithera.



GALAAZ

# Galaaz

(SÉCULO XIV)

Era passada a hora de véspera quando o moço Nun'Álvares, casado naquele dia em Santarêm, avistou os paços do Bom Jardim. Adivinhava-se ainda, na linha roxa do horizonte, coroando ondulações de montanhas, o oiro flúido do sol. Uma névoa densa descia, alastrava para as bandas do Tejo, esfarrapava-se na fronde das carvalheiras enormes, dormia, açapada, ao longo da encosta hirsuta de mato. Na velha tôrre românica do mosteiro, como numa albarrã de fortaleza, os sinos tilintavam, matinavam. A par da tôrre, o paço novo do Prior, cuja pedra doirada, as marras, os lozões, as lurias dos alvanéis lavravam ainda, atirava em pernadas pela lomba do monte os seus arcos-botantes de catedral. Flutuavam sombras. Descia a noite. E a comitiva, cujos cavalos e azêmolas tropeavam, córrego acima, com as suas selas galegas e os seus peitorais deaurados, teve de acender tochas e lucernas de prata para galgar numa arrancada a congosta aberta de barrancos, empilhada de tijolos de Aragão, atulhada de testeiradas de estêrco. Ao cimo da ladeira, com brandões também acesos, aguardavam os freires hospitalários, os hábitos negros alados de cruzes

brancas. O povo, rugindo, cantando, enxameando, dançando a «frol granada», os capeiretes de burel entestados para os olhos, os socos bezerruns tairocando, batia altâncaras, esperava a maridada, sacudia ramos de pinheiro nas mãos.

Á frente, numa sela ouropelada de bafordo, loiro, sombrio, esquivo, preocupado, florindo os seus dezeseis anos ardidos de sol, Nun'Álvares cavalgava à ilharga esquerda do pai, embrulhado num tabardo de pano verde de Oviedo, os olhos pequenos e argutos a luzir ao clarão das lucernas. Atrás dêles, numa mula anã, esguio, magro, vestido duma loba preta de capelo, os pés quási a arrastar pelo chão, chouteava sòsinho o astrólogo da casa, mestre Tomás; e logo nas costas, a par do arcediago de Santarêm, velho decrépito, revestido duma dalmática doirada e coberto duma barreta vermelha, que oscilava como um espectro sôbre a gualdrapa da jumenta, vinha, numa mula branca de presépio, choutã, selada de trouxas, coberta duma acítara de mudbage tecida de oiro, — a nova maridada. A luz dos fogachos batera-lhe em cheio, na volta da azinhaga. Era trigueira, esperta, risonha, pequena de corpo, o palmo da cara soqueixado num oral de seda branca, um sombreiro de gicebí rosado na cabeça, uma cota de zarza gamaia a apertar-lhe o busto airoso, uma cinta de oiro de Momperle sôbre o ventre, e abrindo, florindo-lhe na face afogueada, uns olhos pretos, húmidos, prófundos,

onde passavam em scentelhas, em clarões, toda a fereza, toda a ternura, toda a volúpia, toda a humildade da mulher portuguesa do século XIV. Seguiam-na as cuvilheiras moças, as donas velhas, toucadas de enxaravias vermelhas, embiocadas em mantões pretos, calçadas de alcândoras de madeira doirada, ramalhantes de rosários, sentadas em mulas; os irmãos e as irmãs de Nun'Álvares; clérigos e frades de Santarêm, de Lisboa, de Leiria, as cogulas para a testa, as avarcas às costas; azêmolas carregadas de baús, de arcas, de almofreixes, de cofres de Flandres, de caldeiras de cobre, — e povo, muito povo, todo o povo miúdo vindo dali perto, do monturo dos oleiros, dos ferrageais da Enxarrama, dos casais ribeirinhos, descalço, negro, embrulhado em chiotes de tacanho, a uivar, a gritar, a pedir esmola. Os sinos repicaram mais vivos; as lumieiras do paço luziram; cantavam ralos nas moitas, e a grande noite estrelada, como um imenso pálio negro, cobria de êxtase e de silêncio as sombras fecundas da terra.

O velho Prior, a barba branca revôlta como o Santo Antão de Lipo Florentino, foi o primeiro a apear-se, a estender a palma da mão robusta à estribeira da maridada sua filha, que saltou sorrindo, quási voando, nos braços das donas. Nun'Álvares, cada vez mais sombrio, mais preocupado, mais inquieto, atirou-se da sela, num repelão, travou do hombro de mestre Tomás, deixou que todos entrassem o largo portal dos paços, e emquanto azeméis e leigos de S. João de Jerusalêm descarregavam azêmolas e levavam as arcas da prata e

os almofreixes do enxoval, preguntou-lhe baixo, à esconsa:

— Que dizem então, mestre, os doutores de Mompiller?

O astrólogo enterrou a chapeira de lã pela cabeça abaixo, levantou o focinho ao ar, farejou as estrêlas e respondeu tranqùilo:

— Entrou Marte em conjunção. Vá em boa hora vossa mercê.

— E sois capaz de jurar, mestre, sôbre a vera cruz, que o meu braço não enfraquece, que posso com a mesma espada amanhã?

— Pode vossa mercê amanhã com tantas espadas quantos filhos tiver!

Mas Nun'Álvares, os olhos piscando, o beiço nervoso, loiro de lanugem, a tremer numa convulsão, as mãos estorcegando inquietas o grilhão de oiro de Londres que lhe apertava o colo, inquiria, preguntava ainda. Queria saber agora o que diziam os doutores de Bolonha, os físicos judeus de Lisboa, os médicos do senescal de França, os grandes livros de Avicena que vira um dia, presos de grossas cadeias de ferro, na estante de arquibanco de mossem Moisés Navarro. E mestre Tomás, a tiritar de frio, a almucela duma bêsta pelas costas, respondia, empurrando-o brandamente para as escaleiras do paço:

— Dizem todos, meu senhor, que é tempo de vossa mercê fechar os livros de cavalarias e abrir os olhos para a sua mulher de bênção!

A adolescência loira de Nuno criara-se e abrira na intimidade das novelas do ciclo bretão. O maravilhoso de São Brendão deslumbrara-o. Na sua bravura inconsciente balbuciava o misticismo celta da Távola Redonda. Educado pelos freires da Ordem, embalado na *Historia rerum Britanniae,* a imaginação ardente do pequeno Nun'Álvares medira a sua espada pela espada flamejante do rei Artur. A história de Galaaz, que êle sabia de cor,

que trazia sempre consigo, iluminada pelos bernardos de Alcobaça e abrochada em fortes pastas de prata, impressionara-o, dominara-o, penetrara-o de exaltação e de fé. A sua preocupação dominante, a sua ideia fixa era imitar em tudo, ser em tudo a sombra de Galaaz. Galaaz era o seu herói, era o seu modêlo, era o seu S. Jorge, era o seu arcanjo S. Miguel. A virtude da virgindade tornara Galaaz invencível: queria ser virgem, conservar-se virgem também para fazer prodígios como os dêle. Via-o em sonhos, resplandecente de armaduras, crescer, sorrir, pousar-lhe a mão sôbre o peito de criança, ordenar-lhe que fugisse da mulher se queria ser forte, que repelisse o amor se queria ser grande. E os seus freires hospitalários, os mestres da sua infância, criando-o para altos destinos, fortaleciam-no no seu delírio de virgindade, liam com êle a história maravilhosa de Galaaz aberta em capitulares de oiro brunido, recitavam-lhe passagens de Santo Agostinho, em que a mulher surgia como um monstro sugador de sangue, depauperador de fôrça, possesso de extermínio e de devastação. Quando, daí a pouco, lhe falaram de casamento, todas as suas energias de adolescente se sacudiram num gesto de negação e de recusa. Para a sua pureza de místico, para a sua virgindade de iluminado, o amor aparecia já como um sacrilégio, como uma imagem exausta de fadiga e de decrepitude. Falou-lhe o pai: recusou. Falou-lhe o próprio rei: recusou também. Falou-lhe a ternura materna, na figura loira e tímida de Iria Gonçalves: recusou ainda. Falaram-lhe os irmãos, os companheiros, os amigos: recusou sempre. Novo Hipólito cristão, com o sorriso ingénuo de S. Francisco de Assis, foi preciso convencê-lo persuadi-lo, ganhá-lo pouco a pouco. Chamaram-no à côrte, para o arrancar das mãos dos freires hospitalários. Disseram-lhe que os livros de cavalarias eram mentiras e imaginações dos ingleses, — daqueles ingleses de mícer

Reymond e do conde de Cambridge, que êle vira, ruivos, bêbedos, devassos, enormes, cambaleando, de noite, pelas vielas das mancebas. Repetiram-lhe que se podia ser bom cavaleiro — e casado na graça de Deus. Levaram-lhe, a disputar com êle, os capelos amarelos do rei, mestre Rodrigo, físico e padre correado de Santo Agostinho, mossem Moisés, doutor de Montpellier e arrabi-mor dos judêus, mestre João Vicente,—o astrólogo mestre Tomas, que ficara de lhe ler os doutores de Bolonha. Insensívelmente, Nun'Álvares foi cedendo, agitado ainda de dúvidas, abrandando já na sua fúria misógina, — e Álvaro Pereira, seu primo, e Gil de Carvalho, seu cunhado, perseguindo-o sempre, na capela e na colação, na montaria e no jôgo da bola, escarneciam-no, chasqueavam-no, apupavam-no, enfureciam-no:

— Casareis porende, D. Galaaz!

E Dom Galaaz casou. Mas quando a estola de oiro do arcediago de Santarêm apertou as suas mãos nas mãos trigueiras e ardentes daquela dona viúva de Riba-Douro, sempre noiva e sempre virgem; quando ao primeiro arrepio do contacto da mulher, como a uma revelação voluptuosa, a sua adolescência estremeceu, — o moço Nun'Álvares teve tentações de fugir, de desaparecer, de romper entre as sobrepelizes dos clérigos e as cogulas dos frades, de acolher-se aos seus freires do Hospital, ao seu mosteiro de S. João, para se salvar, para se abraçar para sempre ao único amor, à única ternura, ao único pensamento dos seus dezeseis anos: a sua espada. Mas o pai olhava-o, a onda de prata da barba apostólica sôbre o escapulário negro; os olhos quentes, os olhos profundos de Leonor Alvim, mais pretos ainda no oral branco que lhe envolvia a face, fitavam-no agora como uma súplica; o fumo dos incensários, a ondulação de seda das alaras, o oiro fulvo das dalmáticas pesadas de aurifrígios ciprenses, as imagens proféticas dos retábulos, o

som do clavicórdio que gemia e soluçava pela arquinave, envolviam-no, perturbavam-no, imobilisavam-no, faziam-no cambalear de vertígens. A bênção caíu, crucigiada pela mão esquelética do arcediago; os irmãos rodearam-no, beijando-o, chorando,—e apesar de não haver festa por ser viúva a noiva, o povo, a rascar citolões, a bater adufes, a sapatear os socos vermelhos no lajedo da igreja, dançava, foliava, cantava bailias aos desposados. O sol da manhã esplendia quando se tinham deitado a caminho de Sernache. E já pela tarde, de longada por azinhagas e semedeiros, entre panasqueiras mortas e olivedos negros, curvado na sela galega do trotão, Nun'Álvares, emquanto os aljorzes de cobre dos rebanhos tilintavam, e chocalhavam as esquilas dos bois, e a névoa galgava das bandas do rio, e as sombras caíam e se deitavam pelos charcos e pelos barrancos, pelos barbeitos e pelos silvados,—via ao longe, no poente roxo, esfumado e nevoento, chamando-o, acenando-lhe, surgindo, batida ainda dos últimos raios do sol, a armadura resplandecente, a armadura invencível, a armadura virginal de Galaaz...

—Já chamam a vossa mercê para a bênção do tálamo...—avisou mestre Tomás, tiritando, emquanto lá baixo, no paúl das canas, os sapos cantavam.

E Nun'Álvares, como quem deixa o oratório e galga as escadas dum patíbulo, subiu. Numa recámara pequena, em volta dum leito de largos almadraques armado de encontro a uma almofala vermelha moirisca, esperavam já todos,—o prior, a mãi, os irmãos, as irmãs, as cuvilheiras, as donas velhas, os clérigos com cerofalas acesas, o arcediago revestido da sua dalmática exaurada, da sua alva, da sua estola, do seu manípulo aberto de cruzes de oiro. Os desposados deitaram-se vestidos sôbre a cama, ao lado um do outro, as cabeças sôbre os pulvinares de frouxel; cobriram-lhes os corpos duma cócedra rica de

brocado carmesim, que apenas deixou a descoberto os pequenos pés da maridada, calçados em osas ponteagudas de coiro doirado; e emquanto os turíbulos de prata badalavam incenso, e os sinos repicavam, e o povo, fora, bailava e cantava, a bênção do velho arcediago desceu sôbre o leito nupcial de Nun'Álvares, túmulo da sua virgindade de adolescente, como um sorriso, como um adeus, como uma lágrima:

— *Benedic Domine thalamum hunc, ut omnes habitantes in eo in tua pace consistant, et in tua voluntate permaneant et multiplicentur. Per Christum Dominum nostrum.*

— *Amen,* — responderam os clérigos, cujas barretas negras oscilaram sôbre as sobrepelizes brancas.

Uma chuva de rosas bravas caíu sôbre o leito. Os moços bailavam em volta. Os velhos choravam. Sôbre uma ucha de fortes ferragens, um retábulo da Virgem parecia sorrir. Calaram-se os sinos. Ouviam-se, lá fora, as rãs coaxando nas balsas verdes. Todos saíram da câmara, pouco a pouco. Os desposados olharam. Estavam sós.

Nun'Álvares sentiu roçar-lhe a face, aflorar-lhe os cabelos um hálito quente. Num repelão, levantou a cócedra, saltou do leito. Como uma pequena fera espantada, cheio de terror, olhou a mulher, que sorria para êle. Aquietou; pousou a espada sôbre um escano, diante do armário onde guardava os seus loudéis, as suas pratas, as suas armas; e ajoelhando-se diante da ucha onde floria a Virgem, pôs as mãos e ficou rezando. Era o segundo marido que Leonor Alvim via fugir da sua beleza. O primeiro, — o decrépito, o santo, o riquíssimo Barroso, morrera deixando-a virgem como o vidro por onde o sol passasse. O segundo, assustado, esquivo, como um pequeno animal fulvo e medroso, afastava-se dela com desconfiança e com temor. Um, muito velho; outro, novo de mais, — nenhum dêles era o marido que o seu sangue ar-

dente, que o seu instinto bárbaro reclamavam. Passara a primeira noite de núpcias rezando junto do outro, como uma filha. Passaria a segunda rezando junto dêste, como uma irmã. Levantou-se, ganhou a ucha que servia de oratório, ajoelhou ao pé de Nun'Álvares, ergueu as mãos estreladas de pedras citrinas, e orou. Estavam os dois imóveis, como duas estátuas ajoelhadas de túmulo, quando entrou uma cuvilheira com uma albarrada de prata cheia de água, e em seguida, sorrindo, precedidos doutra cuvilheira, que trazia nas mãos, dobrada, uma camisa de ranzal fino, — o pai e a mãi de Nun'Álvares. Era a camisa dos desposados. Era a última ceremónia. As moças despiram-nos, como se despem duas crianças, castamente, virginalmente: deitaram-nos: enfiaram os dois, à moda de França, numa única camisa de que vestiu, cada um, uma das mangas; beijaram-nos na testa, pai e mãi: e emquanto a luz da candeleja bruxoleava, a tremer, diante do retábulo flamengo, cobrindo de sombras doiradas os escanos torninos, as portadas dos armários, o guadamecim das arcas, — os dois velhos saíram, tristes, uma saudade a turvar-lhes os olhos, o silêncio encheu a alcova, e Nun'Álvares, num clarão de deslumbramento, numa vertigem de revelação, a tre-

mer, a sorrir, a chorar, esqueceu-se, finalmente, de que existira Galaaz...

Já clareava a madrugada, muito ao longe, azulando o nascente, quando o moço Nun'Álvares despertou. A candeia apagara-se. As sombras flutuavam na alcova. Mal se distinguia, na janela aberta, longínquo, indistinto ainda, o alvor trémulo da manhã. Pelas quebradas, pelos casais, pelas almuínhas, os galos, vibrando a sua garganta de cobre, adivinhavam o sol. Mal acordado, Nun'Álvares julgou-se, por um instante, no seu catre de solteiro. Quis voltar-se, — mas sentiu que alguma coisa pesava sôbre o seu braço dormente. Uma estranha tepidez de ninho envolvia-o. O calor doutro corpo ardeu na sua pele fresca de adolescente. Estendeu a mão, como num sonho, tateando, procurando. Uns braços mornos, sonolentos, abriram-se para êle e caíram inertes. Compreendeu tudo. A sua memória acordou. Só, pela primeira vez, com a sua consciência, teve horror de si próprio, da sua miséria, do seu pecado. A fronte latejava-lhe, banhava-o um suor frio. O que fôra para êle uma dúvida tornava-se agora uma evidência. Destruíra, arruinara, com a fôrça virginal do seu braço, o sonho resplandecente da sua glória. No gótico miúdo da *História de Galaaz,* que o escriba de Alcobaça iluminara, aparecia-lhe lavrada a sentença da sua perdição. Um terror religioso abalou a sua alma de criança. A alucinação ganhou-o. Via os olhos duros dos mestres hospitalários condenando-o da sombra. Sentia já os braços mirrados, exaustos, amolecidos, mortos para os prodígios da guerra. O arcanjo resvalara, caíra, tornara-se apenas um homem. Devorava-o a certeza — pobre desvairado infantil! — de que não tinha já fôrça para levantar uma espada. Adeus, sol maravilhoso dos torneios e das batalhas, ilusão do poder, da fôrça e da conquista, desfeita para sempre na doçura dum beijo de mulher! Duas lágrimas queimaram-

lhe as faces. Toda a sua alma, todo o seu instinto repeliam agora a intrusa que a bênção de Deus trouxera ao seu leito. Ergueu-se a meio, os olhos fixos, a respiração suspensa. Libertou-se, pouco a pouco, da camisa que o envolvia; desenfiou o braço que o ranzal fresco acariciava; olhou a mulher adormecida, os cabelos negros presos numa garcera de fio de oiro: fugiu do leito como dum inferno; vestiu uma samarra pardusca de Ruão; atirou-se, quási às escuras, para a espada que repousava e flamejava no bancal do escano; empunhou-a; ergueu-a.

Um sorriso de contentamento iluminou-lhe a face contraída. Um fôlego de alívio sacudiu-o. Respirou. Era a mesma a sua fôrça; era o mesmo o seu braço. Mas não bastava ainda. Queria a certeza, a evidência, a prova. Empunhou bem o ferro, olhou a noiva que dormia debruçada, o seio trigueiro e moço pojando de encontro aos esguiões de linho branco; calçou

uns socos, rodeou o leito, ganhou a porta, desceu as escaleiras de pedra que davam para o cerrado, e à luz indecisa da manhã, quando já cantavam nas ramadas o chapim rial e o pisco chalreiro, meteu por um boeiro largo, entestou com as touças de castanheiros que ramalhavam, com os pinheiros, com os azareiros, com os carvalhos, e investindo contra os troncos como se fôssem gigantes negros e armados, a espada faiscando na mão, talhou, fendeu, acutilou, esgalhou, derrubou, o peito arquejando, a samarra a farpar-se nas silvas, nas joinas e nos cardos, abriu caminho pelo mato, acordou os ecos e as sombras espavoridas, fulminou, devastou como um demónio de treva, e convencido, emfim, de que era ainda o mesmo Nun'Álvares braceiro, o mesmo arcanjo de extermínio, o mesmo Galaaz virginal, de que um beijo de mulher não era um veneno de morte, de que as caricias não tinham o poder de devastar florestas, de que a Pátria, finalmente, podia dormir tranqùila na confiança do seu braço vigoroso, — atravessou de novo o cerrado, galgou a escaleira, descalçou os socos, entrou na câmara, enfiou-se no leito, e exausto, arquejante, feliz, entre a mulher que sorria e a espada que lampejava, — adormeceu.

---

MOUSINHO

# Mousinho

——— (SÉCULO XIX)

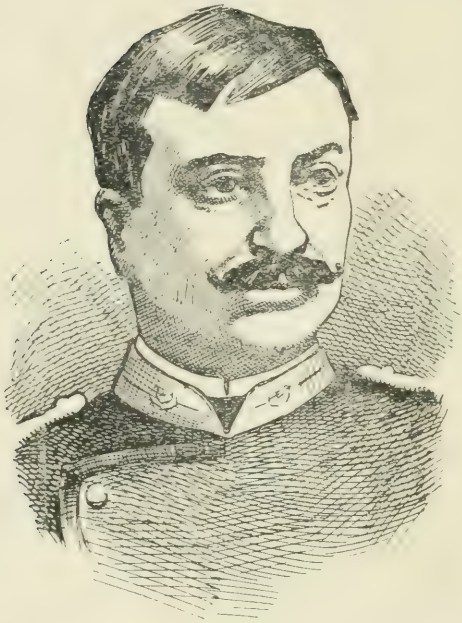
Nessa manhã, Mousinho de Albuquerque pedira para a cocheira das Pedras Negras um *coupé*.

— Um *landau?* — emendou ao telefone a voz do encarregado da cocheira, habituado já ao serviço de Mousinho.

— Não. Mande um *coupé,* — insistiu êle. — Ao meio dia.

Quando batiam as doze horas, como gotas de bronze, no relógio da Estrêla, um *coupé* pequeno, inglês, envernizado de novo, serêno nas suas rodas de borracha e no seu guizo de metal, parava diante da casa pombalina das Trinas. Um sol frio de Janeiro esplendia, doirava os silhares velhos da igreja, cavava sombras roxas sob os cachorros de pedra das sacadas, batia ao alto, como uma mancha viva, numa roupa branca que enxugava, varejada do vento, entre dois telhados vermelhos. Os pregões cantavam pela rua. Hortaliças frescas, viçosas ainda da horta, esbeiçavam do bôjo moirisco dos alforjes, ao passinho carinhoso e choutão dos burros de venda. A Lisboa fidalga, a Lisboa indolente da Lapa, vivia, ainda estremunhada, as suas primeiras horas matinais. Passados alguns minutos de espera, a porta da pequena casa

setecentista abriu-se. O cocheiro, o Manuel Ferrador, endireitou-se na almofada e tirou o chapéu. Na soleira de pedra, esguio, sêco, desdenhoso, escuro, o monóculo na órbita, o képi sacudido para a nuca, o bigode falhado por uma cicatriz, os olhos negros fulgindo raça, energia, nobreza, decisão, espécie de *sabreur* violento que a nostalgia das batalhas entristecera,—o aio dos príncipes surgiu, o sabre no gancho, o cigarro na bôca, calçando as suas largas luvas de camurça.



— Para as Necessidades? — inquiriu o cocheiro, respeitosamente, curvando-se.

— Para as Necessidades, — confirmou Mousinho, subindo de repelão e fechando com estrondo a porta do *coupé*.

A carruagem abalou. O oficial, atirado para as almofadas de coiro verde, sentiu um arrepio crispar-lhe a pele, levantou as vidraças, afundou no *coupé* a sua sensibilidade de impaludado e de friorento, e deixou-se ficar numa atitude de reflexão, olhando sem ver, enfiados pelos boqueirões, os montes barrentos da Outra Banda e a nêsga do rio azul, que tremia ao sol numa babugem de prata. A certa altura, tirou do bôlso um pequeno revólver *bull-dog*, niquelado, de fogo central, seis tiros, verificou que não havia cápsulas no tambor, experimentou o gatilho, e através do fumo do cigarro que o envolvia

como uma névoa, o monóculo fixo na face trigueira e rugosa, considerou longamente, demoradamente, a arma. Entretanto, a carruagem chegava às Necessidades. Os dois lanceiros, a cavalo, imóveis no pátio, perfilaram as lanças. Na escada alcatifada de vermelho, à passagem de Mousinho, bateram os contos das alabardas. Ao entrar na sala Império, estendeu-se-lhe a mão nobre e lial do conde de Arnoso:

— Que tem você, Mousinho?

— Nada. Uma conjuntivite ligeira. Êste ôlho inflamado. Vou hoje ao Higino ver o que isto é.

Almoçaram. D. Carlos, com o seu tipo loiro, róseo, desdenhoso de Coburgo-Bragança, a sua voz levemente fanhosa, o seu sorriso inteligente e infantil, cercado de águas minerais, de frascos de remédios, tinha naquela manhã um ar sacudido, nervoso, preocupado.

— Quando me dá Vossa Magestade o retrato que me prometeu?—preguntou Mousinho, o guardanapo entalado no peito da farda, o prato vazio diante de sí.

— Qualquer dia, já te disse.

— Tinha muito empenho em que Vossa Magestade mo desse ainda hoje.

— Porquê?

A conversa seguiu, animada. Terminou o almôço. Levantaram-se todos. Durante meia hora, no vão duma janela, o rei e o aio do príncipe conversaram baixo, num visível mal-estar, numa visível impaciência, fumando. Bastava olhar êsses dois homens, tão diferentes na raça, no feitio, na expressão, na anatomia, no psiquismo, no carácter, para compreender imediatamente que semelhantes criaturas não poderiam entender-se. Não era aquele o rei que sonhara a alma antiga, a lialdade nobre, a bravura taciturna de Mousinho de Albuquerque. Não era aquele também, com todos os defeitos das suas admiráveis qualidades, o aio que convinha à

educação dum príncipe. Tinham-se enganado ambos. De Nun'Álvares era impossível fazer Maquiavel. O leão que rugira nas florestas de África estava, entre os Gobelins do paço, como numa jaula de ferro. O génio de acção e de aventura, de fatalidade e de anacronismo que, pelo esfôrço dum braço e duma fé, sonhara criar em Moçambique o embrião dum Império, tinha caído, afinal, como uma môsca, na teia de aranha das intrigas da côrte. A espada que chispara clarões de glória em Coolela, em Gaza, em Mojenca, em Macontene, que merecera a Guilherme II a *Aguia Vermelha,* ao velho Kruger uma lágrima de ternura e ao mundo inteiro um gesto de assombro,—essa espada eloqùente, perigosa, formidável, que num momento, se quisesse, teria levado Portugal à maior das temeridades, à mais desvairada das loucuras, à epilepsia da conquista ou ao furor sangrento da revolução, era preciso quebrar-lha na bainha, entorpecê-la, embotá-la, calar a sua voz de ferro e de comando, de morte e de vertigem, atirá-la, como um brinquedo inofensivo, para as mãos côr de rosa duma criança. Bayard tornou-se Polichinelo. O vencedor foi feito aio de príncipes. O assolador de povos liquidou em criado de reis. Quando um dia na penumbra doce das salas do paço, entre os panos de Arrás tecidos de oiro onde tumultuavam as batalhas de Alexandre, a sua consciência dolorosa e deslumbrada acordou,—Mousinho compreendeu então, pela primeira vez, que o tinham assassinado. Daí por diante, a sua vida tornou-se uma longa tortura. Cada dia que passava, aquele homem, que fôra o maior português do seu tempo, reduzido agora a uma sombra inútil, a uma falência gloriosa, sentia mais profundamente, mais dolorosamente, a angústia insuportável de sobreviver a si próprio. A atracção do abismo dominava-o. A volupia da morte possuía-o. Pediu que o mandassem para a China, durante o episódio boxer,—para morrer em beleza. Não

quiseram ouvi-lo. Pediu que o deixassem ir para o Transvaal, durante a guerra anglo-boer, para morrer em triunfo. Não o escutaram. Restava-lhe aquele pequeno revólver desabitado, — e o ponto final singelo, modesto, obscuro, duma bala.

— Para onde vamos? — preguntou o cocheiro, quando Mousinho desceu ao pátio do palácio, desdenhoso, distraído, calçando as luvas, o cigarro a arder ao canto da bôca.

— Armeiro Reynold, na rua do Oiro.

O cocheiro bateu. O sol alto chamejava. Chegado ao espingardeiro, Mousinho comprou cincoenta cargas para revólver *bull-dog*. Depois seguiu para a livraria Ferin; escolheu, ao acaso, um romance de capa amarela, — o *Cruel Enigma*, de Bourget —, e serenamente, sem uma crispação de face, a bota de verniz espelhando, o képi atirado à nuca, — mandou bater para o *Turf*. Pediu papel. Escreveu cartas. Á saída inquiriu, risonho, dos criados que assomaram:

— Devo alguma coisa, rapazes?

Não devia nada. Atirou umas moedas de prata e desceu. Na rua, embrulhadas em peliças enormes, em grandes regalos de *skungs* e de lontra, dançando em vez de andar, o nariz rosado e friorento espreitando de grandes estolas hirsutas, duas lindas mulheres passaram junto dêle, hombro com hombro, olharam-no, sorriram, voltaram-se para trás:

— Olha o Mousinho...

Era tudo quanto lhe restava da sua popularidade e da sua glória, tudo quanto lhe ficara fiel na sua falência e no seu desastre: a mulher. Seguiu com a vista um momento, na névoa doirada da tarde, aquelas duas figuras ignoradas. Guardou na alma a bênção daquele último sorriso. Um estremecimento imperceptivel agitou-o; dir-se-ia que uma asa gelada lhe roçara pela

fronte. Numa decisão súbita, galgou ao *coupé*, gritou ao cocheiro:

— Para Bemfica.

A carruagem rodou. Mousinho baixou as cortinas verdes da frente. Depois, as dos lados. Uma luz doce, uma luz velada envolveu a sua figura angulosa e escura, cavou-lhe mais os traços duros do perfil, encheu-lhe de sombras terrosas a face de bilioso, rugosa, imperiosa, voluntária. Tirou o revólver do bôlso, carregou-o com três cápsulas, e emquanto o reflexo do níquel lampejava, errando na atmosfera nevoenta do coupé, — Mousinho de Albuquerque, na clareza, na lucidez dêsse instante formidável que precede a morte, viu passar diante de si, feito tumulto, feito convulsão, feito vertigem, todo o seu passado de aventura e de heroísmo, de temeridade e de glória. No tropel coruscante dum momento, atravessaram-lhe o espírito quarenta anos de existência. Desde a arquinave gótica do mosteiro da Batalha, onde recebera com o baptismo a predestinação do triunfo, até àquela pequena carruagem fechada que lhe ia recolher o último gemido, — que luminoso galope fôra a sua passagem pelo mundo, e como êle esgotara voluptuosamente a taça de oiro do prazer e da vida! A glória, o mando, a luta, o amor, tinham-no coberto dos seus pálios sumptuosos. Jogara com a morte como com um brinquedo de criança. A sua paixão bramira tempestades. Os seus olhos fulvos tinham entrevisto impérios. A sua mão negra e potente estrangulara vontades, dominara homens, esmagara vidas. Amara, devastara, possuíra, vencera. A existência já não tinha para êle segredos inconfessados nem gozos desconhecidos. Vivêra a comédia maravilhosa, o espectáculo dionisíaco de Nietzsche na sua ascensão gigantesca de poder e de fôrça. Esvasiara, esgotara a vida. Podia morrer contente.

Olhou o pequeno revólver, que scintilava como uma

jóia. Levou o cano à têmpora. O frio do metal, ao aflorar-lhe a fronte onde o sangue latejava, fê-lo estremecer, vacilar. Não era o receio da morte; era o horror instintivo da dor física, o mêdo de não acabar instantâneamente, o pavor das lentas agonias destruìdoras da beleza e da dignidade humana. Ao sopesar na mão a pequena arma, os olhos vidraram-se-lhe de lágrimas. Ter de vir buscar a morte à bôca dum revólver, — êle, que no fragor de seis combates sentira uma rêde de balas silvando sôbre a sua cabeça! Tinha merecido de Deus todas as glórias — menos a de morrer num campo de batalha! Como fôra feliz o seu pobre impedido de lanceiros, fulminado em pleno combate e caído de bruços, numa auréola! Como êle invejara os mortos, naquele dia, enterrados a três mil léguas de Portugal, ao som dos clarins que tocavam a marcha de estandartes, entre um bosque verde farejado de hienas e uma lagoa negra onde chapinhavam patos ao sol! Como seria bela a morte no quadrado heróico de Coolela, vomitando torrentes de balas, sentindo o estalar das metralhadoras, o troar dos canhões Gruzon, vendo arder em labaredas o capim ressequido, e surgir, avançar, fuzilar a linha negra dos atiradores vátuas, coroados de plumas brancas, por detrás dos montes de salalé! E a morte em Chaimite, em pleno assombro! E a morte em Mojenga, palpitante de triunfo! E a morte em Macontene, resplandecente de martírio! Ter estado tão perto da libertação, tão perto da beleza, — e resignar-se, na inacção da paz, a um suicídio de mulher!

A carruagem rodava, lentamente, pelas novas avenidas. Envolvidas na luz fria do sol da tarde, como numa ténue poeira de oiro, atravessavam criaturas risonhas, criaturas despreocupadas, criaturas felizes. Vendo passar aquele trem de cortinas corridas, ninguém adivinhava, ninguém suspeitava, sequer, que tragédia pungente

ia ali dento. Mousinho recostou-se nas almofadas, tranqùilo, como para dormir. Ergueu o braço armado. O cano do revólver lampejou num raio do sol. Rezou mentalmente uma oração. Ainda lhe passou pelos olhos, fulgindo, a imagem heróica do avô, varejado de balas na batalha de Torres Vedras, — mais uma, mais duas imagens queridas... O dedo tremeu-lhe no gatilho. Estalou um tiro. A carruagem parou. O maior português que no seu tempo deitara Portugal, Nun'Álvares da agonia, resvalara sôbre o banco dianteiro do *coupé*, a face chamuscada de pólvora, um fio de sangue vivo a escorrer-lhe

da fonte direira. Estava morto. O revólver fumegava-lhe aos pés. Em letras grandes, na capa da brochura francesa que abria sôbre o tapête as suas asas amarelas, liam-se estas palavras singulares:

*Cruel Enigma.*

---

# O DUELO

# O duelo

(SÉCULO XVI)

A armada do Governador, pojando as velas, fizera-se na volta de Diu, e no dia 6 de novembro de 1546 aferrara aproada à fortaleza. Eram seis galeões grossos e sessenta navios de remo, entre galés, fustas, cotias e tauris. A artilharia troou. D. João de Castro, com o seu cris de oiro ao pescoço e o seu Plutarco debaixo do braço, subiu ao chapitéu da nau capitânia, olhou as ruínas gloriosas da fortaleza, os muros derrocados da coiraça, os baluartes abertos de bombardeiras, toda aquela devastação heróica de três cercos, onde não havia pedra que não tivesse custado uma gota de sangue português. Para além, surgia a cidade, prenhe do poder do Hidalcão, apertada numa cêrca de muralhas em cujas ameias redondas de barro, cobertas de ola e de palha, lampejavam os piques dos moiros e os gorjais de ferro dos rumes. O céu doirado do Oriente, como um grande mosaico, resplandecia.

Na nau capitânia *S. Denis* reuniu-se o conselho, emquanto da cidade os artilheiros venezianos varejavam os galeões da armada. O governador, grandioso, retórico, antigo, gesticulando para a imortalidade como se o vestisse a toga pretexta dum cônsul romano, ouviu o pare-

cer dos seus capitães. Falaram Garcia de Sá, bilioso, irritável, inquieto; o galante João Cabral, que ria de tudo, bravo como um leão, doido como um besoiro, embrulhado na sua jórnea de setim carmesim; D. João Manuel, duro, taciturno, reservado, preocupado sempre com precedências e fidalguias; o sangùinário D. Manuel de Lima, espécie de tempestade assoladora que acabava de devastar a enseada de Cambaia; Manuel de Sousa de Sepúlveda, cuja barba branca ondeava sôbre uma coira de búfalo; o Ramalho, alma de chatim num corpo rotundo de frade bento; o nobre D. Manuel de Eça; o sombrio João Falcão, que não deixava o seu mongil e os seus pantufos de veludo negro. Concertou-se que a gente da armada desembarcaria de noite, a ocultas, metendo-se na fortaleza dos portugueses, emquanto os galeões com salvas de artilharia e as galés à voga arrancada distraíam a gente do Rumecão. Quando os infiéis esperassem o desembarque e acorressem às naus, os cristãos, saíndo da fortaleza, subiriam ao assalto da cidade. Assim se fez. Na brenzêda da noite, sem suspeita dos moiros, a gente da armada galgou por escadas de corda à coiraça da fortaleza de Diu. Escalaram-se os muros, em

silêncio. Depois de terem desembarcado os homens dos galeões de D. João Manuel e de João Falcão, os dois capitães, mal-avindos havia tempo, disputaram sôbre a qual dos dois caberia a honra de subir em último lugar. A escada de corda, tendida por três galeotes, esperava. Os dois fidalgos, ambos reservados, sombrios, orgulhosos, olhavam-se. Debaixo do mongil preto de João Falcão um gorjal de aço chispava. D. João Manuel enterrou a gorra, num repelão, sôbre a crespina de fio de oiro que lhe cingia a cabeça à moda do grande Afonso de Albuquerque, — e cruzou os braços. Toda a gente dos dois galeões tinha subido: faltavam êles só. No silêncio da noite ouvia-se o marulhar das ondas e o zangarreio das violas da armada.

— Suba vossa mercê, — ousou D. João Manuel.

— Aguardo eu que vossa mercê suba, — respondeu-lhe João Falcão, encostando-se à piçarra em que entestava o muro.

— Os Manuéis não medem honras com aventureiros como vossa mercê!

— Vi-lhes o cunhal de armas ao sair de Lisboa: as asas de oiro são as de Mercúrio para a chatinagem, — e os leões de púrpura já não teem dentes!

João Manuel levou a mão à espada. João Falcão arremessou a terra o manto. Mas os três galeotes meteram-se entre os fidalgos. Êles próprios, num relâmpago, lembraram-se de que o tinir dos ferros podia dar alarme aos moiros. Detiveram-se. Olharam-se com rancor. Encapuzaram de novo os rebuços dos mantéus.

— A maior honra é a dos primeiros! — rugiu o descendente dos Manuéis, galgando a escada.

— A maior nobreza é a dos últimos! — resmoneou João Falcão, subindo-lhe nas costas.

Quando se encontraram com os outros capitães no terreiro da Fortaleza, cada um dêles nomeou segundos

para o desafio. D. João Manuel escolheu a D. Manuel de Lima e D. Manuel de Eça; João Falcão, a Garcia de Sá e Jorge da Silva. Reuniram-se os quatro, à esconsa do Governador, no baluarte S. Tiago, em volta duma candeia acesa e dum cangirão de prata. Flutuavam perto, na aragem branda da noite, as raudivas de dois moiros fiéis. Das bandas da cidade vinha o grito das sôbre-roldas turcas. De vez em quando, os camêlos e os basiliscos troavam. Duma bombardeira aberta, viam-se no mar, vermelhos, nevoentos, os lanternins dos galeões e das naus portuguesas. Uma humidade morna caía como uma névoa.

Os quatro fidalgos, as faces ferradas nos punhos, meditavam. D. João de Eça colocou a questão. Era preciso resolver, em primeiro lugar, se D. João Manuel e João Falcão se bateriam; em segundo lugar, se o duelo se realizaria antes ou depois do assalto à cidade. Logo ao primeiro ponto foram opostas dúvidas. D. João de Castro, cuja gravidade curul e cuja serenidade plutarquiana viam nos desafios uma forma de dirimir conflitos com mais escândalo que honra, tinha proscrito o duelo sob pena de estroncar as cabeças dos desafiadores. Não seria perdoável que seis portugueses se exterminassem, medindo espadas, precisamente na véspera duma grande batalha, quando mais preciso era o seu sangue e o seu esfôrço à nobre causa de Portugal. Garcia de Sá, irritável, violento, verde de febres, o pelote de damasco preto sôbre uma coira de anta, respondeu sacudidamente que não havia batalhas, nem governadores, nem proscrições onde houvesse honra a defender, e que não conhecia vassoira como a espada para varrer impertinências e ultrajes. D. Manuel de Lima, os olhos tomados de névoas de sangue, gritava já que não recebia de ninguêm lições de nobreza; os ares turvavam-se, quando a placidez de Jorge da Silva lembrou, com palavras prudentes, que em

vez dos dois desafiados se baterem um com o outro, deveriam antes bater-se ambos com o inimigo, na batalha comum, subindo cada um dêles por sua escada, pelejando e morrendo, se assim o quisesse Deus, pela sua honra e pela honra de Portugal. O alvitre foi aceito. Os quatro fidalgos compuzeram-se, travaram amigávelmente as mãos. O cangirão de prata correu pelas quatro bôcas.

No terreiro da Fortaleza, o franciscano frei António do Casal, um crucifixo erguido nos braços, exortava os soldados, prègando a batalha. Quando apontou no céu o primeiro alvor da manhã, armou-se um altar, levantou-se o cális de oiro no sacrifício da missa. Quási todos comungaram com o Governador. Publicaram-se indulgências plenárias. Para que não ficasse aos portugueses a ilusão sequer dum abrigo, arrancaram-se dos gonzos as portas pesadas de castanho, chapeadas de cobre, entrou na madeira o machado, e quebradas em lenha, atiradas a um forno, deram lume para o almôço dos soldados. Espumou vinho em pichéis de estanho. Matinaram sinos. Entrava o dia de S. Martinho.

À hora aprazada estalaram três foguetes no baluarte S. Tomé. Era o sinal. A armada, à voga arrancada, despejou a sua artilharia sôbre a cidade. A fumaça envolveu os galeões. Num ímpeto bárbaro, faùlhando mil piques à luz fria da madrugada, o grosso dos rumes acorreu à praia a impedir o desembarque dos portugueses. A vanguarda de D. João Mascarenhas saiu da Fortaleza, e, eriçada de escadas, precipitou-se ao assalto da cidade. Estrugiram trombetas. Vaivéns, picões, alavancas minaram os muros da cêrca barbarisca. Emquanto o Governador, à frente de oitocentos portugueses e de duzentos malabares, cortava a retirada à onda colorida de raudivas, de queimões, de marlotas, que saíra as portas de Diu e correra à praia; emquanto, no assalto, os atabales rugiam e as alcanzias de fogo caíam em chamas sôbre

as mangas de arcabuzeiros portugueses, — os quatro segundos do desafio de D. João Manuel e de João Falcão, assistidos de fortes soldados do terço de Álvaro de Castro, erguiam já a um pano da muralha as antenas de duas grandes escadas. Ia ferir-se o duelo dos dois capitães. Aquele que com mais valor subisse e cavalgasse o muro, seria o mais reputado em honra na singular e na comum batalha. Um frade, entestado duma cogula de burel, uma cruz erguida nas mãos, dava-lhes a absolvição. Levavam ambos espada e adarga de coiro, gorjais e borguinhonas de ferro. No meio do troar da artilharia, dos falcões, dos berços, dos basiliscos, dos camêlos, que cobriam a praça duma coroa de fumo; emquanto as azagaias, os virotões voavam sôbre a praia scintilante de sol, — D. João Manuel e João Falcão ferraram a um tempo os borzeguins no primeiro degrau, e, debaixo das rodelas embraçadas que os defendiam dos zagunchos cuspidos de alto, galgaram ambos as escadas.

Foram os primeiros portugueses a subir. Os arcos torquiscos tenderam-se; as azagaias mergulharam, cravaram-se nas adargas de coiro; panelas de pólvora lamberam o adarve, chamejaram nas piçarras. O descendente dos Manuéis, em cujo olhar duro faíscava o destrochero de oiro das suas armas, arrancou, já no tôpo, desamparado das antenas da escada, de encontro aos rumes espantados. A rodela estorvava-o. Sacudiu-a, atirou a mão esquerda ao muro, como uma pata possante de fera: a adaga dum turco decepou-lha cerce. Apertou a espada nos dentes, ferrou a outra mão à muralha. Nova cutilada fulgiu, num relâmpago, e a mão direita de D. João Manuel pendeu, em farrapos sangrentos. Um uivo de dor e de raiva varreu o campo. O capitão fincou no muro os côtos jorrando sangue, quis empinar-se ainda na escalada. Um moiro gigantesco, brandindo um cris, estroncou-lhe a cabeça. O corpo mutilado caíu como uma

massa inerte, rolou nas piçarras, veio abrir uma cova na praia. Ao lado, empoleirado noutra escada de duas antenas, bravo como a bravura, João Falcão fazia chispar ao sol a sua espada enorme. Aljubas brancas, beirames de côres, embrulhando formas humanas, afocinhavam, pendidos como trapos das bombardeiras do muro. Nisto, um pique enristado por um elche hirsuto pontooulhe o peito, falsou-lhe as armas, atravessou-o, varou-o. João Falcão caminhou pela lança azeitada até ao conto, abateu a cabeça do elche dum golpe; mas as fôrças faltaram-lhe, vidraram-se-lhe os olhos, o sangue espadanou, e o bravo capitão, espetado na lança, resvalou da escaleira e veio caír morto no areal. Terminara o duelo. As leis da nobreza e da honra estavam cumpridas. A batalha continuou.

Uma floresta de escadas eriçava agora, como um esqueleto de bailéos, a cêrca murada de Diu. E emquanto D. João Mascarenhas, D. Álvaro de Castro, D. Manuel de Lima galgavam com os seus homens, cavalgavam a muralha, rompiam a praça, — o Governador, desprezando a artilharia que enfiava a ponte, arremetia, resplandecente de armas, contra as portas da cidade. Os gritos de vitória misturavam-se com os rugidos de morte. O sangue tingiu a areia revôlta. A artilharia grossa caiu nas mãos dos portugue-

ses. Como manadas espantadas de porcos, os rumes fugiam. D. João de Castro, esquecido do seu Plutarco e das suas atitudes, preguntava já ao arquitecto bolonhês quantos mil pardaos de oiro custaria a reedificação da fortaleza. Frei António do Casal erguia nas mãos um crucifixo e abençoava os cristãos vencedores.

Quando, à noite, os dois sobreviventes dos segundos do desafio, D. Manuel de Eça e D. Garcia de Sá, se reuniram no camarote doirado do galeão *S. Martinho* para declarar por escrito qual dos dois desafiados, D. João Manuel ou João Falcão, morrera com mais honra, os olhos turvaram-se-lhes de lágrimas, caíram nos braços um do outro, e murmuraram, soluçando:

— Se eram ambos portugueses!

---

SANTA ISABEL

# Rainha Isabel

(SÉCULO XIII)

Isabel de Aragão rezava as horas de Santa Maria com as suas donas, quando os dois velhos confessores entraram. Era o bispo de Lamego, D. frei Salvado Martins, sombra decrépita e risonha que um capelo branco recobria: era o velhíssimo frei Pedro Serra, figura angélica de franciscano onde se iluminava a ternura de S. Francisco de Assis e cuja cabeça lembrava as pinturas primitivas de Gioto. A rainha tinha-os mandado chamar: ali estavam, a trazer-lhe o seu sorriso, a sua velhice e a sua fé. O oratório de França foi desarmado, guardado o retábulo da Virgem, dobrado o grecisco de aluz que cobria a banqueta, aferrolhado tudo numa arca velha de coiro pintado que uma maçã de âmbar perfumava. As donas, vestidas em hábitos leigais de Santa Clara, escoaram-se como sombras plácidas, docemente, detrás duma guarda-porta moirisca. Os confessores e a rainha ficaram sós. O sol, lá fora, palpitava como uma asa de oiro sôbre a velha Leiria pesada de mosteiros e eriçada de pinhais.

— Quero fiar de vós minha alma, meus senhores padres, — gemeu Isabel de Aragão, vacilando, os olhos verdes e estrábicos erguidos em êxtase para o céu, o corpo

esguio, longo, quási imaterial embrulhado num burel branco de penitência.

E emquanto os padres se assentavam no estrado das donas, a rainha, pouco a pouco, os lábios trémulos, as mãos erguidas, resvalou no tijolo do chão, beijou os joelhos do bispo, e como uma criança, gemendo, murmurando, chorando, contou-lhes tudo quanto o seu pudor de mulher encobrira dêles durante dez anos, toda a sua desventura de amorosa, toda a sua solidão de desprezada, todo o seu orgulho de princeza. Não. Não cuidassem que ela era já uma professa de Santa Clara, uma sombra apenas, devastada de silêncio, de ascese e de mortificação. Era uma mulher ainda. Sofria, amava, chorava. Queria, um dia ao menos, respirar, sentir, viver. A piedade pelos pobres, o amor pelos leprosos, o enlêvo pelas crianças, não satisfaziam, não saciavam a sua alma cheia de ansiedade e de ternura. Albérgues, gafarias, conventos, hospitais, a miséria da lepra e da fragícia, da malouria e do fogo selvagem, as chagas e as pragães que os seus dedos tocavam voluptuosamente como se fôssem rosas,—eram os espinhos com que se mortificava, os pensamentos com que se esquecia, a cinza com que tentava apagar—pobre feia que o berço de Aragão criara princeza!—todo o fogo da sua paixão de repudiada, toda a fereza do seu instinto de mulher. Havia seis anos, depois que o infante nascera, que o rei não subia o estrado do seu leito frio, que a sua mão felpuda de fauno, costumada a tanger o manicórdio, não arredava aquela guarda-porta vermelha de panos de Granada onde só poisavam os dedos solícitos das cuvilheiras e das donas. Havia seis anos que ela não era, verdadeiramente, a rainha de Portugal. E o seu corpo de espectro definhava, empalidecia, vacilava, devorado de ciúme, flagelado de penitência, amortalhado de burel grosseiro. Os seus olhos verdes, aqueles olhos verdes que resplandeceram

no retrato de Colónia, que se iluminaram na estátua pintada e doirada do túmulo, vagamente convergentes, mas vivos, argutos, metálicos, — apagavam-se pouco a pouco nas lágrimas e nas vigílias. As suas mãos longas, agudas, góticas, em que as sortelhas de oiro e as pedras ci-

trinas se estrelavam e fulgiam, tinham-se afilado, encordoado de relevos de veias azuis, tornado reflexivas, ósseas, dormentes. Todo o seu corpo, desabitado de jóias, se estiolava de abandono. E a triste rainha, levantando-se agora do chão de ladrilhos, entre o bispo esmoler e o confessor franciscano, amparada a duas decrepitudes, ganhou a janela da cámara, que um mainel de pedra geminava, assomou sóbre os campos verdes de Leiria

a sua cabeça mal envôlta numa enxaravia branca, e apontando, ao fundo da tapada, lá adiante, na névoa luminosa do dia, um casebre velho de sobrado, coberto de telhas de Borgonha, murmurou:

— É ali que dorme as noites o meu senhor. E o regaço em que êle dorme não é o meu...

Isabel de Aragão deixou-se cair sôbre um poial de azuleijos bárbaros, que espelhavam. E emquanto pelos seus olhos exaustos passavam, num relance, toda a fatalidade doentia da raça, a loucura da casa de Courtenay, a degeneração tumultuosa da estirpe de Hoenstaufen, as alucinações de Santa Isabel da Hungria, o delírio de Humberto o *Santo* de Saboia, a fúria da avó bisantina Eudóxia, a ascese de Ramiro o *Monge*, — emquanto toda a desgraça, toda a miséria, todo o esplendor da sua herança mórbida lhe surgia na face crispada e dolorosa, — os dois confessores, tranqùilos, decrépitos, risonhos, aconselhavam-na, confortavam-na, convenciam-na a voltar à vida, a ser menos freira e mais mulher, a procurar tornar-se amada e desejada, a deixar por um tempo os seus mendigos e os seus leprosos, os seus hospitais e as suas gafarias, a vestir-se de panos de oiro e de seda, a cobrir-se das suas jóias esquecidas, a ressurgir as relíquias da sua mocidade e da sua beleza, da sua frescura e da sua graça. Como queria ela que o rei, seu senhor, pudesse repousar naquele regaço coberto de almáfega rude, naqueles braços secos de penitências, naquela ruína de oratórios e de capelas, de chagas e de orações? Como queria ela chamá-lo, — se desterrara tudo quanto no seu corpo era formosura? E Isabel de Aragão ouvia-os, atenta, pasmada, numa atitude de revelação. Pouco a pouco esqueceu-se, ganhou a arca onde dormia a sua prata e a sua copa de oiro, correu-lhe o ferrolho, ergueu-lhe o tampo pesado, travou dum cofre pequeno de Bruges chapeado de cobre, viu chamejar, scintilar as co-

roas de pedras roxas, os sartais grossos de aljôfar, as vera-cruzes, as pedras-sapos, as cintas de oiro de Londres e de Momperle, os rubis, os balais, as sortelhas, os alfres de S. Tiago, os ramais de âmbar e de coral, — e mergulhando as mãos pálidas, as mãos compridas, as mãos reais, como moluscos brancos, na onda fria das pedras e das jóias, sorriu, iluminou-se, olhou-se um momento no bôjo polido dum cântaro de prata, como num espelho, e voltando-se para o velho frei Salvado Martins, gemeu:

— Dom bispo, ireis agora de meu mandado correr todos os conventos desta vila...

— Trazer-vos mais frades, senhora?

— Trazer-me toda a cera que lá tiverem os padres crasteiros, todos os brandões, todas as cerofalas, todas as tochas, tudo quanto possa arder, queimar, alumiar...

— Senhora, e para quê?

Isabel de Aragão não respondeu. Sorriu, afastou num gesto o velho bispo de Lamego, e, travando do escapulário de frei Pedro Serra, murmurou, numa voz infantil:

— E vós, meu padre, mandai dizer ao povo de Leiria, sem o saber el-rei meu senhor, que esta madrugada, antes da hora de prima, dou um maravedi novo a todos os pobres que demandarem o paço...

— E aos do albergue, e aos da gafaria também, senhora?

— A todos, meu padre.

— Antes da hora de prima? — insistiu o dominicano, olhando-a surpreendido, sem entender o mistério das suas palavras, a transfiguração súbita da sua fisionomia.

— Antes de tanger o sino dos mosteiros...

E emquanto as avarcas de D. frei Salvado e as sandálias de frei Pedro tairocavam no passilho da câmara e no lajedo dos corredores, a rainha chamou as cuvilhei-

ras do seu corpo, e em segrêdo, tímidamente, como se cometesse um grande pecado, disse-lhes que desentroixassem das arcas de Aragão as roupas que vestia quando, mal florida de révora, entrara princesa em Portugal:— o seu brial de escarlata flamenga, as ósas guadamecins ponteagudas que a calçavam, o oral branco que lhe soqueixava a face de virgem, o capeleio de oiro fiado, a opa rial de brocado de Florença, hirta e enorme, que lhe pesava sôbre os hombros frágeis como uma cruz de martírio. E as moças, e as donas velhas de Santa Clara, emquanto abriam os tampos pregados das arcas, olhavam-na com assombro, preguntavam-lhe se tudo aquilo era para fazer dalmáticas para o mosteiro de Odivelas, para vestir as gafas de Óbidos e de Leiria, para dar de esmola às mancebas vergonçosas de Tôrres Novas. Isabel de Aragão emudecia, sorria, olhava. Os estofos preciosos, ásperos de escarcha de prata, chamejavam nas mãos das cuvilheiras; caíam sôbre o tijolo vermelho do chão os mantos riais, as aljubas de branqueta de Caminha, as plumas da Normândia e de Rocete, as peles de alfanege que trouxera encapuzadas na jornada, as alcândoras, os guardaventres, as camisas ligeiras de alvecim onde o seu corpo adolescente estremecera no assombro virginal da primeira revelação. E em êxtase, em silêncio, sorria para aquelas relíquias escondidas de rialeza e de maravilha, que a dor do seu repúdio transformara em camisas de saial grosseiro, duras como cilícios, em escapulários compridos de burel, em cordas de nós que lhe apertavam o ventre onde duas vezes a maternidade florira. Quantas memórias de pudor e de encanto surgiam para ela naquelas cinturas de oiro que o seu senhor desatara, naquelas alcândoras que êle despira, naquela seda leve onde os seus beijos tinham aflorado, naqueles véus de hombros onde a sua cabeça trigueira tinha dormido! Isabel de Aragão esqueceu-se de rezar a

terça, de rezar a nôa. Passaram as horas canónicas; o antifonário dormia, aberto, sôbre o atril baixo de castanho. Clérigos e frades, mendigos e donas, que vinham todos os dias ouvi-la, pedir-lhe esmola e bênção, beijar-lhe o pano do hábito, esperaram inútilmente, na sombra dos corredores, que a rainha os recebesse. A tarde caía. O sol rolava, como uma escudela de cobre, na linha roxa do horizonte. Os pinhais, ramalhando, cobertos de névoa, soluçavam, sacudiam as frondes negras. O rio luminoso dormia tranqùilamente.

Já a luz das candelejas de prata palpitava na recâmara, ainda Isabel de Aragão, por terra, de encontro a um escano, sorrindo, brincando como uma criança, escolhia, apartava jóias, vestidos, garceras, entre os olhares interrogativos das donas que não se atreviam a dizer-lhe nada, a lembrar-lhe nada, que pasmavam daquela candura, daquela alegria, daquela ressurreição. Que teriam feito da sua senhora os dois padres confessores? Como tinham mudado tão depressa naquele raio de sol a cinza duma penitência? Por fim, balbuciando, preguntaram-lhe se ela queria que lhe armassem o oratório. Respondeu que não. Trouxeram-lhe as suas «Horas» de França, abrochadas em fortes guardas de prata. Não quis rezar. Deram-lhe as disciplinas de pontas de ferro com que todos os dias se flagelava depois de vésperas. Apartou-as de si, num gesto plácido e risonho. Pediu um espelho de prata, que estava com as relíquias de S. Bartolomeu e que tinha virtude contra a paralisia. Olhou-se, desprendeu a enxaravia branca que lhe apertava os cabelos, deixou-os rolar numa onda loira sôbre o peitoral do hábito, mandou chamar duas cuvilheiras mais velhas que trouxera de Aragão, e sorrindo sempre, numa beatitude, ordenou, murmurou:

— Vinde vestir-me, minhas donas, como no dia em que me casei.

As freiras de Santa Clara olharam-na aterradas, vacilaram, tremeram. Era uma desconhecida que surgia diante delas. Barnegais e almaráias de prata cheias de água chegaram nos braços das moças. Ia vestir-se a maridada, como para um noivado. O burel das leigas claristas caíu-lhe aos pés. Liberta do vinco dos cilícios, a sua carne pálida, a sua carne doente pareceu rosar-se, reflorir um instante. A polpa desbotada da sua bôca de italiana, sinuosa e expressiva, animou-se, coloriu-se, avermelhou. Na sua alma passava, naquele momento, a alma cândida das arqui-avós freiras e rainhas, de Alice de

Sabóia, de Sancha de Castela, de Constança da Sicília, que trocara o báculo, o gremial e a mitra de abadessa de Palermo pela coroa cezárea da Alemanha. E emquanto o escapulário côr de cinza, e a corda de esparto humilde, e a cruz de ferro que lhe mordia o peito resvalavam, caíam como sombras inúteis ao longo do seu corpo; emquanto o alvecim ligeiro a vestia, e o brial de escarlata flamenga lhe apertava o busto, e a opa fraldada de brocado florentino lhe pesava sôbre as espáduas angélicas, Isabel de Aragão, fugitiva do amor de Deus para o amor dum homem, precipitada dum céu num inferno, balbuciava, tremia, rezava em silêncio:

—*Pater de coelis Deus, miserere nobis... Mater inviolata, ora pro nobis...*

A figura da rainha erguia-se agora sôbre os socos altos de coiro e de madeira doirada. O oral de sirgo emmoldurava-lhe a face. Os dedos frágeis resplandeciam de anéis. Pendia-lhe do pescoço a santa de prata que levavam as moças casadas de sua casa. A cabeça, coroada de pedras citrinas, levantava-se, batida duma luz sobrenatural, como se uma auréola a envolvesse. Já não era a face trágica de mártir, arrancada a um baixo relêvo de Nicolau de Pisa: era uma figura bisantina, hirta no seu saríkion imperial, que se diria descida dos mosaicos de oiro da iconostase de Santa Sofia. As últimas esmeraldas floriram na última fíbula. Isabel de Aragão, entre as luzes das candelejas e o espanto das donas, arrastou-se, pesada de jóias, até à janela enorme; olhou a noite silenciosa e negra; sentiu rugir os pinhais como um oceano longínquo; fixou, lá baixo, ao fim da mata, uma lumieira aberta, um clarão de vida luzindo na corujeira velha da tapada. Era ali que devia estar àquela hora o seu senhor rei, a barba negra e revôlta pungindo na face de mosárabe, a cabeça pendida sôbre uns peitos trigueiros de mulher. Duas lágrimas borbulharam-lhe das pálpe-

bras. Deixou-se cair sôbre o poial, num gesto resignado. E quando as cuvilheiras e as donas, acercando-se solícitas, lhe preguntaram o que fazia ali, ao relento, com os olhos cravados naquela luz de traição, naquela luz de inferno, Isabel de Aragão respondeu num sorriso tranqùilo:

— Espero que amanheça...

Lá fora, a natureza inteira envolvia-se em silêncio. Latejavam, palpitavam as sombras fecundas da noite. A escuridão alastrava, cortada apenas dos lampejos do rio. A luz do casebre apagara-se num sôpro. Cantaram ainda os sapos; umas esquilas de cobre tiniam, longe; — e a quietação, o êxtase, a mudez, caíram como uma bênção sôbre os campos banhados de névoa. Isabel de Aragão, no seu poial, sorria e esperava. Inútilmente quiseram despi-la, arrastá-la para o catre, que abria na trescâmara o seu bocejo triste. Foi escusada a insistência das freiras e das donas. Ninguêm dormiu. As horas passaram, exaustas, silenciosas. As cuvilheiras, sonolentas, embrulhadas em pelotes ásperos de frisa, pendiam como farrapos brancos. As donas de Santa Clara, os rengos desfeitos, os hábitos sofraldados, os breviários abertos, rezavam cabeceando, sentadas no chão de tijolo. A estrêla boeira, núncia da manhã, tremia já no céu, como uma pequenina pulsação luminosa. Começavam a bruxolear, a apagar-se as candelejas de prata. Nos olhos verdes, nos olhos estrábicos da rainha, scintilava uma ideia fixa. Era quási a hora de prima.

Então, para as bandas da vila, começou a sentir-se um bezoar confuso de vozes, um restôlho áspero de socos no lajedo, um murmúrio mal distinto de gemidos e de preces. Era o povo miúdo, escuro, devastado de miséria e de fome, coberto de estêrco e de dor, de sangue e de andrajos, o povo bárbaro, o povo virginal, o povo humilde do século XIV, que vinha, ante-manhã, por seme-

deiros e congostas, demandar a esmola da sua rainha. Cada uma daquelas mãos que se erguiam, negras, descarnadas, convulsas, suspirava pelas maravediadas que haviam de pojar no saco dos padres esmoleres. Os próprios leprosos, em manadas, perseguidos, apedrejados como feras brutas, vinham das gafarias, ganindo. Uma multidão hirsuta galgava já as escadas do paço. De novo as avarcas do bispo e de frei Pedro arrastaram no lajedo dos corredores. As donas, como animais espantados, ergueram os focinhos rugosos. Na luz da candeia que D. frei Salvado erguia na mão pálida, Isabel de Aragão apareceu, coberta de jóias, hirta de panos de oiro, como um deslumbramento.

— Por Deus de cruz, que fazeis? — balbuciou frei Pedro.

— Vou buscar o meu senhor, — gemeu a rainha, num sorriso doloroso, amparando às cuvilheiras e às donas a sua fraqueza de espectro.

O assombro dos dois confessores crescia perante a doçura tranqùila de Isabel de Aragão. A serenidade daquela mulher, o seu sorriso calmo, continham em si um mistério. No seu gesto suave de abandonada havia a firmeza duma resolução. O que se passaria no espírito da rainha? Porque quisera ela todas as tochas, todos os brandões dos conventos, num montão de cera

que alastrava, que trasbordava já nos lagares do paço? Para que chamara ela, antes da hora de prima, todo o povo de Leiria, que ululava, que crescia lá baixo como uma maré negra, subindo em cachos humanos pelas escaleiras, levantando as mãos crispadas para o maravedi da esmola?

Isabel de Aragão conduziu os dois padres à janela da câmara; apontou-lhes ao fundo da tapada a corujeira de telha borgonhesa onde, àquela hora, o rei dormia; e envolvendo no seu sorriso infantil o bispo e o dominicano, como uma criança amimada que suplica, pediu-lhes que a ajudassem a castigar o seu senhor, a envergonhá-lo do seu desamparo, a trazê-lo de novo para os seus braços. Frei Salvado olhava, cheio de pasmo, aquela transfiguração. Mas como poderiam êles, pobres padres decrépitos, castigar o rei? Como poderia a sua ternura de amigo e de confessor restituir-lhe, a ela, a felicidade e o amor perdido? Isabel de Aragão contou-lhes então o seu plano, a sua traça de mulher inteligente. Os dois, o bispo de Lamego e o padre prègador, iriam pedir ao povo, em nome da sua rainha, que cada homem, cada mulher da vila a que ela fazia tanto bem, levasse na mão uma cerofala acesa; que formassem alas como numa procissão; que, desde a porta do paço até ao casebre onde dormia o rei, fizessem uma rua comprida de luzes, e que em silêncio, ao clarão vermelho dos brandões, esperassem que ela fôsse buscar o seu senhor fugitivo. Frei Pedro Serra não poude ocultar uma lágrima. O bispo tinha um soluço a apertar-lhe a garganta. Beijaram ambos a mão da rainha, sem uma palavra, — e daí a pouco, lá baixo, a claridade de quinhentas tochas acesas ondeou, palpitou, como se um incêndio devorasse a tapada inteira; árvores gigantescas surgiram, ramalhando as frondes; bracejaram troncos vermelhos, chispando luz; acordou pelas pernadas altas o canto do pisco e da toutinegra, — e sem

ruído, sem rumor, duas alas imensas, serpeando como uma dupla cobra luminosa, estenderam-se desde a alcáçova até à porta do casebre humilde.

— Tudo é prestes, senhora, — anunciou o bispo, olhando-a, medroso, as mãos a tremer, cruzadas sôbre a murça branca.

Isabel de Aragão desceu. Ao clarão das tochas, todas as suas jóias scintilaram, todo o oiro florentino da sua opa flamejou. Era uma aparição movendo-se numa claridade de maravilha. Diante dos olhos espantados do povo, que ajoelhava em silêncio, aquela figura angélica tinha o ar de querer alar-se, subir, numa assunção luminosa. A meio caminho deteve-se, extenuada de jejuns e de comoções. Foi preciso que a amparasse a decrepitude dos confessores. Avançou, entre as chamas fumegantes das tochas, vacilando, sucumbindo à medida que se aproximava do casebre velho da traição. Ganhou a porta de castanho onde abanava uma aldraba de cobre. Hesitou. Depois, sob o olhar respeitoso do povo que a seguia, que a compreendia, que a adorava, — levantou o braço e bateu.

Ouviu-se correr um ferrolho, gemer uma voz. As vizagras rangeram, mordidas de azêbre. A porta abriu-se, — e a figura trigueira do rei, embrulhada numa samarra de pano de Ruão, piscando os olhos encandeados do clarão de quinhentas tochas, surgiu, barbinegra, enorme, sôbre a larga soleira de pedra.

— Que é isto, senhora?

Isabel de Aragão baixou os olhos e murmurou, num sorriso fresco de criança, onde não havia a sombra de um queixume, duma recriminação:

— Andáveis tão cego, meu senhor, que vim alumiar-vos ao caminho...

A alma rude de D. Dinis acordou. Uma onda de ternura afogou-o em lágrimas. O coração que sentira o «verde pinho» e a «bailia de amor» latejou de remorso. E deslumbrado, arrependido, tomando a mão da rainha que lhe aparecia agora num resplendor de beleza e de graça, balbuciou:

— Beijo-vos as mãos, senhora, que me amanheceu hoje mais cedo.

Quando, já recolhidos todos ao paço, restituido a Isabel de Aragão o amor de toda a sua vida, o bispo D. frei Salvado apareceu diante do povo de Leiria com três sacos cheios de maravedis, — não houve um só braço que se erguesse. Nem o mais necessitado dos mendigos quis receber um real branco. Dispersaram todos, alegres, arrastando os socos, dançando e cantando, à luz do sol que apontava.

Daquela vez, tinha sido o povo, o bom povo de Portugal, que dera uma esmola à sua rainha.

---

# AS VIOLAS DE ALCÁCER-KIBIR

# As violas de Alcácer-Kibir

(SÉCULO XVI)

Na manhã de 24 de junho de 1578, benzido na Sé o estandarte real de damasco carmesim com a imagem de Cristo crucificado, a armada de D. Sebastião, pojando o velame dos galeões, das carracas, das urcas, das caravelas, chapinhando no rio azul babujado de prata os remos das galés, das fustas e das zavras, saíu a barra a caminho de Tânger. O sonho da África, que resplandecera nos olhos ardentes do infante D. Enrique, que trasbordara na alma de Afonso V, tornara-se convulsão, tornara-se delírio com o vasto plano imperial de D. Sebastião. Êsse Habsburgo epiléptico, ferido de todos os estigmas da casa de Áustria, possesso de castidade e de conquista, de misticismo e de império, originário duma dinastia de degenerados e filho dum diabético de dezasseis anos, — incarnou um momento, na sua figura loira de prognata, iluminada de heroísmo e de ascese, uma grande ambição, um grande pensamento nacional. Fôra êsse pensamento magnífico, fôra essa ambição formidável que pregara, a pregos de cobre, as cavernas, as almogamas, os liames e os tavoados daquelas naus; que calafetara e breara o sôbro, o castanho e o carrasco daquelas zavras e daquelas galés; que levantara aqueles mastros

altos em volta de cujas gáveas voejavam, revoavam gaivotas e borrelhos; que fizera bracejar cruzes vermelhas de Cristo nos latinos brancos e triangulares; que coalhara aquele rio de oitocentas velas, — como oitocentas asas abertas, palpitantes e triunfais, batendo no ar parado da manhã. D. Sebastião levava já consigo a coroa de oiro com que devia sagrar-se imperador de todas as Áfricas. Na velha Lisboa de muralhas e de conventos, cujos coruchéus rompiam, batidos de sol, a névoa azulada e longínqua, os sinos repicavam; saíam em preces, de cruz alçada, procissões de frades, e o povo, na areia da praia, formigando, alastrando, vestido de chiotes e de tabardos negros, acenava lenços, soluçava, implorava a Deus que protegesse a armada onde velejava, mar fora, toda a alma, toda a mocidade, toda a bravura de Portugal...

Quando passou da sua galé real de trinta bancos para o galeão *S. Martinho,* cuja artilharia salvou, troando berços, camelos e falcões, D. Sebastião subiu à alcáçova de proa, olhou o mar como um arcanjo dominador e luminoso, teve um gesto soberbo de ameaça para as bandas da África, seguiu o vôo dumas gaivotas vermelhas que roçavam a água, e mordendo o beiço pendente e carnudo onde mal pungia uma lanugem loira, desceu de novo à tolda e preguntou secamente ao capitão-mor das naus de alto bordo, D. Diogo de Sousa, cujos olhos se marejavam de lágrimas:

— Porque chora, senhor capitão?

— Deixo filhos e mulher moça em terra, meu senhor...

E emquanto o vento sussurrava no velame e Lisboa desaparecia ao longe, o rei, encostado à varanda doirada duma escotilha, olhou em volta. Viu Pedro de Mesquita, o velho bailio comendador de Malta, soluçando a um canto, embrulhado num mongil negro onde bracejava uma cruz branca; Francisco da Gama, arrancado ao

burel de ermitão para ser sargento-mor de batalha, seguindo tristemente a espuma de prata da água; o duque de Aveiro, roendo as unhas e passeando agitado na varanda do chapitéu; figuras broncas de galeotes, de estrinqueiros, de calafates escuros, debruçados nas mareagens, pendidos, dolorosos, amarrotados como farrapos, arquejando soluços. Êle, que não tinha família, que não deixara em terra uma lágrima, que era um coração árido e selvagem, — não compreendia que naquelas almas latejasse a dor duma despedida ou palpitasse a bênção duma saudade. Bastava-lhe o seu sonho esplêndido de domínio e de conquista, — e êsse levava-o consigo, deslumbrando-o como um clarão, envolvendo-o como uma auréola. A sua família eram as sombras de glória que se agitavam, que tumultuavam à sua volta. Queria que todos vivessem dêsse mesmo sonho, que a todos bastasse a intimidade dessas mesmas sombras. Os olhos azuis turvaram-se-lhe; o queixo austríaco avançou; e esguelhando o olhar desdenhoso para os que sofriam, inquiriu de Cristóvão de Távora, os braços cruzados, as meias-mangas de grã sangrando sôbre o brocado de oiro do pelote:

— Trouxeram violas na armada?

— Trouxeram violas? — repetiu o moço Távora a Diogo de Sousa.

— Para mais de cinco mil, meu senhor! — satisfêz o capitão-mor, o cabelo a pratear na têmpora, o beiço arreganhado por uma cicatriz, os sonetos de Garcilaso debaixo do braço.

— Cinco mil violas! — exclamou o rei. — Veem cinco mil violas para África?

— E não chegam ainda, meu senhor, para a saudade de todos os portugueses!

O sol já ia alto. O mar imenso, alongando-se para o ocidente, transparente e límpido à beira do galeão, verde e argênteo a distância, roxo, espêsso e nevoento na curva do horizonte, scintilava, ondulava, refervia espuma. Ouviam-se, na manobra, as vozes do pilôto e do timoneiro. Planando, rastejando, o vôo dos calcamares seguia a armada, cujas fustas, cujas taforéas, cujas galés bastardas, cujas naus mochas se dispersavam agora na imensidade do mar, confundidas com as asas rasteiras das gaivotas brancas.

— Onde veem os músicos da câmara?—inquiriu D. Sebastião, atravessando a tolda, a manquejar imperceptívelmente da perna mais curta.

— Veem no galeão, meu senhor.

— Chamai o melhor dêles, que esperte êsses homens com uma viola!

— Chamai Domingos Madeira! — ordenou Cristóvão de Távora a um estrinqueiro curtido e negro, cujos olhos fuzilavam.

Daí a pouco, o Madeira vinha com a viola. Era um moço esbelto, ruivo, entroncado, valente, o pescoço rosado florindo na pescoceira branca de goma, umas calças de raso verde, uma carapuça de solia, de meia volta, enterrada na cabeça. Volteiro e brigão, dado à gualtaria e à espada preta, corredor de pátios de comédia e dançador de chacôinas como Juan Rana, fizera-se calcorreando as alfujas das mancebas com o rude Távora, ganhara a honra de ser seu moço da guarda-roupa, e, como zangarreava bem na viola, passara para a câmara de el-rei. Assomou, encostou-se ao cabrestante, cruzou a perna, fincou a ponta da sapatorra no soalho, sacudiu

as cordas da viola, afinou o pigarro na garganta, e rodeado de Martim de Borgonha, coronel dos tudescos, de frei Estêvão Pinheiro, que substituíra a cogula de burel pelo bastão de sargento de batalha, do capitão castelhano Aldana, de Manuel Quaresma, vedor da fazenda, começou a cantar, numa voz soluçante de perdição:

*Ayer fuiste rey d'España,*
*Hoy no tienes un castillo...*

A voz de Domingos Madeira soou como um agoiro. Todos se entreolharam, como se uma sombra negra tivesse passado. Era a terceira vez que um presságio funesto abria a sua asa de morte sôbre a armada portuguesa. Primeiro, a cavalgada luminosa de fantasmas que passara certa noite no céu de Penamacôr, como uma fuga de desastre; depois, o arcebispo de Lisboa, que, ao benzer o estandarte rial, enfiara de cabeça para baixo a imagem de Cristo crucificado; por último, a cantiga castelhana de Domingos Madeira, soluçada, plangente, agoirando sem o saber, na inconsciência da fatalidade, a perdição e a morte. Cristóvão de Távora mandou-o calar. Manuel

Quaresma travou-lhe a mão da viola. O rei, encostado à escotilha, sombrio, reflexivo, a face contraída, os olhos azuis e nevoentos, a bôca austríaca de Carlos V a afirmar-lhe a degeneração e a raça, caíra numa atitude de abatimento e de fadiga profunda. Dentro da sua alma oprimida, a voz arquejante daquela viola de presságio crescia, alastrava, trasbordava numa resonância de devastação e de morte, multiplicada já pelas cinco mil violas, pelos cinco mil corações da armada, onde palpitava e tremia, num repelão de cobre, a alma convulsa de Portugal...

Quarenta dias depois, o exército de D. Sebastião, resplandecente de armas, pesado de artilharia e de carriagem, ardido do brazeiro da África, talando areais e afundando-se em charcos, chegou a umas terras barrancadas de covas onde os moiros enceleiravam trigo. Passou a vau a corrente lodosa do Huadmachacim, e entranqueirado de água pelas ilhargas e pelas costas, com o rio Lucus à retaguarda faiscando ao sol, e o esteiro a serpear à mão direita, resolveu esperar ali o choque de ferro das algarunas de Muley Moluco. Mas para o ânimo do rei, Dom Quixote de batalhas, Palmeirim de Inglaterra da perdição, espírito anacrónico que subordinava a estratégia do século XVI às leis generosas da cavalaria andante, o abrigo daquelas trincheiras naturais aparecia-lhe como uma cobardia disfarçada. Os campos de Alcácer-Kibir alongavam-se à frente, a perder de vista, razos, escalvados, areentos, dignos, como os poisios verdes de Aljubarrota, duma batalha insigne. Os moiros, nas suas aljubas, nas suas raudivas, nas suas marlotas, nos seus balandraus de côres, chispando caneleiras e rebraços de ferro, drapejando bandeiras, ululando algaridos, estrugindo atabales, estendiam já as pontas de lua das suas alas formidáveis e envolventes. D. Sebastião, os olhos num clarão de maravilha, vendo diante de si,

pela primeira vez, a vertigem dum combate, mandou avançar os seus exércitos. A artilharia, encarretada em reparos pesados de castanho pregados de cobre, rodava à frente, com os gastadores, às ordens do velho bailio de Malta; na vanguarda marchavam os terços de aventureiros, eriçados de piques lampejantes, os tudescos de Martim de Borgonha, os italianos do marquês de Ibérnio, as mangas de arcabuzeiros de Tânger, os castelhanos do capitão Aldana; na ponta da esquerda, florida de gofáinos, esquartelada de brazões, faúlhante de armas, a cavalaria de el-rei e do duque de Barcelos, com o guião e o estandarte real: no corpo direito, o duque de Aveiro com o resto da nobreza, Duarte de Menezes com os cavaleiros de Tânger, o Xerife com os alárabes fiéis de cavalo e as mangas de escopeteiros azuagos. O alarido dos moiros inimigos recrudesceu. As trombetas soaram. Oculta num milharal, a artilharia sarracena troou, numa fumarada, vomitando peloiros. A nossa artilharia quis responder, mas já não poude chegar o fogo aos berços, aos camelos, às pedreiras, aos falcões encravados, desmantelados, abandonados pelos gastadores. D. Sebastião, hesitante ainda, deu Santiago. Toda a cavalaria portuguesa, ondeando os caparazões, ferrolhando as lanças nos coxotes, faiscando espaldeiras, cossoletes, gorjais, caiu de chofre sôbre as alas tendidas dos moiros, abrindo clareiras de sangue, despedaçando os mogotes da cavalaria, desbaratando as mangas de mosquetes, pondo em debandada, como um rebanho de gansos espantados, as raudivas, as marlotas, os balandraus brancos dos árabes. Foi o primeiro embate. Aventureiros castelhanos, italianos, tudescos, arcabuzeiros de Tânger, meteram peitos contra a mosquetaria africana que estoirava. O rei, o conde da Vidigueira, o conde de Vimioso, o barão de Alvito, D. Fernando Mascarenhas, Jorge de Albuquerque, erguidos nas selas, o montante apertado nas

manoplas, feriam a destro e a sestro, faiscando as armas ao sol. A primeira bandeira moira apareceu, flutuando ao vento, nas mãos de António Mendes, criado do mestre de campo. O duque de Aveiro, a mão esquerda quási decepada, jorrando sangue, feria à lança, aos uivos como um leão bravo. As manadas dos árabes fugiam, acossadas, tresmalhadas. Nisto, uma voz estridente, uma voz diabólica, vinda não se soube donde, da terra ou do inferno, rugiu:

— Volta! Volta!

E outras vozes convulsas, e outras vozes espavoridas, repetiram, de entre a onda dos cavaleiros, dos piqueiros, dos arcabuzeiros, num terror pânico que os tomava, que os dispersava em plena vitória:

— Volta! Volta!

— O meu cavalo não sabe voltar! — uivou o moço Sebastião de Sá, picando de martelete os acicates, arremetendo à lança, atirando-se para a morte.

A confusão e o pavor ganharam os cristãos, precipitaram-nos numa fuga desordenada, — emquanto Cristóvão de Távora, o duque de Aveiro, o bravo João de Mendonça, os condes de Mira e de Redondo, procuravam deter os aventureiros, sopear as mangas de arcabuzes. D. Sebastião, numa verdadeira convulsão epiléptica, vasquejava, relampagueava entre os moiros, talhando praças de sangue. Não era já um rei; era um simples cavaleiro, indiferente à sorte do seu exército, que se batia sòsinho, como uma fera. O alferes D. Luis de Menezes, o estandarte real de damasco vermelho erguido nas mãos, escabujava entre uma nuvem barbarisca de azuagos. André Gonçalves, alcaide-mor de Cintra, gigantesco nas suas armas negras, combatia de cabeça descoberta, um virotão de ferro cravado num ôlho. Dos portugueses, só restavam no campo magotes dispersos no meio das algarunas compactas dos árabes. O sol ardia, sufocava, es-

brazeava o ferro dos rebraços e dos coxotes, que queimavam. Da face de João da Cunha, cavaleiro de Malta, que se batia um por dez, um por vinte, jorrava o sangue sôbre as aljubas brancas dos moiros. No arraial sarraceno, Muley Moluco, envenenado, quási agonisante na sua liteira, soerguia-se, embrulhado na marlota tecida de oiro, brandindo uma espada, incitando os africanos à perseguição e à matança. D. Sebastião, caído com o cavalo morto, sobe à montada de Jorge de Albuquerque. Luis de Brito, a cabeça aberta por uma ferida enorme, passa por diante do rei, envolto no estandarte real, a imagem de Cristo sôbre o peito, e grita, sufocado de poeira, coberto de sangue, exausto de fadiga:

— Agora, meu senhor, só nos resta morrer!

— Morrer, mas de vagar! — bradou D. Sebastião, os olhos fuzilando, um clarão de auréola a envolvê-lo, a espada tinta de sangue até às guardas.

O rei atirou-se de encontro à multidão dos moiros. Seguiram-no Luis de Brito, chorando; Cristóvão de Távora, que o chamava a brados; D. Jorge Telo, o guião vermelho erguido ainda nas mãos brancas de criança; o barão de Alvito; o jesuíta Maurício sôbre uma mula negra. Muley Moluco, inchado, estendido na liteira, uma tapeçaria de Múrcia a cobrir-lhe os pés, era já um cadáver. Tocara-o a morte quando o bafejava a vitória. A pilhagem dos mortos e das bagagens começou. Ao longe, na névoa do poente, pairavam já, atraídas pelo cheiro dos cadáveres, as asas negras dos primeiros corvos. O corpo de D. Sebastião, encontrado no milharal, à beira do rio, o torso nu, as pernas cobertas ainda das servilhas e das meias-calças, os olhos vítreos cravados no céu, duas feridas de zagunchо esbeiçando na ilharga direita, foi atirado pelos moiros para dentro de umas andas velhas sem capeladas, e atravessou, sôbre o dorso de do mulos, o campo imenso dos mortos. A noite caiu.

Gritavam milhafres. E o vento ardente da África, soprado dos areais esbraseados do sul, uivando, soluçando, gemendo nas cordas de cinco mil violas abandonadas, parecia repetir ainda, como um murmúrio, como uma condenação, como uma fatalidade, a cantiga castelhana de Domingos Madeira:

*Ayer fuiste rey de España*
*Hoy no tienes un castillo...*

---

# A SENTINELA

# A sentinela

(SÉCULO XIX)

As cúpulas doiradas do Kremlin desapareciam entre chamas. Moscow era uma ruína. A retirada da Rússia começava.

Estávamos em pleno inverno de 1812.

Essa onda armada, esfarrapada, faminta, coberta de lama, negra de pólvora, arrastando-se como um bando imenso de vencidos, atravessava planícies intermináveis, campos talados, aldeias incendiadas, — sem um grão de trigo, sem um veio de água, sem uma criatura humana. Era um exército de espectros caminhando sôbre uma devastação. Faltavam forragens, faltavam víveres; o ar gelava. Os homens bebiam a água dos pântanos, comiam bolacha, devoravam cavalos mortos de doença. De vez em quando, bandos de cossacos, surgindo, caíam como uma onda sangrenta sôbre os combóios de feridos, massacravam, desbaratavam. E a marcha continuava sempre, implacávelmente, sôbre as mesmas ruínas, sôbre os mesmos cadáveres, sôbre a mesma desolação. Os soldados, mortos de frio, cobriam-se de peles, de farrapos roubados em Moscow e em Tobolsk, às vezes de andrajos de mulher, e com barretes de orelhas na cabeça, os kaulbachs pendentes da cinta e desplumados, a arma de rôjo,

os olhos vermelhos de oftalmias, arrastavam-se cantando, praguejando, uivando. Era uma mascarada horrivel, um êxodo grotesco. E à medida que avançavam, ao longo de campos talados, de planícies infinitas, de pântanos imensos, precedidos do *Petit Caporal*, que caminhava curvado, embrulhado num capote cinzento, rodeado de generais, — êsses longos, êsses prodigiosos corpos de exército iam deixando atrás de si, aos corvos e aos cossacos, um rasto interminável de cadáveres.

Nessa leva de famintos, de miseráveis, de esfarrapados, sofrendo as mesmas agonias, os mesmos horrores, as mesmas privações, — ia a pobre Legião Portuguesa. Era já quási uma relíquia, fragmentada e dispersa por várias divisões, por vários corpos de exército, dizimada pela fome, pelo frio, pela doença, pelos combates. A cavalaria vinha sob o comando de Mortier, com os quatro esquadrões de lanceiros da guarda nova. O regimento do brigadeiro Pego, fundido com o 2.º de infanteria depois da jornada de Witepsk, vinha na divisão Ledru, pertencente ao corpo de exército de Ney, dêsse brilhante Ney, que acabava de ser feito príncipe. Os restos do 3.º regimento tinham sido incorporados na divisão Oudinot. Eram pouco mais de duzentos homens. O marquês de Alorna seguia o quartel general do imperador; Gomes Freire de Andrade aguardava em Smolensko com os seus ajudantes de campo; o marquês de Loulé vinha com a cavalaria. E assim dispersos, no meio daquela retirada de bárbaros, os portugueses, disciplinados, sofredores, com os seus capotes castanhos, os seus oursons felpudos, a sua arma de rastos, lá iam caminhando, resignadamente, na esperança de estabelecer quartéis de inverno nas margens do Dniéper. Mas os dias de marcha sucediam-se. As colunas de munições, os pesados trens do exército, sem rodas, sem muares, encravados em pântanos, ficavam pelo caminho. Não havia que comer; não se encontrava um bago de

trigo, um veio de água pura; faziam-se sorvetes de sangue de cavalo; a neve caía; o frio e a gangrena dizimavam as tropas. Era o desespêro, era a indisciplina, era a liquidação.

Finalmente, na véspera de Natal, Mortier entrou em Smolensko com a guarda nova. O resto do corpo do seu comando e a divisão Ledru, onde vinha a maior parte da nossa cavalaria, bivacaram nas proximidades: mas havia pouca lenha, havia pouco mato, a desolação era cada vez maior, — parte da divisão tinha de dormir sôbre o gêlo. Por fim, com muito custo, conseguiu-se alguma palha triga. A noite caiu, pesada, silenciosa, nevoenta. Acenderam-se fogueiras. E toda aquela onda humana, fatigada, enregelada, coberta de farrapos extravagantes, rendida pela inanição e pelo cansaço, abateu pesadamente quando soou o silêncio nos clarins. Mas o inimigo estava perto: Vittegenstein ameaçava-os; os cossacos faziam sucessivas investidas. Foi preciso esta-

belecer uma apertada vigilância, rodear o bivaque de sentinelas.

Uma dessas sentinelas, colocada no extremo oposto à cidade, era um pobre soldado português do 2.º regimento de infanteria, primitivamente incorporado na divisão Razout. Tinha-se portado como um bravo no seu baptismo de sangue, junto aos muros de Saragoça, avançando na ala esquerda de Ney. Pequeno de corpo, escuro e atarracado, — o schako enorme e chapeado de cobre, que lhe cobria a cabeça, parecia muito maior do que êle. Lá estava, encostado à sua arma, naquele silêncio de morte onde apenas se ouvia a crepitação das fogueiras, as pernas entorpecidas, cheio de tristeza, cheio de fome. Ás vezes olhava o bivaque: parecia-lhe um campo interminável de cadáveres, embrulhados em andrajos, em capas, alinhados e negros sôbre o gêlo branco. E ainda se lhe afigurava um sonho ver-se ali, em plena noite de Natal, naquele país estranho e longínquo, tão distante da sua querida Beira onde tinha os seus,—a mãe, a mulher, um filho. Já quatro anos dessa longa peregrinação, marchas e marchas, uma bala numa perna em Wagram,—e nem sequer ainda o bastão de sargento que êle tanta vez sonhara! Pelo seu espírito fatigado passavam recordações dêsses longos anos, a sua partida tão cheia de lágrimas, a travessia de Espanha, a primeira revista do Imperador em Baiona, a sua tentativa de deserção em Valhadolid, a campanha da Áustria, — por fim a Rússia, Tobolsk, Moscow. Lembrava-se ainda bem da noite em que, diante da Imperatriz Josefina, cantara modinhas da sua terra e caíra sôbre um banco, a viola de rastos, a chorar de saudades. Quanta coisa se passara depois! As terríveis noites do hospital de sangue, na iminência duma amputação, com os seus companheiros de armas a agonizar sôbre molhos de palha; em seguida, a curta trégua de Paris, as festas, a sua ida ao teatro, ainda de mule-

tas, por ordem de Napoleão; mais tarde, novas marchas, guarnições sôbre guarnições, — e por último a Rússia, essa longa jornada de fome, arrastando-se sôbre o gêlo, farejando os povoados como um lobo, espantado da sua fereza, da sua animalidade, tropeçando eternamente em ruínas e em cadáveres, como se o mundo inteiro fôsse uma devastação. E ali estava, naquela triste noite de Natal, tão linda na sua aldeia, — ali estava, exausto, esfomeado, as pernas inchadas, a face excavada e terrosa, doente, quási sem poder aguentar-se em pé, no sacrifício heróico daquelas três horas de sentinela. As pálpebras pesavam-lhe como chumbo, sentia esvair-se-lhe a vista, a cabeça andava-lhe à roda, — mas era preciso vigiar, os cossacos espreitavam, tinha na sua mão a vida que palpitava naquele imenso campo. Talvez todos aqueles homens feridos, estropiados, enregelados, embrulhados em farrapos, de bôrco sôbre a palha como animais, tivessem também, como êle, lá no fim do mundo, muito distante, uns braços de mulher, um sorriso de mãe, o clarão amigo dum lar, um filho a acenar-lhes de longe com as mãos pequeninas... Não. Não podia dormir. Tinha de vigiar, de vigiar sempre.

Entretanto, o céu continuava a enevoar-se, as fogueiras apagavam-se, crepitando, e no silêncio da noite, em círculos negros, lentamente, as aves de rapina aproximavam-se, pairavam sôbre o campo. O frio era cada vez mais vivo, cada vez mais intenso. O pobre soldado, no seu quarto de sentinela, olhava a divisão bivacada, e pensava, com um estremeção de pavor, que a maior parte daqueles homens não acordaria mais. Muitos dêles estavam já mortos. Tinha visto cair três ou quatro, a seu lado, durante a marcha, congelados, fulminados. De noite, quando bivacavam, morriam às centenas, — deitavam-se para morrer, conscientemente, indiferentemente. Êle próprio começava a sentir qualquer coisa de extraor-

dinário em si, como uma embriaguez, um torpor que o invadia. Quis reagir, deu alguns passos, acercou-se do primeiro homem que dormia, estendido de costas, com a cara tapada: era um soldado do seu regimento, um seu patrício, um seu amigo. Descobriu-o, olhou-o à claridade duma fogueira quási extinta: tinha os olhos abertos, vidrados, imóveis, os dentes cerrados, a face verde. Agitou-o, chamou-o, sacudiu-lhe um hombro, quis erguê-lo, — e o corpo caíu de bruços, como uma massa inerte, opada, gelatinosa: estava morto. Vinte rostos que descobrisse, encontraria vinte cadáveres. Na noite de Natal, pobre amigo! Apertou-lhe a mão, piedosamente, num último adeus, ergueu-se, deu mais alguns passos e voltou a imobilisar-se no seu posto. Faltavam-lhe as fôrças, ganhavam-no vertigens, as pernas inchavam-lhe horrívelmente. Deixou-se cair sôbre uma pedra. A embriaguez, o torpor continuavam; o pescoço ia-se-lhe tornando cada vez mais rígido, — mas já não sofria, já não sentia fome, já não sentia frio. Numa beatitude, quási num êxtase, começou a pensar no que seria àquela hora o Natal da sua aldeia, — a igreja em festa, as luzes, o alecrim, a missa do galo, depois os bailes, a ceia, a mulher, o filho... O filho! Tinha-o deixado com vinte mezes: devia ter quási cinco anos, ser um rapagão, parecer-se com êle. No seu delírio, julgava que o via, que sentia os sinos repicando, que duas mãosinhas de criança, côr de rosa, o chamavam de longe... Como seria bom dormir! Insensívelmente, foi resvalando da pedra, deixou cair a arma desamparada, e emquanto sôbre o campo, no céu nevoento, os corvos iam descrevendo círculos cada vez mais apertados, cada vez mais baixos, — a pobre sentinela abateu de bruços sôbre o gêlo, pesadamente.

Daí a pouco, passava a cavalo o oficial de ronda, — um tenente da guarda nova, cujo schapska faiscava ao clarão das fogueiras. Vendo uma sentinela caída por

terra, com a arma ao lado, mandou apear um dos lanceiros que o acompanhavam.

— Acordem êsse homem!

A ordenança apeou-se, sacudiu o pobre diabo adormecido: não teve resposta. Uivou uma praga, levantou a arma do chão, tomou-a pelo cano e vibrou-lhe uma coronhada num braço. Continuou inerte. Por fim, como o corpo estava de bruços, meteu-lhe um pé debaixo do ventre e voltou-o:

— Está morto, meu tenente!

O oficial curvou-se sôbre o cavalo, para ver melhor, e numa voz sêca, áspera, brutal, deu as suas ordens:

— Levem o cadáver. Previnam o comandante da guarda. Depressa!

Depois, indiferentemente, fazendo mais uma vez scintilar o seu schapska coberto de oiro, deu de esporas ao cavalo e continuou a ronda.

---

# A EMBAIXADA

# A embaixada

(SÉCULO XVII)

O bispo de Lamego, D. Miguel de Portugal, irmão do conde de Vimioso, prelado arguto, entroncado, violento, torso de Hércules enxalmado numa murça roxa e num roquete de renda de Flandres, era em 1641 o embaixador que o reino restaurado enviara à côrte pontifícia. O govêrno de D. João IV tinha reconhecido a necessidade urgente de obter para a nova monarquia portuguesa o reconhecimento de Roma e a chancela da Santa Sé. Contra a iminência dêsse facto político manejava junto da cúria romana o embaixador espanhol, com ordem expressa, expedida pelo conde-duque de Olivares, de recorrer à violência e ao assassínio se não tivesse outro meio de obstar a que o Papa Urbano VIII desse audiência ao enviado de Portugal. Embora se tivessem obtido as disposições favoráveis de Richelieu para que a embaixada de França apoiasse as negociações portuguesas, a situação do nosso embaixador na cidade de S. Pedro, coalhada nesse momento de espanhóis, de milaneses, de napolitanos fiéis a Filipe IV, mestres na gualtaria e capazes, por uma pataca de prata, de assassinar o próprio pai, — era uma situação singularmente perigosa e difícil, que exigia, além de tacto diplomático, firmeza, sangue frio, co-

ragem pessoal e bravura temerária. O bispo de Lamego, em cujas veias latejava o mais nobre sangue de Portugal, homem braceiro, valente, destemido, gigantesco, que espotrejava cavalos na picaria e floria a espada preta no jôgo de Itália com a mesma autoridade com que reformara, dois anos antes, as Constituições do seu bispado, a um tempo brigão e doutor, volteiro e canonista, estava oiro e fio na conta para a embaixada da Santa Sé.

— Antes para a fronteira do Alentejo! — resmoneava êle, ao embarcar para França, carregado de almofreixes e de porta-mantéus. — Mais valia um peloiro cego que me estroncasse a cabeça, do que ser entoucinhado numa alfurja de Roma como um coelho de João Pires!

D. Miguel de Portugal não se tinha enganado. No caminho de Civitta-Vecchia para a cidade pontifícia, a sua pesada estufa de viagem teria sido assaltada pelos sicários do embaixador de Espanha, se lhe não valesse a púrpura do cardeal Bellisomi, cuja simpatia Richelieu movera a nosso favor. Instalado já em Roma, — fanfarrões napolitanos e genoveses, eriçados de enormes toledanas, encapuzados de largos mantões de capelo, roçavam-lhe as espáduas na silharia do palácio, à espera que saíssem de noite os gentis-homens da embaixada. O marquês de Los Velles, encarregado dos negócios de Espanha, figura odienta e vêsga, espeitorava-se todo das portadas doiradas do côche quando passava debaixo das janelas do bispo, e atirava aos portugueses, num rugido, com os punhos crispados, o seu insulto predilecto:

— *Sevosos! Sevosos!*

Urbano VIII, coacto pela ameaça da Espanha, que lhe impusera o não reconhecimento da independência de Portugal, sob pena de suspender as suas relações com a cúria romana e de convocar um sínodo para a governação eclesiástica, resolvera protelar *sine-die* a recepção do embaixador português. Entretanto, o assistente da em-

baixada, Pantaleão Pacheco, rábula emérito, alçacuelo gomado à castelhana sôbre um fêsto de veludo negro, discutia com os purpurados que o Papa nomeara para tratar dos negócios de Portugal e insinuava que, em último caso, D. João IV dispensaria o reconhecimento da independência pelo Vaticano, mantendo exclusivamente com a espada o que com a espada se conquistara. O bispo de Lamego conservava-se encerrado no palácio, para evitar qualquer agressão traiçoeira que pudesse perturbar a marcha das negociações. Os próprios criados italianos e flamengos eram renovados de mês a mês e vigiados pelo pessoal português da embaixada, com receio de que os espanhóis os peitassem para dar água tofana a D. Miguel de Portugal. O espectro da ameaça surgia por todos os lados. A cúria romana, pela falência de todos os elementos de segurança, abandonara ao ódio político da Espanha a vida do embaixador português.

Um dia, o marquês de Fontenay, embaixador de França, mandou preguntar ao bispo a que horas poderia Sua Ilustrissima recebê-lo. D. Miguel de Portugal, Luculo sumptuoso, que comia como o Gargântua do cura de Meudon e a quem as ameaças do marquês de Los Velles não faziam perder o apetite, jantava cómodamente à sua mesa, a batina desabotoada no ventre, os pés sôbre uma

almofada de damasco vermelho, atacando os princípios-de-copa numa escudelinha pequena de alcaparras e de perrexil. Quando a guarda-porta de Arrás, armoriada do escudo dos Vimiosos, se levantou, e o secretário Rodrigo de Lemos lhe trouxe o recado do marquês, o bispo atentou nêle, amantou ao pescoço a gola do seu ferragoulo de camelão de Florença, e ordenou:

— Mande dizer a Sua Excelência Ilustríssima que não se moleste. Eu irei à embaixada de França para o servir.

Depois, a um escudeirote que pairava perto, galeando a sua capa à tudesca e a sua espadinha caranguejeira:

— Atrelem os urcos à caleja!

— Vossa Ilustríssima vai arriscar a vida! — ousou o assistente Pantaleão Pacheco, num sorriso amarelo, quando os criados traziam as iguarias da segunda coberta e entre almojavenas e picatostes surgia, coberta de salsa real, a polpa doirada duma galinha à Fernão de Sousa.

O bispo de Lamego não o ouviu. Arrancou heróicamente para a ave que ressumava na bátega de prata, desmembrou-a com as mãos, deu em roê-la com uma gula convicta de prelado e de português, regou-a com um pichel de vinho das hostarias de Roma, enxugou a bôca delgada à manga da batina, e depois de ter debicado em silêncio numa língua de vaca lampreada e numa tijelada moirisca, e esvasiado na bojarca do capote um prato de cidrão, gritou ao secretário Lemos, que o olhava, enfiado:

— A minha clavina!

Trouxeram-lhe a arma. O bispo, risonho, cantarolando um motete de Diogo de Alvarado, atulhou-a de quartos, fêz-lhe uma boa escorva, ganhou a guarda-roupa, vestiu o roquete, a murça, pôs a cruz peitoral de oiro, o chapéu prelatício, calçou as luvas roxas de manopla, e, me-

tendo a clavina debaixo da capa sofraldada, desceu até à rua. A caleja de coiro verde, pregada de bronze, suspensa sôbre correões e bamboleando entre quatro rodas enormes, aguardava já à porta, rodeada de gentis-homens, de escudeiros, de lacaios de coira, de mochilas de saltimbarca. O bispo galgou ao estribo, ferrou no persevão os pés abrochados de fivelões de prata, poisou a clavina aperrada no almadraque da frente. O cocheiro, embrulhado no seu vaqueiro vermelho de grã de Inglaterra, tangeu os urcos, — e a caleja, com o embaixador, o assistente, o secretário, dois criados de tábua e dois mochilas de tocha, pôs-se em marcha, pelas ruas de Roma, a caminho da embaixada de França.

Quando o côche tornejava um cunhal de armas, um frade franciscano, moço, vermelho, encapuzado, meteu a cara às vidraças a ver quem vinha dentro, e largou numa arrancada, betesga fora, tairocando avarcas, ramalhando camândulas. Um dos lacaios ainda desceu, de pistola aperrada, mas D. Miguel de Portugal gritou-lhe que montasse à tábua e deixasse o frade. Mais adiante, um leigarraço de grande capa, enfiado numas pantalonas de *Scaramuccia*, coberto dum sombreiro negro de abalroar onde sangravam plumas vermelhas como cristas de galo, deteve a caleja num gesto e preguntou quem ia dentro.

— O embaixador de Portugal! — rouquejou o bispo de Lamego, pondo-lhe a escopeta à cara.

— *Cuerpo de Dios, que passe Vuestra Ilustrissima!* — atirou o homem, derrubando o feltro castorenho.

O côche seguiu. Nas ruas estreitas da Roma setecentista passavam cadeirinhas conduzindo *zentildonne* mosqueadas de sinais, com faldelhins cobertos de soguilhas de oiro e pequeninos tricórnios pretos na cabeça. Os sigisbéus, pelo lajedo esborcinado das vielas, seguiam de joelhos os floróes e as berlindas. Enxameavam frades,

tudescos da guarda, judeus do *Ghetto*, peregrinos de vieiras e bordão, cortesãs loiras como venezianas caminhando sôbre grandes coturnos de madeira doirada. O sol esplendia. Tilintavam sinos em duzentas igrejas. Ninguêm mais se atreveu a embargar o passo à carruagem do bispo, que parou daí a pouco, de correões esticados, oscilando, diante da porta do marquês de Fontenay. D. Miguel de Portugal, escudeirado pelo mordomo da embaixada de França, subiu as escadas, fêz reverência ao marquês que o aguardava ao tôpo e lhe beijou o anel episcopal, e correram ambos a fechar-se numa câmara onde já os esperava a púrpura do cardeal Bellisomi.

Aí, soube o bispo de Lamego que Urbano VIII, a despeito da sua boa vontade para Portugal, resolvera, coacto pela presença das tropas espanholas de Nápoles e de Milão, que se enroscavam à volta dos Estados pontifícios como serpentes de ferro, não dar audiência à embaixada portuguesa, embora se não negasse a receber o bispo se êste resolvesse visitá-lo como simples prelado. Discutiam, o marquês de Fontenay e D. Miguel de Portugal, a atitude a tomar perante a resolução do Papa, quando o cavaleiro de Malta Saint-Evremond, gentil-homem da embaixada de França, entrou a avisar o bispo de Lamego de que era conveniente Sua Ilustríssima não sair tão cedo do palácio. Os lacaios da tábua tinham subido a prevenir o secretário Rodrigo de Lemos de que o embaixador de Espanha, marquês de Los Velles, esperava a duzentos passos, com quarenta homens de coiras de anta e pistolas aperradas, que a caleja de D. Miguel de Portugal arripiasse caminho.

— Se o negócio está perdido com a cúria, já de nada vale a prudência! — exclamou o bispo, levantando-se de repelão da grave cadeira de sola onde se afundara e curvando-se diante do embaixador de França.

— Vossa Ilustríssima vai jogar a vida! — objectou o marquês.

— Vou vendê-la caro! — rugiu D. Miguel de Portugal, o olhar fuzilando, a capa sofraldada, em movimentos sacudidos que brigavam com a sua compostura de prelado.

O cardeal Bellisomi, declarando-se impotente para evitar a colisão, dadas as pressões políticas intensas da Espanha, apagara-se a um canto, junto a uma enorme faiança holandesa, encolhido no seu capelo vermelho.

— Quantos homens válidos traz consigo Vossa Ilustríssima? — preguntou o cavaleiro de Malta, a cruz branca da Ordem aberta sôbre o hombro.

— Seis homens! É quanto basta para uma batida aos lobos!

— A gente do marquês de Los Velles vem bem armada! — informou Pantaleão Pacheco.

— Que melhor morte pode ambicionar um bispo, do que acabar a tiro nas ruas de Roma! — rugiu o prelado português, os olhos cobertos de névoas de sangue, o arcaboiço entroncado arquejando de fúria sob o roquete branco.

O marquês de Fontenay curvou-se e sorriu:

— Permita-me Vossa Ilustríssima que os gentis-homens da embaixada de França possam ter a honra de morrer ao seu lado!

O bispo de Lamego abraçou o marquês e desceu a escaleira, de escantilhão. O mordomo, os gentis-homens, os escudeiros, os lacaios, os negros da embaixada francesa precipitaram-se armados, a acompanhá-lo. Voaram garçotas brancas em monteiras de veludo negro. Tiniram esporas. Ferrolharam pistolas e arcabuzes aperrados à pressa. O maltês, sobrinho do embaixador, a espada lampejando, dava ordens. O bispo galgou ao estribo, a clavina nas mãos, — e a caleja, oscilando, ma-

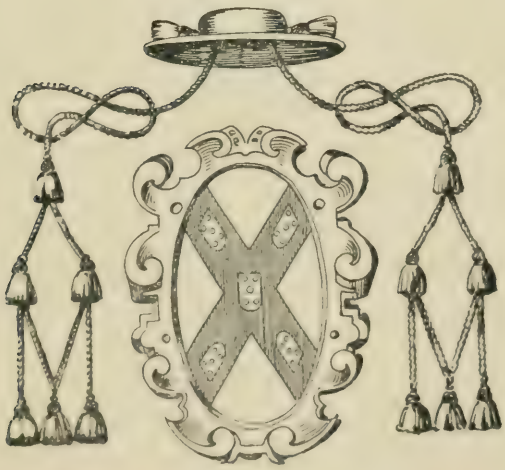
traqueando no lajedo, chispando pregaria ao sol, avançou, seguida de vinte homens, ao encontro do embaixador de Espanha.

Na volta duma alfurja romana, ao entestar com os pilares dum arco velho de fortes aduelas, os côches dos dois embaixadores avistaram-se, bruscamente, a uma distância de trinta ou quarenta passos. Fuzilaram os primeiros tiros. A carruagem do bispo estacou, rodeada dos portugueses e dos franceses fiéis. O cocheiro, cujo vaqueiro encarnado fôra alvo das escopetas espanholas, rolou da boleia, morto. Os castelhanos, conduzidos pelo aventureiro Diogo de Vargas, avançaram. Silvavam balas sôbre o tejadilho da estufa; gritavam mulheres; frades fugiam, remangando o hábito, as pernas nuas e felpudas ao sol. Era um combate em forma, que se feria impunemente nas ruas de Roma, como numa cidade desabitada. Saint-Evremond, com uma bala em pleno peito, caíu num lago de sangue. Um criado da tábua cabriolou e afocinhou, fulminado. As coiras dos lacaios espanhóis vinham já sôbre os portugueses, quando o bispo, de clavina em punho, saíu do côche, sacudiu, incitou, agùentou o punhado de homens que o rodeavam, ajoelhou na viela, pôs a escopeta à cara, e fuzilando, varejando, despejando quartos e balas, uivando como uma fera, abateu oito castelhanos, açapou mortos os cavalos da estufa, e travando da espada abandonada do cavaleiro de Malta, que vasquejava de bruços na agonia, caíu, como um demónio roxo, sôbre a onda dos espanhóis rechaçados. Diante do furor do bispo, o marquês de Los Velles, medroso como um ganso, poltrão como um veado, fugiu a gritar, deixando oito mortos estendidos nas lajes. Então, D. Miguel de Portugal, senhor da rua, atirou com repugnância a espada tinta de sangue, descobriu-se, orou mentalmente, cruzou um gesto de bênção sôbre os cadáveres, galgou ao côche que um lacaio

de tocha conduzia agora, — e, como se nada fôsse, tranqùilamente, seguiu o seu caminho.

No dia seguinte, toda a cidade potifícia falava, com assombro e respeito, no «bispo da clavina», e o marquês de Fontenay, visitando D. Miguel de Portugal, dizia-lhe comovido:

— Se eu não tivesse nascido em França, Ilustríssimo, queria ser português!



# O CHANCELER JULIÃO

# O chanceler Julião

(SÉCULO XIII)

Havia já um mês que o bispo Pedro, embrulhado no seu pluvial roxo de Chipre, lançara o interdito sôbre a cidade de Coimbra. O *fiat* fôra dito do alto das escadas da Sé, de noite, entre candelas acesas de prata. Estava excomungado o rei. Estava excomungada a terra. O sol de brasas, crestando, queimando os campos, trouxera a fome. Crescia a erva entre as lajes do burgo. O povo, humilde, negro, esfarrapado, nu, corria, de pobra em pobra, de casal em casal, grunhindo a sua fome, uivando o seu pavor. Havia um mês contado que a fôrça formidável do clero esmagava, com a sua cáliga de oiro, uma cidade inteira.

Certa noite, quando mestre Julião, o velho cancelário da cúria, incarnação latejante da revolta do poder secular contra o episcopado, alma da rebelião municipal contra o poder absorvente dos bispos, folheava sôbre a sua estante de arquibanco os textos *catenati* de Bolonha, entraram de roldão na alcáçova de Coimbra mestre Martinho, físico do rei, feito já bispo da Guarda, o doutor Pedro Amarelo, que a arte de Avicena levantara a prior da Colegiada de Guimarães, mestre João Rolim, capelo

de Montpellier, — enfiados, trémulos, as mãos descarnadas e estendidas, uma palidez terrosa a esverdear-lhes as faces. A peste invadira a cidade. Não bastavam a seca e a fome, o interdito e a guerra: a dor de levadigas assolava, devastava Coimbra; amanheciam cruzes brancas em todas as portas; os cadáveres, negada a sepultura em sagrado, apodreciam ao sol, infectos, devorados de cães, estendidos pelas vielas do burgo e pelos andurriais do rio; não havia uma igreja que os recebesse, um clérigo que lhes lançasse a cruz duma bênção. Os três médicos, a tremer, possessos do castigo divino, atribuíam a peste à excomunhão lançada pelo bispo sôbre a terra, aos raios fulminadores de Roma que o chanceler atraíra com a sua imprudência, — e gritavam, arquejando, arrepelando as barbas:

— Mandai uma letra aos cardeais!

— Mandai oiro ao Papa!

— Chamai o bispo de Coimbra!

O chanceler, múmia adunca que a murça vermelha de Bolonha envolvia, poisou na estante os óculos redondos, cuja armação colossal de coiro lhe cavalgava o nasal de ave de rapina. As correntes pesadas dos livros ferrolharam. Cravou os olhos piscos no bispo médico, no médico prior, no estrangeiro Rolim, que metia os dedos crispados pela barba ruiva, e disse-lhes, numa voz sêca e metálica, matraqueada e rabujenta, que não conhecia nenhum bispo ou arcebispo com o poder de atraír os flagelos de Deus; que, se êsses flagelos vinham, era porque o povo os merecia pelos seus pecados; que o Papa era rico de mais para que Portugal lhe esvasiasse nos alforjes os morabitinos de oiro com que fazia castelos; e que não era enriquecendo a avareza de Roma que se purificavam os ares em Coimbra, — mas limpando as ruas de cadáveres e enterrando-os em sagrado nas crastas da Sé e dos mosteiros.

— Mas onde há clérigos que os enterrem? — bradou o físico Rolim, desencapuzando nervosamente o capelo.

— Basta um alvanel com um picão e uma enxada!

— E o ofício dos mortos? — rugiu, como um toiro, o bispo da Guarda.

— Vós lho resareis, dom bispo; ou vós, dom prior!

— Nenhum de nós pode ministrar sacramentos em terra excomungada!

— Obrigam-se clérigos a ministrá-los à força!

— Recusarão!

— Mandam-se-lhe arrancar os olhos!

— Não poderão ler o breviário!

— Inventam-se clérigos, sagram-se bispos e arcebispos, fazem-se cardeais, quantos forem precisos para espalhar na terra a bênção de Deus!

— Quando foi que Roma, dom chanceler, vos deu poder e jurisdição para criar mitras e levantar báculos? — ululou o velho bispo Martinho, a barba escorrendo, como uma onda de prata, sôbre a murça roxa.

O chanceler Julião vagueava pela câmara, em pulos de corvo, fulminando, flagelando os médicos com a sua palavra cortante como uma faca, clara como o tinido dum prato de cobre, — quando o rei entrou, os olhos fulvos, a pele crestada, a barbuna branca, um perponte de pano verde de Oviedo sôbre o lorigão largo de malha pintada de Milão. Senil já, devastado pelo carcinoma abdominal que dentro dum ano o exterminaria, mas ainda duro, sacudido, enérgico, terminante, — Sancho I, nesse baixo relêvo de batalha entre o poder secular e o clero português, fôra o braço formidável de que *magister Julianus* era a formidável cabeça. Tinham sido, precisamente, as tentativas de secularisação dos bens eclesiásticos, as determinantes das primeiras lutas entre os dois poderes do Estado. O cancelário Julião, notário da cúria real, espírito criado aos clarões da primeira Renascença, capelo vermelho onde se escondia a alma convulsivamente republicana de Arnaldo de Bréscia, ousara atacar de frente uma doutrina que toda a Europa de então aceitava e reconhecia: a da inviolabilidade dos bens da Igreja. A mão sêca e astuta do velho ministro atirou a primeira brasa para êsse longo incêndio de séculos. Às tentativas de desamortisação, feitas sob pretextos

oblíquos, respondeu a viril firmeza do prelado do Pôrto, Martinho Rodrigues, espécie de bispo bárbaro sob cuja dalmática se esmalhava um estarcão de ferro, — e que teve de ir, expulso da diocese, coberto de chagas e de farrapos, queixar-se a Roma, ao próprio Papa, das extorsões e das violências do rei. As lutas com o burgo municipalisado, lutas que terminaram pelo pagamento dos nove bisáncios de oiro ao cabido portuense, não foram senão um aspecto, um pródromo da grave e fundamental questão que se debatia e que o notário Julião chegara a pôr, claramente, num diploma audacioso expedido à cúria romana: a secularisação dos bens eclesiásticos. Ao incidente entre os burgueses do Pôrto e Martinho Rodrigues, sucedera, com impetuosidade igual, a questão da «colheita» entre o prelado de Coimbra e o rei. O cancelário, romano e formalista, obrigara o bispo a pagar procuração dumas herdades, alquerias e terras de arrampadoiro que a mitra possuia além-Mondego: o bispo negara-se, argumentando com o senhorio exclusivo e eminente sôbre as terras. O rei, braço brutal de mestre Julião, rompeu na violência: Pedro, prelado de Coimbra, respondeu com a excumunhão e fugiu de noite, seguido do deão e do chantre, entre as chamas vacilantes das lucernas de prata. Estava travada a luta. O povo gemeu de pavor. Um sol de fogo incendiou os campos. Surgiu o espectro da peste. Os cadáveres insepultos, inchados, cobertos de móscas e de sol, juncaram as ruas do burgo.

— É preciso enterrar os mortos, meu senhor!—regougou o notário da cúria, como um bicho de seda metido numa murça doutoral.

— Mas quem é o bispo que levanta o interdito, quem é o clérigo que reza o ofício dos mortos?— rugiu mestre Martinho, erguendo as mãos descarnadas de apóstolo para o rei.

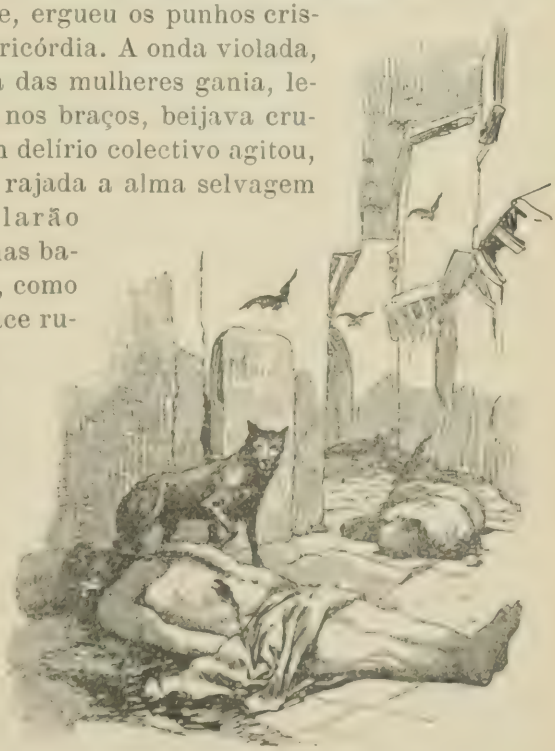
A luz dum tocheiro de ferro alagava a câmara. D. Sancho desdobrou a sua envergadura de gigante, fixou os três arquimédicos, entestou, num arremêsso, o capelo sôbre os olhos felpudos, e uivou, como uma fera espantada:

— O bispo, sou eu!

Pouco tempo depois, todos os sinos de Coimbra tocavam a rebate. O povo, acordado pelo alarme de vinte línguas de bronze, galgou à alcáçova, escuro, convulso, sacudido de pavor, pendurado pelos fraguedos em cachos humanos que ululavam. Eram dezenas, centenas de miseráveis, embrulhados em safões de ovelha, em bedéns moiriscos, em zorames cardenos, em coroças de palha hirsuta, animais de trabalho lambuzados de estêrco e de sangue, encapuzados de sombra e de miséria; eram os mesteirais e ruões do burgo, orgulhosos dos seus direitos municipais, clocando avarcas bezerrunas, arrastando sáios grossos de Chardes e de Palência; eram clérigos medrosos, cogulados de estamenha, a ramalhar camândulas; eram mulheres descalças, perseguidas, desgrenhadas, lobas de volúpia e de barbaridade, de cio e de fereza,—era toda a maré tumultuosa, toda a onda negra do povo faminto, do povo obscuro, do povo em cuja alma rude latejava ainda, depois de duzentos anos de penitência, o pavor secular do milenário. Caminhavam aos molhos, unidos como carneiros, atravessando os morraçais do rio, o marmoiral dos moiros, os enxudreiros das olarias, galgando já as congostas da alcáçova, uma cruz bisantina de ferro erguida nas mãos, dois, três brandões acesos lambendo, como penachos de fogo, a escuridão da noite. Um grito imenso de dor arrastava-se pelos andurriais estreitos, pelo lajedo das vielas, entre portas de pestíferos onde bracejavam cruzes brancas, e matilhas de cães que farejavam e lambiam a carne morta. De dentro das casas, pelas gateiras, pelos postigos espalma-

dos de ferragens brutais, chegavam gemidos de agonia, brados de terror, choros convulsos. A cada passo, nas azinhagas, nas calejas, tropeçava-se no farrapo mole, gelatinoso, inchado dum cadáver. Era uma procissão de espanto e de horror que engrossava sempre, que crescia sempre, que orava sempre — *miserere mei Deus! miserere mei Deus!* — emquanto os sinos badalavam e tangiam nas tôrres altas, e o grande céu impassível, o grande céu estrelado cobria como um pálio negro de bênção o sêlo de pedra do burgo.

Quando chegaram ao castelo, seguidos já de clérigos bufões, de frades goliardos, de judeus ichacorvos, de moiros de babuxas e alquicés brancos, já o rei saíra do paço e esperava a leva, de braços cruzados, junto ao birro vermelho do chanceler Julião. O povo caíu de joelhos, arrastou-se, ergueu os punhos crispados, gritou misericórdia. A onda violada, acossada, sacudida das mulheres gania, levantava os filhos nos braços, beijava cruzes e relíquias. Um delírio colectivo agitou, correu como uma rajada a alma selvagem da multidão. O clarão afogueado das tochas batia agora em cheio, como um incêndio, na face rugosa de *magister Julianus*. Duma penedia alta onde galgara, o cancelário falou ao povo. Que ressurgissem da coita e da treva em que jaziam! Que levantassem a Deus,



todo poderoso, as suas almas tranzidas e devastadas! Nunca o interdito, embora o fulminasse Roma, trouxera a asa negra da peste. Não era a mitra dos bispos, nem o *pallium* dos arcebispos, nem o capelo dos cardeais, que salvavam uma cidade do flagelo da doença e da fome. A Igreja não tinha, pelos seus ministros, o poder de revogar as sentenças de Deus. O que entretinha a dor de tramas no burgo, não era a cólera divina; eram os cadáveres insepultos que inchavam e apodreciam ao sol. Os clérigos recusavam-se a enterrá-los em sagrado, nos cemitérios das crastas, nas sepulturas das igrejas? O bispo fugira de Coimbra, acossado pelo mêdo e pelo remorso do seu crime? Pois bem: o rei os salvaria. Seria coveiro, e alvanel, e bispo, e clérigo, e pai; iria pelos vagueiros, pelos bamburrais, pelos córregos, pelas vielas do burgo procurar os mortos; arrasaria a machado as portas das igrejas e dos mosteiros; numa procissão bestial de cadáveres e de luzes, invadiria, alagaria, faria trasbordar crastas e naves, ousias e capelas; levantaria as lajes a picão, abriria a terra à enxadada, — e os mortos iriam dormir em sagrado, na mão de Deus, o seu sono tranqùilo e interminável.

Um clamor de ressurreição cobriu as palavras do chanceler. Ergueram-se mil braços, num rugido, aclamando o rei. O bispo Martinho, o prior da Colegiada, o arquimédico Rolim, entreolhavam-se, perplexos. D. Sancho, no terreiro da alcáçova, gritava, vasquejava à luz dos brandões, ordenando uma procissão de azêmolas, de andas, de liteiras, de carros de bois, de homens de armas, de ceroferários negros, para recolher, durante a noite, os mortos da cidade. E à testa do préstito enorme, seguido da múmia arguta de mestre Julião e ladeado de dois diáconos que conduziam uma caldeira de cobre com seu aspersório e um ritual bracarense apertado em fortes pastas góticas de prata, o rei abalou pelas congostas

entre a penedia brava, seguido da multidão ululante, até ao mosteiro de Santa Cruz.

Á medida que a onda avançava, acordando as sombras, apanhando os mortos,—as portas das corujeiras do burgo abriam-se, assomavam mulheres desgrenhadas, embrulhadas em mantões brancos de almáfega, erguendo gestos de súplica. Os corpos caíam pesadamente, como sacos de terra, no fundo das andas, das liteiras, das carroças. Quando já não havia onde os transportar, atavam-nos com cordas ao dorso das mulas, atravessavam-nos nos albardões moiriscos, metiam-nos dobrados nos seirões de esparto. Um cheiro infecto, nauseante, adocicado de cadáver, seguia a leva, acompanhava-a, trescalava. Os corvos, crocitando, em revoadas, pairavam alto, na perseguição da carne podre. E o povo, rezando, implorando, atrás da cruz de ferro que os braços gadelhudos dum jugadeiro erguiam, tremia de mêdo, tapava os focinhos espantados com os panos dos saios, dos coteifes, das aljubas, tropeçava, vacilava, sopegava no lajedo romano da calçada:

— *Miserere mei Deus! Miserere mei Deus!*

Quando o rei chegou ao terreiro em frente de Santa Cruz, mole românica de fortaleza dominando o rio, já os cónegos regrantes, alarmados pelo rebate dos sinos, se tinham reunido em comunidade na casa capitular. D. João César, prior do mosteiro, senhor do imenso poder que lhe outorgara a bula de Celestino III, quis ouvir as jerarquias sôbre a atitude a tomar perante a iminência duma agressão do rei. Foram uns de parecer que depois da escritura e contrato de paz feitos havia quatro anos entre o bispo de Coimbra Pedro Sueiro e o prior de Santa Cruz, pelos quais o mosteiro recebera a vila de Buarcos, o couto de S. Romão de Cêa e toda a jurisdição episcopal sôbre as paróquias de S. Tiago e de Santa Justa, cumpria aos cónegos manter uma atitude, se não de

aberta defesa do bispo, pelo menos de prudente reserva perante a política vêsga do chanceler Julião. Entendiam outros que o mosteiro devia mais ao rei, que acabara de doar ao prior D. João César, sôbre o altar mor de Santa Cruz, toda a sua copa de oiro e o viçoso lugar de S. Fagundo,—do que ao bispo de Coimbra, cuja ambição de raposa mitrada lhes levara o Louriçal, Vila Pouca e Vila Chã. Foram de opinião terceiros de que aos padres de Santo Agostinho competia, mais do que atender aos interêsses do mosteiro e da Ordem, zelar a dignidade do clero ofendido. Prevaleceu êste conselho e o capítulo decidiu repelir, como dum inimigo, qualquer possível violência do rei. O prior crasteiro recebeu ordem para correr todos os ferrolhos às portas da igreja, reforçando-as com alavancas e lurias;—e ia da crasta para as naves, embrulhado no seu birro lacerno, seguido de leigos espantados, quando o rumor do povo cresceu, bezoou, vozeou, restolhou para as bandas da alcáçova.

Mal teve tempo de atirar aos batentes uma forte travanca de ferro e de prevenir o prelado. O clarão das tochas e das candelas rompeu pelas lumieiras altas do côro; um bramido de tempestade atroou o silêncio da noite,—e os machados, e os marrões, e as fachas de armas morderam, talharam, devastaram o forte castanho do portão. Toda a comunidade correu, apavorada, trémula, sofraldando o hábito, arrastando os sapatos, encapuzando o capelo dos birros de lã. Clarões vagos, clarões errantes lamberam a pedra doirada da arquinave. Os arcaboiços dos agostinhos arquejavam; as suas figuras imobilisaram-se como espectros, escutando. Entreolhavam-se todos, a procurar um alvitre, uma solução: abrir as portas, ou esperar que a gente do rei as abatesse pelo ferro ou pelo fogo. Resolveram esperar. A volúpia do martírio tocou-os e iluminou-os. O prior crasteiro ergueu uma cruz procissional de prata. Correram cónegos a bus-

car, sôbre um fazonal de linho branco, o crânio de Santa Cecília. Um padre levantava nas mãos um cibório de oiro resplandecente. D. João César, à frente da comunidade atirada para o cruzeiro como um rebanho de carneiros, surgia, revestido de mitra e pluvial, abraçado ao seu báculo enorme de cabuta de bronze. O castanho das portadas estalava, assobiava como lenha ao golpe certeiro dos machados. Lá fora, o povo uivava como um vento de tempestade que atravessasse um pinhal bravio. Por fim, a porta vacilou; meteram-lhe alavancas; braços felpudos, pojando musculaturas brutais, retezaram-se: sentiu-se, num momento de silêncio, o ofegar dos arcaboiços; e como troncos seculares de floresta que o raio fulminasse, as portadas estoiraram, estremeceram, arquejaram, rugiram e tombaram desamparadas no lajedo da nave.

Diante da figura bárbara do rei e da murça vermelha de mestre Julião, que entraram, de chofre, à testa duma procissão de luzes, de azêmolas e de cadáveres, a comunidade dos agostinhos surgiu, imóvel, petrificada de assombro, resmoneando os salmos penitenciais, abraçada a cruzes, a custódias, a evangeliários, a relíquias. O prior D. João César, a mitra aurifrigiada a chispar na cabeça, o sudário atado no báculo, a estola de oiro sôbre a murça de pele de ovelha, avançou, enorme, perante a audácia do notário e do rei, e ati-

rou-lhes, numa voz possante que ressoou nas altas abóbadas quadradas:

— Que vindes fazer à casa de Santo Agostinho?

— Enterrar os mortos, dom Prior! — trovejou o rei, o lorigão de malha luzindo ao clarão das tochas, a manzorra negra apontando os corpos inchados que se despejavam das andas.

O prior lembrou-lhe, numa voz rude e sacudida, a excomunhão que caíra sôbre a terra; a autoridade de Roma; as decretais dos concílios ecuménicos; todas as razões de ordem canónica que o impediam de dar sepultura sagrada aos mortos numa cidade fulminada pelo interdito. Respondeu-lhe o chanceler Julião que a causa pública primava a todas as resoluções sinodais, e que, se ao clero competia zelar a salvação das almas, cabia ao rei, pai do povo, cuidar da salvação dos corpos. E emquanto os alvanéis e os burgueses levantavam as lajes da arquinave e da crasta e revolviam a terra aberta das primeiras covas, D. Sancho cruzou os braços e ordenou ao prior que lançasse a absolvição aos mortos. D. João César abanou um gesto de negação.

— Recusais-vos?

— Recuso, em nome do vigário de Deus.

— E os vossos cónegos também?

— Cairá a excomunhão sôbre o primeiro que levantar um gesto de bênção!

Num ímpeto de fera bruta, o rei cresceu, arrancou, abateu sôbre o prior as mãos carrudas, travou dos paramentos que o revestiam, embrulhou-se no pluvial de D. João César, pôs a mitra na cabeça, ergueu o báculo nas mãos, e, recordando o latim do ritual que lhe haviam ensinado na mocidade os padres de Santo Agostinho, tomou o aspersório, molhou-o na caldeira de cobre, e bradou, numa voz de tormenta, em meio do silêncio, do pasmo da multidão:

— Pois absolvo-os eu, que me sagrei hoje arcebispo de todas as Espanhas!

A bênção do rei caíu sôbre um monte de cadáveres. Um cheiro infecto empestava o corporal da igreja. Um a um, cavamente, como farrapos negros, os mortos desceram à terra. O povo, lá fora, desoprimido, contente, dançava, sapateando os socos vermelhos no lajedo de Santa Cruz. Nascia já o sol quando o rei, embrulhado no seu pluvial roxo, brandindo o báculo como um bordão de almocreve, a cabeça coroada dos cornos de oiro da mitra episcopal, entrou, praguejando, na alcáçova de Coimbra.

---

# EPÍLOGO

# Epílogo

---

Matinam sinos. Ondula a névoa pelos vales. No oiro fulvo do poente passa um tropel de nuvens. Lateja a terra fecunda. As velhas árvores, esbracejando as frondes negras, lançam a sua bênção aos campos silenciosos. A alma de Portugal, como uma vibração luminosa, palpita, estremece em cada fôlha, em cada asa, em cada pedra, no gesto religioso dos velhos troncos patriarcais, no tinido longínquo dos aljorzes de cobre dos rebanhos, no soluço das ondas, no uivo formidável das tempestades, — e asa, e pedra, e tronco, e fôlha, e onda, e tempestade, tudo resplandece, grita, reza, esplende, murmura:

— Portugal! Portugal!

É a alma fremente do passado, que atravessa, como um clarão, a terra heróica e adormecida. É a alma da raça que refloresce, que revive, que renasce, que arrasta cohsigo, na torrente das suas energias novas, tudo quanto no passado foi glória, sonho, beleza, conquista, pensamento, tudo quanto foi côr ou som, luz ou ritmo, sorriso ou lágrima, — tudo quanto um momento conteve em si, no tumulto das multidões, na vertigem dos séculos, um arranco, um lampejo, uma scintilação de Pátria! E as

velhas imagens, e as sombras distantes, e as antigas figuras, como um galope coruscante, como um tropel vertiginoso, devoram a terra negra, passam, cavalgando nuvens, no oiro tranqùilo do poente, e cobertas pela poeira dos túmulos, esfarrapadas pela neve do tempo, heróicas, renascidas, arquejantes, acordam do seu sono de espectros, povôam as montanhas escalvadas... Agora, é a figura selvagem do primeiro rei, calçado de ferro, flamejante de sonho, a barba ruiva e bestial, o torso nu e gadelhudo, a apontar, às punhadas no peito, as vinte cicatrizes de vinte combates; logo, é o senhor do Paúl de Boquilobo, «seis arruelas de azul sôbre campo de prata», que desafia Sevilha em pêso, porque um cómico de Espanha insultou Portugal; é a sombra do *Rei Saudade*, pálida, devastada, taciturna, espectro de realeza, crucigiado de oiro, deixando morrer o irmão para não dar uma pedra de Ceuta; é a cruz de prata do santo lenho que resplandece sôbre o mantão vermelho do Prior do Hospital; é o pequenino tambor da Legião Portuguesa, ardido de sol, os cabelos ao vento, batendo a carga, caíndo crivado de balas e iluminado de glória...

A multidão ruge, alastra, lateja como um só coração, bramindo, cantando, chorando o nome de Portugal. São milhões de braços escuros que se levantam, erguidos pelo mesmo sonho, convulsos do mesmo amor, crispados pelo mesmo ódio, — toda a maré negra, sagrada, ululante, virginal do povo, cortando como uma rajada, como um turbilhão, como uma tempestade, o êxtase doirado do poente. Gemem ao longe, num murmúrio, as violas de Alcácer Kibir; António de Oliveira, o pobre caldeireiro fusilado no largo de S. Domingos, escreve numa parede, com o próprio sangue, a profecia luminosa da República; o *Joanico*, pobre bobo do Rocio, torto como os anões de Velasquez, cheio de bentinhos, de penachos, de rosários, incarna um momento a alma dolorosa da multidão,

e morre, numa auréola, soltando um viva à sua Pátria... A onde cresce, avança, fulgindo báculos, faúlhando mitras, rolando, engrossando, uivando. Corta o ar o balsão branco e preto dos Templários; arfam, como asas colossais, os mantões dos freires das Ordens; drapejam pendões verdes da Ala dos Namorados, flámulas vermelhas das caravelas reais, cruzes vermelhas de S. Jorge nos loudéis brancos de Aljubarrota! Entre o fragor das batalhas, o pensamento surge, scintila, fulgura. O capelo de Bolonha do chanceler Julião, curvado sôbre uma estante de arquibanco, dita cartas rebeldes contra a tirania de Roma; a voz do doutor Mangaancha leva à Itália remota a fama dos doutores de Portugal, — e emquanto Nun'Álvares renasce a virgindade heróica de Galaaz, e Santa Isabel passa, coroada de jóias, entre flores e leprosos, — Frei António das Chagas despede-se da sua espada, e os dois símbolos eternos, a negação e a fôrça, a humildade e o orgulho, a vida e a morte, choram um momento abraçados... Passa a loucura de África, passa o delírio da Índia. A mesma vibração, o

mesmo grito de Pátria sai das entranhas da terra, levanta em cachões de espuma as ondas do mar, soluça com o vento das florestas, humedece de lágrimas os olhos das próprias féras. Em cada pedra de muralha, em cada crista de fraguedo, em cada laje de túmulo, há uma voz que brada, há um coração que sangra, há uma memória que ruge! Farrapos luminosos do passado tremem em cada arco de ogiva, em cada padrão de armas, em cada baluarte de fortaleza, em cada botaréu de catedral. E dêsses gritos de Pátria, dêsses farrapos de grandeza, dessas memórias de séculos, dessa poeira para sempre morta, — quanta bravura, quanta energia, quanta fé reflorirá, eternamente viva! No retôrno universal dos tempos e das almas, os mortos ressurgirão dentro de nós; a alma da raça, purificada e liberta, renascerá, estuará em torrentes de poder e de fôrça, — e Portugal, que ainda hontem suplicava uma cruz para morrer, gritará por umas asas — para voar!

FIM

# VOCABULÁRIO

# Vocabulário

---

Só vão postas em ementa as vozes ainda não recolhidas em qualquer Vocabulário português e aquelas que julguei conveniente esclarecer, abonar com novos textos ou restituir ao seu verdadeiro significado. Entre estas úl imas encontram-se muitos vocábulos relativos à indumentária secular e religiosa e à armaria dos séculos XII a XVIII.

*J. D.*

*Acitara*—Cobertura de estôfo precioso que se lançava sôbre a sela para cavalgar (sec. XII e XIII): «... acitaras et colchias» *(Testam. de D. Sancho I)*; «... vedia sobre la siella muy rica acitara» (Gonzalo de Berceo, *Vida de Santa Oria*, v. 445).

*Alambel* ou *Lambel*—Bancal, estôfo que cobria os escanos, estadelas, ou bancos de estado, ordináriamente entretecido de oiro. «Vinte e dous lambeis» (Testamento de D. Manoel, *Provas*, II, 348).

*Alara*—Flabelo, ou espécie de leque montado sôbre uma vara alta de prata, usado na liturgia antiga: «alara, una de alveci».

*Albarrada* — Vaso de estanho, de prata ou de oiro, com asa, para beber: «albarradas jagladas de prata» (Testamento de D. Manuel, *Provas*, II, 446); «albarradas doiradas para beber» (Enxoval da infanta D. Beatriz, *Op. cit.*, II, 569). Não é, como supõem Viterbo e frei João Pacheco, um vaso de barro.

*Alcândora* — Calçado alto de mulher, usado no século XIV. «Alcândora de mulher pespontada» (G. P., *Doc. d'Évora*).

*Alfanege* — «Et pelles meas de alfanex» (Testam. Arnaldi Archiepiscop. Narbon., *apud* Du Cange). «Lectos cum suos tapetes, cum suos plumatos, paleos et graeciscos et suas sabanas liberatas, et fatelas alfanegues». (Ant.º de Yepez, in *Chr. Ord. S. Benedicti*, 1016, *apud* Du Can-

ge). «... et una pelle alfanege nova murielile *(tinta de púrpura)*, investita in pano Ovete verde *(pano verde de Oviedo)*, et panneata per circuitu de grecisco, cubito et palmo a giro pedes, et ad suas mangas, et faceras auro textas». *(Hesp. Sag.*, tom. 38, fl. 89). Do árabe, *baz al-fanak* (?). Segundo Eguilaz, corrupção do latim *faco*, precedida do artigo árabe.—Uma das muitas qualidades de peles, ou penas, usadas na indumentária secular e religiosa dos séc. XII a XV : lontra, aluz, marterenia, argempel, alfanege.

*Alfola* — Tapeçaria preciosa (séculos XII, XIII e XIV): «nom casará com el pola cobrir d'alfollas» *(Cancioneiro da Vaticana*, v. 1155); «item mando que trez alfollas novas que ei de panos de Graada, q. as ponham sobre o moimento» (Testamento da rainha D. Brites, ano de 1396).

*Alfres* — «En la antigua vos portuguesa, — *alfreses*» (Gloss. das *Cantigas de Santa Maria*, ed. do marquês de Mondejar). Segundo Viterbo (verb. *Alfreses)*, é alfaia ou móvel de uma casa: «alfreses, especias, bacias, agomys» (an. de 1352). A palavra aparece nas Leis de Afonso III : «et melior alfres de ouro de Londres, amplo, valeat sex libras» ; «et melior alfres de Sancto Jacobo amplum valeat quinque libras». Afonso X, nas *Cantigas*, diz : «que ia sée en o taamo (tálamo) toda ben coberta dalfres». Daí, o marquês de Mondejar conclue *(Glossário)*, que se trata de uma «espécie de alcatifa ou manta». D. Leopoldo Eguilaz, no *Glossário etimol. de las palavras de origen oriental*, seguindo a Frei Raymundo Martim, deriva a palavra do árabe *alfarxa*. O *oiro de alfres* vem citado numa relação de jóias da rainha D. Leonor de Aragão, filha de Affonso IV *(Provas*, I, 258 e seg.): «item outra cinta mais estreita de pano de seda com ouro d'alfres. .»

*Algarido* — Grito de guerra dos moiros na investida : «dando grandes algaridos» *(Nob. do Conde D. Pedro*, tit. dos *Giroens*, de onde foi extraído o episódio *Prior do Hospital)*.

*Algaruna*—Parte de uma az moira; esquadrão. «Todalas algarunas eram já a lidar» *(Nob. do Conde D. Pedro*, tit. dos *Giroens)*.

*Aljuba*—Vestidura comprida, fraldada, com mangas largas, usada pelas mulheres portuguesas nos séculos XIV e XV ; trajo imposto aos moiros pelas Ordenações Afonsinas. «Aljuba de pardo forrado» *(Regimento de Évora)*; «aljuba chaan de bom pano redonda de sete covados com seu mantel» *(loc. cit.)*; «mandamos que quando trouxerem (os moiros) as ditas aljubas, que as tragam com os seus aljubetes, segundo que os sempre trouveram, e acostumarom trazer, e outro sy traguam as mangas d'ellas tão largas que se possa revolver em cada hua d'ellas hua alda de

medir pano» *(Ordenações Afonsinas*, liv. 2.º, tit. CIII).

*Almadraque* — Enxêrga de leito; havia camas de dois, de três, de quatro almadraques. «Item mando a essa Clara hũa cocedra e hum chumaço e hum almadraque e hũa almocella». *(Testamento de D. Gracia*, ano de 1322). «Item mando a esse mosteiro de Alcobaça hua das minhas camas comprida de quatro almadráques, e hua cócedra grande...» (*Testamento da Raínha Santa).*

*Almáfega*—Dó branco, burel grosseiro, branco, da pior lã: «85 cobitus de almafega valeat duos solidos» *(Port. Mon.*, Leis de Af. III). Até D. João II o luto foi de almáfega. O dó preto principiou a usar-se no tempo de D. Manuel *(Cf.* Silva, *Mem. de D. João I*, I, 107, e *Monarq. Lusit.*, parte VI, liv. 19, cap. 44).

*Almaraia* — Vaso de metal para água: «almarayas de ouro» (*Testamento de D. Manuel).*

*Almofala*—Tapête de sôbre-estrado, tapête sôbre o qual se armavam camas (séc. XIV e XV). «In medio del palacio tendieron una almofalla» *(Cid*, 237) «Hua almofalla de pano vermelho mourisco» *(Testamento do Infante D. Fernando, Provas*, I, 501). Não é, como supõe Viterbo, «campo ou arraial».

*Almucela* — Do árabe, *almussalla*, tapête sôbre o qual ajoelhavam para rezar *(Cf.* Dozy e Engelmann); antiga cobertura de leito (Eguilaz). Há quem julgue a palavra derivada do baixo latim *almucia*, vocábulo composto do artigo árabe e do alemão *mütze*. Encontra-se em documentos portugueses do séc. XII ao séc. XVI, significando uma parte do estramento dos antigos leitos, — que se compunha de um ou mais almadraques, da cócedra, das almucelas, dos plumaços e dos alifaces ou faceirós. Era o cobertor de hoje. «Item mando a essa Clara hũa cocedra e hum chumaço e hum almadraque e hũa almocella e hũa cobrita» *(Test. de D. Gracia*, ano de 1322, *Provas*, I, 132).

*Almuinha*—Horta cerrada *(Prazos do Cabido de Vizeu, ant. ao século* XV).

*Altâncara* — Pandeiro moirisco grande, sem soalhas, com pelame duplo (*Nob. do Conde D. Pedro*, tit. dos *Giroens).*

*Anafil*—Trombeta moirisca, de cobre *(Nob. do Conde D. Pedro*, tit. dos *Giroens).*

*Argempel*—«Et melior pellis de argempel» (Af. III, *Leis).*

*Atavaque*—Tambor moirisco *(Nob. do Conde D. Pedro*, tit. dos *Giroens).*

*Aurisamito* — Samitum ex auro; pano de oiro. «Unam cappam de diaspero aurisamitum vel tartarisco aureo de Sendone foderatum» (Du Cange, *Glossário).*

*Avambraço* — Arma defensiva: goteira de coiro ou de ferro que defendia o braço pela parte anterior (séc. XIV e XV). «Cotas ou

peças com avambraços» (*Doc. do cabido de Vizeu*, an. de 1380); «sôlhas e avambraços» (*Orden. Afonsinas*, I, tit. LXXI). As Ordenações permitiam os alatoamentos e o oiro «em bordamento darmas, a saber, de peças, coixotes, caneleiras e rebraços e avambraços e luvas». (V, 154). Nas táboas de Nuno Gonçalves (*Museu das Janelas Verdes*) o avambraço reduz-se a duas réguas estreitas de ferro articuladas à cotoveleira e presas com correias, uma ao braço, outra ao ante-braço.

*Avarca*—Calçadura de coiro usada pelo povo nos séculos XII a XIV; mais tarde deu-se o mesmo nome à sandália dos frades menores. «Avarcas bene bonas muzas vel acutas pro VI denarius» (*Posturas municipais de Coimbra*, ano de 1145).

*Bacinete*—Arma defensiva da cabeça; capelo de ferro batido, com timbre e vizeira ou visagem ponteagudos, em cujas superfícies polidas resvalavam as lanças e as espadas (séc. XIV e XV): «E nós chamamos agora ás barbudas bacinetes de camal» (Fernão Lopes, *Cr. de D. João I*, parte II, cap. 50). Havia duas castas de bacinetes: o bacinete de camal, que, como a barbuda trazida a Portugal pelos ingleses no tempo de D. Fernando, era um capelo de timbre ponteagudo assentando sôbre um capuz de malha de ferro que descia até às espáduas (camal ou camalha); e o bacinete francês, ou bacinete de babeira. «Teron bacinete de camal, ou de baveira, qual ante quizerem» (*Ord. Af.*, liv. I, tit. LXXI); «britavam capelinas e bacinetes» (*Port. Mon. Hist.*, *Scrip.*, 186); «foy morto de hun virotã que lhe deo pelo meio da vigajem do bacinete» (*Cr. do Condestabre*, XLIII); «e vendo-os, o infante (D. Henrique) cerrou à cara o bacinete e embraçou o escudo» (Duarte Nunes, *Cr. de D. João I, pag. 92, cap. 446)*.

*Balegão* — Sapato de ferro.

*Balona*—Mantéu ou colarinho largo, chão, sem goma, à moda holandesa, usado em Portugal no século XVII. «Nenhuma pessoa se poderá vestir de lucto comprido e só usará do curto; porêm, poder-se-ha trazer capa comprida de pano, com golilha, ou balona chãa, e de nenhuma forma se poderá usar de capuz, ou capa de capello» (*Pragmática de 25 de janeiro de 1677*, *Leis Ext.*, p. 79, tomo II).

*Baluga* — Sapato de ferro (*Foral de Celeiros de Panoias*, ano de 1160).

*Bandas* (barca de)—Fusta encouirada pelo lado do mar, afim de se defender contra as galés inimigas. «Eu tenho aqui muytas barcas grãdes, que mandey carregar, e todas com bandas, à guisa de fustas» (Fernão Lopes, Cr. de D. João I, parte I, cap. CXXXI). *Cf.* H. Lopes de Mendonça, *Estudos sôbre navios portugueses*, pag. 16.

*Barbuda*—Capelo de ferro com ba-

beira e camal, usado no tempo de D. Fernando (séc. XIV): «e nós chamamos agora ás barbudas bacinetes de camal» (Fernão Lopes, *Cr. de D. João I*, parte II, cap. 50). O bacinete diferia da barbuda em ter ponteagudos o timbre e a viseira.

*Barnegal*—Vaso de oiro ou de prata, de uma ou duas asas, bojudo, com bico (séc. XIV a XVI): «hum barnegal de prata lavrado de romano pelo bojo» (Test. de D. Manuel, *Provas*, II, 446); «hum barnegal de ouro d'uma só aza e bico quadrado lavrado de flôres de liz com hum esmalte das armas de Portugal» *(Ubi sup.)*; «outro barnegal de prata gamochado» *(Ubi sup.)*.

*Bigúnia* — Qualidade de chapéus de indústria estrangeira que se usavam em Portugal no séc. XVII: «mando que se não possam comprar nem vender chapéus de castor, bigunia e chamorro (que são as três qualidades de chapéus de fóra) senão sendo obrados no reino e marcados na cintura pela parte de fora pelo fiel que para esse effeito se tem nomeado, com duas marcas das armas reaes, assentadas em lacre» *(Alvará em que se faz declaração sôbre a pragmática de 9 de agosto de 1686 a respeito de chapéus,—de 15 de novembro de 1690)*.

*Braçal*—Arma defensiva: goteira ou meia goteira de ferro polido que protegia o braço (séc. XVI). Trazia-se de ordinário com a cota de malha: «armado de cota e de braçaes» *(Cronica do Condestabre*, LXV); «escudeiros com cotas e braçaes» *(ubi supra)*; «os do duque traziam cotas e braçaes, com jorneas bordadas» *(Cr. de D. João I*, por Fernão Lopes, parte II, cap. 92).

*Bracelões*—Braçadeiras de coiro, na concavidade do escudo, para enfiar o ante-braço.

*Bragal*—Pano de linho grosseiro usado desde o começo da monarquia. «Do bragal II dinheiros» *(Foral de Santarêm*, 1175). «A lança he de pinh' e de bragal o pendom» *(Canc. da Vaticana*, cant. 1080). «Et vara de bragalii valeat unum solidum» *(Leges Alf. III)*. «Maravediada de burel, de zudero, de bragal» *(Foral da Ega*, 1231).

*Branqueta*—Pano que se tecia em Caminha nos séc. XIII e XIV. «Con su perponte mais non dalgodon, e con sas calças velhas de branqueta» *(Canc. da Vaticana*, cantigas de Af. IX); «95 cubitus de meliore branqueta de Camina valeat unam libram» *(Port. Mon. Leges, Alf. III)*.

*Brial*—Vestidura comprida, com mangas, aberta aos lados, que os homens vestiam sôbre a camisa, sôbre o gibão ou sôbre a cota de armas (séc. XII e XIII). «Vestio camisa de ranzal tan blanca como el sol... sobre ella un brial primo de ciclaton, obrado con oro» *(Cid*, I, 347). Foi também dado êste nome a uma vestidura de mulher usada mais tarde, do século XIII ao séc. XVI: «festes, filha

en o baylar, e rompestes hi o brial» *(Canc. da Vaticana*, 796). No séc. XVI havia dois tipos de brial: — o «brial flamengo» e o «brial português».

*Cabídula*—Capitular; letra maiúscula, iluminada ou aberta a minio nos Mss.

*Camalha*—Camal, camalho; capuz de malha de ferro, que defendia a cabeça, o pescoço, parte das espáduas, e sôbre o qual assentavam o capelo, capelina, barbuda ou bacinete (séc. XIV e XV). «Bacinete de camal, ou de baveira, qual ante quizer» *(Ord. Af.*, I, tit. LXXI); «cotas e bacinetes de camal e laudéis» *(Doc. de Freixo*, an. de 1410). As Ord. Af., liv.º V, 154, permitiam o oiro nas faldras e camais.

*Cancelário*—Chanceler, notário da curia real.

*Caparazão*—Gualdrapa; também armadura de guerra do cavalo: «com hum caparazão de veludo apicholado de muitas cores» *(Carta de Pero de Sousa ao Duque D. Jaime, Provas*, I, 647).

*Capeirete*—Capuz dos mantões ou das aljubas usadas pela gente do povo nos séc. XII a XV. «Mantões dobrados de mercadores, com seos capeiretes *(Regimento da Cidade de Évora, transladado no Livro pequeno de pergaminho do Arquivo Municipal Eborense)*.

*Capeleio*—Toucado (séc. XV): «hum capeleio de ouro fiado» *(Enxoval da Inf. D. Beatriz*, in *Provas*, II, 569).

*Capichuela*—Droga de que no século XVII se faziam várias peças de vestuário: «gibões, calças, ferragoulos, roupetas, huns de capichuela, outros de várias sedas.» (Martim Afonso de Miranda, *Tempos de Agora*, 170).

*Carão da carne*—Sobre a pele.

*Carraca*—Nau grande, usada no séc. XV e XVI pelos genoveses, como navio de carga. «Na Espanha se chamão náos ao que na Italia chamão carracas e na Allemanha urcas» (Fernando Oliveira, *Livro da Fábrica das Naus)*. Cf. H. L. de Mendonça, *Estudos sôbre navios portugueses*.

*Çarrudo*—Cabeludo.

*Cendal*—Seda leve (?). «Mantos é pielles é buenos cendales Dadria» *(Poemas castellanos anteriores al siglo* XV, *Cid*, verso 303). Do árabe, «sandal», — tecidos vindos do Oriente; eram preciosos os cendais de Tyro (Francis Michel, *Histoire de la soie*, tomo I, 83).

*Cerofala*—Brandão ou tocha grossa de alumiar o caminho. «Lucernae argentae septem, cerofala duo...» *(Gloss. de Du Cange*, verb. *Candela)*.

*Ceroferário*—Clérigo portador de cerofalas. Ainda usado na liturgia do séc. XVII.

*Chamorro*—Qualidade de chapéu usada em Portugal no séc. XVII. (Veja verb. *Bigúnia.)*

*Chiote*—Vestidura rústica de burel, com capelo e mangas (século XIII a XVIII: «chiotes de homens, grandes, abotoados com alhetas e com mangas» *(Livro*

*pequeno de pergaminho do Arquivo Municipal de Évora.*

*Ciclatão*—Pano de seda forte, precioso, bordado ou tecido de oiro, —segundo Viterbo; «vestido largo y redondo que llegava al suelo», — segundo o autor do *Indice de las voces antiquas*, in *Poesias castellanas ant. al sig.* XV. Aparece em doc. dos séculos X a XIII. «Tres cappas, una de ciclaton, et alia mudbage» *(Doc. de Paço de Sousa*, 1145). Na *Vida de Santa Oria*, de Gonzalo de Berceo *(Poes. cast. ant. al sig.* XV), descrevem-se uns cavaleiros «todos vestidos de blancos ciclatones». No poema do *Cid*, V, 347, confirma-se que o ciclatão seja determinado estôfo precioso de que se faziam os briais dos cavaleiros :

Sobre ella um brial primo de ciclaton.

Era usado também na indumentária religiosa.

*Citolão* — Antigo instrumento de cordas, alaúde dos jograis do séc. XIII e XIV.

Lourenço pegs te quitas de pasear
e desamparas o teu citolon...»

*(Canç. da Vat.*, canç. de João de Guilhade.)

*Coca*—Espécie de fusta usada do séc. XIII ao séc. XV. Nas *Partidas*, de Afonso, o *Sábio*, (partida II, tit. XXIV), já veem citadas as cocas entre os vários navios usados ao tempo.

*Cogula*—Capuz; túnica com mangas e capuz usada pelos frades bentos.

*Conca* — Tijela de madeira. «De concas ou vasos de madeyra, a dízima» *(Foral de Lisboa*, 1179). No séc. XV, designação de um jôgo, vulgar nas varandas do paço, que se jogava com tijelas. «Conca ou sarilho...» *(Canc. de Rezende)*. Do lat., *concha, ae.*

*Cortinhal*—Pomar murado (?) *(Livro dos prazos do cabido de Vizeu, ant. ao séc.* XV).

*Corveiro*—Telheiro onde se guardam cabras.

*Cota*—Arma defensiva: vestidura de malhas de ferro, ovais ou redondas, pintadas ou não, com ou sem mangas, com ou sem revestimento dos membros inferiores (séc. XII a XV). Vestia-se sôbre um gibão de coiro, ou estofado, para proteger o corpo da cravação da malha; sôbre a cota trazia-se o brial (séc. XII e XIII), a jórnea, o laudel, o jaque (séc. XIV e XV): sôbre-cotas de estôfo, soltas e compridas *(brial)*; soltas, pelo joelho e sem mangas *(jórnea)*; curtas, sem mangas, chumaçadas, cingidas ao corpo, placadas ou não de ferro *(loudel, jaque)*. A partir do século XIII, a cota de malha foi reforçada nas espáduas e membros pelas «peças» ou «pratas», goteiras de ferro, batidas a frio, para a defeza dos braços *(coraçais, rebraços, arambraços, brafoneiras)*, dos hombros *(espaldeiras)*, do pescoço *(gorgelim)*.

*Coxote*—Arma defensiva; goteira

de ferro que defendia a coxa: «Outro sy manda que se nom entenda esta lei em bordamentos d'armas, a saber, de peças, coixotes, canelleiras e rebraços e avambraços, e luvas, posto que sejão bordados com latam color douro» *(Orden. Af.*, v., 154). Nas tábuas de Nuno Gonçalves (séc. xv) reduzem-se a réguas de ferro, finas, articuladas na joelheira e presas à perna e coxa com fitas de coiro.

*Crasta* — Forma antiquada de *claustro*. «O rei foi à crasta, chamou todos os conegos na crasta para que dessem dentre de si um bispo» *(Crónicas breves de Santa Cruz de Coimbra)*.

*Enxaravia* — Toucado de mulher nobre, usado no século xv; sinal de infâmia das alcoviteiras, — beatilha de seda vermelha que traziam na cabeça emquanto não seguiam para o degrêdo *(Ord. Af.*, liv. v, tit. xxxii). «A Rainha vinha toda abafada do rostro, que nom parecia delle nada, e vinha abafada com huma enxaravia» *(Diário da Jornada que fêz o Conde de Ourêm ao concilio de Basiléa*, ano de 1434). «Trinta e sete enxaravias de todas as côres» *(Enxoval da Inf. D. Beatriz, Provas*, i, 570).

*Enxerqueiro*—O que vendia carne nas enxercas; o que tinha por ofício matar, talhar e chamuscar porcos (séc. xiv, xv, xvi): «Os que venderem carne nas enxerquas fação tres ruas em as ditas enxerquas» *(Posturas antigas de Évora)*; «que os enxerqueiros que vão matar os porcos e freames a casa dos homes bons aquelles que os chamuscarem e que por chamuscar o porco leve 10 soldos» *(Ubi supra)*.

*Enxudreiros*—Lamas, charcos, terrenos alagados.

*Escano* — Banco comprido, de espaldar. «De leito aut de escano II denarius» *(Foral da Ega*, 1231). «Sed en vuestro escano como Rey è senor» *(Poema do Cid*, v. 348).

*Escarcha* — Fio de oiro ou prata entretecido nos estofos de seda.

*Estala*—Cadeira na arquibancada do côro monástico ou do côro capitular.

*Estanforte*—Pano de lã resistente que nos séc. xii a xiv nos mandavam as manufacturas flamengas de Bruges, e que no tempo de Afonso III começou a fabricar-se em Portugal por menos preço —«Et cubitus meliori Brugia faldrada, aut de meliori stanforte de Brugis valeat quindecin solidos» *(Leis de Afonso III — Portugaliae Monumenta, Leges et Consuetudinis)*. «Et cubitus de estanforte de caa valeat novem solidos» *(Ubi sup.)*.

*Estarcão*—Arma defensiva: cota de malha, larga, estofada, às vezes doirada e armoriada (séc. xiv e xv): «todos levavão estarcões de prata mui grandes, que tomavão ataa cerca da cinta em que hião postas suas devisas e armas» *(Carta de Pero de Sousa ao duque D. Jaime ácerca da jor-*

*nada da infanta D. Leonor, imperatriz da Allemanha — Provas*, I, 646).

*Exameto* — Exametum, examitum, na baixa latinidade *dami* ou *exami*, — pano de seda. (Du Cange, *Glossário*) «Cappam unam de examitum rubeo» *(Charta an. 1213, apud Ughellum*, C. 7, pag. 289).

*Facistol* — Grande estante de côro monástico ou capitular.

*Fraldelhim* — Outro nome da «roupa», ou segunda saia, aberta ou não na frente, que as mulheres vestiam, no século XVII, sôbre a armação de ferro dos guarda-infantes: «que huma dona vista hum manteo ou fraldelhim que de ouro e prata valha mais de 500 cruzados...» (Martim Af. de Miranda, *Tempos d'Agora*, 158).

*Friza* — «Tela lanea, rudis, aspera» *(Glos.* de Du Cange). «Et cobitus de frisa valeat octo solidos» *(Port. Mon., Leges*, Afonso III). «Todas vestidas de una blanca friza» *(Vida de S.ta Oria*, de Gonzalo de Berceo, verso 450).

*Gafo* — Leproso. «Darnos como a gafos logares apartados» *(Liv. de Alexandre*, v. 1459 — *Poem. hesp. ant. ao séc.* XV). Era na idade média um dos maiores insultos: «Qui dixer a outro cornudo ou f... ou gafo ou judeo ou traydor... peyte v morabitinos» *(Costumes e foros.— Port. Mon. Hist., Leges et Consuetudinis*, 865). A gafeira ou lepra também se chamava na península *fogo selvagem*: «o povo enferma de fogo salvage» (Afonso, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, ediç. do marquês de Mondejar, cant. 105).

*Garcera* — A palavra aparece três vezes no *Canc. da Vaticana*, nas cantigas de amigo de João Soares Coelho (291), de João Zorro (756), de Pero Meogo (794). Roupa de mulher. «Fui eu, madre, lavar mhas garceras a la fonte, e paguey-m'eu delas» *(C. V.*, 291). «Garceras, has mhas garceras el rey m'enviou por ellas; madre, que lhys farey» *(C. V.*, 756). «Lavey mhas graceras... des que las lavara douro las liara» *(C. V.*, 794).

*Gicebi* — Tela preciosa usada em vestiduras de mulher, ordináriamente de côr rosada (séc. XIV). «... e mando ao dito mosteiro duas vestimentas, hũa de gicebi rosado, outra de seda com senaes del Rey e com castellos de ouro» *(Test. de Tareja Annes*, an. de 1350, *Prov.*, I, 134). «... huns panos dondas de geebe (gicebi) rosado com sinaes de Portugal e Aragão em que anda muito aljofar» *(Lenda de Santa Isabel, Monarch. Lusit.*, parte IV, pag. 513) «...hum sombreiro de gueebe (gicebi) vermelho com seu cordão de aljofar e com pedras grandes, vermelhas, quadradas» (Jóias de D. Leonor de Aragão, filha de Afonso IV, — *Provas*, I, 258, an. de 1347).

*Gocête* — Luva ou manopla de malha de ferro. «Bacinete francez com sua baveira, e faldras, e gocêtes».

*Gramaia* — Calçadura de homem usada no séc. XIV em Portugal, espécie de soco alto de madeira ou coiro, apertado com loros ao pé (*Regimento de Évora*).

*Grecisco* — Estôfo precioso empregado em palas, frontais e outros paramentos de altar, vulgar na indumentária religiosa dos séculos X a XIII. No testamento de Mumadona, ano de 959, mencionam-se, entre outros objectos de culto, alaras, casulas, frontais, «greciscos tres de aluz» e «palas glicissas duas, alias palas de aluz».

*Guadamecim* ou *Guadameci* — Coiro trabalhado, doirado ou pintado, de indústria árabe, de que se revestiam arcas, bancos, catres, e de que se faziam calçaduras de mulher (séc. XII a XV). «Osas bonas gudemecis» (*Posturas municipais de Coimbra, an. de 1145*). *Osas* era certo calçado de mulher, semelhante ao soco.

«Con vuestro consejo bastir quiero dos archas
Cubiertas de guadalmeci é bien enclaveadas
Los guadamecis bermeios e los clavos doradas».

(*Poemas castellanos anteriores al sig.* XV — *Poema del Cid, v. 233 a 285*).

«Huas cortinas de guadamicis dourados e prateados» (Enxoval da infanta D. Beatriz, *Prov. da Hist. Geneal.*, I, 572).

De Gadamés, cidade africana do Estado de Tripoli. Segundo refere Gazwini, «d'esta cidade do Maghrib exportavam coiros molles como estofos de seda» (*Lammens*, 123).

*Guarda-infantes* — Armação enorme e bojuda de arcos de ferro que, no século XVII, se usava por debaixo das saias. Tinha, na parte posterior, um arco maior que se chamava «arco de levantar». As saias que se vestiam sôbre os guarda-infantes eram duas: a «polheira» e a «roupa»; esta última vestia-se sôbre a primeira e era aberta à frente. «O uso dos seus guardas-infantes, e cousas d'esta maneira, ponho entre aquellas, que de si não são más, nem boas... Eu vi andarem as francezas com semelhante trajo, a que então chamavão verdugadins; parecerem muito bem, e não lhes ser estranhado...» (D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de guia de casados*, 102).

*Jaque* — Sôbre-cota curta, justa, sem mangas, de coiro ou de estôfo, que começou a usar-se em Portugal ao tempo de D. Fernando, depois da vinda dos archeiros ingleses (séc. XV). Também aparece em alguns documentos a forma *jaqueta*: «... deo huma lançada sobre huma jaqueta que levava vestida» (Fernão Lopes, *Cr. de D. João I*, pag. 78). As *Ordenações Afonsinas* referem-se a *jaques* e *estofas* (V, 154 e seg.), em que podia usar oiro e veludo mesmo quem não fosse cavaleiro. O jaque dos

archeiros ingleses era, a principio, de couro grosseiro: «*un grand vilain jacke d'Anglois*» (Cf. Lacroix, *Les Arts au moyen Age*, 86); passou depois a ser cortado em veludo, em brocado, em telas preciosas, vestindo-se sôbre a cota ou sôbre o gibão (Ary Renan, *Le costume en France*, 108). Walsingham, a propósito da sôbre-cota do duque de Lencastre, descreve o jaque: «Dux Lamastriae... quoddam vestimentum praeciosissimum ipsius quale jacke vocamus» (*Hist. Brevis.*, 249). Esguilaz deriva a palavra do arabe *chakk*, «*lorica augustis angulis contexta*».

*Jórnea*—Sôbre-cota de estôfo, larga, aberta aos lados, sem mangas (séc. XIV e XV). Usada em Portugal depois da vinda do duque de Lencastre. «El-Rey hia armado de todas as armas, que nom lhe mingoava senom o bacinete; e muitos dos seus d'aquella guisa, e os do Duque tragiam cotas, e braçaes, com jorneas borladas e outras farpadas assaz vistosas» (Fernão Lopes, *Cr. de D. João I*, parte 2.ª, cap. 92); «e as roupas que trouxerem devem ser soltas assy como mantoões, ou jorneas» (D. Duarte, *Arte de bem cavalgar*, parte III, cap. XVIII).

*Laudel* ou *Loudel*—Sôbre-cota de estôfo, curta e sem mangas, que se destinava a fazer distinguir por uma côr ou por um sinal heráldico os que se batiam debaixo da mesma bandeira (séc. XV e XVI), «... deu a todos os que andavão com elle de cote, que serião atá quinhentas lanças, loudeis de fustam branco com cruzes de S. Jorge» (Fernão Lopes, *Cr. de D. João I*, II, cap. 92). A cruz de S. Jorge era o sinal distintivo ordenado no regimento de guerra: «cada hũm de qualquer estado, ou naçom que seja, que da nossa parte fôr, tragua hum sinal d'armas de S. Jorge, largo, hum diante e outro de traz» (*Orden. Af.*, I, 51) O regimento dos coudéis, de D. Duarte (*Orden. Af*, I, 71), obrigava todos os que tivessem bens avaliados em 40 marcos de prata a possuir ou «cota e loudel, ou pratas, ou solhas e avambraços». Mais tarde o loudel passou a ter «enchimento», a estofar-se, a constituir, êle próprio, uma arma defensiva: era já a «estofa», ou o «jaque», em que as *Ordenações* permitiam o uso de alatoamentos e de veludo; por ultimo (Barros, *Dec.* 2.ª, fl. 10, col. 3) no estôfo insinuavam-se placas de ferro: «hum laudel de laminas».

*Loriga*—Arma defensiva do tronco: camisote de correias de coiro laminadas de ferro (séc. XII a XIV), sôbre o qual se vestia o perponte. «E os mouros e os christãos todos andavam armados de perpontes e de lorigas e braçoneiras» (*Vida e Feitos do D. Pedro*, tit. dos *Giroens*); «exceptis loriga et lorigone» (*Doc.*

*de Vizeu*, codicilo de D. Sancho); «nem por la loriga nem lorigone nem geolheiras quaes de ferro son, mays tras perpunto roto seu algodon» (*Canc. da Vaticana*). Mais tarde, ainda chamavam loriga ao que já era cota de malha de ferro: «... o colheu por hua malha da loriga» (*Canc. da Vat.*, 78); «ahi se esmalhavão fortes lorigas» (*Nob.*, tit. dos *Giroens*).

*Lorigão*—Arma defensiva; grande loriga de coiro, ou de estôfo laminado de círculos de ferro batido, imbricados (séc. XII e XIII) «... e vestiose em panos de tacanho e sua espada e lorigon». (*Nob. do Conde D. Pedro*). «Nem por sa loriga, nem lorigoń» (*Canc. da Vaticana*).

*Lucerna* — Lanterna de prata, erguida sôbre vara alta, para alumiar o caminho. «Lucernae argentae septem» (*Glossário de* Du Cange, verb. *Candela*).

*Mafra* — Povo junto (séc. XVII e XVIII): «toda a mafra de patrulha alta e baixa, que foi aos touros...» (*Nova Relação das Queixas que faz com justiça o Apollo do Terreiro do Paço*, folheto de cordel, B. N., 6801, encarnado).

*Malouria*—Doença. «Ca o son con f... e con malouria» (*Canc. da Vaticana*, 1017).

*Marmoural* — Terreno alagadiço. «Alêm do marmoural dos mouros» (*Doc. de Coimbra*). «Desi á cabeça mais alta do ribeiro dos marmouraes» (*Foral de Freixal*, an. de 1209).

*Maromaque* — Estôfo precioso tecido de oiro, usado nos séc. XII a XIV como cobertura de arcas, estrados e leitos. «Sobre estrado de maromaques e outros panos douro punhão o ataúde» (*Nob. do Conde D. Pedro*).

*Marterénia* — Pele de que se forravam e guarneciam vestiduras, e que no séc. XIII valia em Portugal, segundo as posturas, cinco soldos cada pele. «Et melior pellis de marterenia valeat quinque solidos».

*Marvil*—Estôfo usado no séc. XIII, «hum cerome de marvil» (*Doc. de Pendorada*, 1294).

*Messar* — Arrancar as barbas. «Si ferir cum manus, aut messar, aut cum pede. .» (*Foral de Santa Cruz de Vilariça*, ano de 1225). «Lançava as mãos da barba que tinha muy longa e messava-a toda e dava grandes feridas em seu rosto» (*Nob. do Conde D. Pedro*, in *Port. Mon. Hist.*, *Scriptores*, 187).

*Mongil* — Espécie de pelote com mangas e capelo (séc. XV e XVI): «De D. Rodrigo de Monsanto ao mongil com capello de D. Martinho de Tavora» (*Canc. de Resende*).

*Morraçal* — Terra alagadiça.

*Mudbage*—Tela ou droga preciosa, usada não só nos paramentos sagrados, como quer Viterbo, mas tambêm na indumentária secular: «una acitara de mudbage» (*Cf. Elucid.*, *verb. própria*). Veja *Acitara*.

*Nazal* — Parte do capelo de ferro

destinada a defender o nariz (séc. XIII e XIV): «hum capello de ferro» *(Foral da Ega,* 1261); «ponere capello nasale deauratum et pregos deauratos» *(Degredos de Afonso III, Port. Mon., Leges).*

*Oral*—Pano de seda, linho, alveci, cendal, que envolvia a cabeça e soqueixava a face; usavam-no por debaixo do toucado ou do véu, no século XIV, as mulheres nobres. «... a minha coroa das pedras amarellas que chamam citrinas, e o entoucado e o oral e o véu e a santa que eu mandava poer ás noivas que casavão de minha casa» *(Test. da Rainha Santa Isabel,* Provas, I, 119).

*Osa*—Calçadura de mulher (séc. XII e XIII), de coiro pintado e doirado: «osas bonas gudemecis» *(Posturas municipais de Coimbra,* an. de 1145,—*Port. Monum. Hist.)*

*Pelote* — Roupa curta de mulher, usada em Portugal do séc. XII ao séc. XIV; espécie de casaco sem mangas que os homens vestiam sôbre o gibão e por debaixo do mantão ou do tabardo (séc. XIV a XVI). «Pellotes de mulher honrada» *(Liv. peq. de pergaminho do arch. de Évora);* «o pellote de sa senhora» *(Nob. do Conde D. Pedro,* fl. 89); «vestidas (as gafas) de quecas, de pellotes e ceromes» *(Lenda de Santa Isabel, Monarch. Lusit.*, VI parte, 508); «de pellote se guarneça pouco menos do artelho» *(Canc. de Resende);* «hum pellote de setim, outro de damasco» *(Guarda-roupa de D. Manuel, Provas,* II, 348). No tempo dêste rei, os pelotes usavam-se extremamente curtos (Cf. *Miscelânea,* de Garcia de Resende, 163, v.)

*Peliçio* — Vestido de peles usado sôbre o saio ou sôbre a loriga. «Sobre las lorigas, arminos è pelizones» *(Cid,* 347). «Buenas vestiduras de pelizones» *(Op. cit.,* 269).

*Perponte* — Roupa larga que se vestia sôbre as armas (séc. XII, XIII e XIV): «perponte de panil e cordão douro por joeta» *(Canc. da Vaticana,* v. 1188); «perponte e calças velhas de branqueta» *(Op. cit.,* v. 61); «levava seu perponte vestido» *(Nobiliário do Conde D. Pedro);* «armados de perpontes, lorigas e brafoneiras» *(Loc. cit.).*

*Persevão* — Chão do côche, da liteira, do florim ou da estufa (século XVII e XVIII).

*Pratas* — «terom cota e loudel, ou pratas» *(Ord. Af.,* liv. 1.º, tit. 71, cap. 1.º) Armadura de peças usada no séc. XIV e XV, em substituição da cota. «*Contre tous ces engins, la maille n'était point une defense suffisante; aussi, pendant tout le* XVI *siècle, s'ingénie-t-on à travailler le fer en plates pour en revêtir le corps*» *(Les Armes,* por Maurice Maindron). Ary Renan *(Le costume en France,* 105) esclarece ainda: «*Leur armure fut l'armure de plates, c'est-à-dire, l'ancienne borgne à plaques de métal...*»

*Pulvinar* — Almofada, faceiró de leito (séc. XIII e XIV): «... meam culcitram et pulvinar de froixel» *(Test. de D. Mafalda,* an. de 1256).

*Ranzal*—Linho muito fino (séc. XIII e XIV): «vestio camisa de ranzal tan blanca como el sol» *(Poesias castell. ant. al sig.* XV, — *Cid,* 237). «Sobre ella (almofalla) una sabana de ranzal y muy blanca» *(Cid.,* 237).

*Rascar*—E tambem citolar. Tocar alaúde (séc. XIII e XIV).

«Vejo aqui un jogralon
que nem sabe citolar...»

*(Canc. da Vat.,* D. João de Avoim).

«Ca ves Lourenço muyto mal aprendy
do teu rascar...»

*(Ubi sup.,* João de Guilhade).

*Saltimbarca* — Vestidura ampla, aberta pelas ilhargas, que traziam os beleguins no séc. XVII: «beleguins de saltimbarca e chuça» (D. Francisco Manuel, *Fidalgo Aprendiz,* acto III).

*Samarra* — Vestidura rústica, de peles, de burel, ou zudero, ou bragal, aberta aos lados e sem mangas. «De vestido de pelles, tres dinheiros» *(Foral de Almada);* «os çamarros dos vaqueiros» (Gil Vicente, *Auto da Mofina).* Espécie de tabardo ou casaco comprido de uso cazeiro nos séculos XV e XVI: «uma çamarra de pano de Galles» *(Crónica do Condestabre);* «hua çamarra de velludo» (Guarda roupa de D. Manuel, *Provas,* II, 347). Dava-se também este nome, nos séc. XVI e XVII, ao sambenito dos penitenciados nos autos da fé.

*Sarambeque* — Dança muito usada nos séculos XVII e XVIII, entre o povo. Era, quási sempre, uma das danças que abriam os combates de toiros no Terreiro do Paço:

«Outra dança se cubiça
E dizem que ha de ir á praça:
A dança do sarambéque».

*(Mapa curioso das vistosas entradas e danças que hão de preceder os combates de toiros que no Terreiro do Paço se hão de combater,* — folheto de cordel, ano de 1752).

No século XVII também se dançava nas casas fidalgas: «aprender as mudanças do sarambéque» *(Carta de guia de casados).*

*Sebasto* — Savastro, sevasto: barra de qualquer estôfo colocada sôbre outro (séc. XVI). «Hum pontifical de rede espessa douro fiado sobre velludo preto, com savastro de tela douro alcachofrada de prata» (Trasladação do rei D. Manuel, *Provas,* II, 315).

*Silhar* — Rodapé alto, ordináriamente de azulejos (séc. XVII e XVIII).

*Sôlha*—Arma defensiva usada em Portugal nos séculos XIV e XV: saio amplo de couro revestido de lâminas de ferro batido. «... encõtrou ao Pedraffonso... cô hũa lâça das suas: e passou-lhe hũas solhas de q. hya armado» *(Cr. do Condestabre,* cap. XII).

*Solia*—Pano encorpado de lã, usa-

do nos séc. xv, xvi e xvii. «Em nome das damas ao conde de Vila Nova e a Henrique Corrêa, que fizérão carapuças dessolya *(Canc. de Resende*, iii). «Os mantos eram de solia, filete e sarja» (Martim Af. de Miranda, *Tempos d'Agora*, iii, 163).

*Tabardo* — Espécie de capote com capelo abotoado e mangas, que se usava nos séculos xiii e xiv: «et tabardo duplato» (Af. III, *Leges*, in *Port. Mon.)*. Casaco amplo com cabeção e mangas que os homens usavam sôbre o pelote e as mulheres sôbre a cota no séc. xv: «hum tabardo de Lila» *(Enxoval da infanta D. Beatriz*, Provas, i, 571). Vestidura monástica dos donatos carmelitas: «nam trazem habitos, mas uns tabardos cõpridos e barbas» *(Compêndio de Cr. da Ordem de N. S. do Carmo*, capítulo 21, pag. 90).

*Tacanho*—«... vestio-se de panos de Tacanho e com sua espada e lorigão» *(Nob. do Conde D. Pedro*, 295).

*Tiraz*—Estôfo precioso, de origem árabe, entretecido de oiro, usado desde o séc. xii. — Chamava-se *Tiraz* a dependência do palácio dos kalifas em que se fabricavam tapeçarias e estofos exaurados (Dupont Auberville, *L'Ornement des Tissus*, 22). Alméria, em Espanha, teve, como Bagdad, o seu *Tiraz*, onde se teceram muitas das tapeçarias ricas que vieram para Portugal no século xiii. Muitos documentos se referem ao «panno tiraze», ou «tiraz»; usava-se na indumentária religiosa e secular, em capas, avectos, almandras, etc. «Et una almandra tiraze» *(Doc. de Pedroso, de* 1053); «et uno lenzo tiraz et una almozala serica» *(Doc. de Lorvão, de* 1097). O tiraz deixou de se usar quando, com as cruzadas, as indústrias bisantinas e néo-bisantinas de Veneza, Palermo, etc., se substituíram às indústrias árabes. — Não é, como quer Viterbo, um pano de linho, nem deriva de *tirio*, púrpura.

*Trebelhos* — Peças do jôgo de xadrês (séc. xii, xiii e xiv). — Encontra-se muitas vezes nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso, o Sábio, com indicações curiosas sôbre os jogos do tempo (V. edição do Marquês de Mondejar).

*Trescàmara* — Câmara interior de terceira luz.

*Trombeiro* — Trombeteiro: «... ao soom de huas longas que entonce husavam, sem curando de outro estromento posto que hi o ouvesse, e se alguma ves lho queriam tanger, logo se enfadava delle e dizia que o dessem ao demo, e que chamassem os trombeiros» (Fernam Lopes, *Cr. de D. Pedro I*, cap. xiv); «mandou que trouvessem as trombas de prata» *(Ubi supra)*.

*Urca* — Náu alemã bojuda usada em Portugal nos séc. xv e xvi. (V. *Carraca*).

*Veiro* — Penas usadas nas barre-

tas e capelos dos cónegos e doutores (séc. XII a XV): «alcará negro, nem veiro» *(Canc. da Vaticana);* «nenhũ, salvo cavalleiro e doutor e prelado e clerigo, beneficiado honrado, nom tragam sobre si pena de veeiros, nem de grizes, nem de arminhos» *(Ordenações Afonsinas*, v. 154 e seguintes).

*Zarza* — Estôfo usado no séc. XIV em roupas de mulher, briais, cotas, gonelas: «cotas de zarza gamaia» *(Enxoval da Inf. D. Beatriz, Provas*, I, 569).

*Zorame*, *Çorame* ou *Cerome*—Capa moirisca usada, nos séc. XII, XIII e XIV, indiferentemente, por homens e mulheres. Os homens usavam-na sôbre o saio; as mulheres sôbre o pelote. «Cerome, e cinto e calças de Roam» *(Cancioneiro da Vaticana);* «et homo cui dederint zorame et sagiam...» *(Leis de Afonso III);* «çorame de marvil, çorame de armorete» *(Doc. da Pendorada*, ano de 1294); «vestiaas de quecas, pellotes e ceromes» (às leprosas de Odivelas: *Lenda de Santa Isabel*, *Monarch. Lusit.*, parte VI, 507).

*Zúdero* — Lã áspera: «morabitinada de burello, aut de zudero, vel de bragale, II denarios» *(Foral da Ega*, 1231).

# INDICE

# INDICE


| | PAG. |
|---|---|
| Dom Cardeal | 11 |
| O senhor do Paúl de Boquilobo | 27 |
| Rei-Saudade | 41 |
| Os três alferes | 59 |
| O Prior do Hospital | 77 |
| A carta de Roma | 87 |
| Os doutores de Portugal | 99 |
| O tambor | 113 |
| Cruz de sangue | 129 |
| Frei António das Chagas | 141 |
| A barba d'el-rei | 159 |
| O Joanico | 173 |
| Galaaz | 189 |
| Mousinho | 203 |
| O duelo | 215 |
| Santa Isabel | 225 |
| As violas de Alcácer-Kibir | 241 |
| A sentinela | 253 |
| A embaixada | 263 |
| O chanceler Julião | 275 |
| Epílogo | 291 |
| Vocabulário | 297 |

PQ 9261 D3P3 1916

Dantas, Julio
Pátria portuguesa
3. ed., rev.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
OFFICINAS
TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
*MOVIDAS A ELECTRICIDADE*
44 a 54 - Rua Augusta - 44 a 54
LISBOA

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 03 20 07 010 1